

A IMPARÁVEL LIV BEAUFONT 03



A MÁGICA  
DESAFIANTE

FAMILIA EST SEMPITERNUM

SARAH  
NOFFKE

MICHAEL  
ANDERLE



**Sarah Noffke**  
**Michael T. Anderle**

# **A MÁGICA DESAFIANTE**

**A Imparável LiV BeaufonT 03**

## **Inhaltsverzeichnis**

[Impressão](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Notas do Autor de Sarah \(01.03.2019\)](#)

[Notas do Autor de Michael \(03.03.2019\)](#)

[Agradecimentos de Sarah Noffke](#)

[Deseja saber mais?](#)

**Para Kathy.**  
**Obrigado por me dar meu primeiro livro de fantasia.**  
**Desde então, o mundo tem sido um lugar melhor.**

# Impressão

A Mágica Desafiante (este livro) é uma obra de ficção.

Todos os personagens, organizações e eventos retratados neste romance ou são produtos da imaginação do autor ou são utilizados de forma fictícia. Às vezes ambos.

Copyright da versão inglesa © 2019 LMBPN Publishing

Copyright da versão portuguesa © 2022 LMBPN Publishing

Direitos autorais da capa © LMBPN Publishing

Uma produção de Michael Anderle

LMBPN Publishing apoia o direito à livre expressão e o valor dos direitos autorais. O objetivo dos direitos autorais é encorajar escritores e artistas a produzir as obras criativas que enriquecem nossa cultura.

A distribuição deste livro sem permissão é um roubo da propriedade intelectual do autor. Se você desejar permissão para usar material do livro (exceto para fins de revisão), favor contatar [support@lmbpn.com](mailto:support@lmbpn.com). Obrigado por seu apoio aos direitos do autor.

LMBPN Publishing

PMB 196, 2540 South Maryland Pkwy

Las Vegas, NV 89109

Fevereiro de 2019

Tradução de Francisco Brito

PT22-0001-00003

# Capítulo 1

Ofumo verde subia do caldeirão, obscurecendo parcialmente o rosto pálido de Adler Sinclair. Ele encaminhou os vapores para o nariz, inalando profundamente.

“Ainda não está bem.”

“Acha que isto é sensato?” Decar perguntou, andando para frente e para trás em frente à mesa de trabalho do Adler, que estava cheia de ingredientes - muitos na lista dos ilegais.

“Vai funcionar.” Os olhos de Adler se estreitaram enquanto ele cortava mais chusetor, uma flor rara que causava alucinações e outros distúrbios mentais.

“Não é isso que me preocupa.” Decar parou, a espada no seu cinto tilintava. “Se eles têm a espada, então...”

“Nós a vamos recuperar”, disse Adler com certeza.

“Mas porque é que a Olivia Beaufont a levou? Ela deve saber alguma coisa, tal como os irmãos e os pais.”

O Adler abanou a cabeça. “Não há maneira de ela saber.”

“Mas a espada...” Decar insistiu, o stress fazendo o seu longo rosto branco parecer subitamente mais velho.

“Não se preocupe. A Turbinger só pode revelar a história a um gigante de sangue puro, e quem vai acreditar neles? Nós fizemos o nosso trabalho desacreditando os gigantes. Os fizemos parecer criaturas brutais e incivilizadas.”

Decar suspirou, concordando. “Sim, acho que tem razão. Não é como se fosse uma fada ou um elfo. É que a espada estava protegida, e está assim há tanto tempo, e agora está algures por aí em mãos desconhecidas.”

Um olhar malicioso atravessou o rosto de Adler enquanto ele deslizava o chusetor para dentro do caldeirão em chamas. “Nós sabemos quem roubou a espada. Só temos de descobrir o que ela fez com ela.”

“E porquê? Porque iria a Olivia Beaufont atrás da espada?”

“Suspeito que ela ficou curiosa, mas quem sabe porquê? Pensei que ela

seria um inconveniente, mas nunca sonhei que ela fosse uma dor de cabeça. Ela devia trabalhar nos casos dela e não se meter nisto.”

“E a magia dela? Já normalizou?”

Adler abanou a cabeça. “Não, e isso está a começar a me preocupar. Já devia ter normalizado, se tivesse sido um surto.”

“O que significa isso?”

“Não sei”, Adler quase gritou, a cara dele ficou vermelha.

Os olhos de Decar caíram sobre o pequeno dragão respirando um fluxo constante de fogo sob o caldeirão. Esta poção teve que ser preparada mais quente que a maioria, o que poderia ser um problema para esconder do Conselho. Eles veriam Adler usando um feitiço de fogo por um período de tempo muito longo e isso poderia atrair suspeitas sobre ele. Entretanto, o Indikos impediu que isso acontecesse, e a poção também manteria a magia que eles estavam usando fora do radar. Poções e artefatos e outros itens mágicos ajudavam a cobrir seus rastros.

A poção ficou de uma cor escura, a sua consistência era espessa como alcatrão. Adler acenou com a cabeça, com uma expressão de alívio em sua cara. Ele pegou uma pequena garrafa da mesa de trabalho e a encheu com o líquido quente. Pousando a garrafa, ele mostrou a seu irmão uma expressão vitoriosa.

“Não sei porque é que a Olivia Beaufont tem mais magia do que devia, ou porque é que está a meter o nariz em coisas que não devia, mas isso vai mudar muito em breve.”

Decar acenou com a cabeça, engolindo enquanto olhava para a garrafa pequena. “Acho que esta é a abordagem certa. Se algo acontecer a outro Beaufont, então...”

“Terá muito pouca sorte”, disse Adler, cortando o outro mágico. “Farei tudo o que puder para proteger a Olivia, mas se ela se meter nessa confusão, então há pouco que eu possa fazer.”

“Mas a poção...” Decar pegou na garrafa, com as suas luvas de couro de dragão a proteger os dedos do calor.

“A poção vai restaurar o equilíbrio. O que precisamos é de vigiar melhor a Sra. Beaufont. Assim ela não irá criar problemas extra para nós.”

“E os casos dela?” Decar perguntou.

Adler acariciou o Indikos, dizendo ao dragão para parar de inalar fogo enquanto ele olhava para o seu mestre. “Eles também servirão para organizar

a Guerreira rebelde. Ela está confusa, tendo estado fora da Casa por cinco anos. Isso é culpa minha. Eu a subestimei, mas isso não voltará a acontecer.”

“E a espada?” Decar perguntou.

Adler cerrou os seus dentes longos e pontiagudos, com uma nova erupção de raiva no rosto. “A espada será devolvida. O Malcom cometeu um erro ao deixar a Sra. Beaufont a levar.”

“Ainda estou surpreso por não o ter castigado”, declarou Decar.

“Eu não precisei”, respondeu Adler. “E eu acho que ele ainda nos pode ajudar. Ele está morrendo para não ser mais castigado.”

“Mas se o que você diz é verdade, o corte da Turbinger vai o deixar louco.”

Adler passou a mão em um pequeno círculo, e o conteúdo do caldeirão desapareceu. “Ele acha que há uma cura e fará qualquer coisa para a obter.”

“Mas não há, certo?”

“Claro que não há.” O Adler riu friamente. “É por isso que é uma das armas mais mortais do mundo. Um guerreiro não tem de matar com ela, apenas marcar o seu inimigo. Dá ao portador a opção de invocar uma morte rápida ou lenta.”

Decar estremeceu, enfiando a garrafa no bolso dele. “Eu preferia uma rápida se o que ouvi sobre ser marcado pela Turbinger estiver correto.”

“Eu concordo”, disse Adler com um aceno. “Eu também prefiria não perder a cabeça. A tortura mental é o pior.” Ele apontou para onde Decar tinha colocado a poção. “Sabe o que fazer com isso?”

Decar baixou o queixo, em relação ao seu irmão com impaciência. “Quer dizer a quem o dar, e sim. Vou garantir que o nosso novo lemming segue os nossos planos para uma T.”

“Bom”. E depois pede ao Malcom para reportar diretamente a ele. Não preciso mais de um elfo louco a me contactar. Não é seguro.”

Decar ofereceu ao seu irmão um último aceno de cortesia antes de girar e de caminhar para a porta. O que ele tinha no bolso era uma das poções mais poderosas que um feiticeiro poderia fazer. Não matava nem curava. Havia tarefas simples que os mágicos podiam facilmente fazer por si mesmos. Controlar outra pessoa... isso sim era um feito incrivelmente difícil. Sim, os mortais podiam ser persuadidos. De vez em quando, se fazia uma ligeira lavagem ao cérebro. Mas os obrigar a fazer a sua vontade? Isso era um verdadeiro desafio.

Adler estava certo. Olivia Beaufont não era um problema. Ela era um incômodo. Uma rebelde que tinha agido. Deixado a sua curiosidade levar a melhor sobre ela. Só tinha acontecido porque lhe tinham permitido demasiada liberdade. Tudo isso estava prestes a mudar.

## Capítulo 2

Ofaça novamente”, encorajou John, se inclinando para frente em seu banco, seus olhos brilhando da diversão.

Não tão entusiasmada quanto o homem mais velho, Liv girou o dedo e todas as luzes da loja se apagaram.

John bateu palmas, fazendo com que Pickles ladrasse e circulasse no chão, com as unhas batendo. “Oh, isso é tão legal. Agora, ligue novamente”.

Liv fez como ele pediu, banhando a loja de luz. “Posso fazer coisas muito mais legais do que ligar e desligar as luzes. Quer que eu faça uma tempestade de vento ou conserte todos os aparelhos que entraram?”

John balançou a cabeça. “Não, eu gosto das coisas simples. São úteis”.

“Mas há aplicações que controlam as luzes”.

“Oh, quem precisa de uma dessas coisas bobas que te espiam?” John deu a ela um olhar conspiratório. “Só entre nós, acho que a Alicia está ouvindo um pouco demais”.

Liv riu. “Alexa”, ela corrigiu. “E eu acho irônico que alguém que conserta aparelhos para viver seja paranoico com as novas tecnologias”.

“Aí é que está”, contra-argumentou John. “Eu gosto da tecnologia antiga. Como esta velha misturadora”. Ele indicou uma misturadora de balcão KitchenAid antigo que um cliente tinha trazido naquela manhã. Ele o olhou com carinho. “Essa é a razão pela qual eu gosto de os consertar, para que não enchamos o aterro com lixo quebrado. E esta beleza, bem... posso a colocar funcionando tão bem quanto no dia em que ela saiu da caixa”.

Liv sempre apreciou isso em John. Em vez de jogar as coisas fora, ele acreditava que podia consertar. Talvez essa fosse a razão de ele lhe ter oferecido o emprego que ela havia concorrido cinco anos antes, depois de ter visto a placa afixada na janela em vez de a recusar porque ela não tinha nenhuma experiência. Talvez ele tenha visto que ela estava quebrada e a quisesse ajudar a se consertar. No dia em que ela deixou a Casa dos Sete, ela fez amizade com Platão e tropeçou na loja de John, conseguindo um emprego e um lugar para morar. Tudo tinha dado certo então, proporcionando uma

nova vida que ela precisava desesperadamente. E agora sua vida antiga e sua nova vida se misturavam como ovos e farinha em uma tigela. Mas o que tudo isso iria produzir?

“Eu pensei que você queria que eu consertasse o misturador”, disse Liv. “Mas você pode fazer isso, se quiser”.

Ele acenou, deixando de apreciar carinhosamente o velho aparelho. “Não, faça você. Mas eu peço que você não use nenhuma magia até que tenha descoberto qual é o verdadeiro problema. Não precisamos que a Sra. Albertson a traga de volta, dizendo que ela fez um bolo sozinha”.

Liv sorriu, pensando nos outros aparelhos que os clientes tinham trazido de volta por causa de peculiaridades similares. “Não se preocupe, eu aprendi minha lição. Estou ficando melhor incorporando minha magia sem consequências involuntárias. Contudo, se for um problema, não vou usar magia enquanto estiver na loja”.

John pensou por um momento. “Um pouco de magia aqui e ali não me incomoda, desde que você não se perca nela”. Sua expressão ficou distante, como se uma velha memória estivesse brincando em sua mente, uma envolvendo sua ex-mulher Chloe, a mágica.

“Esse também tem sido o conselho de Platão. Estou aprendendo a fazer tudo sem magia. Então não estou dependente dela”.

John olhou o gato, que estava dormindo na bancada de trabalho, cético. “Certo. O gato lhe disse isso”.

“Como você acredita que os gnomos têm tecnologia de bola de fogo e que eu trabalho para uma organização secreta de mágicos, mas o gato falando parece ir longe demais”?

“Já vi muitas coisas no meu tempo. Coisas em que nenhum outro mortal acreditaria. Mas um gato que fala? Vamos lá, Liv, isso é um pouco demais. Mas é uma piada engraçada”.

Estalando seus dedos na frente do rosto de Platão, Liv fez o melhor que pôde para o despertar. “Você vai dizer algo para lhe provar que não estou passando a perna nele?”

Platão abriu um de seus olhos verdes e o fechou novamente, aninhando seu rosto mais confortavelmente em suas patas.

“Certo, tudo bem. Assim seja”, disse Liv.

John riu. “Claro, eu gostei que você usasse sua magia para arrumar a loja todas as noites. Acho que não há problema em continuar fazendo isso”.

Liv sacudiu a cabeça. “Não sou eu que estou limpando a loja. Isso é um brownie”.

A surpresa saltou à cara de John. “Você quer dizer um daqueles pequenos duendes? Esses são reais?”

“Sim, e esse gostou de você, então continue fazendo o que você está fazendo e ele manterá o chão limpo”.

“Eu não deveria lhe deixar algo, como um pedaço de chocolate ou caramelo?”

“Não sei como funciona com brownies, mas tenho um livro que R..., que um amigo me deu onde eu posso procurar”. Liv olhou para a estação de trabalho, tentando esconder sua expressão preocupada. Ela quase denunciou Rory como sendo um gigante.

John olhou de lado, com um ceticismo forte em seus olhos. “Não se preocupe. Eu também já suspeitava que Rory era um gigante há muito tempo. Eu não sei muito sobre eles, mas acho que ele é bacana. Chloe mencionou uma ou duas vezes que eles não eram confiáveis”.

Liv foi surpreendida. John parecia tão inocente que ela não fazia idéia de que ele via o mundo mágico tão claramente. Ela percebeu que não o deveria ter subestimado. Ele podia fingir não se importar com as coisas das outras pessoas, mas isso não significava que ele não estava prestando atenção. “Sim, existe um rancor de longa data entre mágicos e gigantes, mas não tenho certeza do porquê”.

“Mas você e ele se dão bem, certo?” John perguntou, passando por uma velha geladeira desligada da tomada e abrindo a porta. Ela estava à venda há meses, mas ninguém parecia muito interessado, pois não era do tamanho padrão. John tinha fé que o comprador certo a iria encontrar. Alguém com uma cozinha retro, possivelmente.

Atualmente, a geladeira armazenava caixas de biscoitos Girl Scout. Ele tirou alguns de uma caixa e fechou a porta.

“Bem, Rory e eu nunca conversamos muito até eu quase destruir sua loja no dia em que minha magia foi desbloqueada. Desde então, ele tem me treinado”.

A boca de John se abriu enquanto ele deslizava os biscoitos em um prato sobre a mesa. “Foi você? Eu pensei...” Seus olhos dançavam enquanto tudo se juntava. “Sim, isso faz sentido agora”.

“Desculpe por mentir para você. Eu não sabia como explicar o que estava

acontecendo, e...”

John acenou, dando uma dentada em um biscoito. “Não, não peça desculpas. Parece que tem sido uma grande aventura para você. E só pouco depois disso é que eu comecei a descobrir que você poderia ter magia”.

“Como você sabia?” perguntou Liv, pegando biscoitos quando John lhos ofereceu.

“A magia tem uma sensação distinta que eu não consigo explicar”, declarou John, lambendo as migalhas de seus lábios. “É como se deixasse para trás um cheiro ou algo assim, embora eu perceba que não. É como se fosse um resíduo. Eu o senti quando eu estava perto de Chloe, e sua ausência quando ela partiu. De qualquer forma, comecei a ter essa estranha sensação novamente recentemente e suspeitei que ela poderia estar vindo de você. Então seu irmão veio aqui e você recebeu aquela mordida, e eu sabia que algo maior do que uma gripe estava acontecendo com você”. Ele riu, arrumando bem os biscoitos no prato. “Embora, eu não acho que teria percebido que você era uma Guerreira da Casa dos Sete nem num milhão de anos. Esse é um grande papel”.

“Não é nada de mais”. Liv levou outro punhado de biscoitos, percebendo que não tinha comido o suficiente naquele dia. O que ela precisava era de um prato de tacos, mas ela podia se contentar com os biscoitos. “O Conselho me atribui casos sem importância para me manter afastada”.

John apontou para sua perna, que ainda estava enfaixada sob seu jeans, onde a lophos a havia mordido. “Não parece que não seja nada demais. O que você disse que tirou um pedaço de sua perna? Uma cobra gigante?”

“Isso não era realmente um negócio de Guerreiros”, admitiu Liv. “Eu estava trabalhando em um projeto extracurricular”.

John disse. “Bem, eu não sei o que dizer sobre isso, mas você tem idade suficiente para tomar suas próprias decisões. E inteligente o suficiente, também. Apenas tenha cuidado”.

Liv sorriu. “Você nunca vai me dizer para não fazer alguma coisa, vai?”

“Eu vivo minha vida, e você vive a sua. Não é realmente da minha conta. Se você acha que este negócio extracurricular vale o risco, você tem que fazer o que está em seu coração”.

“Desde o início, pensei que algo estava errado com a morte de meus pais”, confessou Liv, percebendo que nunca havia falado realmente com John sobre eles. Ele sabia que eles tinham morrido, mas nenhum dos detalhes.

“Acho que há algo... Bem, eu não o quero envolver nisso, mas estou investigando. Isso é tudo”.

“E isso é o suficiente. Você me diz o que você quer”. John deslizou o prato para uma prateleira alta. “Tenha cuidado. Mas não se preocupe em me envolver. Já tive contacto com magia antes e isso não me incomoda”.

“Porque você colocou o prato lá em cima?” Liv apontou para a placa.

“Bem, eu não sei o que oferecer ao brownie em agradecimento, mas pensei em experimentar alguns biscoitos”.

Liv riu. “Ele é um duende, não o Papai Noel”.

John riu, seus olhos se iluminaram. “Ouso dizer que um duende que limpa minha loja tem muito mais valor que um homem gordo que me traz porcarias que eu não preciso”.

## Capítulo 3

**P**ausando na entrada da Casa dos Sete, Liv olhou por cima de seu ombro para se assegurar de que estava sozinha. Na verdade, não havia como ter certeza disso, já que um mágico inteligente como Sophia poderia se disfarçar ou alguém poderia ter um feitiço de espionagem operando. No entanto, era um risco que Liv teria que correr, sua curiosidade se sobrepondo ao seu desejo de sigilo.

Ela tirou o anel de sua mãe do bolso e o segurou em frente à parede inscrita com a antiga língua. Quando ela estava rastreando a lata de magia roubada, ela tinha aprendido que o anel podia decodificar a língua antiga e, desde então, ela o queria experimentar aqui na Casa dos Sete.

Os símbolos dançavam e brilhavam como costumavam fazer quando Liv estava perto deles. Desta vez, porém, com o anel, eles se transformaram em palavras que ela entendeu, comunicando a mensagem dos fundadores. Liv susteve a respiração, lendo as palavras que se materializaram:

A Câmara Ancestral contém os nomes das famílias fundadoras.

As palavras se desvaneceram quando Liv as leu, retornando à forma de símbolo.

*Câmara Ancestral*, ela pensou. Não era um lugar de que ela já tivesse ouvido falar antes. Era na Casa dos Sete? Isso fazia o maior sentido. Mas porque seria importante que ela tivesse os nomes das famílias fundadoras? Liv percebeu que não conseguia lembrar os nomes de todos os fundadores. Havia os Beaufonts, é claro. E os Takahashis e os Sinclairs. Por alguma razão, os que haviam sido substituídos não lhe vieram à mente, mas isso não fazia sentido. Eles tinham que estar escritos em um livro ou algo assim. Eles tinham que estar em algum lugar onde os mágicos os pudessem referenciar. No entanto, quanto mais ela pensava sobre isso, mais difícil se tornava lembrar os nomes de qualquer outro fundador. A família que os Ludwigs substituíram era a... Nada lhe veio à mente.

Novamente ela ergueu o anel e o passou pelos símbolos que cobriam as paredes, brilhando a dourado e cintilando:

A Câmara Ancestral contém os nomes das famílias fundadoras.

*Certo, talvez esse seja o único lugar onde encontrar os nomes.* Talvez a magia os tenha protegido, os armazenando. Sua mãe, certa vez, havia dito que havia poder nos nomes das famílias fundadoras. Dito em voz alta, eles carregavam uma força central que poderia melhorar os feitiços.

*Mas onde ficava essa Câmara Ancestral?*

Depois que as palavras desapareceram, Liv passou o anel por cima de outro conjunto de símbolos:

Apenas duas coisas juntas abrem a Câmara Ancestral: o sangue de um Conselheiro e o anel de um Guerreiro Fundador.

*O sangue de um conselheiro?* Liv pensou. O sangue de Clark. Ela puxou o anel para mais perto de seu rosto, o inspecionando pela milionésima vez. Este era o anel de um Fundador? O anel de um guerreiro? Isso agora fazia sentido, mas também trouxe consigo mais perguntas. Como, porque Rudolf, a fada macho, não pôde trazer à tona as memórias associadas ao anel? E se era um anel de um Fundador, então havia mais seis como ele lá fora no mundo.

A faixa do anel era de platina e esculpidas no interior estavam as palavras: “Juntos somos fortes e equilibrados”.

Essas eram palavras comuns associadas à Casa. Tudo era sobre equilíbrio. Essa era a explicação para o tigre branco e o corvo preto na Câmara da Árvore, embora Liv suspeitasse que havia mais mistério por trás desses estranhos animais. Ela ainda não confiava no tigre ou no corvo.

“Então, isto é uma espécie de chave”, resmungou Liv. Ela passou o anel sobre a parede novamente, mas apenas as mensagens que ela já havia lido surgiram.

“Parece que sim”, disse Platão, de repente ao seu lado.

Liv saltou. “Droga, você quase me deu um ataque cardíaco”.

“Você deveria correr mais se seu coração é assim tão fraco”, brincou Platão.

Liv se queixou. “Odeio correr. Mas você está certo, eu preciso melhorar meu regime de exercícios”.

“Por falar em coração”, disse Platão, acenando na direção das palavras que estavam prestes a desvanecer. “Você acha que isto poderia ter sido o que Reese estava se referindo em sua mensagem?”

A boca de Liv se abriu e seus olhos se alargaram. “Platão, você é um gênio. Sim, tem que ser isso”. As palavras da mensagem de sua irmã

voltaram para ela instantaneamente: Olivia tem a chave. Você tem o coração. Juntos vocês devem terminar o que começamos.

“Acho que ela poderia ter dito sangue”, argumentou Platão.

Liv sacudiu a cabeça. “Não, ela não conseguiu. Reese nunca chamou as coisas como elas eram. Ela gostava de usar linguagem floreada e tornar as coisas enigmáticas. Ela também poderia ter dito que eu tinha o anel, mas em vez disso ela o chamou de chave”.

“Mas é uma chave, tanto para a Câmara Ancestral quanto para decifrar a linguagem esquecida”.

Liv deslizou o anel em seu bolso. “E quem sabe o que mais ele faz?”

“Bem, aparentemente, isso prova que você faz parte de uma família fundadora”.

“Sim, essa é uma novidade para mim. Portanto, tanto Clark como eu somos necessários para abrir a Câmara Ancestral. A questão é, onde é?”

Platão olhou para Liv. Ela conhecia muito bem essa expressão. Ele tinha descoberto algo e estava simplesmente esperando que ela o alcançasse.

“A biblioteca”, disse Liv em voz alta demais, triunfante, dando o melhor de si. “Aquele sulco na parede. Suspeitávamos que o anel caberia ali, mas talvez precisemos também do sangue de Clark para o abrir ou o que quer que ele faça”.

“E a língua antiga está naquela parede, então quem sabe o que ela diz?”

Liv deu um tapinha no bolso, com esperança desabrochando em seu peito. Ela precisava desta vitória antes de ir ao encontro dos Sete, já que isso normalmente descarrilava seu espírito. “Bem, parece que vou descobrir o que há naquela parede e abrir a Câmara Ancestral em breve. Por enquanto, vou olhar para o nariz dos conselheiros enquanto eles se sentam olhando para mim, silenciosamente julgando meu vestido e meu cabelo desarrumado”.

“Para não mencionar sua atitude desafiante e a falta de decoro”, acrescentou Platão.

“Sim, para não mencionar isso”. Na Porta da Reflexão, Liv pausou, estudando sua imagem na superfície ondulada. Ela tinha seu manto preto de viagem puxado para cima da cabeça, e usava calças e botas de couro. Não havia como alguém saber que ela tinha uma mordida de lophos na perna. Bem, exceto Hester, que a havia tratado, e Clark, que a havia salvo.

A escuridão crescente lhe roubou a atenção por um momento. Liv sabia que estava sempre ali, entre a Câmara da Árvore e a porta para a área

residencial, embora tentasse esquecer, como se fosse um pesadelo recorrente que a assombrava todas as noites.

“Bem, eu sabia que havia uma boa razão para eu estar atrasada hoje”, disse uma voz nas costas da Liv.

Ela girou para encontrar Raina Ludwig saindo da porta para a área residencial. Seu cabelo preto macio estava dividido em dois conjuntos de tranças, que caíam sobre seus ombros e o vestido turquesa que ela estava usando. O sorriso caloroso que ela ofereceu a Liv estava cheio de sinceridade, algo que ela não estava acostumada a ver na Câmara.

“Olá”, Liv cumprimentou a conselheira.

“Eu assumirei a culpa pelo seu atraso. Diga ao Conselho que eu a detive”, declarou Raina.

“Estou atrasada?” Liv percebeu que ela deve ter passado mais tempo na entrada do que pensava. “E obrigada, é muito gentil da sua parte”.

“O prazer é meu. Adler está de um humor especialmente azedo hoje. Meus pedidos de desculpas antecipadamente”.

Liv riu. “Você não tem que se desculpar por esse velho rabugento”.

A expressão da luz no rosto de Raina desapareceu. “Mas eu faço. Como conselheira, sou responsável por tanta coisa e ainda assim sou apenas um entre sete, e muitas vezes derrotada”.

Isso não soou bem. Em que ela foi derrotada? Será que Liv queria sequer participar da reunião naquele dia? Talvez ela pudesse faltar, dizendo que ainda estava trabalhando em um caso. Ela se esquivou de sua preocupação e apontou para a escuridão. “Como já estamos atrasadas e eu definitivamente não tenho pressa de entrar, você pode me dizer do que se trata o vazio negro?”

Raina olhou para o abismo escuro, piscando os olhos como se não tivesse notado antes que Liv o apontasse. “Ohh. Pois, não tenho certeza”.

“Mas você se pergunta sobre isso, certo?”

A conselheira balançou a cabeça. “Não o fiz até agora. Mas já que você fala nisso...” Ela piscou para a Porta da Reflexão, sua expressão se tornando neutra. “De qualquer forma, é melhor irmos embora. Vou a encontrar lá dentro e explicar que estávamos juntas”.

Liv não teve a oportunidade de agradecer antes dela pisar na superfície espelhada e desaparecer.

“Platão, você ficou com a impressão de que ela foi enfeitiçada de alguma

forma?”

O felino apareceu ao lado de Liv, olhando curiosamente para a escuridão rodopiante. “Sim. Ela parecia não reparar nisso, e esqueceu quase instantaneamente”.

“Mas como isso é possível, quando o passamos todos os dias?” perguntou Liv.

“E mais importante, porque você não esquece isso, e por que tem tanto medo?”

“Oh, bom, mais perguntas sem resposta. Vá anotando”, disse Liv com uma risada. “Eu vou enfrentar os carrancudos do Conselho”.

“Sim, eu vou entrar nesse negócio de anotar”, disse Platão enquanto Liv atravessava a Porta da Reflexão.

Seu hálito ficou preso em sua garganta quando a imagem de John deitado doente e frágil em uma cama de hospital encobriu sua visão. Ela queria chegar até ele, mas percebeu que não tinha corpo. Como se estivesse em um sonho, ela estava simplesmente observando a cena desoladora diante dela.

Liv se lembrou que isto não era real. John não estava doente ou no hospital. A Porta da Reflexão estava servindo aos medos de seu subconsciente; coisas que a pesavam sem que ela soubesse. Ela se sentiu mais forte de repente, e menos traumatizada com a imagem de John. É claro que ela se preocupava com ele, e constantemente ralhava com ele para cuidar melhor de si mesmo. Era isso que os amigos faziam uns pelos outros.

Uma enfermeira entrou na sala, conversando com alguém que não se via. “Um ataque tão estranho que este sofreu. Como algo saído de um filme”.

“Ele disse alguma coisa?”, perguntou alguém.

A enfermeira olhou de relance para um fichero em sua mão. “Ele continua murmurando algo sobre magia”.

Liv não conseguia respirar, e seus joelhos estavam desabando. Ela se sentiu caindo, desgraçada e culpada ao redor dela enquanto o mundo ficava negro.

E então ela estava na Câmara da Árvore, os conselheiros todos olhando para ela, a maioria com um olhar desaprovador.

## Capítulo 4

**T**omando seu lugar, Liv observou que não havia outros Guerreiros presentes naquele dia. Estavam todos fora trabalhando nos seus casos.

Quando ela empurrou seu capuz para trás, ela tentou se livrar das imagens e da culpa da Porta da Reflexão. Sim, a incomodava que ela pudesse estar colocando John e a loja em perigo, mas ele havia consentido. Assumiu os riscos, sabendo exatamente no que ele estava se metendo. No entanto, isso não tornou tudo mais fácil. Se algo acontecesse com ele, seria culpa dela.

“Sra. Beaufont, a Conselheira Ludwig nos informa que ela é a razão do seu atraso, a tendo retido antes”, disse Adler, olhando para ela, os círculos sob seus olhos mais pronunciados do que de costume.

“Sim”, respondeu Liv, escondendo um sorriso enquanto olhava brevemente para Raina. O sorriso gentil que ela havia lhe mostrado antes desapareceu e ela usava uma expressão dura em seu rosto.

Adler olhou para Lorenzo, Haro e Bianca no banco. “Não tenho certeza se isso desculpa o atraso dela. O que todos vocês acham?”

Bianca se inclinou para frente, sua atenção voltada para a Raina. “Eu concordo. E me pergunto o que vocês duas discutiam na hora em que todos nós deveríamos nos encontrar hoje”.

“Não penso que seja da sua conta, Conselheira Montovani”, Raina disparou de volta.

“A pontualidade é importante, como já lhe dissemos antes, Sra. Beaufont”, disse Adler com um suspiro impaciente. Ele pegou o dispositivo na sua frente, revendo as notas que Liv havia fornecido sobre seu último caso. “Você foi bem sucedida na catalogação dos locais de todas as fadas da primavera?”.

Era um trabalho inútil, Rory havia explicado a ela. Assim que suas localizações fossem registradas, as informações mudariam. Ele concordou que eles só lhe haviam dado o caso para a manter distraída.

“Sim”, respondeu Liv, notando como Clark apareceu cabisbaixo. Ele

geralmente parecia bastante amuado durante estas reuniões, mas hoje parecia desolado.

“Você tem certeza de os ter todos”? perguntou Lorenzo, revendo também as notas na sua frente.

“Eu tenho”, respondeu Liv de forma enfadonha.

“Você tem algum problema, Sra. Beaufont?” perguntou Alder, com tom desaprovador.

*Problema? Bem, onde estava o sofá?* Liv podia se esticar e realmente descansar. “Não, não. Estou muito bem”, respondeu ela.

Haro olhou Liv com ar questionador. “Eu sinto que você não está”.

Ela bocejou. “Só cansada de andar pelos jardins, à procura de fadas que estão limpando o rabo de joaninhas”.

Um sorriso sádico virou os cantos da boca de Adler, se mostrando até mesmo debaixo de sua barba branca. “Bem, então eu acho que temos um caso que você vai gostar”.

Clark se atirou para trás em sua cadeira. “Eu realmente não penso...”

“Você já foi ouvido sobre o assunto”, disse Adler, cortando com uma expressão severa. “E o Conselho votou. Você e os outros foram rejeitados. É assim que isto funciona, não é?”

O olhar de Clark foi dirigido a Liv, com raiva nos olhos. “Sim, eu entendo que é assim que funciona. É só que...”

“E a Sra. Beaufont quer casos mais difíceis, não é verdade?” Adler perguntou, atirando em Liv uma expressão inquisitiva.

“Bem, sim”, ela respondeu. “Mas se meu irmão...”

“As preocupações do Conselheiro Beaufont não devem influenciar seu pensamento”, declarou Adler, lhe cortando o caminho.

“Muito bem”. Liv cruzou seus braços sobre o peito, de queixo erguido. “Qual é o meu caso?”

O tigre branco caminhou para o meio da câmara, seus olhos verdes procurando no chão como se estivesse procurando algo que ele havia perdido. Isto pareceu distrair Adler do que ele estava prestes a dizer, desviando sua atenção da Liv.

“Guerreira Beaufont”, começou Haro, “seu próximo caso é ir para o Reino das Fadas e se encontrar com sua rainha. Precisamos que você discuta a imposição de regulamentos às Fadas por seduzirem os mortais, já que está se tornando um assunto mais sério”.

“Espera, o quê?” perguntou Liv, pegando a expressão de raiva no rosto de Clark.

Adler afastou seu olhar do tigre, que havia parado de procurar e fixado seus olhos verdes penetrantes em Liv. “Já temos um acordo com a Rainha Visa, então tudo o que estamos pedindo é que renegocie os termos. Atualize, se quiser”.

“Você está pedindo que ela coloque a cabeça numa bandeja de prata”, Clark quase gritou.

Adler rolou os olhos, olhando para seu irmão no banco de baixo. “Por favor, não seja tão dramático. As fadas são criaturas razoáveis, com quem a Sra. Beaufont pode, tenho certeza, discutir este assunto”.

“A Rainha Visa a assará até mesmo por propor tal regulamento”, disse Clark.

“Bem, isso não é uma preocupação do Conselho. Foi votado e o caso foi aprovado, quatro a três”, declarou Adler.

Liv sabia que isto deveria ter sido aquilo a que Raina estava se referindo. Era a disto que ela tinha sido derrotada. Clark, também. E ela estava supondo que Hester era a terceira, o que significava que os outros queriam que ela entrasse neste caso bizarro.

“Não tem que ser a Liv a trabalhar no caso”, argumentou Clark. “Ela é novinha em folha e tem poder comercial limitado com as fadas. Emilio faz o maior sentido, visto que tem experiência com a rainha Visa”.

Adler espreitou na câmara antes de retornar seu olhar para Clark. “Você vê algum outro Guerreiro elegível aqui para pegar o caso? Tudo o que vejo é a Sra. Beaufont que, a propósito, tem implorado por casos mais difíceis”.

*Eu não diria que eu estava implorando*, Liv pensou bem.

“Bem, este caso pode esperar”, ofereceu Hester, em voz baixa.

“O fato é que, ultimamente, vários mortais se meteram em situações terríveis por causa da sedução das fadas”, declarou Lorenzo.

Bianca acenou com a cabeça. “Sim, eu concordo que algo precisa ser feito. As fadas ficaram sem controle por muito tempo”.

“Até pode ser”, começou Clark, “mas eu não acho que deva ser minha irmã...”.

“Está tudo bem”, disse Liv, desta vez o interrompendo. Ela estava cansada de ver os outros quatro membros do Conselho rolarem seus olhos para ele.

Ele atirou nela um olhar chocado.

“Está tudo bem”, repetiu ela. “Estou feliz em negociar em nome da Casa dos Sete”. Por boas maneiras, ela se curvou diante do Conselho. “Agradeço por me darem um caso deste calibre e prometo não decepcionar”.

“Oh, Sra. Beaufont, tenho todas as esperanças de que tudo funcione perfeitamente”, disse Adler, com um tom de gozo em sua voz.

O tigre branco se virou para olhar diretamente para Liv, uma espécie de aviso em seus olhos. De repente, ela não conseguiu abalar a sensação de que havia acabado de assinar sua própria sentença de morte.

## Capítulo 5

**V**ocê não pode fazer isso!” O cuspe voou da boca de Clark enquanto eles caminhavam para a biblioteca, o cabelo dele estava uma bagunça de passar as mãos por ele. “É uma armadilha. Tenho certeza disso”.

“Eu já consenti em fazer o caso”, argumentou Liv. “E como é uma armadilha?”

“Você vai ter que dizer a eles que não vai fazer isso”.

Liv parou, batendo o braço. “Não, isso só dará ao Conselho mais razões para não gostar de mim”.

“Eu pensei que você não se importava em ser apreciada”, desafiou Clark.

“Não quero saber se gostam da minha atitude ou da maneira como me visto, mas não quero que ninguém pense que sou uma covarde”.

“Liv, você não entende. A Casa dos Sete não negocia com as fadas há mais de um século. O primeiro e único acordo levou muito tempo, e no processo, a Rainha Visa assassinou dois Guerreiros. Ela não é uma pessoa estável.”

“O quê?” perguntou Liv, continuando em direção à biblioteca. “Como ela conseguiu escapar disso?”

Clark encolheu os ombros. “Ela é poderosa. O Conselho a perdoou quando ela finalmente se comprometeu com o acordo”.

“Bem, então parece que o caminho já foi traçado para mim”.

Clark balançou a cabeça. “Não, você não está entendendo. O primeiro Guerreiro que enviamos, ela o matou no local por até sugerir um acordo. O segundo não foi muito mais longe”.

“Mas o terceiro fez?”

“Bem, ele lhe ofereceu algo logo de caras”.

“Como por exemplo?”

“Seu primogênito”, respondeu Clark, lendo a expressão no rosto dela, a testa dele enrugada. “Não. Nem pensar. Não vou permitir que você faça isso”.

“Porquê? Eu não estava realmente planejando procriar de qualquer forma, então será uma piada”.

Clark fez uma pausa fora da biblioteca, seu rosto completamente sério. “Você não pode. E só correu bem com este Guerreiro em particular porque seu primeiro filho nasceu morto. A Rainha Visa ficou lívida, mas já havia acordo então e você sabe como as fadas se agarram a eles”.

Liv acenou com a cabeça, pensando em como ela havia firmado um acordo com o “fado” Rudolf sem sequer se dar conta, quase se comprometendo com dez anos de servidão.

“Então ela não vai pedir seu primeiro filho, e vai ficar chateada por estarmos tentando colocar controles sobre as fadas. É uma armadilha. Ela vai matar você antes que você diga alguma coisa. Então, Emilio vai entrar e assumir o controle. Tenho certeza de que é isso que o Conselho está pensando”.

“Mas porquê?” perguntou Liv. “Quero dizer, eu entendo que Adler me odeia e Bianca é uma idiota empertigada, mas Haro e Lorenzo me querem morta? Você acha que eles suspeitam de alguma coisa?”

Clark abriu a porta da biblioteca e a segurou para ela. “Acho que não. Os guerreiros são dispensáveis”. Seu rosto amoleceu. “Sinto muito. Você nunca deveria ter que ouvir isso, mas é uma coisa comum que os conselheiros dizem entre si. Bem, eu não, mas você tem um trabalho difícil, e percebemos que nem sempre vai voltar das missões”.

“Então eu estou sendo usada para dar início às negociações?”

“Sim, parece que sim”, disse Clark em um sussurro enquanto passeavam pela enorme biblioteca. “Mas sua atitude definitivamente não ajudou, estou pensando. Eles fizeram a mesma coisa com Stefan originalmente; lhe atribuíram casos de demônios. Acho que Adler esperava que ele fosse morto, já que não gostava de sua atitude arrogante. Entretanto, Stefan provou ser particularmente eficaz no combate a demônios, surpreendendo a todos”.

Liv procurou na biblioteca, procurando cuidadosamente no lugar menos esperado por Sophia. “Bem, então é isso que eu tenho que fazer. Vou entrar no jogo e estar à altura do desafio, surpreendendo a todos”.

Da boca de Clark emergiu um suspiro alto e frustrado. “Por mais talentosa que você seja, não creio que haja uma maneira de você ter sucesso. A rainha Visa vai se passar quando você propuser que as fadas reduzam a sedução dos mortais. A única coisa que a amolecerá será sua morte, o que vai

instigar as negociações para quando Emilio assumir o controle”.

“Podemos parar de falar da minha morte, por favor?” perguntou Liv com uma risada mórbida. “Então, parece que este é um caso real? Não apenas algo que eles estão jogando fora para se livrarem de mim”.

Clark acenou com a cabeça. “Sim. É uma questão crescente. A cada poucas décadas as fadas ficam fora de controle. A última vez foi quando eles começaram a campanha Make Love, Not War, fazendo com que toneladas de hippies se apaixonassem por eles. Depois, quando se aborreceram com eles, o resultado foi perigoso para os mortais, resultando em danos cerebrais e distúrbios mentais que culpamos pelas drogas nos anos setenta. Atualmente, há um aumento nas taxas de suicídio, e acreditamos que as fadas estão por trás disso. Eles entram na cabeça dos mortais, os fazendo cobiçar por eles, e simplesmente se desfazem deles quando passam para algo novo”.

“Então este é um caso digno”, afirmou Liv, de fato.

“Sim, mas isso não significa que eu quero o sangue da minha irmã derramado por ele”.

“Por falar em sangue”, disse Liv, parando em um corredor. “Você já ouviu falar da Câmara Ancestral?”

Clark pensou por um momento e balançou a cabeça. “O que é isso?”

“Acho que é onde vamos encontrar respostas, e acho que é aqui”. Ela o puxou pela esquina e apontou para a parede coberta com a linguagem dos fundadores. Sua mão caiu quando ela notou alguém sentado por perto, lendo um livro em uma cadeira.

Akio olhou para cima, os estudando.

“Podemos falar sobre isso mais tarde”, sussurrou Liv a Clark. “Você vai assumir a tarefa de encontrar Sophia? Eu sei que ela está perto”.

“Vocês duas ainda estão jogando esse jogo?” Clark questionou, com desaprovação em seu rosto. “Não acho que seja uma boa idéia. E se alguém descobrir que... você sabe”.

Era um risco, percebeu Liv. Se alguém soubesse que a criança de oito anos já tinha sua magia, ela seria registrada imediatamente e iria diretamente para um treinamento rigoroso. Liv queria adiar isso o máximo de tempo possível. Sophia merecia ser uma criança. Além disso, se alguém soubesse o quão poderosa era a pequena mágica, o Conselho poderia trancar sua magia. Era algo sem precedentes em uma criança tão jovem.

“Você a poderia encontrar para mim e dizer que a alcançarei mais tarde?”

perguntou Liv, levando Clark embora.

Ele consentiu com um aceno de cabeça, sua expressão ainda séria. “Está bem, mas não vá para o reino das fadas antes de falar comigo novamente. Ainda não terminamos de discutir isto”.

“Não se preocupe, não vou fugir e ser assassinada sem que você saiba primeiro”.

“Ha-ha”, disse ele sem humor, caminhando na outra direção.

Akio ainda estava estudando Liv enquanto ela se aproximava dele. “Você está jogando esse mesmo jogo de antes?”

“Sim. É uma espécie de coisa nossa”. Ela se sentou na cadeira em frente a ele. “Você não esteve na câmara antes.”

“Não, estou fazendo pesquisa para um caso”. Akio indicou o livro em seu colo. Estava escrito em japonês, uma língua que ela não conseguia ler.

“Bem, então você não sabe que o Conselho me designou para ir ao reino fae (reino das fadas) para renegociar o acordo que temos com a Rainha Visa”.

“Eu ouvi”, disse Akio, seu rosto neutro.

“Seu irmão Haro votou em mim para ir. Você sabe porque ele faria isso? Será que ele tem um fraquinho por mim?” perguntou Liv, com ousadia. Não valia a pena chover no molhado, e Akio, ao que lhe pareceu, era uma pessoa muito direta.

“Eu nem sempre sei porque Haro toma as decisões que toma”.

“Clark parece pensar que é uma missão de morte”, transmitiu Liv.

Akio acenou com a cabeça. “Eu não gostaria de assumir este caso. Entretanto, você já considerou que Haro tenha votado em você para aceitar o caso porque ele acha que você pode ser bem sucedida nisso”?

Liv encolheu seus ombros. “Ou estou apenas preparando o cenário para outro Guerreiro assumir o comando”.

“Ser um guerreiro é um negócio perigoso. Você já sabe disso. Mas é importante lembrar que também é um trabalho muito político. Pelo que eu observei, você tem uma nova perspectiva. Assim como Haro e eu, você não ter sido criada e treinada na Casa dos Sete lhe ofereceu vantagens. Pode ser possível que um novo rosto que não aja como outros mágicos seja a pessoa certa para negociar com a Rainha Visa”.

Liv não tinha pensado nisso dessa maneira e isso lhe aliviou o peito, tirando parte da carga crescente. “Obrigado. Eu acho que Adler ainda me quer fora do caminho. Eu sou uma espécie de peso para ele”.

Akio riu um pouco. “Stefan era igual. Vocês dois encontrarão uma maneira de trabalhar juntos”.

“Por falar em treinamento”, começou Liv, “se eu voltar viva do reino fae, eu queria aceitar sua oferta de treinamento em combate”.

Liv tinha lutado com Clark em seu tempo livre, mas isso não era suficiente. Ela precisava de um especialista. Alguém que a pudesse treinar, a transformando em uma força letal.

Por um momento, Akio não disse nada, apenas estudou Liv. “Eu ficaria honrado”, disse finalmente.

Liv não sabia se podia confiar em Akio, mas precisava ser treinada em combate, e Rory se recusou a ajudar com isso. Os Takahashis eram lendários por suas habilidades em combate, então só fazia sentido aceitar sua oferta, especialmente agora que ela tinha a Bellator.

Como se ele tivesse lido seus pensamentos, Akio perguntou: “Primeiro você vai precisar de uma arma. Eu a posso ajudar a escolher a certa”.

Liv sacudiu a cabeça. “Obrigada, mas eu já tenho uma”.

“Muito bem, então”, consentiu Akio. “Quando você voltar, seu treinamento começará”.

*Se eu voltar*, Liv pensou morbidamente.

## Capítulo 6

**M**esmo antes de Junebug saltar do alpendre desmoronado para uma planta com espinhos, Liv o pegou. O pátio da frente de Rory era completamente diferente do de trás, que transbordava de flores e canteiros com vegetais e árvores de fruto exuberantes. Era meio irônico para ela que o jardim da frente parecesse tão degradado em contraste com o de trás.

Ela segurou o gatinho gordinho acima de sua cabeça, permitindo que ele desse com as patas no nariz dela. “Você é apenas um arruaceiro, não é?”

Ele chutou na mão dela, tentando se libertar. Se ele fosse Platão, ele teria respondido a ela, mas este não era esse tipo de felino.

Ela colocou Junebug no patamar da casa. Ele ousou atravessar a sala de estar, passando por baixo do tapete e deslizando pela esquina, seus pés quase saindo de baixo dele.

“Ummm, o que você está fazendo?” Perguntou Liv, observando a cena diante dela. Rory estava sentado em sua cadeira, com uma cesta de fios ao seu lado. Ele estava tricotando um cobertor.

“Estou considerando um novo sistema de segurança”, respondeu ele, seus olhos nas agulhas de tricô em suas mãos. “Agora que tenho a Turbinger, acho que preciso de melhores medidas de segurança”.

“Não, eu quis dizer, porque você está tricotando? Você está fazendo cobertores para os sem-teto”?

“É uma armadura”, mentiu Rory.

Liv caiu no sofá, deitada de costas e observando como Buxter e Polly jogavam com uma bola de fio na frente dos pés de Rory.

“Você engordou muito bem os gatinhos. Quando você planeja os comer?”

“Na primavera, quando os frutos estão maduros”, respondeu Rory, sem se distrair.

Samson se lançou do lado do sofá, atacando os cabelos de Liv. Ela se sentou, tentando arrancar o gato dela. “Se certifique que eu receba um convite para esse jantar”.

“Por falar em comida, quando foi a última vez que você comeu?” perguntou Rory, olhando para ela sobre o tricô dele. “Você parece um pouco abatida”

Liv se jogou de volta no sofá um pouco dramaticamente. “Antes eu teria adorado ter uma dieta de quatro mil calorias, mas agora dá trabalho. Não consigo acompanhar a menos que esteja comendo o tempo todo”.

Rory rodopiou seu dedo no ar, e uma enorme fatia de torta de manteiga de amendoim coberta com chantilly fofo apareceu na mesa ao lado dela. “O importante é o que você come e não quanto come. Escolha alimentos com alto teor calórico. Os doces são especialmente bons para alimentar a sua magia”.

Liv deu uma grande dentada na torta, seus olhos se fecharam brevemente em puro deleite. “Uau, isto é bom. Foi você que fez?”

“Costco”, Rory mentiu novamente.

“Sim, certo. Estou vendo fazendo compras ao lado das dondocas na Costco, açambarcando cem rolos de papel higiênico e lutando por amostras. Quanto tempo duram os pacotes de sabão jumbo? Um dia?”.

“Dois”, ele corrigiu.

Liv abanou um dedo para ele. “Você é um gigante muito estranho, mas eu estou totalmente com você”.

“Há maneiras melhores para você gastar seu tempo”.

“Certo”, concordou Liv, dando outra dentada. O chantilly era definitivamente caseiro e fresco. Ele provavelmente o tinha confeccionado naquele dia. “É por isso que vou para o reino das fadas dizer à Rainha Visa para fazer seu povo se comportar”.

Rory deixou cair seu tricô no colo, dando a Liv um olhar sério e mortificante. “Você está brincando!”.

“Quando você já me viu brincar?”, brincou ela. “E não, eu não estou. O Conselho me designou este caso hoje. Eu sei o que você vai dizer, mas...”

“Você tem que fazer isso”, Rory interrompeu.

“Certo, não era isso que eu pensava que você ia dizer, na verdade”. Liv terminou a última fatia da torta e olhou para o prato ansiosamente.

“Se você desistir do desafio, perderá o respeito do Conselho”.

Liv acenou com a cabeça, pegando o prato e o lambendo.

“Como eles já pensam que você não tem boas maneiras”, declarou Rory, a observando com repulsa.

Ela baixou o prato agora limpo, limpando o chantilly de seu nariz. “Talvez eu possa ser aceite em sua escola Cotillion para meninas. Você dirige isso secretamente, certo? Quando você não está alimentando os sem-teto ou ajudando os idosos com dinheiro para o aluguel?”

“Eu não sei do que você está falando”, declarou Rory, farejando o ar. “Você sente este cheiro?”

Liv cheirou. “Sim, é fogo. Você está fazendo churrasco nas traseiras?”

Rory saltou de seu assento, seu tricô caindo em cima de Buxter e Polly, que ainda estavam brincando. Ele irrompeu pela sala de estar, enfiando sua cabeça para fora da porta.

Liv o seguiu, identificando imediatamente a fonte do cheiro. O pátio da frente estava em chamas.

## Capítulo 7

**R**ory se atreveu a sair pela porta da frente, se movendo mais rápido do que Liv jamais o havia visto. Ele pegou a mangueira do lado da casa, a dirigindo para o incêndio, que estranhamente circundava o perímetro da casa, se espalhando rapidamente em direção ao centro do pátio.

Liv impediu os gatinhos de seguir Rory, batendo a porta e os trancando lá dentro. Junebug estava no limite da propriedade, escalando uma árvore que estava prestes a ser queimada. Apontando seu dedo para o gato, ela murmurou um encantamento e ele voou através do pátio, pousando em segurança em sua mão.

O mais rápido que conseguiu, ela abriu a porta da frente e gentilmente jogou Junebug dentro de casa, fechando a porta antes que seus irmãos e irmãs pudessem escapar. Ela estava prestes a ajudar Rory a apagar o fogo quando ele chutou. “Sem magia! Isso só vai piorar as coisas. Temos que apagar o fogo normalmente”.

Liv não questionou isso, correndo para a beira do pátio onde o fogo era mais baixo e se atrevendo a pisar as chamas. Isso funcionou até elas estarem muito altas e ela reparou em chamas enormes prestes a engolir a casa.

Ela correu para uma grande bacia vazia ao lado da casa. Usando um feitiço elementar, ela a encheu com água que estava no chão do pátio. Em seguida, ela a dirigiu em direção ao fogo junto à casa, o apagando imediatamente. Quando ela tentou o feitiço novamente, ele não produziu água. Isso era tudo o que havia.

Rory foi bem sucedido pulverizando seu lado do pátio, mas as chamas junto à calçada na frente estavam crescendo mais, alimentadas pela grama seca. Liv olhou à sua volta, tentando descobrir outra opção. Então ela se atirou de volta para o alpendre, abriu a porta e pegou o grande cobertor do sofá. Ela saltou sobre os filhotes, os impediu de sair e fechou a porta novamente. A fumaça do fogo a fez tossir enquanto corria para as chamas, chicoteando o cobertor para elas, as apagando. Não foi um trabalho fácil e ela estava suando quando apagou completamente o fogo.

Ela deixou cair o cobertor queimado no meio do pátio e viu Rory apagar o último dos incêndios na lateral da casa. Ele se virou, vigiando o quintal, seus olhos encontraram imediatamente o cobertor.

“Desculpe por isso”, disse Liv imediatamente. “Eu lhe comprarei um novo”.

Ele esfregou a testa com um lenço que arrancou do bolso. “Você não pode. Minha avó tricou isso com cabelo de unicórnio, e por isso foi tão eficaz em apagar o fogo. Obrigado por sua ajuda”.

Liv engoliu a culpa em sua garganta, olhando em volta para o quintal fumegante. “Quem fez isso com sua casa?”

Rory penteou seus cabelos marrons, os empilhando em cima de sua cabeça e enrolou um elástico que ele havia tirado de seu pulso em torno de seu cabelo, fazendo um rabo de cavalo minúsculo. “Fui eu”.

“O quê?” perguntou Liv, com certeza ela o tinha ouvido mal. “Você pegou fogo ao seu próprio quintal?”

Ele balançou a cabeça, espreitando à volta. “É parte do sistema de segurança que acabei de instalar. O perímetro pega fogo se uma pessoa não autorizada pisar na propriedade”.

“Não tenho certeza se entendi o raciocínio aqui”.

“Bem, eu disse que precisava de um sistema melhor. Eu acabei de inventar este recentemente, pensando que precisava de uma proteção extra. O raciocínio é que é suposto afugentar os ladrões. Quem vai caminhar através do fogo para invadir uma propriedade?”

“Então você tem um sistema de segurança que usa fogo, mas não pode me ensinar a jogar bolas de fogo”? Liv se atreveu a perguntar.

Rory deixou sair um suspiro impaciente. “Já lhe disse: isso é magia de gnomo. Esta funciona de maneira diferente. O fogo pioraria se alguém tentasse usar magia para o extinguir, o que suspeito que tenham feito”.

“Parece ter funcionado”, disse Liv, olhando ao redor e não vendo uma única pessoa na rua praticamente deserta.

“Sim, e isso significa que minhas suspeitas estão corretas. Alguém está atrás da espada”.

“Como eles sabem que você tem isso aqui?” perguntou Liv.

“Há maneiras de encontrar a Turbinger”, declarou Rory. “É uma arma muito mágica, e carrega consigo uma aura forte”.

Liv se lembrou de a sentir pelo breve tempo em que segurou a espada.

“Você já teve a oportunidade de descobrir que memórias ela guarda?”

Rory abanou a cabeça, seu pequeno rabo-de-cavalo balançando ao redor. “Ainda não. Primeiro tenho que trabalhar em melhores medidas de segurança. Depois eu vou fazer isso”.

“Certo, bem, me avise se eu puder ajudar”.

“Você tem seus próprios problemas”, disse Rory. “Não acredito que estou sugerindo isto, mas acho que você tem que confiar em seus aliados para este novo caso”.

Liv também não podia acreditar no que ele estava dizendo. “Você não quer dizer...”

Ele acenou com a cabeça. “Sim. Você deve contar com a ajuda de Rudolf”.

“Mas você disse que eu não deveria confiar nos ‘fados’”.

“Sim, mas se você tiver que trabalhar com eles, ele está em uma boa posição para lhe dar dicas”. Ele respirou fundo, seus olhos de repente ficaram sérios. “Você precisa de uma vantagem, ou temo que não sobreviverá à reunião”.

## Capítulo 8

**R**oya Lane estava tão lotada de criaturas mágicas de várias raças quanto as duas primeiras vezes que Liv a visitou. Ela não sabia realmente como encontrar Rudolf, mas ela o tinha encontrado ali algumas vezes, por isso esta era sua melhor opção.

Enquanto ela deambulava pela multidão, muitos olhavam para ela de suas bancas ou enquanto conversavam, com expressões esquivas em seus rostos. Um gnomo que mostrava o que parecia ser um relógio de bolso para um duende, o deslizou para dentro de seu casaco e se apressou a sair. Liv lembrou que ali ela era como uma policial. Os guerreiros aplicavam a lei e geralmente metiam o nariz nos negócios de todos, sob a direção do Conselho. Liv começava a ver que parte disso era necessário, como com as fadas, que estavam se aproveitando de mortais inocentes. No entanto, deveria haver limites. E porque a Casa dos Sete tinha a responsabilidade de fazer justiça? Porque não existiam outras organizações que procuravam proteger?

“Liv Beaufont, Guerreira da Casa dos Sete”, disse uma voz guinchante nas suas costas.

Liv girou para encontrar o brownie que a tinha ajudado no Museu Nacional de História. “Freddy”, ela chamou um pouco alto demais, grata por encontrar um rosto gentil na mistura de personagens que a estavam olhando meio paranoicos.

“O que a traz aqui? Você vem visitar Mortimer?” perguntou o brownie, fazendo uma reverência a ela.

“Não, na verdade estou procurando alguém”, disse Liv, apontando para a parede de tijolos e para fora da área de tráfico.

“Eu sou ótimo em encontrar. De quem você está à procura?”

“Obrigado”, disse Liv com alívio. “Estou à procura de um ‘fado’ chamado Rudolf”.

A expressão feliz no rosto do brownie caiu. “Porque você o quer encontrar? Ou qualquer ‘fado’? Eles são indivíduos muito descuidados, que nunca pensam em nada além de si mesmos. Eles deixam as casas dos mortais

imundas, esperando que outros limpem”.

“Acredite em mim, eu sei. Estou bem ciente de suas falhas. A lista de coisas erradas com as fadas está crescendo em minha mente. No entanto, preciso encontrar Rudolf. Você pode me ajudar?”

O brownie acenou com a cabeça antes mesmo de ter respondido à sua pergunta até o fim. “É claro. E as minhas desculpas. Não pretendo questionar seus negócios. Eu só queria a advertir de que lidar com um ‘fado’ normalmente não é favorável para a outra parte”.

Liv suspirou dramaticamente, soprando um fio de cabelo para fora do rosto. “Espero realmente que você esteja errado sobre isso, mas eu sei que você fala com sabedoria”.

“Vamos entrar neste café, e eu trabalharei em alguns feitiços para o encontrar”, sugeriu Freddy.

“Feitiços de busca”? Liv questionou. “Eu não tinha pensado nisso. Talvez eu pudesse tentar um desses. Não quero incomodar você. Eu sei como vocês, brownies, são ocupados”.

Ele balançou a cabeça. “Não vai funcionar. Fadas não podem ser rastreadas por mágicos, mas os brownies podem encontrar a maioria, já que não somos vistos como uma ameaça”.

*Seria esse o caminho?* Subestimar o pequenote, lhe dando todas as vantagens quando chegasse a hora.

Freddy a levou a uma loja pitoresca que parecia ter sido feita para crianças pequenas. Todas as mesas eram minúsculas, os assentos como aqueles encontrados em uma sala de aula do jardim de infância. A loja era decorada com páginas de livros. Elas estavam por toda parte, compondo as cortinas que estavam penduradas na janela da frente, assim como as toalhas de mesa, e cobrindo cada centímetro quadrado das paredes.

“O que é este lugar?” perguntou Liv, olhando em volta e percebendo que ela era a pessoa mais alta de lá.

Gnomos e fadas deixaram seus chás e doces e olharam curiosamente.

“É o Grimoire. Eles têm os melhores...como se chamam essas coisas? Que têm geléia por dentro e são fritos”.

“Donuts de geléia?” perguntou Liv.

“Sim, é isso!”

Freddy se sentou à mesa junto à janela, deslizando facilmente para a cadeira.

Liv olhava com incerteza, mas bastante segura de que não poderia caber à mesa.

“Se sentem e eu vou buscar algumas águas para vocês”, disse uma pequena voz.

Liv olhava em volta, tentando descobrir de onde vinha. Vendo que ela estava confusa, Freddy disse: “É uma fadinha. Ela já foi”.

“O quê?” Liv perguntou, e para seu espanto, dois copos de água com gelo apareceram sobre a mesa.

“Elas são incrivelmente rápidas. Demasiado rápidas para que seus olhos as sigam”, explicou Freddy. “Elas fazem garçons maravilhosos, assim como outras coisas”. Ele indicou o assento em frente ao seu. “Agora, venha e se sente e podemos começar”.

“Mas...” Liv não sabia como lhe dizer que a cadeira poderia quebrar com seu peso ou que a mesa era muito baixa, então, ao invés disso, ela tentou cravar seu traseiro na cadeira pequena, mantendo a maior parte de seu peso sobre suas pernas enquanto seus joelhos batiam na mesa.

Uma fada do tamanho de Freddy apareceu ao lado da mesa, tinha asas cor-de-rosa combinando com seu cabelo. Ela olhou Liv de alto a baixo, lhe dando uma expressão presunçosa. “Agora, o que posso trazer para você, Freddy, e sua acompanhante?”

O brownie cobriu seu rosto com as mãos, espreitando por entre os dedos para Liv. “Isto não é um encontro, Zoyla. Ela é uma amiga”.

A fadinha suspirou de alívio. “Oh, que bom. Por um momento, tememos que você tivesse se passado para o lado negro”.

Liv olhou ao redor da loja e percebeu que todos os clientes estavam olhando para ela. Ótimo! Ela era o policial que todos queriam evitar.

Ela riu, tentando forçar um sorriso em seu rosto. “Não se preocupe. Não sou tão irritante quanto os outros da Casa dos Sete”.

Zoyla respondeu. “Isso, iremos ver, Guerreira”.

“É verdade”, confidenciou Freddy, seu rosto retomando seu tom normal de marrom.

“O que você vai querer?” Zoyla perguntou.

“Chá de madressilva para mim, e um donut de geléia”, Freddy pediu enquanto Liv fazia uma expressão incerta, sem saber ao certo o que pedir.

“Eu quero o mesmo”, disse ela quando a fada olhou. Zoyla desapareceu, e dois segundos depois duas xícaras de chá apareceram na mesa com açúcar e

natas, seguidas por dois donuts.

“Uau, você não estava brincando. Ela é rápida”, disse Liv, com água crescendo em sua boca quando avistou o donut glacê, que estava fumegando como se tivesse acabado de sair da fritadeira. O cheiro de geléia de framboesa, que se elevava do donut, cumprimentava o nariz de Liv.

“Agora para encontrar esse Rudolf. Você tem um de seus objetos pessoais?” perguntou Freddy, soprando em seu chá antes de tomar um gole.

Liv sacudiu a cabeça. “Não. Eu mal o conheço. Só nos encontramos algumas vezes”.

“Hmmm”, disse Freddy, batendo na xícara de chá com seu dedo. «Ele já lhe tocou em algum lugar, como apertar sua mão ou algo assim?»

Liv pegou seu donut, tentando decidir onde dar a primeira mordida. “Não. Caso contrário, estaríamos procurando por um cadáver”.

Freddy concordou com um aceno de cabeça, mordiscando seu donut como um castor. “Bem, então vamos ter que recorrer a métodos menos confiáveis, mas eles devem funcionar”. Ele pousou seu donut e estendeu suas mãos. “Vou precisar que você segure minhas mãos e pense na pessoa que você precisa encontrar”.

Liv limpou as mãos em um guardanapo coberto de palavras e pegou as mãos dele, se inclinando em um ângulo estranho enquanto pousava em sua cadeira instável.

“Não estão saindo juntos, hein?” Zoyla perguntou, se materializando de repente.

Freddy enrolou seus olhos grandes. “Não, mas não sei porque isso é uma preocupação sua”.

“Só acho interessante que você tenha trocado minha irmã por uma seguidora de regras”.

Liv olhou fixamente para o duende, que estava pairando acima do chão. “Eu não sigo regras. Eu sou o pior guerreiro que a Casa dos Sete já viu. Basta perguntar a qualquer um”.

Freddy apertou as mãos dela, que ainda estavam em suas mãos. “Você é a melhor. E você não tem que responder a Zoyla. Ela pode pegar seus boatos e os espalhar...”

“Querem algo mais?” perguntou a fadinha, seu rosto combinando com a cor rosa do seu cabelo.

“Apenas a conta”, disse Freddy.

Quando Zoyla desapareceu, ele dirigiu sua atenção de volta para Liv. “Agora, é importante que você se concentre. Pense em quem você está tentando localizar. Realmente, pense nas feições dele. A cor de seu cabelo e de seus olhos. O som de sua voz. Qualquer coisa e tudo sobre ele”.

“Tenho medo de vomitar meu donut”, disse Liv.

“Isto é importante, não é?” perguntou Freddy.

Liv pensou em sua missão impossível: negociar com a rainha das fadas. “Sim. Eu o farei”. Ela fechou os olhos e pensou numa imagem de Rudolf, aperfeiçoando suas características específicas: a curva de sua mandíbula, os ângulos de seus olhos, o loiro de seu cabelo, e suas asas gigantes. Ele era um homem atraente; isso era inegável. Provavelmente, o homem mais atraente que ela já havia visto. Entretanto, quando ele abriu a boca, tudo isso mudou. Como era típico dos homens, ela pensou com uma gargalhada.

“Estou conseguindo alguma coisa”, lhe disse Freddy.

Aliviados, os olhos de Liv se abriram.

“Ele está perto”, continuou Freddy.

“Oh, como se ele estivesse aqui na Roya Lane? Isso seria ótimo”.

O brownie balançou a cabeça e apontou por cima do ombro. “Não, ele está bem ali”.

Liv se virou para encontrar Rudolf, que se encontrava em pé, com os braços cruzados sobre o peito e um sorriso arrojado em seu rosto.

“Ora, ora, ora, ora. Olha quem não consegue parar de pensar em mim?” disse Rudolf, deambulando. Ele pegou uma cadeira de uma mesa vizinha e a balançou, graciosamente se sentando para trás no assento, não parecendo nada embaraçado em comparação com ela.

“Eu não estava pensando em você”, argumentou Liv.

Rudolf bateu na lateral de sua cabeça. “Oh, nós sempre sabemos quando consumimos os pensamentos de outro. Isso é parte de nosso dom. Eu senti sua intensa obsessão por mim enquanto passeava”.

“Estávamos tentando encontrar você”, explicou Liv, se virando para o brownie.

“Então você poderia confessar seu amor eterno por mim”, retorquiu Rudolf, pegando o donut de seu prato e dando uma mordida. Ele o deixou cair novamente, limpando os cantos de sua boca com seu mindinho.

Liv deslizou o prato, com uma careta no rosto. “Não! A sério? Eu estava ansiosa para comer isso”.

“Sabe melhor agora”, disse ele com um piscar de olhos.

“Tenho certeza de que não”, disse Liv, dando um olhar agradecido a Freddy. “Obrigada por me ajudar. Parece que você foi imediatamente bem sucedido”.

“Não há problema, Liv Beaufont, Guerreira da Casa dos Sete”, disse Freddy humildemente.

“Porque não vamos para um lugar mais privado para discutir qualquer motivo que você tenha inventado para me perseguir?” Rudolf sugeriu, se levantando e estendendo uma mão a Liv.

Liv atirou no brownie um olhar incerto.

“Ele provavelmente está certo”, disse Freddy em resposta. “Há muitos tagarelas aqui, então se você quiser que o que quer que você discuta permaneça privado, eu iria para outro lugar”.

“Como o hotel ao fundo da rua”, sugeriu Rudolf.

“Eww”, respondeu Liv.

“Não se preocupe com a conta. Foi com prazer”, disse Freddy, bebericando seu chá.

“Obrigado”, disse Liv, quase caindo de pé da cadeira e a fazendo cair para trás. Isso lhe rendeu curiosas expressões de muitos no café. “Vejo você em breve, Freddy”.

Ele acenou enquanto ela seguia Rudolf até a porta. Quando estavam quase terminando, ela ouviu Zoyla dizer: “Oh, então ela te largou por um ‘fado’. Isso é karma para você”.

## Capítulo 9

**P**are de rir”, disse Liv repreendendo Rudolf, que tinha a cabeça baixa e batia com o punho na mesa enquanto ria incontrolavelmente.

Eles tinham encontrado uma cabine escura em um bistrô no fundo da rua chamado Salem Style. A comida não parecia tão apetitosa e, em contraste com o Grimoire, o serviço era lento. Mas como o lugar estava quase sempre vazio, havia menos chance de alguém os escutar, mesmo com Rudolf uivando com risos.

Ele levantou a cabeça, respirando com pouca profundidade. “Sinto muito”, disse ele entre risadinhas. “Diga novamente. Você vai entrar no reino das fadas e exigir o quê?”

“Devo pedir à Rainha Visa que altere nosso acordo para que as fadas não seduzam os mortais”.

Mais uma vez Rudolf irrompeu com gargalhadas, batendo na mesa e quase derramando suas bebidas. “Você tem uma Última Vontade e Testamento, espero”.

“Eu não”, respondeu Liv secamente.

Rudolf levantou a cabeça, tentando e falhando em tornar seu rosto sério. “É realmente uma pena, porque eu estava começando a me acostumar com seu rosto, mesmo com suas muitas imperfeições”.

“Obrigada. Acho que precisarei de mais bebida para me acostumar com você e com sua repugnância”.

“Ai”, disse Rudolf, seu riso caindo completamente. “Eu pensei que você queria minha ajuda”.

“Eu quero. Você pode me ajudar?”

“Bem, não se você me tratar dessa maneira. Eu gosto de massagens nas costas e poesia”.

“Não. Que inferno! Porque você não faz isso como um favor, já que somos amigos”?

“Nunca fazemos favores. Você devia saber disso. Mas acordos? Isso é outra história”.

“Já tenho um acordo com você”. A propósito, você já se lembrou de alguma coisa relacionada com o meu anel?”

Ele balançou a cabeça. “Na maioria dos meus relacionamentos mais saudáveis, temos de seis a oitocentos acordos de uma só vez. Acho que isso significa que estamos a caminho de algo maravilhoso”.

“Acho que estamos a minutos de precisar de aconselhamento”.

“Muito bem. Eu a ajudarei, mas isso lhe custará caro. É assim que acontece com as fadas”.

“Bem, o que você quer?”

Rudolf agitou seu vinho tinto, observando enquanto subia pelo copo, mostrando sua idade. “Não é realmente nada”.

O queixo de Liv caiu e ela o olhou com os olhos cerrados. “Duvido disso”.

“Eu apenas gostaria que você me acompanhasse até uma loja no fim da rua”, disse ele, com os olhos ainda fixos no vinho, o observando com diversão.

“Qual é o senão?” perguntou Liv.

“Não há senão. Você simplesmente entra na loja comigo, e pronto”.

Liv empurrou sua bebida, sem sequer ter tocado nela. “É só isso? Porque isso soa tão simples?”

Rudolf fez beicinho. “Fere meus sentimentos que você ache que há algo enganoso em meu pedido. Porque não pode ser simples?”

“Você não tem sentimentos”, Liv disparou de volta.

Com um ar de desprezo, Rudolf agarrou seu peito. “Isso não é verdade. Eu sou muito sensível”.

“Tudo bem, você tem sentimentos em algum lugar debaixo de todo esse ego. Mas esta loja...de que se trata?”

“É apenas uma velha loja normal. Nada de extravagante”.

Liv não estava acreditando em nada disso nem por um segundo, mas ela precisava da ajuda de Rudolf. Isso ela sabia. “Não há lojas normais em Roya Lane. Tudo é estranho e ligado com magia e dirigido por centauros ou elfos ou o que quer que seja”.

“Você sabe, a Rainha Visa e eu já fomos uma coisa”, admitiu Rudolf casualmente.

“Como assim?”

Rudolf tomou um pouco, levando seu tempo enquanto balançava o vinho,

realmente o saboreando. “É que a conheço bastante bem e posso lhe dizer exatamente como evitar a morte durante o maior tempo possível. Não posso dar nenhuma garantia, mas acho que sei como você deve se apresentar para obter os melhores resultados”.

“E tudo o que tenho que fazer é entrar em uma loja com você? É só isso?” perguntou Liv.

“Sim. Você irá como minha acompanhante”.

“Não”, disse Liv clara e ruidosamente sobre sua declaração.

“Muito bem, você irá como minha amiga, então”.

Liv inclinou a cabeça para frente e para trás, coçando a cara. “Vamos como conhecidos”.

“Não sei o que a faz tão oposta aos meus afetos. Muitos me agradecem e ficariam gratos pela atenção que eu lhes dedico”.

Liv encolheu os ombros. “Eu apenas não posso ser amada”.

Rudolf a olhou com curiosidade por um momento. “Não, não é nada disso. Você é algo, mas eu ainda não descobri”.

Suspirando, Liv balançou a cabeça. “Não posso acreditar que agora fiz dois acordos com você. Obviamente perdi a cabeça”.

“Na verdade, eu acho o oposto. Você está aprendendo que confiar em mim é a abordagem inteligente”, transmitiu Rudolf. “E falando do primeiro acordo, vou precisar de algo de você para ter qualquer chance de recuperar a memória perdida”.

Liv levantou uma sobrancelha para ele. “O quê?”

“O anel”, respondeu ele.

“Ok, você está louco. Certamente. Delirante. O que há nesse vinho que você está bebendo?”

Rudolf riu naturalmente. “Não quero dizer para sempre. Só por um tempo. Preciso pedir emprestado o anel para encontrar a memória. Pensei sobre isso e é a única maneira”.

“Como sei que você não vai fazer algo com o anel ou não o devolver?”

“Querida, Liv, você tem minha palavra, que é a melhor coisa que eu poderia lhe dar”. Rudolf piscou o olho. “Bem, além de uma noite de êxta...”

“Acabe essa frase e eu vomito em cima de você”. Liv alcançou seu casaco e pegou o anel, o segurando com força nos dedos. “Você tem certeza de que precisa disto?”

Rudolf acenou com a cabeça. “Sim, eu acredito que sim. O anel é parte do

que está bloqueando a memória. Mas preciso pesquisar primeiro para descobrir tudo. Não deve demorar mais de seis ou sete anos”.

Liv abraçou o anel em seu peito. “Seis ou sete anos? Eu não posso esperar tanto tempo e você não pode ter o anel por tanto tempo. Eu preciso dele”. Ela pensou na parede da biblioteca. Se ela emprestasse o anel a Rudolf, destrancar a Câmara dos Antigos, ou o que quer que estivesse lá, teria que esperar.

“Oh, tudo bem, esqueço que vocês mágicos não têm esse tipo de tempo livre”, disse Rudolf com um suspiro. “Acho que o poderia empurrar para cima na minha lista”.

“Para quando?” Liv perguntou ceticamente.

“Que tal em dois ou três”

“Diga anos e serão as últimas palavras que você dirá, ‘fado’”, ameaçou Liv, lhe cortando a palavra.

Um sorriso sedutor se formou na boca de Rudolf. “Tão animada. Eu gosto disso”.

“Não importa o que você gosta”.

“Oh, tudo bem. É tudo negócios com você, o tempo todo. Que tal eu fazer disso minha prioridade depois de a ajudar com a Rainha Visa? Não tenho certeza de quanto tempo levará para recuperar a memória, mas lhe dou minha palavra de que vou trabalhar nisso. Espero que demore apenas uma semana”.

Liv o olhou algum tempo, a incerteza transbordava em seus pensamentos. “E o anel estará seguro em suas mãos?”

“Tão seguro quanto seu coração estaria”, disse Rudolf, piscando seus longos cílios.

“Se você está tentando me convencer, você está fazendo um mau trabalho”.

“Não se preocupe, Liv. Vou o guardar e proteger com minha vida”.

Liv estendeu sua mão, segurando o anel. “Ninguém pode saber que você o tem ou que ele me pertence, certo?”

Rudolf acenou com a cabeça, estendendo sua mão. “Prometo não contar a outra alma viva”.

Liv hesitou. “Espere, isso significa que você vai contar aos mortos-vivos?”

“Oh, ela é esperta”, disse Rudolf com um risinho. “Eu prometo não contar a ninguém, vivo ou não. Com ou sem alma. Você tem minha palavra. Sem

truques”.

“Muito bem”, disse Liv com um suspiro, deixando cair o anel de sua mãe na mão dele.

## Capítulo 10

**V**ocê sabe o que eu não entendo?” Rudolf perguntou enquanto eles passeavam pela rua de paralelepípedos, a maioria dos grupos lhes dando olhares curiosos enquanto passavam.

“Como funcionam as boas maneiras? Como se vestir como um adulto? Como parar de me fazer vomitar?” Liv perguntou, um ar de seriedade em seu rosto.

Rudolf olhou de relance para a túnica de lavanda que estava usando e fez uma careta. “Esta camisa foi feita à medida. O alfaiate disse que ela realmente trazia à tona minhas outras características”.

“Despeça essa pessoa. Ele deveria ter lhe dito que os homens não parecem bem em tons roxos, mesmo que tenham asas marrons gigantes”.

Rudolf sorriu carinhosamente sobre seu ombro para as asas ornamentadas de suas costas. “Você sabe que os homens fada tendem a ser muito confiantes em sua masculinidade. Sei que isso é algo a que você não está acostumada, já que se rodeia de mágicos que precisam compensar em demasia porque têm varinhas tão pequenas, se é que você sabe o que quero dizer”.

Liv rolou os olhos, se movendo atrás de Rudolf quando a via se estreitou. Ela não tinha estado nesta parte de Roya Lane, que estava mais cheia e mais escura, as lojas se amontoavam perto umas das outras. “Os mágicos não usam varinhas”.

Rudolf lançou um olhar desapontado sobre seus ombros. “Eu não estava me referindo a varinhas, daí a parte ‘você sabe o que eu quero dizer’. Eu estava falando de...”

“Eu entendi o ponto”, Liv interrompeu.

“De qualquer forma, eu ia dizer que não entendo porque você não diz simplesmente ao Conselho que foi bem sucedida em conseguir que a Rainha Visa faça o que eles querem. Você mentiu para eles sobre o caso do brownie, não foi?” perguntou Rudolf.

“Menti sobre os últimos casos em que trabalhei porque eram uma merda total e havia poucas chances de que o Conselho descobrisse. Entretanto, este

é o primeiro grande caso que eles me designaram. Acho que eles acreditam que vou falhar, então é minha chance de esfregar na cara deles e provar que estão errados”.

Rudolf lhe deu um olhar duvidoso. “Você pode. E você também pode ser morta. De qualquer forma, eu vou estar na frente e no centro para testemunhar”. Ele esfregou as mãos avidamente. “Não vejo um bom show com a Rainha Visa há muito tempo. Não desde que ela mutilou seu irmão mais novo por bocejar durante um de seus discursos”.

“Mutilou? Por bocejar? Maldição, que bruxa louca! Porque ela não foi derrubada?” perguntou Liv.

“Oh, ela é muito melhor que a sua antecessora. A Rainha Joy aprisionou todo o seu povo por meio século simplesmente porque disse que queria algum tempo sozinha”, disse Rudolf, balançando a cabeça. Um olhar sombrio caiu sobre seu rosto.

“Uau, Rainha ‘Alegria’. Que nome inapropriado”, disse Liv em tom seco.

“Eu ainda não falei com Arni, o ‘fado’ com quem compartilhei a cela. Enquanto a Rainha Joy absorvia seu tempo sozinha, todos nós estávamos passando muito tempo uns com os outros”.

“As fadas são criaturas estranhas», declarou Liv. «E eu vou fazer o que for preciso para ganhar este caso. Estou dependendo dele”.

“Como sua vida”, disse Rudolf com uma risada rude.

Liv sacudiu a cabeça. “Não, na verdade há algumas coisas mais importantes do que viver”.

Rudolf olhou para ela, com suas asas paradas. “Como o quê?”

“Como família”, respondeu Liv enquanto eles paravam na frente de uma loja.

“Oh, e se você morrer, então...”

“Então minha família perde seu lugar na Casa dos Sete. Eu não posso permitir que isso aconteça. Nunca”.

Rudolf se inclinou, o seu nariz quase tocando a orelha dela. “Tenha cuidado. Quase pareceu que você realmente se importa com algo”. Ele andou, lhe dando um piscar de olhos. “Não se preocupe, porém. Seu segredo está seguro comigo”.

Liv o ignorou e olhou de relance para a loja. Era uma joalheria que parecia precisar de uma reforma, já que o arco da porta estava rachado e parecia pronto para cair. A vitrine estava coberta de teias de aranha,

obstruindo a maior parte das jóias.

Rudolf colocou sua mão sobre o puxador da porta. “Ok, você está pronta andar por aí e ficar bonita?”

“Esta é a loja a que você quer que eu o acompanhe?” perguntou Liv, olhando para a janela. Ela não conseguia ver muito.

“Oh, sim!” Rudolf disse vitoriosamente. “Isso é bom. Finja que olha em volta aqui primeiro. Eu gosto disso”.

Liv se endireitou, estreitando seus olhos para ele. “O que está acontecendo? A que engodo você está brincando, Dolf?”

Ele franziu o sobrolho. “Eu não gosto desse apelido. Me chame de ‘Gostoso’ ou ‘Músculos’ ou ‘Bonitão’”.

“Tenho que manter uma cara séria quando o faço?” perguntou Liv.

“E sim, esta é a loja. Não há nada com que se preocupar. Basta entrar aqui e ficar dentro do hall. Eu cuidarei do resto”, explicou Rudolf.

“É seguro entrar por aquela porta?” perguntou Liv, de olho na estrutura desmoronada.

“Normalmente não, mas estaremos bem juntos”.

Antes que Liv pudesse expressar uma reclamação, Rudolf abriu a porta, acenando para ela. O cheiro de pó saía da loja como se estivesse tentando escapar.

“Tenho certeza que vou me arrepender disso”, disse Liv, pisando o limiar e procurando na loja escura. Fileiras de caixas revestiam a loja, a maior parte do conteúdo obscurecido pelas espessas camadas de poeira que cobriam o vidro. Os candelabros por cima estavam envoltos em espessas teias de aranha e uma música sinistra de piano crepitava de um alto-falante na parte de trás.

Um gnomo usando uma lupa de joalheiro amarrada na cabeça olhou para cima quando Liv entrou pela porta. “Estamos fechados”, disse ele, mal reparando nela.

Rudolf fechou a porta e deu a volta a Liv, segurando a mão para trás para a impedir de entrar mais para dentro da loja. “Fique aqui”, disse ele em voz baixa.

Liv estava prestes a protestar quando o gnomo arrancou o arnês e bateu com ele no balcão. “O que você está fazendo aqui, seu canalha?” Ele sacudiu o punho minúsculo na direção de Rudolf, um olhar profundo no seu rosto. “Eu lhe disse o que aconteceria se você pisasse na loja do meu avô”.

Mais rápido do que Liv jamais havia visto Rudolf se mexer, ele acelerou

pelo tapete empoeirado, com as mãos no ar em rendição. “Você vai querer pensar duas vezes em honrar essa promessa desta vez, Subner”. Ele se inclinou, falando em tom baixo para o gnomo.

Subner olhou ao redor de Rudolf, dando a Liv um olhar especulativo. Ela acenou da frente da loja, não querendo ser mal educada.

“Ela se parece mesmo com sua mãe, mas isso não prova nada”, disse Subner em voz bem clara.

“Estou tentando te ajudar, velho amigo”, disse Rudolf em voz alta o suficiente para que Liv ouvisse.

“Me ajudar? Você trouxe um Guerreiro para minha loja”? Gritou o Subner.

Liv se virou, olhando ao redor para garantir que não houvesse outros gnomos escondidos atrás do balcão ou caixas. Ela não viu ninguém, mas uma aranha do tamanho de um cachorro saiu apressada por trás do balcão e se estendeu pelo chão. Liv se jogou contra a porta, a fazendo ranger dolorosamente. A armação rachada borrifou poeira nela.

Rudolf e o gnomo trocaram palavras mais concisas. Subner subiu o tom, olhando por cima do ombro de Rudolf. “Ei, guerreira, eu não quero problemas”.

“Sim, eu também não”, respondeu Liv, procurando no chão a aranha, que tinha uma tenaz afiada e mais cabelos do que Rory.

“Apenas pegue seu avô”, encorajou Rudolf, sua voz jovial. “E aí deixaremos você em paz”.

O gnomo, esperou e respondeu. “Eu não os vou deixar sozinhos na frente da loja”.

Rudolf riu. “Eu estou com uma guerreira. Não vou tentar nada. Você acha que eu quero que ela me acolha?” Ele inclinou seu polegar sobre o ombro. “Não, obrigado. Ela não deixa passar nada”. Ele se inclinou, suas palavras foram dirigidas a Subner, mas seus olhos olhares se voltaram para Liv. “Uma verdadeira defensora da justiça, assim como sua mãe”.

“Você quer ver o Papa Creola?” Subner perguntou a Liv, com olhar feroz a olhando para cima e para baixo.

“Umm, quem?” perguntou Liv.

“Sim”, Rudolf cortou abruptamente. “E você sabe que aquele velho gnomo não pode te ouvir se você chamar por ele, então vá em frente e o vá buscar.. Quanto mais cedo você o fizer e quanto mais cooperante você for,

melhor”.

Subner hesitou por um momento. “Se você mexer em alguma coisa enquanto eu estiver fora, ‘fado’, eu...”

Rudolf acenou para ele. “Ei, eu já peguei alguma coisa que não me pertencesse?”

“Tenho certeza de que essa é uma pergunta com rasteira”, respondeu Subner, deslizando de seu banquinho e desaparecendo atrás do balcão. Seus passos deixando de se ouvir enquanto ele desaparecia pela porta das traseiras.

Rudolf saltou para uma caixa ao lado de Liv, tirando a poeira para que ele pudesse ver melhor o que estava dentro dela. Jóias de várias cores brilhavam como se estivessem simplesmente esperando que a poeira fosse limpa para cintilar. “Onde você está?” Rudolf murmurou para si mesmo.

“Ummm, o que você está fazendo?”

“Estou procurando algo”, respondeu ele.

“Aquele gnomo lhe disse para não mexer em nada”, advertiu Liv, ainda desconfiada da aranha escondida em algum lugar próximo.

“Prometi não levar nada que não me pertencesse”, disse Rudolf, continuando a pesquisar os casos.

“Dolf...” Liv advertiu, com um tom de aviso em sua voz.

“Eureka”, exclamou Rudolf em um sussurro alto. Aqui está. Agora só preciso que você coloque sua mão nessa caixa, e terminamos aqui”.

“O quê? Não!” Gritou Liv.

Rudolf brincou, com seus olhos frenéticos. “Shiu”. Não tão alto. Tudo o que você tem que fazer é enfiar a mão na caixa e vamos embora daqui”.

“Não. Você disse que tudo o que eu tinha que fazer era o acompanhar a esta loja, e estou certa de que está acontecendo mais aqui do que você me disse”, afirmou Liv, e depois emendou sua declaração. “Na verdade, eu sei disso de fato, mas tanto faz”.

Rudolf continuava olhando por cima do ombro para a porta nas costas. “Olhe, você quer saber como sobreviver à Rainha Visa e conseguir que ela assine o novo acordo? Porque eu sei como, mas não lhe digo até que você coloque sua mão nesta caixa”.

Liv rolou seus olhos. Era um pedido simples, mas algo lhe dizia que poderia ser decepcionante. Mesmo assim, ela tinha seus próprios objetivos e, tanto quanto ela sabia, Rudolf estava na melhor posição para a ajudar. E qual era o grande problema de enfiar sua mão em uma caixa de jóias suja, além de

provavelmente estar coberta de séculos de bactérias e germes?

Com um suspiro irritado, Liv se inclinou para a caixa e bateu com a mão no vidro sujo. Para sua surpresa, o chão roncava sob seus pés enquanto faíscas saíam do armário ao seu lado. Liv sacudiu a mão e protegeu seu rosto, mas a agitação desapareceu rapidamente, e a loja ficou quieta.

Liv espreitou ao redor por entre os braços. Rudolf removeu, do estojo agora aberto, uma jóia roxa. Ele a agarrou pelo pulso e a puxou em direção à saída. “Tudo feito aqui. Vamos embora”.

“O que acabou de acontecer?” perguntou Liv, olhando para o armário que se abriu como uma caixa ao seu toque. Ela se afastou, querendo estudar mais a cena, mesmo quando Rudolf a incentivou a sair pela porta.

Passos trovejantes ressoavam da porta na parte de trás. Os olhos de Rudolf dispararam naquela direção com pânico em seu rosto. «Temos que ir».

“Porquê?” perguntou Liv.

Subner apareceu na porta, assassinato escrito em seus olhos. “Você me enganou, ‘fado’, e você vai pagar!”

## Capítulo 11

**R**udolf agarrou Liv pelo braço, a puxando em direção à saída com mais força do que ela sabia que ele tinha. Trancas e ferrolhos que não estavam lá segundos antes se materializaram sobre a porta raquítica, os trancando dentro da loja. Subner desapareceu de volta pelo corredor atrás dele, o que não fez Liv se sentir melhor. Ela não pensou por um segundo que ele fosse esfriar e esquecer toda esta bagunça.

“Que diabos você fez?” Liv gritou.

“Eu peguei o que me pertencia por direito”, respondeu Rudolf, balançando, procurando freneticamente algo. “Você viu para onde a aranha foi?”

“O quê? Você está falando sério? Este não é o momento para o controle de pragas”.

Grosseiramente, Rudolf balançou a cabeça, caindo de joelhos para ver debaixo dos armários. “A aranha tem a chave para as fechaduras”.

Liv rolou seus olhos. “É claro que ela tem. Que tolice minha, pensar que este era um sistema de segurança Brinks e nós só precisávamos do código. É claro que precisamos caçar uma aranha peluda que come homens e roubar a chave dela”.

Olhando sob o gabinete com o rosto pressionado para o chão, Rudolf grunhiu. “A aranha não nos come, mas é danada para pegar”.

“Bem, eu percebo que tudo o que você tem é sua aparência e falta de personalidade em que confiar, mas eu tenho magia”. Liv apontou sua mão para as fechaduras e estava prestes a murmurar um encantamento quando Rudolf se lançou do chão, mergulhando na direção dela.

“Não!” gritou ele, a empurrando para uma caixa empoeirada.

Com seu rosto muito próximo do dela, ela leu a seriedade em seus olhos. “Me deixe adivinhar, a magia só faz piorar?”

Ele acenou com a cabeça, engolindo o fôlego. “Sim. A menos que você queira que a aranha se transforme em um dragão devorador de homens, não tente fazer magia para sairmos daqui. Acredite, já fiz isso, e não é divertido”.

Liv o empurrou para trás, olhando ao redor da loja. Era estranho que Subner simplesmente os tivesse trancado e desaparecido. Estranho de um modo sinistro. Ela meio que desejava que ele tivesse ficado e jogado bolas de fogo contra ela. Pelo menos assim ela não entraria em pânico, esperando o que deveria aparecer para os fazer pagar, como ele havia prometido.

Rudolf estava de volta à procura da aranha no chão quando Platão apareceu por acaso e se empoleirou em uma caixa. Ele parecia que tinha acabado de acordar de uma longa soneca e se divertiu com a cena.

“Você está procurando por uma chave de aranha?”, ele perguntou a Liv.

Ao soltar um suspiro pesado, ela acenou com a cabeça. “Sim. Alguma idéia de como pegar o monstrinho?”

“Você tem um botão de tecido de seda”? perguntou Platão, vendo Rudolf correndo atrás do balcão, grunhindo o tempo todo.

Liv deu uma palmadinha no casaco dela. “Que droga, deixei isso em casa na minha sala de costura”.

“Oh, que pena. A retrospectiva teria dito para você o trazer”, disse Platão.

Ruídos altos ecoavam atrás da porta fechada do outro lado da loja, luz laranja iluminando as rachaduras ao seu redor.

“Algo mais que possamos tentar?” perguntou Liv, com pressa.

“Você tem algum pequeno roedor vivo?”

Liv não conseguiu impedir de rolar os olhos. “Você conta?”

“Vamos lá, Liv, essa coisa não pode me comer. Eu estava pensando mais em isco para a aranha chave”.

“Bem, já que não tenho ratos comigo, você pode oferecer uma solução mais prática para como pegar essa coisa?” Liv perguntou com pressa, o barulho cada vez mais alto.

“Para começar, seu amigo precisa parar de fazer tanto barulho. Isso assusta a coisa”, respondeu Platão.

“Certo”, disse Liv, tirando a palavra. “Ei, cara de idiota, você vai parar de bater por aí? Aparentemente, você está deixando a aranha nervosa”.

O rosto vermelho de Rudolf apareceu do outro lado do gabinete. “Eu percebo isso, mas não tenho tempo para tirar a coisa calmamente. Papa Creola estará aqui em cima a qualquer momento”.

Liv adivinhava que isso era uma coisa ruim. “Mais tarde eu vou te matar. Por enquanto, tenho que descobrir como sair daqui, então fique quieto”. Ela girou para enfrentar Platão novamente. “Certo, eu fiz calar a desgraça da

minha existência. E agora?”

“Bem, acontece que o melhor caçador da chave aranha é o lince”, disse Platão, sem pressa nenhuma.

Os olhos de Liv se alargaram e ela se moveu em direção ao gabinete. “Então vá! Sério, do que você está esperando?”

“Que você pedisse”, disse Platão. “Não posso garantir uma chave para alguém a menos que eles a solicitem especificamente. Você saberia disso se tivesse lido aquele livro que o gigante lhe deu”.

Liv estava planejando seriamente matar tanto Rudolf quanto Platão quando saíssem daquela loja. Ela acenou para longe. “Sim, sim. Você vai buscar a chave da aranha para mim?”

Platão, sem pressa, desceu do balcão e desapareceu ao redor do gabinete onde Rudolf estava, atirando nela uma expressão frenética.

“Você está confiando em um lince para nos livrar disso? Não se pode confiar neles”, gritou ele.

Liv não podia deixar de rir. “Diz o ‘fado’, que é o mestre do engano”.

“Sério, se Papa Creola chegar aqui, estamos ferrados”, Rudolf quase gritou, chicoteando a cabeça entre a porta trancada e a do outro lado da loja que vibrava do trovão sempre crescente atrás dela.

“Ele é seu pai?” perguntou Liv, incapaz de manter sua curiosidade em silêncio, mesmo que estivessem a minutos da morte.

Rudolf balançou a cabeça. “Não. Quero dizer, sim. Ele é como se fosse o pai de todos nós”.

Liv coçou seu rosto, confusa. “O quê?”

“Ele é o pai do tempo”, explicou Rudolf, pulando na soleira da janela na frente e tentando baixar a haste da cortina.

“Então porque ele não reside em uma loja de relógios”? perguntou Liv, apontando seu dedo para a haste e a quebrando em dois usando magia. Uma das peças voou até sua mão aberta. A outra pousou com um golpe na cabeça de Rudolf, o fazendo tropeçar no parapeito. Ele esfregou o topo de sua cabeça onde havia sido atingido, pegando a vara do chão.

“Aii. Devíamos estar trabalhando juntos, não nos machucando um ao outro”, informou Rudolf, ainda massageando sua cabeça. “E seria meio óbvio se ele dirigisse uma loja de relógios, você não acha? Especialmente porque ele está escondido”.

Liv balançou a arma improvisada, notando o quão diferente e medíocre

ela se sentia ao contrário de quando segurava a Bellator. Ela deveria ter trazido a espada com ela, mas não esperava lutar contra o pai do tempo, e ela achou melhor a deixar até que fosse formalmente treinada.

“Porque o pai do tempo está escondido?” Liv ousou perguntar enquanto o trovão ficava ainda mais alto.

“Ninguém sabe”, declarou Rudolf, se virando de costas para Liv e segurando o bastão como um taco de beisebol.

“E você roubou a jóia dele, não é verdade?”

“Recuperei minha propriedade”, contra-argumentou Rudolf.

O trovão cessou, fazendo com que Liv se sentisse como se tivesse ficado surda de repente. Ela olhou por cima de seu ombro. “Existe a possibilidade de que Papa Creola se tenha esquecido de nós ou decidido nos deixar ir”?

Rudolf deu um passo atrás. “Nem pensar. Foi um prazer a conhecer, Liv Beaufont, Guerreira da Casa dos Sete”.

Liv ficou tensa. “Espero que tenha valido a pena, imbecil”.

Rudolf tossiu. “Outro apelido que eu não aprovo”.

A porta nas suas costas rangia. Liv se colocou de cócoras, tentando perceber a figura escura à distância. Um barulho apressado atrás do balcão roubou sua atenção.

Quando ela olhou para cima, não estava preparada para o que aparecia na porta.

O pai do tempo era simplesmente adorável.

## Capítulo 12

**A**o contrário de Subner, que tinha um rosto cheio de rugas e uma expressão amarga, Papa Creola tinha a pele lisa e as bochechas rosadas. Tinha uma longa barba branca e em sua cabeça um chapéu em forma de cone, e para surpresa de Liv, ele começou a assobiar enquanto se caminhava para a frente.

“É possível que tudo tenha sido um mal-entendido e ele tenha vindo para falar sobre isso?” Liv perguntou a Rudolf do canto de sua boca.

“Não, é pior que ele esteja agindo tão indiferentemente”, respondeu Rudolf, pressionando firmemente Liv, quase a fazendo tombar.

Com suas mãos atrás das costas, Papa Creola balançou, seus olhos sobre o estojo do qual Rudolf havia retirado a jóia roxa.

“Imaginei que você estaria de volta, Rudolphus”, disse o homenzinho, sua voz tão alegre como se tivesse pensando em piadas.

“É meu”, argumentou Rudolf, agarrando a vara com mais força.

Papa Creola parou, seus olhos azuis brilhantes se conectavam com o par. Ele riu e balançou para frente e para trás em seus dedos dos pés e calcanhares. “Claro que é, Rudolphus, mas você deve saber tão bem quanto qualquer um como funciona um ladrão. Era seu e depois eu o roubei, o que o faz meu agora”. Ele estendeu uma mãozinha e mexeu os dedos. “Devolva, e eu o deixarei ir”.

“Não!” gritou Rudolf. “E você nunca nos deixaria sair daqui ilesos. Não depois do que fizemos”.

Os olhos do gnomo cintilaram para Liv e ela de repente sentiu um arrepio. Sentiu que mil anos tinham passado em uma tumba. Seu corpo estava frio no chão. Os ventos varreram o deserto, agitando a areia e criando uma nova paisagem. Milénios depois, o planeta era diferente, e ainda assim o tempo permaneceu o mesmo. Um tiquetaque constante.

Ela tinha o impulso de bater a mão no peito e garantir que seu coração ainda estivesse batendo. Se olhou no espelho para verificar que não tinha envelhecido rapidamente. Queria se deitar e descansar em uma cama onde ela

poderia um dia morrer.

Sacudindo os pensamentos estranhos que não pareciam seus, ela se endireitou, não quebrando o contato visual com o gnomo.

“Olivia Beaufont. Eu deveria saber que seria você quem me despertaria do meu sono”, disse Papa Creola, parecendo divertido.

“Ummm, nós já nos conhecemos? E, a propósito, meu nome é Liv”.

Ele acenou com a cabeça. “Sim, minhas desculpas. Somente durante os primeiros dezessete anos você foi tratada pelo seu nome próprio. E este você vai manter por...bem, não devo oferecer spoilers. Isso me colocou em apuros uma ou duas vezes”.

Seus olhos deslizaram de volta para Rudolf. “Esperto, trazendo um guerreiro da Casa dos Sete para cá. Você não é tão estúpido quanto parece, Rudolphus”.

“Obrigado”, disse Rudolf orgulhosamente, um meio sorriso se formando em seu rosto.

“Parece que tudo isso foi um mal-entendido”, disse Liv, tentando ver onde Platão estava. “Você se importaria de abrir a porta, e então eu seguirei meu caminho? Você pode matar este ‘fado’ se quiser”.

“Ei!” Rudolf protestou.

Papa Creola riu. “Eu planejo me livrar do Rudolphus. Ele está neste planeta há muito tempo. Mas eu não posso permitir que você vá, Guerreira Beaufont, com medo de que você fale de mim aos outros. É tão cansativo me deslocar”. Ele olhou carinhosamente para a loja coberta de poeira e teias de aranha. “Eu estava começando a gostar deste lugar, e vou sentir falta dele”.

“Não se preocupe, eu não falo com ninguém”, disse Liv imediatamente. “Eu não direi a ninguém que o vi ou que você está aqui. Você pode ir aos seus negócios ou o que quer que você faça”.

A expressão jovial caiu de seu rosto. “Eu não faço nada. Essa é a questão”.

“Certo, parece adorável”, disse Liv agradavelmente. “Bem, esse segredo está seguro comigo. Basta abrir esta porta aqui, e eu seguirei meu caminho”.

“Sim, eu não planejo matar você. Eu posso roubar, enganar e aldrabar, mas mantenho minha palavra. Nenhum Guerreiro morrerá pela minha mão”, declarou Papa Creola. “Limparei sua memória de tudo, e você poderá seguir seu caminho”. Ele riu, coçando a barriga. “Bem, você não saberá seu caminho, porque estará para sempre perdida. Mas você estará viva, como eu

prometi”.

“Isso não soa como um bom negócio”, disse Liv com uma voz abafada sobre seu ombro para Rudolf.

“Não, eu acho que a morte é provavelmente melhor”, ele concordou.

“Lhe devolva a jóia que você pegou”, encorajou Liv.

Ele balançou a cabeça. “Nem pensar. Há algumas coisas pelas quais vale a pena lutar. A sua pode a família, mas esta é a minha”.

“Tirei essa pedra de você por uma razão”, Papa Creola cortou. “Ela deveria me pertencer”. Ele varreu bem os braços nas caixas ao redor da sala. “Estes objetos são melhor mantidos longe de fadas gananciosas e elfos desiludidos e tudo mais. A Casa dos Sete concordou comigo, e foi por isso que eles me ajudaram a os reunir”.

“O quê?” perguntou Liv, não esperando isto. “Os guerreiros roubaram isto para você?”

Ele apontou para o bolso do Rudolf. “Sua própria mãe tirou essa jóia de Rudolphus, e foi por isso que você pôde abrir a mala”.

“O quê?” Liv repetiu, tendo dificuldade em acompanhar todas essas estranhas informações.

“Oh, mas meu querido menino Rudolphus sabia disso, não é verdade? “O pai do tempo perguntou ao ‘fado’ com uma expressão engraçada em seu rosto.

“Eu-eu-eu nunca cheguei a ver bem o criminoso”, Rudolf gaguejou.

“Sim, apenas a parte de trás de sua cabeça enquanto ela fugia, seu longo cabelo loiro voando atrás dela”. Ele cruzou os braços, sorrindo. “Oh, eu amo tanto as lembranças longínquas. Me mostre mais delas, rapaz”.

“Porque minha mãe roubaria esta jóia para você?” perguntou Liv a Papa Creola.

“Porque”, começou ele, balançando para frente e para trás novamente, “estes objetos não são seguros lá fora. Estas coisas - elas não concordam com a passagem do tempo”.

“O que lhe importa o passar do tempo?” Rudolf voltou a disparar, seu rosto beliscado de raiva. Toda a sua leveza normal se foi, substituída por uma expressão amarga. “Você nos abandonou, se escondendo aqui”.

Papa Creola balançou a cabeça e estalou a língua. “Você é egoísta. Você não entende e eu não espero que você entenda. Vários milênios de cuidado com as coisas não mudaram nada. Os ventos flutuam, às vezes soprando forte

ou diminuindo para uma brisa minúscula. Os oceanos mudam com as marés. Mesmo as estações do ano são variadas. Todos os outros pais e mães deste planeta têm empregos, mas o tempo?”. Ele bocejou alto, batendo com a mão na boca. “É sempre a mesma coisa. Cada segundo é o mesmo comprimento. Cada minuto é igual ao seguinte. O que vocês jovens não conseguem ver é que não há nada para eu conseguir”. Ele riu como se de repente pensasse em algo. “Bem, eu tinha que os manter todos afastados de problemas, afastando todos os artefatos com os quais se podia desfazer o tempo, criando problemas para o continuum”. Com carinho, ele olhou em volta. “Agora que isto foi feito, eu realmente não sou necessário, o que faz com que a aposentadoria seja bem merecida”.

“Mas você é o pai do tempo”, argumentou Liv. “Você não pode simplesmente se aposentar e desaparecer”.

Ele acenou com a cabeça. “Falou como um verdadeiro Guerreiro. Sim, isso foi o que sua mãe me disse. Lamento não ter apagado sua memória, porque ela me perseguiu por muitos anos. Finalmente encontrei este lugar, escondido em segurança até mesmo do melhor detetive, que por acaso ela era. Não cometerei o mesmo erro com você, Guerreira Beaufont, e é por isso que assumi a responsabilidade de contar esta história, que poucos ouviram”. Ele sorriu, esfregando as mãos em seus braços como se de repente estivesse com frio. “Foi bom contar a história para alguém. Me faz lembrar porque o fiz, em primeiro lugar. Mas o tempo está se aproximando para eu limpar sua memória e banir Rudolphus para o submundo, onde ele queimará por... Bem, honestamente, não faço idéia para onde todos vocês vão quando morrem. Essa ainda me ilude”.

Papa Creola levantou a mão, apontando para Liv. “Me dói fazer isto, embora eu saiba que é para o melhor».

“Rudolf”, disse Liv em um sussurro. “Faça alguma coisa”.

“Acho que estou prestes a me molhar”, respondeu ele. “Será que isso vai funcionar?”

Três coisas aconteceram simultaneamente. A mão de Liv instintivamente se levantou no ar. A cabeça preta e branca de Platão saiu de debaixo do balcão com uma chave enferrujada apertada em seus dentes. Uma nuvem de fumaça branca derivou da ponta dos dedos do Papa Creola.

Um escudo disparado entre o pai e o pai do tempo. Seu encanto de memória ricocheteou, se estilhaçando como vidro no ar. Rudolf saltou para

frente, pegando a chave de Platão e indo experimentar nas muitas fechaduras da porta.

“Oh, tão inteligente quanto Guinevere Beaufont, e eu ousou dizer um pouco mais rápida”, disse Papa Creola. “Mas todos sabemos que o escudo de um guerreiro não se agarrará à arma secreta de um gnomo”.

*Na verdade, alguns de nós não sabíamos disso*, pensou Liv. Seus olhos cortados para Rudolf, que só tinha uma das fechaduras aberta.

Quando ela voltou para trás, Papa Creola estava enrolando seu braço como se estivesse prestes a lançar uma bola a um batedor. Em sua mão, uma faísca se materializou, se tornando mais quente e mais rápido até formar uma bola de fogo.

“Você está falando sério?” Liv murmurou. “Bolas de fogo de mer.... Isto não é justo”.

Como um batedor da major league, o pai do tempo soltou a bola de fogo, que se dirigia diretamente para Rudolf. Liv não podia acreditar em si mesma quando se atrevia atirar diante dele, batendo a bola de fogo em direção à parede traseira com a vara de madeira. Ela caiu, derrubando um conjunto de frascos.

O gnomo lançou mais três ataques incessantes, um logo após o outro. A vara quebrou ao meio no terceiro ataque e Liv largou a vara e correu para um dos estojos próximos.

Lendo o que ela estava prestes a fazer, Papa Creola balançou a cabeça, a testa se enrugando. “Não faça isso, Guerreira Beaufont”.

Ela colocou sua mão sobre a caixa e, como antes, ela se abriu. Demorando um momento para olhar, dificilmente ela alcançou e agarrou o primeiro objeto que conseguiu encontrar. Era um espelho. Ela o ergueu, dando ao pai do tempo um olhar desafiador. “Nos deixe ir, ou eu o vou quebrar”.

Ele riu, mas não houve alegria no barulho. “Como se eu me importasse”.

“Você se importa, ou já teria destruído esses objetos”, declarou Liv, esperando que sua observação estivesse correta.

A apreensão cruzou o rosto do Papa Creola. Ela estava certa.

Ele soltou outra bola de fogo, a atirando à velocidade da luz. Ela quase não teve tempo para reagir, balançando o espelho de mão como um taco improvisado. O fogo se dissolveu quase de uma só vez após fazer contato. Espantada com a reação, Liv ergueu o espelho para olhar para ele com

admiração, mas viu uma imagem que quase a fez cair. O espelho soluçou em suas mãos, mas, felizmente, ela o segurou.

A olhando do espelho era seu próprio rosto, mas não mais liso e jovem. Uma mulher velha olhava para ela, seus olhos pingando de rugas, sabedoria antiga em seus olhos azuis.

“Droga, Guerreira Beaufont, agora você conseguiu”, rosnou Papa Creola. “Prometi que ninguém mais veria o futuro ou brincaria com o tempo. Eu deveria saber que você seria tão problemática quanto sua mãe. Acabou o Sr. Pai do Tempo Simpático”.

Rudolf balançou, horror nos olhos. “Se baixe!” gritou ele enquanto uma chuva de bolas de fogo ia caindo.

Liv mergulhou sob o balcão mais próximo quando as bolas de fogo caíram, afundando sua capa enquanto ela a puxava. O calor escaldante das chamas fez seu rosto se sentir como se estivesse queimando. Foi demais. As bolas de fogo estavam chegando muito perto. Ela estava prestes a admitir a derrota quando uma rajada de vento gelado se precipitou sobre seu rosto.

Uma mão que desceu do outro lado do balcão, uma força bruta à qual ela não pôde resistir. Liv foi puxada para fora e erguida. Ela mal teve chance de ver a cena ao seu redor antes que Rudolf a puxasse pela porta destrancada para a Roya Lane.

Sobre seu ombro ela espiava o pai do tempo, congelado em um pedaço de gelo, sua mão estendida como uma pequena bola de fogo acesa.

## Capítulo 13

**L**iv continuou correndo até se encontrar no caminho pavimentado, mas rapidamente percebeu que Rudolf não estava ao seu lado. Ela se virou para o encontrar dobrado, com as mãos sobre os joelhos enquanto ofegava para respirar.

Ela voltou para trás, olhando freneticamente para a porta da loja aberta por onde tinham acabado de sair. “Ei, vamos sair daqui. Ele vai descongelar a qualquer momento”.

Rudolf balançou a cabeça enquanto se levantava. “Não, ele não se atreverá a sair para a rua. Se for visto, a sua preciosa aposentadoria terá terminado”.

Liv tremia só de pensar em quase morrer queimada e puxou Rudolf para a frente. “Não importa. Eu não quero arriscar”.

Ele lhe deu um sorriso lateral enquanto percorriam o caminho lotado, suas roupas ainda fumavam.

“Porque você está sorrindo para mim, seu safado?”, perguntou ela, procurando na próxima área paranoicamente.

“Você não está tão zangada comigo como eu pensava que estaria. Você está me puxando junto com você”, disse Rudolf.

“Ainda estou lívida, e estou planejando levar você a um armazém abandonado para o poder matar lentamente. Em algum lugar onde ninguém pode ouvir você gritar e onde o seu corpo não será encontrado por muito tempo”.

Ele riu. “Não, você não está”.

Liv suspirou. “Não, não estou. Você salvou minha vida lá atrás. Eu não tenho muitas regras, mas uma que eu gosto de seguir é que você não pune alguém que é a razão de ainda estar viva”.

Rudolf lhe deu um sorriso afetuoso. “Então eu provavelmente não deveria lhe dizer que Papa Creola não ia matar você. Ele estava tentando me matar, e simplesmente te desarmar por tempo suficiente para que ele pudesse apagar sua memória”.

“Não, você definitivamente não deveria ter me dito isso. Agora toda a boa vontade que senti em relação a você se foi”.

Ele encolheu os ombros enquanto eles andavam. “Mas eu a salvei, de certa forma”.

“Sim, a magia do gelo foi útil”, admitiu Liv. “Porque você simplesmente não fez isso no início? A magia do gelo é um dom das fadas, correto?”

“Sim”. Rudolf suspirou, de repente parecendo exausto. “Como você provavelmente poderia ter visto, não durava tempo suficiente. Assim que eu o congelei, ele começou a derreter. Além disso, esse feitiço me custou muita energia. Se eu o tivesse feito antes de ter tirado as fechaduras da porta, eu teria desmaiado antes que pudéssemos sair da loja”.

Liv acenou com a cabeça, compreendendo. Suas próprias reservas eram bastante baixas. “Onde posso conseguir gelado de iogurte ou doces que não me causem alucinações?”

Rudolf a olhou com uma expressão repulsiva. “Porque você perderia seu tempo com sorvete falso e doces baratos quando você pode comer bolo duplo holandês de ganache de doze camadas coberto com sorvete de feijão baunilhado?”

“Desculpe por não ter uma resposta para isso”, disse Liv, sentindo seus pés começarem a se arrastar mais a cada passo que davam. “Basta me levar a esse lugar e garantir que não haja veneno no bolo, ou qualquer coisa estranha que as criaturas mágicas ponham em suas refeições em Roya Lane”.

Rudolf apontou para um restaurante à frente. Tinha dois pilares na fachada que pareciam ter sido esculpidos em marshmallows. “Este é meu lugar favorito”, disse ele, liderando o caminho.

Liv leu a placa acima da porta e instantaneamente encaixou: O Mamilo Doce.

“É melhor que este lugar não seja ilegal e não tenha dançarinas de vara”, advertiu ela.

“Não se preocupe. Não tem. Hoje é quarta-feira”, declarou Rudolf, abrindo a grande porta para ela.

\* \* \*

Nenhum dos dois falou até terminar a metade da sobremesa. O sorvete havia derretido parcialmente, criando um fosso de baunilha ao redor da torre de bolo que se desfazia. Liv lambeu o xarope de chocolate da ponta dos dedos e observou Rudolf com um olhar enojado. “Você me enganou”.

Ele lhe deu uma expressão de pesar enquanto lambia chantilly de sua colher. “Isso é muito lamentável, mas era inevitável”.

“Eu me pergunto se algum ‘fado’ em algum lugar já tentou apenas dizer a verdade e ser direto”, disse Liv.

Rudolf piscou os olhos como se estivesse contemplando esta questão. “Acho que não, mas em minha defesa, você não teria me acompanhado se eu tivesse lhe dado todos os detalhes”.

“Que você ia me trancar na loja do pai do tempo, onde ele limparia minha memória e me faria assistir ao seu assassinato?”

“Bem, eu nunca vi minha morte como parte da equação. Honestamente, poderíamos ter saído da loja se você tivesse se movido um pouco mais rápido”.

Liv olhou para ele com desprezo. “Como você se atreve!”

“Eu ousei”. Rudolf enfiou a colher em seu bolo, a deixando grudada para cima. “E pensou rápido em usar o escudo para nos proteger. Eu diria que tudo funcionou perfeitamente”.

Liv bateu com seus dedos na mesa, olhando impaciente.

“Certo, tudo bem”, admitiu ele. “Então sua capa ficou um pouco carbonizada. Acho que lhe fiz um favor. Essa coisa é atroz. Você deveria terminar de a queimar e ir comprar algo curto e transparente”. Ele assobiou. “Sim, uma Guerreira vestida para impressionar sempre conseguiria fazer o trabalho”.

“Seu canalha, quando você vai abordar o verdadeiro problema aqui?”

Ele a olhou. “Sua falta de sentido de moda não é o problema? Estou confuso”.

“O que a jóia faz?” perguntou Liv.

“Jóia?” perguntou ele, dando a ela seu melhor olhar confuso. “Que jóia?”

Liv suspirou dramaticamente, se forçando a dar outra dentada, embora não tivesse certeza de que conseguiria comer muito mais. O bolo era sensivelmente do tamanho de sua cabeça quando ela começou. Agora era mais parecido com o tamanho da cabeça de Platão. O lince tinha desaparecido após a obtenção da chave, como de costume.

“A jóia pela qual você arriscou minha memória e sua vida”, disse Liv.

“Oh, isso”. Rudolf acenou seu guardanapo para ela antes de limpar a boca. “Não é nada. Apenas uma pequena bugiganga que eu perdi».

“Que minha mãe roubou”, corrigiu Liv. “Você simplesmente tem me

mantido por aqui para esta missão?”

Rudolf abaixou o queixo e pressionou os seus lábios. «Você vai se lembrar que foi você quem pediu minha ajuda. Duas vezes, para ser mais preciso. Me pediu para trazer à tona a memória associada com o anel”.

“Que, a propósito, não confio em sua posse, já que parece que você se deixa roubar”, disse Liv.

“Por sua mãe”, ele contra-atacou. “Ela é a única que já me roubou alguma coisa com sucesso. Uma mágica muito esperta, e tão quente em...”.

“Termine essa frase e eu vou enfiar seu rosto em seu bolo”, ameaçou Liv, cortando a palavra.

Rudolf acenou com a cabeça, acreditando na ameaça de imediato.

“O anel”, começou Liv. “Poderia a memória estar conectada com quando ela roubou a jóia de você?”

Ele balançou a cabeça. “Não. Eu me lembro disso e ela não estava usando. A memória é anterior à de sua mãe. É...bem, não me lembro, que foi a razão de termos feito um acordo”.

Liv lembrou de concordar em conseguir o que Rudolf queria que estivesse no fundo da fonte na Casa dos Sete. Ela não estava ansiosa para lutar contra o que vivia na fonte para cumprir sua parte do acordo, mas ela sabia que destravar aquelas memórias escondidas era a chave para saber a verdade. Tinha que ser.

“Porque você me fez ir com você à loja do Papa Creola?”

Rudolf tomou um longo golo de água. “Não é óbvio? Eu não poderia ter pisado ali, mas você, como guerreira da Casa dos Sete, não pode ser afastada pelo pai do tempo. A Casa dos Sete aparentemente fez um acordo com Papa Creola em algum momento. Eu sabia disso, mas não da extensão, que ele nos revelou”. Como se um novo pensamento tivesse ocorrido a ele, os olhos de Rudolf se viraram para o lado, perdidos. “Você vai dizer ao Conselho que descobriu a localização dele?”

Liv considerou isso e balançou a cabeça. “Não neste momento. Não vejo o motivo ou o benefício, e então tenho que explicar uma série de coisas, a saber, que estou me associando a um ‘fado’ rude”.

Ele ridicularizou. “Eu não sou rude. Quase nunca lhe chamo nomes”.

“Quase nunca?” Liv questionou. “Eu não sabia que você tinha feito isso”.

“Somente nas suas costas”, admitiu Rudolf.

“Porque os estojos se abriram quando eu os toquei?” perguntou Liv.

“Oh, essa é fácil”, explicou Rudolf. “Mais uma vez, isso faz parte do acordo que a Casa estabeleceu com Papa Creola. Eu não tinha certeza se estava certo sobre isso, mas era uma oportunidade que eu tinha que aproveitar”.

“Então você poderia conseguir esta jóia. Que faz o quê, exatamente?”

Rudolf dobrou as mãos em seu colo, fazendo uma expressão calma. “Essa informação lhe custará. Você quer ficar em dívida comigo por algo mais?”

“Não, mas quero que você pague sua parte do acordo”. Liv estendeu sua mão como se estivesse esperando que ele lhe desse dinheiro. “Diga como eu consigo a cooperação da Rainha Visa?”

“Vista algo vulgar”, respondeu Rudolf, sem perder um bocadinho de bolo.

Liv rolou seus olhos. “Não, não se trata de como lhe dar o que você quer. É sobre a Rainha Visa”.

Ele estendeu seu pescoço, esticando. “Sim, eu sei. E, como eu disse, use algo vulgar”.

“Eu acho que não”, respondeu Liv.

“Bem, se você quiser causar uma boa impressão na rainha e em sua corte, é melhor se vestir de vadia. Na verdade, quanto mais vadia, melhor”, disse Rudolf.

Liv se empurrou para longe da mesa. “Eu arrisquei minha vida e memória para o ajudar e, em troca, você me diz para me vestir de forma provocadora... Mencionei ultimamente que estou ansiosa pelo seu funeral?”

Ele acenou com a cabeça como se entendesse. “Sim, eu entendi. Mas a verdade é que a Rainha Visa vê os Guerreiros e Conselheiros da Casa dos Sete como um bando de bons samaritanos. Ela odeia a conformidade deles. Se você quer causar uma boa impressão, você tem que se diferenciar do resto, incluindo aqueles com os quais ela já teve relações no passado. Seja ousada. Entre em seus aposentos vestindo algo fabuloso e fumando um cachimbo. Tome as drogas que ela lhe oferece e a faça rir. Uma vez que a desarme, lhe ofereça sua alma imortal”.

Liv saltou. “Espera, o quê?”

Rudolf ergueu as mãos. “Bem, mesmo que você a amoleça com o decote, não acha que ela vai lhe dar o acordo por nada?”

“Bem, porque não lhe ofereço uma pedra preciosa roxa cobiçada pelo pai do tempo?” perguntou Liv.

Rudolf balançou a cabeça, seus olhos frenéticos. “Não, ela não vai querer isso. E ninguém deve saber que eu tenho isto. Não é uma grande coisa. Inútil, realmente. Na verdade, é super entediante”.

“Sim, você parece muito entediado neste momento”. Liv observou como suas pupilas haviam se dilatado e a respiração se intensificado.

“Você deve ter algo que a rainha quer. Sua alma, sua mortalidade, talvez até mesmo seu lince”.

Liv se atirou de volta, olhando de relance para ele. “Você está louco? Não lhe vou dar Platão”.

“Mas sua alma está em cima da mesa, não é?”

Liv sacudiu a cabeça. “Não. Não lhe vou dar nenhuma dessas coisas”.

“Bem, faça como quiser, mas sem moeda de troca e sem mostrar um pouco de coxa, você vai ser abatida. A escolha é sua”, disse Rudolf, olhando seu sorvete derretido com repugnância.

“E se eu lhe oferecer algo que só eu tenho?” Liv disse, formulando um plano enquanto falava.

A testa de Rudolf ficou sulcada. “Ela não está interessada em posses. A Rainha Visa é proprietária de toda a Las Vegas Strip. Ela pode ter tudo o que desejar”.

As passagens que Liv leu sobre a antiga língua dos fundadores se repetiram em sua cabeça, lhe lembrando de uma vantagem que ela poderia ter. Ela também se confundia com algo que ela havia escutado ao crescer, algo que seu pai havia mencionado algumas vezes. Ela não tinha certeza de que funcionaria, mas tinha que tentar.

Batendo com a mão na mesa, ela fez Rudolf pular. Ele ainda parecia estar um pouco nervoso após a provação na loja. “Acho que sei o que posso oferecer a ela”.

“Bem, o que é?”, perguntou ele, sua curiosidade se despertou.

“Vou lhe dizer, mas primeiro tenho que ir ler um livro”.

Rudolf balançou a cabeça. “Não, você entendeu mal tudo o que eu tentei lhe dizer esta noite. Primeiro, você precisa de um grande decote e saltos agulha. A Rainha Visa não está interessada em nada que você possa encontrar em um livro”.

“Permita discordar”, disse Liv, com ar vitorioso. “O conhecimento é poder, e isso é inevitavelmente o que ela mais quer”.

## Capítulo 14

**U**ma das principais razões pelas quais Liv adorava mexer na eletrônica era o fato de que isso sempre lhe tirava a mente de seus problemas. Desde o início, a dor da perda de seus pais e sua frustração haviam atenuado quando ela focalizou sua atenção em consertar algo.

Quando ela virou o despertador em suas mãos, apreciou que o medo de uma possível morte iminente não a olhava de frente. A Rainha Visa e o que ela poderia ou não fazer com ela era uma idéia distante que era quase chata de se considerar, como uma repetição de um antigo programa de televisão.

“Oh, aí está você”, disse John, sorrindo para ela enquanto entrava na loja carregando uma caixa cheia de dispositivos quebrados. “Eu não tinha certeza se a veria hoje”.

Liv suspirou. “Lamento que minha agenda tenha sido cancelada ultimamente. Pretendo ficar até tarde esta noite para recuperar”.

Ele mordeu os lábios enquanto deslizava a caixa para a bancada de trabalho. “Você não fará tal coisa. Não há razão para você fazer isso, e descansar ou fazer o que quer que seja que você precise fazer é tão importante quanto isso”.

“Mas, John, eu não quero que você pense...”

“A loja está limpa. Fim da discussão”, disse ele, interrompendo.

“Não, não está”, argumentou ela, olhando ao redor e vendo uma loja quase imaculada. O brownie que a estava limpando estava fazendo um trabalho impecável.

“Não, você está certa. Não está. Mas não é absolutamente necessário que você fique até tarde”, declarou John. “A qualidade de seu trabalho é mais do que satisfatória, o que significa que chega que você trabalhe menos horas. Não posso esperar uma ajuda mais eficiente para ficar o mesmo número de horas que alguém que é inapto e leva uma eternidade para consertar um aspirador”.

“Bem, você poderia”, contra-argumentou Liv. “Essa é a beleza de possuir

seu próprio negócio. Você pode fazer o que quiser”.

John respirou o ar ao redor de Liv, fazendo uma expressão curiosa. “Você cheira como uma fogueira, ou sou só eu?»

Liv acenou com a cabeça. “Não. Eu cheiro como se tivesse sido assada por cima de uma fogueira de acampamento. Desculpe. Está preso em minhas roupas, mas pretendo receber novos trapos em breve. Só tenho que pedir à minha irmã mais nova para me encomendar alguns”.

“Sophia, você disse que o nome dela era esse, certo?” perguntou John.

Liv acenou com a cabeça afetuosamente. “Ela é brilhante. Você a amaria”.

“Bem, espero conhecer a menina em breve, então. Talvez eu possa levar todos a comer um sorvete”.

Liv riu. “Isso é adorável. Ela provavelmente gostaria disso, mas eu tenho que conseguir autorização para a tirar da Casa dos Sete e nem sei como fazer isso”.

Ele acenou, dizendo através do balcão. “Sem pressa. Parece que você está cheia de trabalho, quase sendo assada viva. Tudo ficou bem depois disso, suponho”.

Liv aliviou sua preocupação com um aceno de cabeça. “Totalmente bem. Estive tratando apenas de um gnomo conhecido como o pai do tempo. Ele está na aposentadoria e acha que controla todas as coisas que alteram o tempo, mas acho que deve haver algumas coisas que estão lhe escapando. O pobre rapaz parecia precisar de uma pausa. Talvez ele se sinta marginalizado em um mundo onde o passar do tempo nunca muda. Não devo contar a ninguém sobre isso, mas você é meio diferente, já que é mortal e tudo mais. De qualquer forma, foi o que fiz ontem à noite. E você?”.

John pensou por um momento. “Estive consertando o meu banheiro. Queria testar minhas habilidades no meu próprio chuveiro antes de experimentar no seu e no de todos os outros no prédio.”

Liv sorriu. John Carraway era o que estava certo no mundo. Ele era simples e puro e incondicionalmente sonhador.

A porta se abriu quando um cliente entrou, mas imediatamente Liv percebeu que não era, de fato, um cliente. Seus clientes não usavam ternos de três peças e expressões sisudas, nem tinham o cabelo bem penteado para trás ou carregavam pastas.

O cara que havia entrado na loja não parecia à vontade enquanto passeava

pelos corredores da frente, se dirigindo para a secção de trabalho de trás. Como Clark havia feito quando entrou na loja pela primeira vez, ele olhou os dispositivos com repugnância. Não, este não era um homem que entrou em uma loja de eletrônicos para ter seu dispositivo desgastado consertado. Ele simplesmente o jogaria fora e compraria um novo. Liv tinha a certeza disso.

Sem pedir permissão, o homem empurrou muitas das peças e fios do posto de trabalho para o lado, abrindo espaço para sua pasta.

John não se irritou com isso, embora Liv quase se tenha irritado com o desconhecido. No entanto, ela caiu na real quando John lhe deu um olhar que dizia: “Seja gentil”. Ser gentil não era algo em que ela fosse boa, mas por John, ela tentaria.

“Você é o Sr. Carraway?” perguntou o homem, a John.

“Não, sou eu”, disse Liv, incapaz de se controlar.

John sorriu para ela, oferecendo ao estranho sua mão gordurosa. “Sim, eu sou John Carraway. Me chame John, por favor”.

“Obrigado, John”, o homem começou apertando a mão, mas não parecendo muito satisfeito com isso. “Meu nome é Wayne Grimson. Trabalho para a firma de advocacia Usher e Usher. Você já deve ter ouvido falar de nós”.

“Eu não”, admitiu John imediatamente.

Platão apareceu ao lado de Liv, pulando sobre a mesa de trabalho e olhando o homem.

O Sr. Grimson fez uma pausa, aparentemente enervado com o aparecimento repentino do felino.

Chamando sua atenção de volta para John, ele carregou nos botões da sua pasta, a abrindo. “Estou aqui porque represento um cliente que tem interesse em adquirir sua loja para um novo ponto de venda”.

“Não está à venda”, disse Liv imediatamente.

John lhe deu um olhar, mas acenou com a cabeça. “Ela está certa. Embora eu aprecie o interesse, a loja não está à venda”.

O homem forçou um sorriso convencido. “Eu falei mal, Sr. Carraway. Meu cliente é um empreendedor muito influente e na verdade já adquiriu todas as lojas deste quarteirão. A sua é a última, e na verdade é apenas uma questão de papelada”.

“Espere, você não pode fazer isso. Esta loja pertence a John”, argumentou Liv, se levantando e empurrando seu banco para trás. As ferramentas com as

quais ela vinha trabalhando começaram a vibrar na bancada de trabalho, resultado de sua raiva. Ela respirou fundo e elas se acalmaram.

O advogado olhou para as ferramentas, uma expressão curiosa em seu rosto.

“É um tremor”, disse John imediatamente, dando cobertura a Liv. “E ela está certa. Eu sou o proprietário legal desta loja. Há quase trinta anos”.

O Sr. Grimson deu outro sorriso desonesto. “A questão é que a câmara de West Hollywood quer comércio promissor que alimente a comunidade, ajudando a evoluir”. Ele olhou ao redor da loja com um olhar reprovador. “Temo que a comissão de planejamento não veja este lugar como fazendo isso”.

“Você está louco?” Liv disparou. “A loja de John é uma das principais desta comunidade. Economizamos milhares de dólares aos cidadãos ao consertar seus aparelhos. Ninguém ajuda mais do que ele”.

Liv teria continuado, mas se acalmou quando John levantou uma mão.

“Eu não entendo. A comissão de planejamento da cidade pode me forçar a sair?” perguntou John.

“Receio que sim”, disse Wayne Grimson, com ar reprovador. “Tem havido uma série de petições e, neste ponto, a comissão votou para que você venda para dar lugar a outros empreendimentos que eles vêem como mais adequados ao seu modelo”.

“Isto é uma total besteira”, disse Liv, pegando o olhar revoltado nos olhos de Platão.

O Sr. Grimson nem sequer olhou para ela, quase como se ela fosse invisível.

“Tem que haver algo que eu possa fazer”, argumentou John, sua voz rachando, e junto com ela, o coração de Liv. “Não posso apelar para a comissão? Ou falar com seu cliente? Talvez possamos chegar um compromisso”.

O Sr. Grimson entregou a John um envelope grande com um franzir de sobrolho. “Receio que não. Você tem trinta dias para desocupar a loja, e após esse período você receberá uma quantia adequada para o imóvel”.

“Adequada?” argumentou Liv. “Como você decide o que é adequado?”

Mais uma vez, ele a ignorou, mantendo seus olhos em John. “Por favor, revise esse arquivo e ligue para minha firma com quaisquer perguntas. Acho que você vai achar nossa oferta mais do que justa. Se você não o fizer, então

teremos que tomar medidas mais severas”.

Na conclusão de suas palavras, o advogado se virou e saiu da loja, arrogante em cada um de seus movimentos.

## Capítulo 15

Abiblioteca não estava cooperando naquele dia. Liv se lembrou de ter frequentado bibliotecas dos mortais nos últimos anos. Era tão fácil. Uma pessoa entrava, fazia uma busca por um livro, depois o encontrava. Essa simplicidade não existia na biblioteca da Casa das Sete.

O livro que Liv precisava localizar aparentemente não queria ser encontrado. Não havia um computador com capacidade de busca ou uma bibliotecária que a pudesse ajudar a encontrar o livro que ela procurava. Honestamente, ela nem sabia o título do livro, apenas que ele deve existir em algum lugar no labirinto da biblioteca da Casa. E, na verdade, os títulos não eram tão importantes na busca. Se tratava de exprimir a intenção certa. Foi assim que o pai de Liv sempre descreveu o tentar encontrar um livro na biblioteca.

“Quando você tem os pensamentos certos e se mantém sintonizada com eles, a biblioteca a conduzirá na direção certa se assim o desejar”, seu pai lhe havia dito muitas vezes.

Liv realmente esperava que isso fosse desejado. Caso contrário, seu plano inteligente para lidar com a Rainha Visa estava indo para o inferno, tudo porque uma biblioteca não queria que ela tivesse aquele livro em particular.

“Então ele vai simplesmente desistir?” perguntou Sophia. Ela estava seguindo atrás de Liv, arrancando livros e os adicionando à sua pilha.

Liv suspirou, fechando os olhos e pensando atentamente no livro de que precisava. Quando ela abriu os olhos, sua mão pousou sobre um volume. *Todos em Los Angeles são uns imbecis.*

Liv murmurou. Sim, eles são, ela pensou, se lembrando daquele advogado presunçoso que ela queria colocar em um calabouço. Mas esse definitivamente não era o livro que ela procurava. Ela continuou procurando, olhando de volta para Sophia.

“Não, ele diz que não vale a pena lutar”, explicou Liv. “Ele acha que é um sinal de que precisa seguir em frente”.

“Mas como ele pode simplesmente deixar a loja ir?” perguntou Sophia.

Liv não tinha uma boa resposta para isso. Ela sabia que a oficina de reparos significava tudo para John, mas uma conversa curta com um advogado rígido e ele estava se rendendo.

“Acho que ele está assustado”, relatou Liv. “Me ofereci para usar magia para ajudar a salvar a loja, e ele foi inflexível ao dizer que eu não conseguia. Ele disse que há algumas coisas pelas quais não vale a pena lutar e não queria que eu me arriscasse para o ajudar”.

“Mas é isso que os amigos fazem uns pelos outros”, protestou Sophia.

Liv enfrentou sua irmã, um sorriso orgulhoso em seu rosto. “É exatamente isso que os amigos fazem uns pelos outros. Mas John é altamente protetor e também odeia conflitos”.

“Então ele vai simplesmente se afastar da loja?”

“Bem, ele afirma que é o universo que lhe diz para se aposentar no México como ele sempre planejou”, disse Liv, com seu coração petrificado. Ela não conseguia imaginar John saindo. Ele havia falado sobre isso durante anos, mas ela nunca o havia levado a sério. E agora o dia estava chegando, forçando John da maneira mais inesperada.

“Você disse que ele estava ficando mais velho e que estava preocupado com sua saúde”, Sophia murmurou pensativamente.

Liv acenou com a cabeça. “Sim, e ele merece se aposentar. Mais do que ninguém, eu sei. Vou sentir dolorosamente a falta dele”.

“Onde você vai morar?” perguntou Sophia.

“Pois, ele planeja vender o prédio de apartamentos”. A melancolia em sua voz era palpável. Quando aquele advogado com o terno brilhante entrou na loja, ele havia mudado tudo para muita gente. Expulsar John da loja criou um efeito de dominó, um efeito que deslocaria Liv da casa que ela havia construído para si mesma. Derrotada, ela disse: “Acho que vou me mudar para cá”.

Sophia não reagiu como Liv esperava. Ao invés disso, ela balançou a cabeça. “Você não vai gostar, e ambas sabemos disso. A maioria dos mágicos é nervosa e rabugenta, e as horas das refeições são festivais super entediantes. Também é difícil ter privacidade. Estou constantemente encontrando feitiços de espionagem, que eu desabilito, mas que nunca dura muito”.

“Então você não quer que eu me mude para cá?” perguntou Liv, surpresa.

“Eu quero, mas mais do que isso, quero o que você quer, e isso é meio óbvio”. A pequena mágica deslizou seus livros sobre uma mesa quando

chegaram ao fim de um corredor. Ela havia encontrado livros mais do que suficientes sobre o assunto que ela estava pesquisando: moda fae, de fadas.

Liv a olhava, pensativa. “Você é praticamente a melhor pessoa que eu conheço. Um pouquinho acima de John, e isso é dizer muito”.

Sophia olhou para cima a partir do livro que ela havia aberto e sorriu. “Talvez eu o possa encontrar antes que ele vá para o México”.

Liv acenou solenemente com a cabeça. “Sim, talvez”.

“E você sempre poderia conseguir um apartamento em outro lugar, não é mesmo?” perguntou Sophia.

“Eu poderia, mas leva tempo para encontrar um lugar, assim como o crédito, que eu não tenho”, disse Liv com ar derrotado. “John nunca se preocupou com esse tipo de coisa. E é difícil provar rendimentos quando se trabalha em uma organização mágica secreta. Não, a opção mais fácil é apenas mudar para cá, pelo menos por enquanto”.

“Bem, pelo lado positivo, podemos fazer festas do pijama”, disse Sophia, perdida em pensamento enquanto folheava o livro, estudando as imagens.

“Então, você acha que pode conjurar algo do serviço de assinatura que sirva?” perguntou Liv. Ela estava trabalhando para aperfeiçoar esta parte de sua magia, mas ainda não tinha uma assinatura do serviço em que os mágicos pegavam suas roupas. Sem isso, ela teria que manifestar as roupas do nada, ou de matérias primas, o que era muito mais difícil.

Sophia olhou de relance, com os olhos cintilando. “Sim, estou vendo o que seu amigo quis dizer. As fadas gostam de decotes grandes e saias curtas”.

Liv disse desgostosa. “Rudolf não é realmente meu amigo. Vamos chamar de parceiro de negócios”.

“Para que você acha que ele quer a pedra preciosa?” perguntou Sophia, verificando por cima do ombro que elas estavam sozinhas. Ela então verificou, usando um feitiço de espionagem-revelação.

“Algum ganho egoísta, tenho certeza”, relatou Liv. “Parece que os fae, ou ‘fados’ se preocupam mais com eles mesmos”.

“Não é de se admirar que seu reino esteja em Las Vegas”, declarou Sophia, folheando novamente o livro. “Eles congelariam em qualquer outro lugar usando roupas como estas”.

Liv cerrou os olhos, coçando o nariz como se estivesse se preparando para receber um tiro doloroso. “Muito bem, me veste com algo brega”.

O casaco e as calças quentes que ela usava desapareceram, sendo

substituídos por um tecido de seda frio, mas não muito. Liv sentiu um arrepio nos braços ao abrir os olhos.

“Esta cor está queimando meus olhos. O que é isso?” perguntou Liv, olhando fixamente para o vestido em que Sophia a havia colocado. Realmente não se qualificava como um vestido. Mais como uma manga gasta em uma das camisas de Rory.

Era um vestido curto e apertado demais, mas essa não era a pior parte. O fino pedaço de tecido verde-néon tinha buracos por toda parte, expondo seus quadris, coxas, cintura e costas.

Sophia riu, verificando os livros que ela estava referenciando. “É chamada de ‘hera de néon’”.

Liv zombou. “Acho que deveria ser chamado de ‘verde vômito’, já que é isso que me faz querer fazer”.

“Posso tentar uma cor diferente, se você quiser”, sugeriu Sophia. “Que tal rosa?”

Liv baixou o queixo e olhou sua irmã com um olhar impaciente. “Pareço uma garota cor-de-rosa?”

Sophia riu, cobrindo sua boca. “Bem, eu acho que você parece muito nervosa e legal”.

“Pareço que vou congelar”, contra-argumentou Liv.

Sophia concordou com um aceno de cabeça. “Você está certa. Você precisa de algo”. Ela circulou a mão no ar, e ao redor do pescoço de Liv materializou um lenço de seda que proporcionava um calor quase nulo.

“Obrigado”, disse Liv, secamente.

“Oh, e antes que eu esqueça, tenho estudado maquiagem e cabelo. Me deixe dar um jeito nisso para você”.

“Onde você aprende estas coisas?” perguntou Liv, fechando os olhos como se Sophia fosse aplicar sombra de olhos à mão.

“YouTube”, respondeu a pequena mágica de forma simples. “Pronto, está feito”.

Liv abriu os olhos, não sentindo nada diferente. Entretanto, seu cabelo não estava mais descansando sobre os ombros, mas sim em um rabo de cavalo alto com os fios enrolados e pendurados em um dos lados. “Será que eu quero mesmo me olhar no espelho?”. A pergunta trouxe de volta a memória de olhar para o espelho de mão na loja do Papa Creola. Ela não conseguia esquecer a imagem de si mesma como uma mulher velha.

“Eu acho que você se parece radical”, Sophia jorrou, produzindo um espelho de mão normal.

Cuidadosamente, Liv o segurou, não reconhecendo seu próprio reflexo por um momento - de novo. “Uau! Se toda essa coisa de mágico falhar, eu posso simplesmente ir para prosti...”

“Liv, é você?” uma voz chamou por trás dela.

Liv congelou, reconhecendo a voz de Stefan e desejando que ela pudesse fazer um portal e escapar. Entretanto, a magia do portal não era permitida na Casa dos Sete. Depois de dar a Sophia um olhar frustrado, ela se virou para enfrentar o Guerreiro.

“Sim, sou eu”, disse ela, mantendo os olhos baixos e verificando se o seu peito estava escondido. Bem, na maioria escondido.

“O que você está vestindo?”, perguntou ele, com os olhos bem abertos enquanto ele a estudava. Stefan usava seu manto habitual de viagem longo e botas pretas. Seu cabelo escuro estava extra desgrenhado e seu rosto pálido estava salpicado de lama.

Liv colocou seus dedos no material de seda ao redor de seu pescoço. “É um lenço”, ela respondeu.

Uma gargalhada saiu da boca da Sophia.

Stefan soltou um sorriso. “Sim, eu vejo isso. Eu estava me referindo ao resto do...” Ele bateu seu dedo no ar. “Eu estava me referindo principalmente ao que quer que seja que você esteja vestindo”.

“É minha fantasia para o Reino das Fadas”, disse Liv, achando difícil falar com a quantidade de brilho labial que cobria sua boca. Ela resistiu ao impulso de a limpar com a palma da mão.

Stefan acenou imediatamente, coçando o lado da cabeça e olhando para o tapete como se tivesse encontrado algo de súbito interesse ali. “Certo, bem, isso faz sentido”.

“Na verdade, estou feliz por ter encontrado você”, disse Liv, pensando no livro que ela procurava. “Você tem um segundo?”

“Liv, eu tenho que correr para uma lição”, Sophia interveio, reunindo os livros. “Você precisa de mim para alguma coisa? Quer dizer, já acabei de te ajudar a escolher as roupas?”

A pequena mágica quase baixou a guarda e revelou que era ela quem havia manifestado as roupas de Liv. Ambas suspeitavam que Stefan estava bem ciente do talento da garota por pistas que ele havia fornecido.

“Sim, sem problema, amor”, disse Liv, dando um abraço de lado à irmã, com medo de manchar a maquiagem em seu vestido branco imaculado. «Obrigada por ajudar”.

“Vou trabalhar para limpar gavetas para você no meu quarto, se quiser”, disse Sophia.

Liv acenou com a cabeça. “Obrigada. É simpático da sua parte”.

Ela observava a jovem se apressar com os braços cheios de livros.

“Você está se mudando para a Casa dos Sete, parece que...?” perguntou Stefan.

Liv se virou, suspirando. “Sim, infelizmente tem que ser”.

“Infelizmente?” Stefan questionou.

“Sim, eu sou uma espécie de solitária que prefere viver sozinha”, explicou Liv.

A boca de Stefan se abriu. “O quê? Não! Estou chocado”.

“Ha-ha”, riu Liv enquanto seus olhos procuravam Stefan, se lembrando de algo que Hester havia deixado escapar. “Ei, por acaso você foi mordido por alguma coisa?”

A expressão leve em seu rosto desapareceu. Por um momento, ele parecia incapaz de falar. Depois apontou para o curativo em sua perna, se recompondo. “Acho que poderia perguntar a mesma coisa para você. O que a pegou?”

“E a você?” ela contra-atacou.

Seus olhos se atreveram a olhar brevemente para o braço. “Eu lhe mostrarei o meu se você me mostrar o seu”.

Liv sacudiu a cabeça. “Não estou assim tão curiosa, mas boa tentativa”.

“Então, você queria minha ajuda em alguma coisa”, redirecionou Stefan.

“Sim”, começou Liv, andando para frente, achando difícil andar nos sapatos altos em que Sophia a tinha colocado. Ela havia ficado tão repelida pelo vestido e pela maquiagem que não havia notado as enghocas ridículas em seus pés. “Estou procurando um livro, mas a biblioteca parece não oferecer nenhuma opção”.

Stefan acenou com a cabeça. “Sim, você tem que estar singularmente concentrada, e se eu posso ser tão ousado, você pode estar um pouco distraída com seu planejamento de guarda-roupa e este negócio de realocação”.

Liv pensou sobre isso por um momento. Sua mente estava vacilante com a idéia de John ter sido expulso de sua loja enquanto ela procurava, daí o

livro que ela havia encontrado sobre os babacas de Los Angeles. A autora tinha o alvo no capitalismo. A maioria das pessoas em Los Angeles eram babacas. Bem, não John. Ou Rory, mas ela não ia contar isso para o gigante. Poderia pegar em sua já exageradamente grande cabeça.

“Sim, eu acho que você está certo”, disse Liv. “Eu posso ter estado um pouco distraída. Ainda assim, você conhece um livro que fala sobre como o sangue dos Guerreiros é mais valioso quando a pessoa está viva?”

A idéia tinha ocorrido a Liv quando ela tinha lido a antiga língua dos fundadores e tinha falado da necessidade de sangue de Conselheiros para abrir a Câmara. Estava implícito para ela que o Conselheiro deveria fornecer esse sangue, o que significava que alguém não os poderia matar e usar. Essa idéia havia sido proposta pela primeira vez a Liv por seu pai, que havia relacionado um de seus casos com ela. Ele afirmou que não era amplamente conhecido que as propriedades mágicas do sangue de um real mudavam com base no fato de estarem vivos ou mortos. Além disso, o sangue era incrivelmente útil, uma vez que a realeza tinha certo acesso às coisas. Quando Liv lembrou esta lição de seu pai, ela se perguntou porque demorou tanto tempo para perceber que Reese tinha dado a entender que o sangue de Clark era parte do enigma. Dentro e fora da Casa era comum que o sangue real abrisse as coisas, uma vez que eram elite e poucos.

“Eu conheço alguns livros como esse”, disse Stefan. “Mas primeiro, isto está envolvendo uma de suas missões secretas, como você conseguiu essa mordida em sua perna?”

Liv rolou seus olhos. “Eu não sei do que você está falando. Como eu teria tempo para missões secretas quando estou ocupada me preparando para ser assassinada pela Rainha Visa?”

“Ponto válido, Guerreira Beaufont”, disse Stefan, se curvando ligeiramente. “Minhas desculpas. Por favor, me siga”. Ele girava e passeava por um corredor estreito de livros, passando por todos eles antes de chegar ao final. Liv teve dificuldades para o acompanhar, com medo de tropeçar em cada passo.

Stefan tirou um livro com capa de couro da prateleira e o entregou a Liv. Ela o pegou, lendo a capa em voz alta. “Os Royals”. Ela olhou para Stefan, a adrenalina correndo através de suas veias. “Será que explicita quem eram os Sete originais?”

Stefan responde com ar confuso. “Não. Explica simplesmente como a

Casa está montada, e porquê. A história é um pouco abreviada, na minha opinião. Eu a li muitas vezes quando fomos convidados para os Sete”.

A euforia de Liv se dissipou tão rapidamente quanto havia aparecido. “Ok, bem, obrigada. Isto parece que vai ser útil”.

“Para...?” perguntou Stefan, dando a palavra.

“Para salvar minha vida”, brincou ela.

“Oh, bem, então eu ousou dizer que você me deve muito por ajudar com este pedido”, Stefan provocou com um sorriso de angústia.

“Totalmente, e eu lhe pagarei de volta não dizendo a ninguém que você tem uma mordida misteriosa”.

Stefan piscou o olho para ela. “O mesmo, Liv Beaufont. Seu segredo está seguro comigo”.

## Capítulo 16

Que braaaaaaasa”, Rudolf gritou e deu um assobio, olhando Liv de cima a baixo cerca de três vezes mais do que o necessário.

Liv quase atirou sua bolsa no rosto dele, mas ela se lembrou que era frágil e se conteve. “Você tem sinceramente um desejo de morte, não tem?”

“Eu não sabia que você se iria apresentar tão bem», disse ele. «A sério, se você se vestisse assim mais vezes, não seria uma solteirona tão azeda».

Liv agarrou sua bolsa e balançou a cabeça. “Eu não sou uma solteirona. Sou uma Guerreira da Casa dos Sete”.

“Sim, sim, eu, assim como todos no mundo mágico já ouvimos falar sobre isso. Ela é Liv Beaufont, Guerreira da Casa dos Sete. Blá, blá, grande coisa”.

“Você poderia se calar para que eu possa me concentrar?” Liv pediu, entre turistas bêbados que seguravam copos de plástico gigantesco e a olhavam como se ela fosse uma garota de programa. Ela meio que desejava que a Rainha Visa pusesse um fim nessa história e a matasse na hora.

“Qual casino as fadas possuem?” perguntou Liv, olhando para cima e para baixo na rua.

Rudolf riu. “Qual deles? Somos donos de todos eles. O Reino de Fae é a rua inteira, mas os aposentos da Rainha são ali”. Ele apontou para o hotel Cosmopolitan, que se elevava ao lado das fontes do Bellagio, que estavam paradas, os turistas se alinhavam para o espetáculo que logo começaria.

“Ok, então eu só tenho que ir ao último andar e solicitar uma reunião com a Rainha Visa?” perguntou Liv.

Rudolf balançou a cabeça. “Eu tenho uma idéia melhor”. Ele colocou seu braço `volta do dela e quase a arrastou na direção do prédio.

“Vou gostar desta idéia, ou será que ela envolverá uma luta com a Mãe Natureza ou alguma outra entidade poderosa?” Liv se atreveu a perguntar, quase escorregando várias vezes.

“Conhecendo você, vai odiar absolutamente esta idéia, mas garanto que

ela vai empatar sua morte por alguns minutos, pelo menos”.

“Não quero que minha morte pare se eu tiver que cheirar mais sua colônia”, disse Liv, segurando o nariz.

“O quê? Não estou usando água-de-colônia. Isso é um cheiro natural dos fae”, disse Rudolf, ofendido. “Calvin Klein e todos aqueles outros designers pagam muito dinheiro por nossas feromonas”.

“Que nojo. Ouvi dizer que isso estava cheio de mijo de gato e outras coisas”, comentou Liv.

“Por falar em gatos”, começou Rudolf, “onde está seu lince?”

Liv olhou ao redor, nunca sabendo quando Platão estava lá ou não. “Acho que ele odeia Las Vegas tanto quanto eu. Deve ter ficado em casa desta vez”.

“Bem, talvez ele apareça para lhe pagar a fiança novamente”.

“Honestamente, acho que desta vez não há nenhuma fiança para pagar. Tenho que confiar em seus conselhos e em minha astúcia, o que significa que estou ferrada”.

Rudolf liderou o caminho para o Cosmopolitan. Senhoras e homens pararam, não escondendo suas reações enquanto ele passava. Uma mulher deixou cair seu copo de plástico gigante, derramando cerveja no chão, com a boca aberta como se não acreditasse que um homem assim existisse.

“Você nunca se cansa das pessoas olhando para você?” perguntou Liv, se voltando para o meio da multidão olhando para elas.

Rudolf lhe deu um sorriso. “O que você acha?” Ele estendeu a mão e tocou o queixo dela. “E querida, eles também estão olhando para você. Você está vestindo esse vestido como uma campeã”.

“Então você quer um nariz quebrado. Legal. Vamos nessa”. Ela fechou o punho, pronta para lançar em seu lindo rosto.

Rudolf simplesmente sorriu. “Salve sua angústia. Vamos precisar dela para o bar”.

“Bar? É para lá que você me leva? É muito cedo para beber, e preciso da minha perspicácia”.

“Nunca é cedo demais para beber. Eu sempre penso melhor quando bebo”, declarou Rudolf, parando e segurando seu braço para fora.

Liv nunca tinha visto um bar tão bonito em toda a sua vida. O Chandelier tinha vários andares e parecia que se estava mesmo dentro de um candelabro. Os casais se sentavam nos sofás chiques e no bar, bebericando coquetéis e curtindo.

“Espere, entendo que é Vegas, mas essas pessoas estão quase...”, disse Liv, sentindo a necessidade de proteger seus olhos das demonstrações públicas de afeto que aconteciam em praticamente todos os lugares.

“Dê uma olhada de perto”, sussurrou Rudolf ao seu ouvido.

Liv procurou no bar e percebeu imediatamente o que estava vendo. “São fae?»

Ele acenou com a cabeça. “Sim, e o Cosmo é o lugar que eles vêm caçar com mais frequência. O Bellagio é o lugar onde eles atuam com mais frequência. O Venetian é onde eles se entregam às drogas. Você entendeu a idéia? Cada um dos casinos procura atender a uma de suas necessidades”.

“Porque você não está se incluindo nisso?” perguntou Liv.

Rudolf levantou uma sobrancelha para ela. “Você ainda não percebeu que eu não sou como o resto das fadas?”

“Como assim?” perguntou ela, incapaz de tirar os olhos de um casal enquanto um ‘fado’ corria sua mão pela perna de uma mulher, beijando seu pescoço.

“Eu tenho classe”.

Uma gargalhada saiu de sua boca.

“Ei”, então?”, Rudolf voltou a disparar, ofendido. “Eu tenho”. Você não me encontrará aqui seduzindo os mortais. Eu nem gosto de Las Vegas. Repare que estou sempre em Roy Lane quando você está me procurando”.

“Sim, e porquê?”

Rudolf deu uma olhada, procurando por um lugar. “Eu tenho minhas razões”.

“Oh, sempre o homem do mistério”. O que tenho que fazer para que você derrame essa informação? Lutar contra um gnomo? Lutar contra um centauro?”

Rudolf a agarrou pela mão e a empurrou para um par de bancos no bar. “Você tem que curtir comigo”.

Liv sacudiu a mão. “Esquerdo ou direito?”

Ele girava, uma expressão engraçada em seus olhos. “Esquerdo ou direito o quê?»

“Você quer seu olho esquerdo ou direito enegrecido?”

Ele sorriu. “Direito, com certeza. É o meu lado melhor”. Então ele se inclinou mais rápido do que Liv podia reagir completamente e jogou seus lábios nos dela, a beijando com tanta força que ela quase caiu para trás. Ela o

agarrou pela camisa e o empurrou para trás, e sem que pudesse se conter, ela lançou seu punho no olho esquerdo dele.

Rudolf tropeçou para trás, se agarrando ao rosto. Os guardas se aproximaram de todas as direções, puxando as armas. Três agarraram os braços de Liv e outro pegou Rudolf enquanto ele tropeçava para trás, verificando se estava bem. O bar inteiro virou um caos completo quando os casais se separaram, gritando e tentando descobrir o que estava acontecendo.

Liv se tentou libertar, mas achou impossível. Ela pegou um sorriso no rosto de Rudolf enquanto ele sacudia os guardas, lhes dizendo que estava bem.

“Porque você fez isso?” Liv gritava enquanto os guardas a puxavam para longe de Rudolf.

“Para que você fizesse exatamente o que acabou de fazer”, respondeu ele com o que parecia ser um piscar de olhos doloroso. “Te vejo no último andar, Boneca. Você vai se sair muito bem!”.

Liv sacudiu a cabeça para ele enquanto os guardas a acompanhavam, a levando a um conjunto de elevadores.

“Para onde você está me levando?” Liv perguntou ao homem ao seu lado, que ela percebeu imediatamente que era um fae.

Ele lhe deu uma expressão séria. “Para ver a administração. Ela prefere lidar diretamente com os arruaceiros”.

## Capítulo 17

O último andar da Cosmopolitan parecia um sítio diferente, proporcionando o que era sem dúvida a melhor vista da cidade. Abaixo, Liv podia ver as fontes do Bellagio, que estavam em cascata em perfeito uníssono.

Os guardas a conduziram por um corredor pingando com os mesmos tipos de contas que na barra do candelabro. Música sinistra tocava a partir de alto-falantes. As janelas eram do chão até o teto, a luz do sol se espalhava e fazia a Liv cerrar os olhos.

“Sua gerência lida diretamente com encenqueiros”? perguntou Liv. “Parece que ela tem mais que fazer. Esse é um trabalho que deveria ser de outros”.

“Ela lida especificamente com mágicos que atacam ‘fados’ em seu reino”, respondeu o guarda.

Ah, então eles estavam deixando cair todas as pretensões agora. Eles sabiam quem ela era, mas a pergunta era: eles sabiam o quê? Ela ia ter que revelar isso no momento certo.

Liv não estava preparada para o que viu a seguir. Os guardas a levaram para uma sala que envergonhava o Chandelier. Os aposentos da Rainha Visa eram um escritório bem aberto, a parede tremulando de luz como se fosse feita de diamantes. O tapete era branco sólido e imediatamente fez com que Liv se sentisse como se estivesse caminhando sobre uma nuvem. Sobre a sua cabeça estavam pendurados dezenas de candelabros, seus cristais refletiam a luz, enviando arco-íris por toda a sala.

*Estou no céu*, pensou Liv, com sua boca aberta.

“Que diabos você me trouxe?” A Rainha Visa disse do outro lado da sala. Ela estava sentada atrás de uma grande mesa moderna. Atrás dela, a parede era inteiramente de vidro, mostrando a vista da Las Vegas Strip.

Vários grupos de fadas se voltaram para olhar para Liv enquanto os guardas a levavam para a frente da sala. Elas estavam vestidas de maneira semelhante a ela, embora nenhuma das mulheres estivesse usando algo tão provocante quanto seu vestido.

“Nós a prendemos no Chandelier “, disse o guarda, libertando finalmente Liv. “Ela deu um murro num ‘fado’”.

Atrás da mesa estava sentada a mulher mais bela que Liv já havia visto. O cabelo loiro da Rainha Visa pendurado em argolas soltas, emoldurando perfeitamente seu rosto em forma de coração. Seus olhos azuis topázio se estreitaram, o que de alguma forma a tornou ainda mais atraente. As curvas de seus lábios rosados eram impecáveis, atraindo os olhos de Liv para eles. Quando ela ficou de pé, Liv pôde ver que estava usando um blazer branco sólido cintado, sem camisa por baixo, com os seios mal cobertos. A saia branca era apertada, abraçando seus quadris estreitos e parando apenas na parte superior das coxas. Seus estiletos cor-de-rosa faziam um suave barulho enquanto ela passeava pela mesa, uma expressão assassina em seu rosto.

*Então esta é a mulher que vai me matar, pensou Liv. Ao menos minha última visão será boa.*

“Você, mágica, passeia pelo meu território e ataca um dos meus? Você deve ter o desejo de morrer”, disse a rainha, andando por Liv e a medindo. “Mas eu não entendo. Você não se veste como a sua espécie. Onde está sua capa superdimensionada e seu estilo de mau senso”?

“Deixei em casa. Quando em Roma...” Liv disse com sua voz um pouco instável.

Nas suas costas, houve um tumulto, mas Liv não ousou olhar para trás.

“Você? A mágica o agrediu?” perguntou a rainha Visa, desviando o olhar da Liv.

Um momento depois, Rudolf foi escoltado para a frente a uma distância segura da Liv. Ele ainda estava agarrado a seu rosto onde Liv o havia esmurrado.

Se curvando para baixo, ele forçou um sorriso. “Sim, minha rainha. Eu estava trabalhando para a seduzir, e do nada, ela me deu um soco no olho”.

A rainha Visa o escrutinou com um olhar que poderia derreter o gelo. “Você não joga o jogo sedutor e sabe mais do que o experimentar em um mágico. O que você está jogando, Rudolphus?”

Ele balançou a cabeça. “Nada, minha rainha. Eu tenho tentado voltar ao jogo. Talvez eu esteja um pouco sem prática e não sabia no início que ela era mágica”.

A rainha o estudou por um momento, amolecendo um pouco. “Meu pobre, querido Rudolphus. Você ainda está triste pela morte dela, não está?”

Os olhos de Liv se viraram para o chão. Ela tentou não parecer interessada.

“Sim, minha rainha, mas eu estou em recuperação. E é por isso que estou aqui”, respondeu ele.

“Espero bem que sim”, respondeu a Rainha Visa. “Já se passou mais de um século. Siga em frente, já”.

Ele acenou com a cabeça, não parecendo nada o Rudolf que Liv conhecia. “Você está certa. Claro, você está certa”.

Ela passou a mão na bochecha dele, com um carinho frio nos olhos. “Nós nos divertimos juntos, não foi, meu querido Rudolphus? E foi por isso que tive que a matar. Você será sempre meu. Sempre”.

Ele pressionou a mão na mão dela e forçou um sorriso. “Percebo isso agora, e me sinto extremamente honrado”.

A mão da Rainha Visa caiu imediatamente, e ela girou para enfrentar a Liv. “Agora, a pergunta é: o que eu faço com você, mágica?”

*Não me mate*, pensou Liv. Em vez de dizer isso, ela bateu o pé e começou mastigando como se estivesse mascando chiclete. “Você pode começar me contando como conseguiu essa bunda. Você faz Pilates?”

Os suspiros coletivos das fadas ao redor da sala fizeram Liv ficar tensa.

A Rainha Visa traçou a unha rosa sobre seus lábios perfeitos, olhando Liv com uma expressão ilegível. “Você parece familiar. De onde eu te conheço?”

“Eu trabalho em uma oficina de reparos em WeHo. Você trouxe um liquidificador na semana passada”? Liv perguntou casualmente, embora seu coração estivesse acelerado.

A rainha Visa esboçou um sorriso que quase fez Liv desmaiar. De alguma forma, tornou a mulher impossivelmente bela ainda mais bonita. “Eu gosto de você, mágica. Qual é o seu nome?”

“Você não a vai punir?” Rudolf reclamou. “Ela me pôs um olho negro”.

A rainha Visa sacudiu a cabeça para ele. “Você sabe tão bem quanto eu que alguns hematomas e cicatrizes o tornam mais atraente. Talvez você devesse agradecer à Sra...”. Ela deu a Liv um olhar expectante.

“Liv”, ela respondeu.

“Agora, Liv, porque você está no meu casino? Os mágicos não gostam de jogar, nem de beber, nem de nada divertido, realmente. Só bibliotecas e outras coisas chatas”, disse a Rainha Visa.

Liv balançava seus ombros com a música que tocava alto. “Eu não sou

como os outros mágicos”.

“Eu estou vendo isso. Mas o que a traz ao Cosmo”? perguntou a Rainha Visa.

“Um simples pedido”, disse Liv, sua garganta começou a se contrair. O momento estava quase chegando. Ela achava que não conseguiria ir adiante.

A rainha Visa levantou uma sobrancelha arqueada para ela. “Para mim, eu entendo”.

“Ou quem quer que esteja no comando aqui”, ousou dizer Liv.

Novamente a multidão nas costas da Liv arfou, muitos trocando sussurros.

Para sua surpresa, a Rainha Visa não a matou no local. Ao invés disso, ela riu. “Não me falavam assim há...bem, nunca. Você me diverte, mágica. Não só você não é como os da sua espécie, como também não é como as fadas”. Ela acenou uma mão para as pessoas por trás de Liv. “Vocês todos são um bando de idiotas chatos que só me dizem o que eu gosto de ouvir e raramente dizem algo interessante”.

“Isso porque eles têm rédea solta e não têm respeito suficiente pelos mortais”, disse Liv.

“Eu não estou seguindo seu raciocínio, Liv.”

“Bem, um pouco de humildade! Seus fados e fadas fazem os mortais fazerem tudo o que eles desejam e os seduzem sem preocupação”.

“E você acha que se eles não fizessem isso, teriam personalidades melhores?” perguntou a Rainha Visa.

“Acho que se eles não fossem obcecados por amor e sexo, encontrariam outros hobbies, o que os tornaria mais interessantes para você”.

A Rainha Visa refletiu por um momento. “Faz sentido. Todos vocês se tornaram ainda mais luxuriosos ultimamente, e então não têm nada para falar. Vocês têm tanto medo que eu tire seus privilégios, que me sugam, nunca me dizendo o que realmente pensam. Depois de algumas centenas de anos, é bastante entediante reinar”.

De toda a sala vieram vários protestos. A rainha Visa balançou a cabeça. “Não. Tomei minha decisão, graças à minha nova amiga, Liv. Quero que todos vocês façam outras coisas além de seduzir os mortais o tempo todo. Arranjem passatempos. Vão em aventuras. Deixem os mortais em paz por um tempo”.

“Mas, Rainha”, disseram muitos ao redor da sala.

Liv não podia acreditar que estava funcionando, mas a parte mais difícil estava quase chegando.

O chão roncava sob seus pés enquanto os lindos olhos da Rainha Visa queimavam de vermelho. Seu olhar se estreitou, e o vapor parecia subir por trás dela. “Eu decretei. Quem se atreve a me desafiar?”

“Eu não”, disseram muitas das fadas, parando com os protestos de imediato.

“Foi o que eu pensei”, disse com confiança a Rainha Visa, voltando ao normal. “Agora, Liv, porque você não se junta a mim no spa? Está na hora da minha massagem da tarde”.

Liv engoliu em seco. Seus olhos se desviaram brevemente para Rudolf. Ele estava pálido, e parecia compreender a gravidade do momento. “Não posso fazer uma massagem. Tenho que voltar para a Casa dos Sete rapidamente”. Ela abriu sua bolsa enquanto o rosto da Rainha Visa se transformava de volta, em puro ar de vingança.

“Você! Você é uma guerreira da Casa dos Sete!” A Rainha Visa disparou, sua voz fazendo tremer os candelabros por cima. “Como ousa entrar no meu reino e atacar um dos meus?”

Embora ela tremesse por dentro, Liv permaneceu firme por fora, retirando um frasco de seu sangue de sua bolsa, bem como um pergaminho antigo, aquele em que o primeiro acordo com as Fadas havia sido escrito. “Oh, você não sabia que eu era uma guerreira? Porra, eu esqueci totalmente de mencionar essa parte. De qualquer forma, aqui está um frasco com o meu sangue. Pensei em o oferecer em troca de uma atualização daquele pequeno contrato que você assinou há séculos com a Casa”.

A rainha Visa ficou momentaneamente fora. Seus olhos se concentraram no frasco na mão de Liv. “Porque eu iria querer isso? E que atualização do contrato?”

“Bem, você acabou de declarar que não ia mais permitir que suas Fadas seduzissem abertamente os mortais, então isso provavelmente deveria estar no contrato, só para cobrir todas as nossas cláusulas”. Ela se atreveu a piscar o olho para a rainha. “Os mantenha responsáveis, você sabe. Vá em frente”.

“Você veio aqui para me fazer atualizar o contrato?” A voz da rainha estava repleta de tanta hostilidade que a sua língua parecia afiada o suficiente para cortar Liv ao meio.

“Eu vim aqui para lhe dar isto”. Ela acenou com o frasco no ar. “E depois

há o aborrecido negócio dos contratos. Só queria resolver isso para que eu pudesse pegar um show. Eu tenho ingressos para ver o O, e não quero me atrasar”.

Liv sabia, ao lidar com Rudolf, que as fadas tratavam de tudo com trocas. Elas não podiam dar nada sem tomar, e vice-versa. Era assim que ela estava conseguindo assinar o contrato, que seria vinculativo... se ela sobrevivesse.

“Novamente, para que eu quero o sangue de um guerreiro? Eu poderia simplesmente matar você aqui e agora e ter tanto quanto eu quisesse”.

“Você poderia”, disse Liv, interrompendo. “Só que o sangue que é dado livremente é mais poderoso. Não apenas isso, mas quando o doador do sangue ainda está vivo, as propriedades mágicas são dez vezes maiores. Você sabia disso?”

A rainha olhou para o lado, a incerteza em seu rosto. “Na verdade, não”.

Liv encolheu os ombros. “É verdade. Mas você sabe como o sangue de um guerreiro é útil, certo?”

A Rainha Visa observava Liv com um olhar atencioso. “Eu sei que ele concede acesso a certas coisas. Abre portais fechados para outras criaturas mágicas e, em essência, funciona como uma extensão de você”.

Liv acenou com a cabeça. “Isso lhe permitiria ler a língua antiga ou entrar na Casa dos Sete ou assistir a uma de nossas reuniões chatas”.

A rainha não soltou o menor sorriso, o que a fez parecer ainda mais malvada. “Você é uma guerreira esperta. O que eles estão fazendo com você?”

“Principalmente me matando lentamente com sua burocracia idiota”, transmitiu Liv.

A rainha estendeu a mão e pegou o frasco, vendo seu conteúdo ser derramado para frente e para trás enquanto ela o inclinava. “Qual é seu sobrenome, Liv?”

“Beaufont”.

Os olhos da Rainha Visa se alargaram ligeiramente. “Sim, agora eu a reconheço. Você se parece mesmo com sua mãe. Ela não era uma mágica má. Um pouco rebelde, também”.

Ela fechou os olhos, ainda segurando o frasco em suas mãos. Liv observava sem fôlego. Quando a rainha Visa abriu os olhos e deu um sorriso vitorioso. “Você é inteligente para não ter me enganado. Isto é, de fato, sangue Beaufont”.

“Eu não tinha planos de enganar. Só fazer um trabalho. Você entendeu”. Liv estendeu o pergaminho e verificou o pulso, embora ela não estivesse usando relógio. “Então, você pode assinar isto com as emendas? Meu show começa em breve”.

A rainha Visa a observava. “Então a Casa dos Sete quer que minhas fadas e ‘fados’ deixem de seduzir os mortais, não é mesmo?”

“Acho que é uma questão de frequência, honestamente. Eles provavelmente estão com ciúmes porque não conseguem arranjar encontros”, disse Liv.

Para sua surpresa, a rainha riu. “Se eles se vestissem mais como você, conseguiriam”.

“Sim, não os está ajudando”.

A rainha hesitou por um momento antes de dirigir seu dedo para o pergaminho. “Não sei porquê, mas gosto mais de você do que qualquer mágico que conheci, e já conheci muitos deles. Matei muitos deles, também”.

“São provavelmente as extensões de cabelo. As pessoas sempre adoram que eu tenha cabelos longos”, mentiu Liv, segurando um pedaço de seu cabelo, que era real.

“Você não é entediante. Essa é a razão pela qual eu gosto de você. Estou cansada de fadas e mágicos entediantes”.

Liv bateu seu pé. “Show começando. Me devolve o pergaminho assinado? Então, seguirei o meu caminho, mas voltarei para uma massagem e deboche geral mais tarde”.

“Se alguém mais tivesse tentado o que você acabou de fazer com este negócio de emendas, estaria morto agora mesmo. Você percebe isso, não é mesmo?”

“Na verdade, sou nova neste negócio, portanto não sei muito”, disse Liv, agindo aborrecida.

“Bem, Liv Beaufont, estou ansiosa para ver o que você faz pela Casa dos Sete”, declarou a rainha, circulando com o dedo no ar. O pergaminho brilhou por um momento, e depois desbotou para sua cor original. “Honrarei seu pedido em troca do sangue. O contrato foi emendado”.

Liv manteve seu alívio escondido e acenou com a cabeça. Ela mal podia acreditar que tinha feito o impossível e sobrevivido. Ela mal podia esperar para ver os rostos dos conselheiros quando lhes mostrasse isto.

## Capítulo 18

**E**u lhe disse o olho direito”, disse Rudolf, ainda tratando seu olho esquerdo inchado. Ele e Liv tinham se separado e se encontrado um pouco fora da Strip, apanhando um portal para Roya Lane de lá.

“Eu não tenho uma boa noção de lateralidade. Basta perguntar ao Conselho”, respondeu Liv.

“Não acredito que você lhe deu seu sangue”, disse Rudolf.

“Oh, diabos não”, disse Liv, percebendo que deveria ter mudado de roupa antes de vir para Roya Lane. Eles já a olhavam lá, mas agora tinham ainda mais razão, com ela usando um vestido verde néon que estava cheio de buracos e saltos altos de prostituta. “Você acha que estou louca? Eu dei a ela o sangue da Sophia, por isso ela sabia que era de um Beaufont. Ele não tem a mesma potência mágica que o meu. Ela não será capaz de descobrir que é da Sophia. Eu nunca colocaria minha irmãzinha em perigo”.

“Não, ela não vai descobrir isso, mas ficará lívida quando perceber que você a enganou”.

“Se eu lhe desse meu sangue, ela poderia entrar na Casa dos Sete e ir para a Câmara da Árvore ou para toda uma série de outros lugares”, disse Liv, pensando na antiga Câmara.

Rudolf a olhou de lado. “Percebe que se ela descobrir isso, você está morta naquele exato minuto”.

“Oh, eu já comprei meu caixão”.

Um grupo de gnomos se atreveu a apontar para Liv e a interpelar. Ela ergueu os punhos, estreitando seus olhos para eles. “Continuem e eu lhes mostrarei como posso enfiar estes saltos no seus...”

Rudolf fispou o braço de Liv, a desviando. “Continue assim, e eles nunca lhe ensinarão magia de bola de fogo”.

“Tenho quase certeza de que manchei minha reputação com os gnomos há muito tempo”.

Ele balançou a cabeça. “Mesmo assim, seria bom preservar as coisas o máximo possível. Eles podem guardar rancor por mais tempo do que

qualquer outra raça, mas também têm uma vantagem única sobre alguns. Nunca se sabe quando se vai precisar deles”.

Liv soltou seu braço de Rudolf percebendo na luz fraca de Roya Lane o quanto seu olho estava inchado. Ela olhou para sua mão, que para sua surpresa não estava ferida pela agressão - não como seu olho escurecido. “Ei, sinto muito por ter te dado um soco. Em retrospectiva, percebo porque você me beijou”.

Ele quase que foi teletransportado, seus olhos azuis se iluminam, apesar do inchaço. Curvado para baixo, ele disse: “De nada, minha senhora. Eu achava que se você fizesse a entrada certa, a Rainha Visa a acharia interessante. Ela adora rebeldes e um pouco de drama”.

Liv sorriu, se sentindo feliz por ter contado com a ajuda de Rudolf. Sem ele, ela teria sido condenada, passeando pelo casino da Rainha Visa, vestindo roupas de mágico e sendo empreendedora. O Conselho havia lhe dito que ela precisava usar mais diplomacia em seus casos quando ela perturbou uma tribo de duendes burros. Ela podia dizer com segurança que havia usado muito de diplomacia neste caso.

Liv deu uma palmadinha na bolsa que ela estava cansada de carregar. Ela trocou de roupa em um beco escuro fora de Roya Lane, se sentindo instantaneamente melhor com seu corpo totalmente coberto e o pergaminho escondido em segurança em sua capa.

Rudolf fez uma careta. “Eu esperava que você tivesse mudado para os maus caminhos e que começasse a se vestir de forma mais atraente”.

“Nunca tenha tais desilusões a meu respeito”, respondeu Liv quando algo lhe ocorreu. “Quando estávamos na câmara da Rainha Visa, ela mencionou algo sobre você não ter superado algo. O que foi aquilo sobre a mulher que ela matou”?

Uma sombra se moveu atrás dos olhos de Rudolf. “Acho que você não a ouviu corretamente”.

“Acho que sim”, disse Liv, de volta. “E você não anda com os fae, anda? Porque isso acontece?”

Ele suspirou. “Depois de várias centenas de anos, eles me entediaram. Talvez daqui a cerca de um século eu me sinta bem com a minha espécie”.

Liv olhou ao redor da Roya Lane, sempre animada. Várias raças se apressavam em diferentes direções, falando em idiomas que ela não reconhecia. “É por isso que você anda por aqui? ”

Rudolf seguiu seu olhar e encolheu um pouco os ombros. “Sim, eu acho”.

“Bem, talvez você goste mais dos fae agora que eles têm que diversificar e conseguir passatempos”, disse Liv.

“Sim, talvez”, disse Rudolf, mas não havia entusiasmo em sua voz. Ele parecia subitamente perdido, como se estivesse protegendo de seu antigo eu.

“Você está bem?” perguntou Liv, surpreendida por se encontrar preocupada com Rudolf.

Ele fechou os olhos por um segundo e soltou um fôlego. “Sim. Só estou pensando no beijo horrível que você deu. Foi uma verdadeira decepção”.

Liv lhe deu um tapa no braço. “Ei, isso foi uma jogada nojenta de sua parte. É claro que não foi nada bom”.

Rudolf se inclinou, segurando seu braço. “Chega de abusos. Mantenha seu punho bruto longe de mim, Guerreira. Tudo o que você sabe é violência”.

Liv não conseguia se impedir de rir. Rudolf se juntou a ela, deixando de lado o estresse que haviam construído enquanto estavam na câmara da rainha.

“Não acredito que funcionou”, disse Liv com euforia.

“Honestamente, também não posso acreditar que tenha sido assim. Nem em um milhão de anos eu pensei que você conseguiria, mas você, Liv Beaufont, Guerreira da Casa dos Sete, tem este estranho encanto. É quase como um anti charme que, de alguma forma, te liga às pessoas”.

Liv sacudiu a cabeça. “Retire isso, ou eu escureço seu outro olho”.

Ele balançou a cabeça. “Não, vá em frente e faça suas ameaças. Eu aceito seus abusos. Mas você deve saber que apesar de suas tentativas de ser atroz, eu ainda gosto de você”.

Liv sacudiu a cabeça, puxando o capuz para cima. “Bem, eu gosto de você como se se gosta de um caminhão do lixo. Você está feliz por eles existirem, mas não quer que eles fiquem por perto”.

Ele encheu seu peito e fez uma reverência baixa. “Obrigado, minha senhora. Vou tomar isso como um grande elogio”.

“Eu não o faria”, disse Liv, secamente.

Ele ofereceu sua mão, provavelmente esperando que ela lhe desse a dela. Quando ela não o fez, Rudolf disse. “Vou trabalhar para encontrar a memória perdida. Você tente se manter longe de problemas”.

“Sem promessas”, disse Liv, criando um portal para a entrada da Costa Oeste da Casa dos Sete. “E não perca meu anel, ou eu farei a rainha Visa parecer um cachorrinho dócil”.

Rudolf acenou com a cabeça. “Eu não tenho dúvidas, Liv Beaufont”.

## Capítulo 19

**N**ovamente a imagem de John deitado indefeso em uma cama de hospital assaltou a visão de Liv quando ela passou a Porta da Reflexão. Ela não tinha descoberto como acabar com estas visões. Eles pareciam a libertar quando terminavam, a cuspiendo para a Câmara da Árvore.

Se ela pudesse fechar os olhos e não ver o homem diante de seu sofrimento, ela o faria, mas isso não era uma opção.

A enfermeira entrou em cena, exatamente como antes, falando com alguém invisível. “Um ataque tão estranho que este sofreu. Como algo saído de um filme”.

A Porta a liberou. Liv se livrou da estranheza de voltar ao mundo real, piscando os olhos na câmara e tentando limpar sua visão. As palavras de sua mãe ressoaram em sua cabeça, fazendo sua garganta picar de culpa: “Nossa magia não se encaixa no mundo deles”.

Era o que Guinevere Beaufont havia dito em mais de uma ocasião sobre os mortais, tendo seu próprio desgosto pelo assunto. Liv pensava que tinha feito a coisa certa ao contar a John sobre magia, mas e se ela não o tivesse feito? Ela raciocinou que ele já sabia de magia visto que era casado com uma mágica. Mas e se a verdade que ela compartilhou com ele o fosse colocar em maior perigo? Ele aceitou a magia melhor do que a maioria, mas será que isso significava que ele precisava saber? Ela não tinha certeza, e agora ele estava prestes a perder sua loja e a vida que havia construído. Talvez as coisas fossem melhores quando ele se aposentasse no México. Pelo menos ela não teria que se preocupar com ele, embora sentisse a falta dele dolorosamente.

Adler estava no meio de uma de suas palestras idiotas quando Liv entrou. “Sr. Ludwig, suas desculpas não preocupam o Conselho”, declarou ele, sua atenção distraída por Liv tomando seu lugar entre Stefan e Decar, que, como sempre, não estava presente.

O alívio que inundou o rosto de Clark era palpável. Ele realmente rachou um sorriso, mas desapareceu quando Liv fez o mais pequeno dos gestos com

a mão.

“Como eu estava dizendo”, continuou Adler, parecendo completamente desanimado com a súbita aparição de Liv. Muitos dos conselheiros trocaram sussurros, olhando para ela de relance.

Adler limpou sua garganta. “Como eu estava dizendo”, ele repetiu, mas balançou a cabeça. “Na verdade, Sra. Beaufont, você quer dizer ao Conselho o que está fazendo aqui? Você deveria estar se reunindo com a Rainha Visa”.

“Sim, eu entendo isso”, disse Liv, empurrando seu capuz para baixo e sacudindo seus longos cabelos.

Adler baixou o queixo. “Você veio para pedir um caso diferente? O Sr. Beaufont não teve sucesso em a retirar do caso, se essa era sua esperança”.

Liv sorriu por dentro. “Conseguir um caso diferente? Oh, nem pensar”.

Bianca fez uma careta pela linguagem causal. “É compreensível ter medo da Rainha Visa, mas infelizmente não há novos recursos que possamos lhe fornecer para o caso. Nós já votamos e decidimos sobre o assunto”.

“Assustada com a Rainha Visa?” perguntou Liv. “Ela me convidou para fazer uma massagem vespertina com ela. Com sorte, ela não fixou meu número, ou provavelmente nunca vai parar de me mandar mensagens”.

“Espere, você conheceu a Rainha Visa?” Bianca se inclinou para a frente, sua testa alta e pálida se enrugando.

“Com certeza, e é uma mulher quente”, respondeu Liv.

Adler soltou um suspiro irritado. “Sra. Beaufont, o Conselho não tem tempo para seus jogos. Se você não aceitar este caso, será removida como Guerreira, e a família Beaufont será substituída na Casa dos Sete”.

Liv se virou e olhou para Stefan, que parecia estar escondendo uma expressão de diversão. “Jogando um jogo? Eu não achava que isso fosse permitido aqui. Pensei que o livro de regras dizia especificamente que não se podia ter diversão na Câmara da Árvore”.

Se ele estivesse tentando esconder sua expressão antes, agora estava perto de se revelar.

“Sra. Beaufont, este comportamento não será absolutamente tolerado!” Adler gritou, fazendo o corvo na ponta do púlpito grasnar e decolar, voando até as balaustradas. Liv esperava que o tigre branco comesse aquele pássaro irritante, mas ele não estava à vista. Ela se lembrou que eles faziam parte do equilíbrio da câmara, embora ela não tivesse certeza absoluta de como.

Aparentemente desarmado por um momento pelo desaparecimento do

corvo, Adler respirou calmamente e fechou os olhos. Quando os abriu, ele não pareceu muito menos hostil do que uns momentos antes. “Sra. Beaufont”, ele começou, seu tom transbordante de frustração. “Foi lhe pedido para emendar o acordo com a Rainha Visa. Sob nenhuma circunstância você deve voltar aqui até que isso seja feito”.

“Certo, eu entendo totalmente”, disse ela casualmente.

“Muito bem, então”, disse ele, obviamente restringindo sua raiva.

“Totalmente fantástico”, ela voltou a disparar.

Ele piscou para ela, seus olhos se estreitando. “Você está dispensada”.

Liv não cedeu.

Adler tentou novamente voltar sua atenção para Stefan, mas a presença contínua de Liv era demais para ele. Para alívio de Liv, Clark estava fazendo um excelente trabalho de cobertura do riso em que ela estava certa de que ele queria estourar.

“Sra. Beaufont, porque você ainda está aí quando lhe foi designado um caso e arquivado?” Adler perguntou, cada uma de suas palavras com cuidado, como se ele pudesse explodir de raiva a qualquer momento.

Liv deu uma bofetada na testa. “Oops, eu sou tão distraída. Esqueci totalmente. Já terminei esse caso”.

Os olhos de Adler se enrolaram em sua cabeça. “Conselheiros, peço uma ação disciplinar formal para a Sra. Beaufont”.

“Disciplina?” perguntou Liv. “É isso que recebo por arriscar minha vida e completar com sucesso a missão de morte que você me designou?”

As narinas de Adler queimavam, mas foi Lorenzo quem falou a seguir. “Você foi bem sucedida no Reino das Fae? Conseguiu que a Rainha Visa concordasse com as emendas?”

Liv riu. “Concordar? Ela pensou que a idéia era dela”. Ela tirou o pergaminho antigo de suas vestes, ganhando atenção de todos os que estavam no banco, exceto Clark e Haro.

Adler estalou sua mão impacientemente, fazendo o pergaminho voar da mão de Liv e voar pelo ar, pousando em seus dedos longos. Impacientemente, ele desenrolou o pergaminho e seus olhos se viraram sobre as palavras.

“O que diz? Ela realmente conseguiu que a rainha concordasse”? perguntou Bianca, se inclinando para ler.

Os dedos de Adler apertaram o pergaminho em sua mão, o baixando ligeiramente para olhar sobre ele para Liv. “Como você fez isso?”

“Você me pediu para a fazer concordar em minimizar a sedução dos mortais por parte das fadas, certo?” perguntou Liv.

“Você sabe muito bem que esse foi o caso que lhe foi designado”, respondeu Adler.

“Há alguma razão para você parecer tão bravo com que eu tenha feito o que você pediu?” Liv questionou.

“Acho”, disse Raina, “que o Conselheiro Sinclair está simplesmente surpreso que você tenha concluído o caso tão rapidamente”. Ela estava sorrindo com um alívio desenfreado, assim como Hester, que estava ao seu lado. Clark também havia finalmente deixado brilhar sua euforia.

“Como você conseguiu que a Rainha Visa concordasse?” perguntou Lorenzo.

“Envolveu um fae e o uso de muita maquiagem”, respondeu Liv.

Haro riu disso, sua habitual expressão séria rachando. “São geralmente os métodos não convencionais que funcionam nestas situações”.

Liv acenou com a cabeça, estudando o mágico. Talvez Akio estivesse certo, e seu irmão tinha fé nela. Ela teria que questionar o outro guerreiro sobre isso mais tarde, já que ele não estava na Câmara.

Adler roeu sua unha, seus olhos correndo continuamente sobre o pergaminho na sua frente como se ele não pudesse acreditar que era real.

“De qualquer forma, estou pronta para o meu próximo caso”, disse Liv, alcançando seu bolso e recuperando o códice para o qual as notas sobre os casos foram enviadas pelo Conselho.

Bianca olhou para cima e para baixo no banco. “Caso? Temos outro caso alinhado para Olivia?”

“Acredito que você sabe que eu prefiro ser tratada por Liv, mas é engraçado que você continue usando o nome errado”, disse Liv, sentindo uma confiança nova. Pelo menos três dos Conselheiros não esperavam que ela voltasse viva e sua presença na frente deles os estava deixando fora deles.

“Na verdade, não temos nada para a Sra. Beaufont no momento», disse Adler, continuando a estudar o pergaminho. «Nós... Bem, esperávamos que levasse um pouco mais de tempo para finalizar o acordo com a Rainha Visa».

*Você esperava que eu fosse assassinada*, Liv pensou orgulhosamente para si mesma.

“Acho que a Guerreira Beaufont ganhou um dia ou dois de folga”, disse Hester, sorrindo. “E quando você voltar descansada e refrescada, teremos um

novo caso pronto para você resolver”.

Liv acenou com a cabeça, grata por ter seu apoio, especialmente com Adler, Bianca, e Lorenzo dando seu olhar nada acolhedor. “Certo, com certeza. Enquanto isso, vou aprimorar minhas habilidades de Guerreira”.

Ela se virou, notando o tigre branco nas costas. Há quanto tempo ele estava ali, de pé, tão perto dela? Ele inclinou sua cabeça para o lado, na direção dela com uma expressão mística, como se também ele estivesse surpreso que ela ter sobrevivido ao Reino das Fae.

“Oh, e Sra. Beaufont?” Adler chamou enquanto Liv andava em direção à saída.

Ela se virou, segurando o queixo alto. “Sim?”

“Espero que você tenha exibido um bom nível de diplomacia enquanto interagiu com a Rainha Visa”, declarou Adler. “Isso seria o melhor para relações de longo prazo”.

Liv decidiu não compartilhar que havia elogiado a bunda da rainha. “Sim, não se preocupe. Como mencionei antes, a rainha Visa ficou bastante agradada comigo”.

*E ela permanecerá assim até perceber que o frasco de sangue que ela segura não é meu.*

## Capítulo 20

**E** ntrar no estúdio de treinamento trouxe de volta lembranças com as quais Liv não conseguia lidar bem. Sua mãe a costumava trazer para estas salas, a incentivando a treinar. Quando Liv não demonstrava muito interesse em aprender magia de combate, sua mãe nunca a havia pressionado, dizendo que haveria tempo mais tarde para tais coisas.

“Seu trabalho agora é ser uma criança”, Guinevere Beaufont dizia à sua filha, com seu lindo cabelo loiro.

“Mas você vai ter problemas com os outros Royals se não me treinar?” Liv perguntava, tendo ouvido conversas entre seu pai e sua mãe à noite, quando ela deveria estar dormindo. Não tinha passado despercebido aos Sinclair e outros na Casa dos Sete que os Beaufonts não cumpriam as mesmas práticas rigorosas de treinamento que as outras famílias.

Sua mãe simplesmente sorria, seus olhos azuis brilhando. “De quem é o trabalho de se preocupar, Olivia?”

“Seu”, respondia Liv, recitando o que seus pais lhe haviam dito cem vezes desde que ela tinha idade suficiente para se preocupar.

“E qual é o seu trabalho?” Guinevere lhe perguntava.

“Ser uma criança”, respondia Liv.

“É isso mesmo”, respondia sua mãe. “Haverá tempo para o seu treinamento. Você nunca poderá reconquistar a liberdade de sua juventude”.

Na verdade, sua mãe provavelmente nunca havia pensado que Liv precisaria do treinamento. Era improvável que ela tivesse se tornado uma Guerreira. Guinevere era a Guerreira mais forte que a Casa havia visto em um século, e se algo acontecesse com ela, Ian assumiria o controle. Ele era incrível, impulsionado desde jovem. Ninguém esperava que algo acontecesse a ambos, fazendo de Liv a Guerreira Beaufont da Casa dos Sete.

Ela ficou no meio do estúdio de treinamento, sentindo o aspecto surreal de tudo aquilo, que continuava batendo nela, às vezes dificultando a respiração.

*Eu sou uma guerreira. A da família Beaufont, ela pensou, se voltando*

para o espelho, de repente se sentindo muito só. *Eu sou tudo o que nos resta. Isso não parece o suficiente, mas terá que ser.*

“Vejo que você sobreviveu à Rainha Visa”, disse Akio desde a entrada.

Liv sabia que ele estava lá momentos antes de se materializar. Talvez fosse o fato de estar de volta ao estúdio que a tornara mais consciente do seu ambiente. Talvez fosse porque ela percebeu que, mais do que nunca, suas habilidades de combate precisariam ser melhoradas se ela quisesse sobreviver. Ela tinha estudado o livro *Criaturas Misteriosas* todas as noites, treinando com Rory ao lado, e trabalhando suas habilidades de combate por conta própria. Mas isso não era suficiente. Ela precisava da ajuda de Akio se quisesse melhorar radicalmente.

O Conselho não ia desistir dela, não depois da acrobacia que ela havia feito ao revelar seu sucesso com o Reino das Fae. Mas ela não podia se ajudar. Adler tinha merecido aprender a verdade de uma maneira que colocava humilhação e surpresa em seu rosto. Além disso, Liv estava fazendo sua justa parte de inimigos e precisaria saber como se defender. Era por isso que ela estava lá.

“Contra alguns dos melhores desejos do Conselho, sim, eu sobrevivi”, respondeu Liv, acenando para Akio enquanto ele caminhava para a sala. Ele estava vestindo o quimono decorativo que muitas vezes ele ostentava, sua espada amarrada ao quadril.

Seus olhos castanhos sorriram, embora seu rosto permanecesse plácido. “Estou feliz em ver você voltar, Liv. Não posso dizer que não me preocupei com sua segurança. Parece que você é cheia de surpresas”.

“Sou indelicada. Isso é tudo”, ela respondeu.

Akio olhou ao redor do estúdio, procurando por algo. “Você disse que tinha uma arma que havia escolhido”?

Liv retirou Bellator da bainha das costas, se deleitando com o que sentia em suas mãos. Ela ainda não havia passado muito tempo com a espada, mas estava ansiosa para se familiarizar; se unindo a ela de uma forma que criasse lealdade entre elas. Foi assim que Rory havia explicado, de qualquer forma.

“Onde você conseguiu isso?” perguntou Akio, seus olhos se alargaram enquanto ele tropeçava levemente para trás.

Liv disse rapidamente. “Eu a encontrei”, ela mentiu.

Seus olhos pousaram entre a espada e o rosto dela. “Não me diga. Seria melhor assim”.

“Eu achei, a sério”, continuou ela, se lembrando do que Rory havia dito. Ninguém jamais poderia saber que ele tinha feito aquilo para ela.

Akio acenou com a cabeça. “Sim, encontrou. Está bem. Como se chama?”

Liv hesitou, seus olhos correndo sobre o punho liso e as jóias azuis de adorno. “Se chama Bellator”.

Akio sorriu então, formando rugas ao redor de seus olhos. “Apropriadamente nomeada”.

“Porquê? O que significa Bellator?” perguntou Liv.

A cabeça de Akio inclinada para o lado. “Você não sabe?”

Liv sacudiu a cabeça.

Akio estendeu a mão, hesitando quando seus dedos estavam perto da espada. “Posso?”

Liv lhe entregou a espada, a perdendo assim que ela ficou fora de seu alcance. Seus olhos se encheram de prazer quando ele envolveu as mãos em torno do punho. Ele cortou através do ar, sua lâmina fazendo um som agudo de chicotada. Ele girou, balançando a Bellator com uma graça que Liv raramente tinha visto. Parecia mais uma dança do que qualquer outra coisa, uma dança mortífera. Quando ele girou de volta na direção dela, ele endireitou, segurando a espada horizontalmente e a apresentando a ela.

“Eu nunca segurei uma espada feita por um gigante”, declarou Akio.

Liv fingiu parecer surpresa. “Feita por um gigante? Bem, eu não sabia”.

O brilho em seus olhos traiu a expressão que ele estava tentando suprimir. “E Bellator significa simplesmente ‘Guerreiro’”.

A boca de Liv caiu. *Aquele gigante astuto*, pensou ela.

Akio apontou para a espada em suas mãos, uma expressão impressionada em seu rosto. “Não sei onde você ‘encontrou’ isto, mas se aperfeiçoar suas habilidades, você e Bellator serão uma força formidável”.

“Goodwill”, Liv forneceu.

“Desculpe?” Akio perguntou como se ele não a tivesse ouvido.

“Fui buscar no Goodwill in WeHo”, explicou ela. “Você pode encontrar lá todo tipo de tesouros”.

“De fato”, disse ele com um piscar de olhos.

\* \* \*

“Onde você aprendeu a lutar?” Akio perguntou depois do terceiro combate.

“Eu não aprendi, realmente”, respondeu Liv. “Eu sempre recusei as lições quando elas eram oferecidas”.

Ele balançou a cabeça, se apoiando em sua espada, que era mais fina que a dela e feita no estilo dos mágicos. “Não importa se você foi ensinada ou não. Ao crescer, alguém sempre nos ensina a lutar, e geralmente de maneira informal. É na paixão ou na integridade ou na falta dela que eles passam. Eu sinto uma ousadia única em você, Liv, e ela se manifesta quando você luta”.

*De onde viria isso*, Liv se perguntava. Ela não sabia. Sua mãe era corajosa e seu pai dogmático, o que era uma combinação obviamente mortal que ela herdara deles.

“Acho que meus pais me ensinaram a lutar”, disse ela, segurando Bellator mas incapaz de olhar diretamente nos olhos de Akio.

Foi provavelmente por isso que ele se inclinou para chamar a atenção dela. “Então, se concentre neles. São nossos maiores professores, que devemos ter em nossos corações quando lutamos. O combate é desmoralizante. É assustador enfrentar os adversários. Raramente perseveramos apenas pela autopreservação. Entretanto, quando nos lembramos daqueles que nos fizeram quem somos? Bem, nós nos tornamos imparáveis”.

Liv teve dificuldade para engolir por um momento, como se sua garganta tivesse sido cortada. Ela conseguiu um aceno de cabeça. “Vamos de novo?”

Akio embainhou sua arma, acenando com a cabeça para ela. “Sim, mas vou tentar a desarmar desta vez”.

“Sem uma espada?”, perguntou ela.

Ele lhe ofereceu um sorriso lateral. “Sim. Acho que ficarei bem, e seu inimigo raramente lhe dirá o que ele está prestes a fazer, portanto, se considere em vantagem”.

Liv fez uma reverência, depois endireitou. Ela estava pronta quando Akio se atreveu a avançar, vindo até ela como um touro solto. Suas mãos estavam ao redor da cintura dela. Ela balançou Bellator acima de sua cabeça, mas de repente se sentiu desorientada. O outro guerreiro se moveu mais rápido do que ela podia seguir, como um fantasma. Ela piscou os olhos, se perguntando para onde ele havia desaparecido. Balançando, ela girava, mas ele já estava nas costas dela novamente, seus braços a apertando. Grunhindo, ela o tentou dominar, mas sabia que era inútil quase desde o início. Bellator se agarrou ao chão por causa da pressão de sua garra.

Liv tropeçou de volta, abanando a cabeça. “Como você fez isso? Como você se move tão rápido?”

“É uma vantagem de não segurar uma arma”, admitiu Akio. “Ganhamos e perdemos quando seguramos uma arma. Eles nos tornam mortíferos, mas muitas vezes nos atrasam. Nunca esquecer que empunhar uma arma nem sempre é a abordagem correta. Depende da batalha”.

“Você vai me ensinar como me mover assim?” perguntou Liv.

Akio acenou com a cabeça. “Sim, mas primeiro me deixe ensinar a segurar sua espada”. Ele pegou a Bellator e a estendeu para ela. “Desta vez, não pense em você como se estivesse carregando esta espada. Ao contrário, acredite que é uma extensão de você”. Quando você balançar Bellator, a veja como parte de você”.

Ela não queria dizer a ele que isso soava como uma porcária hippie, mas era exatamente o que lhe parecia. No entanto, ela nunca tinha visto ninguém se mexer como Akio Takahashi. Ele era fluido como a água e inigualável em sua agilidade. A maneira como ele se movia era quase inacreditável. Este não era um adversário com o qual ela quisesse ter um confronto.

“Certo”, concordou Liv, levando Bellator. “Uma extensão do meu braço”.

“Uma vez que você conquiste essa idéia, você vai destravar quaisquer benefícios que a espada possa lhe oferecer”.

“Como você sabe que vou”? perguntou Liv.

Ele lhe deu um olhar cético. “Uma espada como esta, que aparentemente foi feita para você, tem muitas maneiras de ajudar seu portador. No entanto, você tem que provar ser digno do poder que ela lhe emprestaria. É importante lembrar que um Guerreiro e sua espada devem ser parceiros na batalha. Atualmente, você está agindo como se estivesse no comando e ela é sua ferramenta”.

Liv trabalhou para cobrir a tensão que suas palavras tinham desenterrado. “Encontrei a espada”, ela mentiu.

Ele acenou com a cabeça. “Na Goodwill . Eu me lembro”. Ele se curvou novamente, sinalizando o início de outro jogo de treino.

Desta vez, ela não reagiu às primeiras tentativas dele de a prender. Ao invés disso, ela permitiu que Bellator a liderasse como se fossem um casal na pista de dança. Novamente Akio desapareceu atrás, mas ao invés de balançar, ela sentiu a espada a pressionar para trás. Ela se atirou naquela direção, sabendo que Akio estava lá. Bateu nele, ela o pegou de surpresa, o

derrubando no chão. Balançando Bellator sobre sua cabeça, ela o derrubou, parando centímetros do rosto dele.

“Muito bem”, disse ele em voz rouca, com suor na testa. Acho que está bom por hoje”.

## Capítulo 21

Você me prometeu que me diria antes de partir para o Reino das Fae”, disse Clark, encostado a uma estante na biblioteca, com os braços cruzados.

“Eu disse que lhe diria antes de sair para ser morta, e não fiz isso, não é mesmo?” Liv retorquiu, sentada em um dos enormes sofás e folheando o livro que Rory lhe havia dado, *Criaturas Misteriosas*.

“Liv”, disse ele naquela voz de advertência que sempre usou.

“Não havia nada que você pudesse ter feito, e você sabe muito bem que eu tinha que completar o caso”, argumentou Liv. “Então eu descobri uma estratégia e a executei”.

Clark soltou uma risada apertada. “O Conselho ainda está perplexo com a forma como você o fez. Suas notas diziam que você se vestiu como uma fada e apelou à Rainha Visa de um ângulo diferente”.

Liv suspirou. “Sim, eu meio que deixei de fora alguns detalhes”.

“Bem, como você conseguiu que a rainha concordasse?”

Liv olhou ao redor, pegando o olhar de Sophia do outro lado da área de estar. Ela estava com vários livros, mas sua atenção principalmente incidia sobre sua irmã e seu irmão, embora ela fingisse estar lendo a maior parte do tempo.

“Eu tenho os feitiços de espionagem em funcionamento”, declarou Sophia. “Você deve estar segura”.

Liv acenou com a cabeça. “Consegui a ajuda de um fae”.

Clark suspirou. “O mesmo a quem você deu o anel de Guerreiro”...

“Eu não lho dei”, argumentou Liv. “Ele está tomando emprestado para que possamos descobrir a memória perdida”.

Clark se moveu para a parede coberta com a linguagem dos fundadores. “Entretanto, se o tivéssemos agora mesmo, poderíamos tentar abrir a câmara antiga ou o que quer que esteja atrás desta parede”.

Com relutância, Liv concordou. “Sim, é a primeira vez que estou aqui há algum tempo e que Stefan Ludwig não aparece por aí”.

Clark disse baixinho. “Entre nós três, não confio muito nele”.

“Porquê?” perguntou Liv, se inclinando para frente e pensando no tempo em que Stefan a havia tentado seguir.

“Eu não sei”, respondeu Clark. “Tenho certeza de que ele está escondendo algo do Conselho”.

Liv tinha certeza que ele estava, mas o que ela não havia determinado era se era algo bom ou ruim. Nem todas as coisas que Guerreiros mantinham em segredo do Conselho eram ruins. Ela podia atestar isso.

Sophia apertou os olhos e acenou com o dedo pelo ar. Na frente deles, uma almofada redonda se materializou sobre a mesa, fitas rosadas e rendas a enfeitavam.

Liv e Clark observavam com curiosidade como a menina se referia a um dos muitos livros ao seu lado. Então ela fechou os olhos novamente e movimentou seu dedo pelo ar como se estivesse escrevendo em cursivo. Na frente do travesseiro, as letras P-L-A-T-Ã-O foram costuradas.

Liv riu. “Você fez uma cama para ele?”

Sophia balançou a cabeça. “Não era suposto ter tantas rendas”.

“Ele vai adorar”, declarou Liv.

“Você acha que ele vai ficar com você aqui na Casa dos Sete?” perguntou Sophia.

Tanto Liv como Clark responderam imediatamente, ela dizendo “sim”, e ele respondendo o oposto com um “não» afiado.

Liv lhe lançou um olhar irritado. “Claro que ele virá”.

“Vamos lá, Liv”, argumentou Clark. “Não podemos ter um lince ficando aqui. E se o Conselho descobre?”

“Eles não vão”, respondeu Liv. “Ele é um mestre em se esconder. Nunca ninguém o pegou”.

Clark baixou seu queixo. “E é exatamente por isso que você tem que ter cuidado com essa criatura. Ele não é normal”.

“Diz o mágico nascido com sangue real que pode abrir câmaras antigas”, disse Liv secamente.

“Isto é diferente, Liv”, declarou Clark. “Você está se envolvendo com lince e gigantes e fae e mortais. Não é seguro”.

“Porquê?”, ela contra-atacou.

“Já passamos por isso”, disse Clark com um suspiro cansado, se afastando da prateleira.

“Sim, e tudo o que você pode me oferecer é preconceito que não explica nada”, contra-argumentou Liv. “E se estivermos todos separados, mas não era assim que deveria ter sido? E se forjarmos laços, e não estou me referindo àqueles pequenos acordos abafados que o Conselho me faz negociar”.

“Liv, eu sou a favor de ter a mente aberta, mas você não pode se iludir e pensar que eles são iguais a nós”, explicou Clark. “Os mágicos foram colocados nesta Terra para proteger a magia. Nós somos a raça civilizada que sempre desejou justiça com magia. Sacrificaremos as liberdades para garantir que os poderes não sejam abusados”.

Liv folheou seu livro, completamente cansada de ter esta conversa com Clark. Ela se surpreendeu quando o livro parou em uma página aleatória que não parecia tão aleatória. Ela se sentou, limpando sua garganta. “Os mágicos são uma das criaturas menos compreendidas. Considerados mais civilizados que as outras raças, eles têm governado desde o início, com a criação da Casa dos Sete. No entanto, suas práticas são muitas vezes vistas como arbitrárias por pessoas de fora, e seus métodos não são escrutinados. Muitos se perguntam como eles se tornaram os figurinos do mundo mágico sem dúvida. Será que os elfos simplesmente não se importam, e os gigantes preferem o anonimato, e os gnomos gostam de ter um órgão de governo que faça seu trabalho sujo? Não há consenso sobre isso, e a história não conta uma história simples. É claro que a única raça mágica camuflada no maior mistério são os mágicos”.

Liv fechou o livro, dando a Clark um olhar vitorioso.

“Escrito por um gigante”, disse ele, tendo espiado o nome do autor: Bermuda Laurens.

Liv rolou seus olhos. “Não está apenas neste livro. Eu não consigo encontrar os nomes das famílias fundadoras em nenhum lugar”.

“Eles estão na câmara antiga”, argumentou Clark.

“Mas porquê? Porque não existe um gigantesco livro de história que explica exatamente como a Casa dos Sete foi formada”? argumentou Liv.

“Porque isso, sem dúvida, detalharia nossas fraquezas”, disse Clark.

“Você diz isso de uma maneira quase ensaiada”, disse Liv. “Essa é uma das linhas de Adler?”

“Não”, disse Clark, mordendo os lábios. Então ele balançou a cabeça. “Sim, tudo bem. Mas ele está certo. Se puséssemos nossa história lá fora para todos lerem sobre a magia que formou a Casa dos Sete, isso colocaria armas

nas mãos de nossos inimigos. Eles talvez descobrissem como entrar na Casa. Eles saberiam como somos governados. Eles saberiam mais do que deveriam”.

“E ainda assim, mantemos um segredo tal que nem mesmo próprios conhecem a história”, contra-argumentou Liv.

“É melhor assim”, disse Clark, esfregando os nós dos dedos na testa da maneira como ele fazia quando estava frustrado.

“Eu não tenho tanta certeza”. Na verdade, foi Sophia quem comunicou sua discordância.

Clark balançou a cabeça para sua irmãzinha. “Eu concordo que algo está acontecendo. Ainda não descobri o que há com as latas, mas isso é diferente do que você está falando”.

“Talvez”, disse Liv, a incerteza em seu tom.

“E apesar da minha investigação, não consigo encontrar nada de nefasto na área de armazenamento que você descobriu no mosteiro”, declarou Clark.

“Como assim?” Liv perguntou.

“Bem, essas latas de magia são raras...”

“Não se você tivesse estado na sala em que eu estive”, Liv interrompeu. “Havia várias centenas. Era quase ofuscante”.

“Certo, mas no esquema das coisas, elas são consideradas raras”, disse Clark, desdenhosamente. “De tudo o que posso aprender fazendo pesquisa, unidades de armazenamento de magia como essa são perigosas porque não há controle sobre elas. Qualquer um, como os mágicos não registrados, pode as usar para fazer o que quiser e sair impune. Você se lembrará que Valentino estava pronto para usar o poder para seus próprios ganhos egoístas. Não é uma forma segura de magia, então talvez elas estejam sendo armazenadas naquele lugar para as manter afastadas daqueles que abusariam delas”.

“Talvez”, disse Liv, com relutância em sua voz novamente. Ela viu uma figura se materializar no final de um corredor. A imagem de Stefan podia nem ter sido vista, só que ele passou com sua cabeça na luz de uma fileira vizinha. Uma vez que ele viu os três na área de leitura, ele desapareceu de volta para o corredor. Porque ele estava sempre andando por esta área? Teria ele tentado espionar eles e percebido que tinham sido usados encantamentos para evitar isso?

Liv se inclinou para a frente. “Ei, Soph, você vai colocar um feitiço de disfarce em mim?”

“Com certeza”, a jovem mágica guinchou, saltando, seu vestido rosa e seus cachos saltando com o movimento.

“Espere, porque você está mandando ela fazer isso?” Clark questionou. “Você sabe como fazer isso, certo? Por favor, me diga que o gigante não negligenciou tanto seu treinamento”?

Liv queria ignorar seu irmão, mas não às custas do bom nome de Rory. “Claro que ele não o negligenciou. Ouso dizer que não consegui me encontrar em um jogo de esconde-esconde”.

Sophia riu. Clark com cara de pau. Era a nova dinâmica familiar à qual a Liv estava se acostumando, e como que se divertindo.

“Quero que Sophia o faça para que não seja rastreável, já que sua magia ainda não está registrada”. Liv acenou de forma “apressada”. “Você poderia, por favor? Eu vou seguir alguém se conseguir o alcançar”.

Sophia acenou com a cabeça, pressionando o dedo até o queixo, pensando. “Aqui, que tal isto?” Ela acenou com a mão no ar, e a próxima coisa que Liv sabia era que sua forma havia desaparecido.

“Você me tornou invisível?” perguntou Liv, impressionada. Ela esperava que Sophia fizesse com que ela se misturasse ao seu redor ou assumisse uma imagem que outra pessoa esperava ver. Havia literalmente centenas de feitiços disfarçadores, mas a invisibilidade era rara e consumia uma quantidade extraordinária de energia.

Sophia acenou com um rosto repentinamente cansado. “Você gosta?”

“Eu amo isso”, disse Liv, querendo se apressar para agarrar a menina, que parecia que ela poderia desmaiar a qualquer momento.

Para surpresa dela, Clark deu um passo à frente, olhando na direção em que ele havia visto Liv pela última vez. “Vá em frente, então. Faça o que você ia fazer. Eu cuidarei desta pequena. Ela vai precisar de uma soneca agora”.

Liv sorriu. “E um biscoito”.

“Três”, disse Sophia, soando um pouco delirante.

Liv não olhou para trás enquanto se apressava, na esperança de alcançar Stefan antes de ele fugir.

## Capítulo 22

**A**s ruas da cidade estavam estranhamente desertas quando Liv pisou no portal que Stefan tinha criado. Rory havia recentemente lhe ensinado como impedir o fechamento de um portal, de fato, jogando seu pé dentro.

O ar frio ao lado do canal era um forte contraste com o clima em Santa Monica, de onde eles tinham vindo.

Stefan já havia viajado rapidamente pela rua calcetada quando Liv entrou pelo portal, escapulindo pouco antes de fechar. Ela deslizou para as sombras de um edifício, com janelas decoradas com floreiras transbordando de flores. Ao longe, ela ouviu risos e música jazz. Este lugar era alegre, mesmo com o pôr-do-sol e os candeeiros cintilando para acender.

Liv saiu de seu esconderijo quando Stefan desapareceu ao virar de uma esquina. O manto de invisibilidade que Sophia havia colocado sobre ela havia se desgastado, mas a tinha levado tão longe. “O que você está tramando, Stefan?” Liv murmurava para si mesma.

“Isto é Amsterdão”, disse Platão, que agora estava ao seu lado.

“O que isso quer dizer?” perguntou Liv, olhando para o gato.

“Bem, há uma série de coisas que o Guerreiro poderia estar fazendo. Por exemplo, nessa direção está o famoso ‘red light district’”. Ele inclinou sua cabeça para onde Stefan tinha ido.

“Que horror.”

“Ou ele pode estar trabalhando em um caso para o Conselho”, argumentou Platão.

“Ele poderia, mas algo me diz que ele está tramando algo ou trabalhando em um caso desonesto”, disse Liv, saindo de seu lugar e se apressando na pista.

“Porquê, porque é isso que você faz em seu tempo livre”? perguntou Platão.

Liv ignorou. “Stefan me seguiu. A lógica provaria que ele desconfiava de minhas atividades porque também estava escondendo algo”.

“Oh, então você quer dizer que um mentiroso é o primeiro a pensar que alguém está mentindo? Um sorrateiro é sempre paranóico que alguém esteja espionando? É como uma forma de reflexão?”

“Sim, essa é a idéia”, respondeu Liv.

“Ou talvez ele estivesse apenas te seguindo porque você estava, de fato, tramando algo: roubando tesouros de museus e invadindo mosteiros”, disse Platão.

“Sim, mas não me parece. Stefan Ludwig está tramando algo também, e eu gostaria de descobrir”.

“Parece que muitos na Casa dos Sete têm mistérios e camuflagens secretas”, declarou Platão.

“E a única maneira de descobrir os segredos a que Ian e Reese aludiram é investigar”, declarou Liv.

“Então, você acha que Stefan está envolvido na morte deles?” perguntou Platão.

“Não estou descartando nada, mas se ele estiver, vou enfiar a Bellator diretamente pela sua garganta e o fazer desejar nunca ter conhecido Liv Beaufont”.

Platão sorriu. “Esse deveria ser seu lema”.

“Deveria ser totalmente”, concordou ela. “Acho que a maioria das pessoas gostaria de nunca ter me conhecido, mas isso é principalmente porque sou uma espécie de chata”.

“Uma espécie?” Platão questionou.

“Cuidado, lince, ou você vai desejar nunca ter feito amizade comigo”.

Ele balançou a cabeça. “Eu nunca me arrependo de uma decisão. É a minha visão de especialista”.

Liv o observava com um olhar curioso. “Certo. E como foi que você me encontrou um dia nas ruas há cinco anos? Você nunca mencionou isso”.

“Eu não mencionei?” Platão contra-atacou, seus olhos focalizados para a frente. “Parece que Stefan está fugindo. Devemos continuar isto mais tarde”.

“Se eu o conheço, isso significa ‘nunca’.” Liv dobrou seu ritmo antes de parar na esquina onde Stefan tinha desaparecido. O brilho das luzes vermelhas se refletia ao longo da estrada, dando uma dica do que poderia ser encontrado ao redor da curva. Ela não sabia o que encontraria Stefan fazendo, mas esperava que não tivesse ido visitar um bordel. Mais uma vez, isso era mais inocente do que as outras possibilidades horríveis que lhe passavam pela

mente. Será que ele poderia estar por trás das latas de magia desaparecidas? Será que ele estava ajudando a encobrir os segredos da Casa dos Sete? Será que ele sabia o que aconteceu com seus pais? Ela tinha tantas perguntas, e a única maneira de obter respostas era seguir todas as pistas.

Ao virar a esquina, Liv encontrou uma fila de lojas, com suas ‘mercadorias’ dançando em vitrines. As pessoas passeavam na calçada, mas para sua desilusão, Stefan não estava por perto. *Droga, será que eu o deixei escapar?* Liv azedou.

A orelha de Platão se torceu para o lado.

“Você ouviu alguma coisa?” perguntou ela, notando o movimento.

“Eu ouço muitas coisas, mas há um som em particular que não ouço há algum tempo”.

“Para que lado?” Liv perguntou.

“Nas traseiras daquela loja”. Platão indicou a loja na frente deles.

Ardilosa, Liv deslizou ao longo da parede, tentando não se mover muito rápido, mas também não querendo parecer que estava seguindo um mágico. Foi um ato de equilíbrio. A maioria das pessoas na rua, naquela hora, parecia não lhe prestar muita atenção, muito entrançada nas conversas com a pessoa ao seu lado ou nos movimentos das mulheres sob as luzes vermelhas.

Liv se apressou pelo beco entre as lojas, que se encontrava quase na escuridão. Ela contornou ao redor de poças e sobre qualquer coisa que fizesse barulho e denunciasse sua presença. Então ela ouviu o barulho que Platão deve ter percebido. Um grito lento, como o de raspar metal contra metal.

Liv deslizou para cima, ao lado da parede, um arrepio violento estremeceu pelas suas costas. Ela sabia de fato que qualquer que fosse aquele barulho, não era tão inocente quanto alguém empurrando um carrinho de metal sobre uma inclinação ou o que quer que fosse. No fundo, ela sabia que o barulho estava ligado ao mal e à escuridão que ela nunca havia encontrado.

“O que é isso?”, perguntou ela para Platão.

Ele pestanejou para ela, parecendo deliberar. *Puxe da sua espada*, ele respondeu com uma voz que ela ouviu na cabeça, como se de repente tivessem forjado um elo telepático.

Puxando a Bellator de sua bainha, Liv continuou pela viela, o som desmaiou à medida que se aproximava dela.

Respirações irregulares que soavam como papelão sendo serrado ao meio substituíram a gritaria. Liv parou na esquina, se preparando, ou pelo menos

tentando. Quando ela espreitava na esquina, ela quase ofegava, quase expondo sua presença.

Nada no mundo a poderia realmente ter preparado para o que ela viu.

## Capítulo 23

**S**tefan nunca se acostumou com o cheiro. Como alguém poderia? Ele o assombrava à noite, permanecendo em suas narinas, lembrando do que ele se tornaria se não encontrasse a cura para o que o atormentava.

Ele se mataria primeiro, porém. Ele já havia se decidido sobre isso. Mas ainda tinha tempo. Não muito, mas esperançosamente o suficiente.

O demônio que ele havia agarrado em sua mão não era aquele que o havia mordido. Stefan sabia disso. Ele tinha a mesma pele vermelha, viscosa, veias correndo pelo lado do rosto como se suas entranhas estivessem do lado de fora. No entanto, este demônio tinha vários chifres ao redor de suas maçãs do rosto e muitos mais em sua cabeça.

Sabatore, o demônio que afundara suas fileiras de dentes afiados no braço de Stefan, o marcando com uma maldição, tinha dois chifres curvos proeminentes montados em sua cabeça e um anel prateado atravessando seu nariz.

“Me diga onde o posso encontrar?” Stefan insistiu em um sussurro apertado, segurando o demônio mais alto na parede e pressionando a espada mais profundamente em seu tronco.

O som que transbordava sobre os lábios trêmulos do demônio não era inteligível.

“Eu sei que você fala inglês, seu inútil pedaço de merda”. Todos os demônios falavam todas as línguas - Stefan tinha aprendido isso - embora preferissem se comunicar através de uivos e gritos que assombravam os mortais durante toda a noite. Estes eram os animais que corrompiam as pessoas boas, as enchendo de ganância e paranóia, fazendo cometer atos horríveis e perpetuando o mal no mundo. Sim, o mal existiria sem demônios. Sempre existiu, mas à medida que eles se espalhavam, odiaram tanto que procuraram dominar o mundo.

Stefan sabia que se tratava de equilíbrio. E alcançar esse equilíbrio, ajudando a o manter, tinha sido seu trabalho. Agora sua missão era pessoal:

caçar a besta que o havia marcado, tentando o transformar como Sabatore. A ironia de que o caçador de demônios pudesse um dia se tornar a coisa que ele odiava não se perdeu em Stefan.

Se Raina soubesse, ela não acharia irônico, no entanto. Sua irmã ficaria devastada se soubesse que ele tinha sido mordido, razão pela qual ela não sabia. Além disso, ela poderia não ser capaz de manter as notícias em segredo do Conselho, e Stefan desapareceria imediatamente. Essa era a regra, e não havia exceções. Aqueles mordidos eram contaminados pelo mal, o veneno surgindo através deles, pronto para assumir a qualquer momento, a corrupção a partir de dentro.

*Eu tenho mais tempo*, disse ele mesmo. *Eu tenho que o fazer*. A alternativa era insondável, e ainda assim, Stefan sabia como os demônios se espalhavam, marcando mágicos ou duendes ou gigantes, espalhando sua doença e o mal que eles simbolizavam.

Durante a maior parte de sua carreira como guerreiro, ele estudou e treinou para saber como melhor rastrear e matar demônios. Foi só quando se tornou pessoal que ele começou a pesquisar na biblioteca como o vírus se espalhava e como o deter. Ele precisava do sangue de Sabatore. Essa era a única maneira de produzir o antídoto. Hester lhe havia dito isso, mas não havia prometido que iria funcionar. Ela havia lhe dado um último aviso antes de prometer não contar ao Conselho.

“Seu segredo está seguro comigo por um tempo”, lhe disse a Conselheira com uma voz dolorosa. “Entretanto, quando chegar a hora, você não será capaz de o combater. O demônio te assumirá, e Stefan estará perdido para sempre”.

Ele balançou a cabeça. “Não vou deixar isso acontecer. Eu vou resolver as coisas primeiro”.

Com a dor em seus olhos, Hester desviou o olhar. “Lamento dizer que muitos tão fortes como você, tiveram a mesma intenção, mas já era tarde demais para isso. Acontece rápido, às vezes sem nenhum aviso. Num momento você é você, e no outro... Bem, você mudou para sempre e também se foi para sempre. Uma vez que o demônio toma conta, não há como voltar”.

Stefan tinha percebido o que ela quis dizer quando as vozes começaram em sua cabeça; os ecos do demônio em que ele se tornaria. Queria o engolir inteiro, tomando conta de sua vida e o fazendo assombrar este mundo para a eternidade. Stefan lutou contra aquele demônio atualmente em sua cabeça,

sacudindo os cânticos que muitas vezes o despertavam durante a noite.

“Me diga onde está Sabatore e sua morte será rápida”, Stefan ameaçou o demônio que tinha encostado contra a parede.

“Você não pode me matar”, disse o demônio sibilando .

Stefan riu morbidamente. “Isso é o que todos dizem”.

Com uma mão ainda no punho de sua espada prendendo o demônio à parede, suas mãos e pernas retidas, Stefan puxou uma chama vermelha de dentro de sua capa.

O demônio começou a se contorcer mais furiosamente, batendo com a cabeça para frente, tentando empurrar Stefan. Ele o manteve firme, porém, acostumado a como eles se assustavam nesta fase do jogo.

Pressionando a espada mais firmemente dentro do demônio, Stefan começou a recitar o texto mágico que liberou o demônio da Terra, mas mais importante ainda, liberou o que estava preso dentro dele. “*Metuendas Dcemonis violentias, dimittere unam animam de amicae tuae involasti, permittens eos tandem*”.

As palavras que ele falou tinham agora um novo significado para Stefan. Um significado pessoal: *Demônio, liberte a alma daquele que você roubou, lhe permitindo finalmente descansar.*

Um grito que assombraria os sonhos de Stefan derramado da boca do demônio, enchendo o ar noturno com um som que a maioria das pessoas rejeitaria ou não ouviria de todo. Metal sobre metal: era assim que melhor era descrito. Um barulho agudo que cortava o demônio dentro de Stefan, lhe implorando que não continuasse. Não matar o demônio diante dele. Ele se livrava do impulso que o envolvia por dentro.

Em um movimento rápido, Stefan puxou a espada do demônio, lançando sua outra mão na ferida aberta, inserindo a chama vermelha, que era do tamanho de uma pétala de rosa, no demônio.

“*Ad infernum, a quo factum est tibi in sempiternum in ipse comburetis*”, terminou Stefan, deixando cair o demônio e se afastando.

À medida que as palavras que ele falava atravessavam a mente de Stefan, o demônio irrompeu em chamas, consumido pelo fogo que finalmente acabaria com ele: *Volte para o inferno, do qual veio, onde arderá para sempre.*

Stefan se virou quando estava a uma distância segura do demônio, que foi rapidamente reduzido a cinzas. Ele tirou seu lenço da capa, limpando

primeiro o sangue de suas mãos e depois sua espada.

Nas suas costas, ele ouviu um barulho e girou de uma vez, encontrando apenas sombras e escuridão.

*Não, por enquanto tudo estava seguro em Amesterdão, ele mesmo disse.*

Os sons da vida nas ruas vizinhas eram subitamente mais pacíficos, como se o conhecimento da morte do demônio tivesse se espalhado de imediato pela cidade. No entanto, ninguém sabia que um demônio tinha sido morto, apenas que seus pesadelos haviam sido aliviados.

Entretanto, esse não era o caso de Stefan Ludwig. Seu pesadelo só estava ficando pior.

## Capítulo 24

**N**ada disso fazia sentido.

Liv tentou esquecer o que tinha visto nos becos de Amesterdã, os classificando como puramente assuntos da casa, mas aquilo não lhe pareceu correto. Platão esteve em silêncio por muito tempo, permitindo que ela falasse sobre o que tinha acontecido enquanto mexia num despertador que já deveria ter sido consertado. Entretanto, a magia tornava muitas coisas possíveis, se ela pudesse apenas descobrir todas as coisas que estavam erradas com ele. O relógio era mais ou menos como Stefan Ludwig. Liv não os conseguia entender.

“Caçar demônios é uma coisa, mas os interrogar?” Liv disse, como se fosse pela centésima vez.

Empoleirado por perto, Platão simplesmente acenou novamente, ainda não oferecendo nenhum comentário.

“Quem é Sabatore, e porque Stefan está procurando por ele?” ela pensou, virando o despertador em suas mãos, não olhando realmente para ele, mas sim, perdida no pensamento. “E porquê questionar um demônio? Eles não são confiáveis, no mínimo. É como pedir conselhos a Adler Sinclair. O que quer que ele diga é uma total besteira e provavelmente só serve à sua agenda gananciosa e misteriosa”.

“E eu pensava que você e Adler estavam começando a se dar bem”, brincou Platão.

Liv sacudiu a cabeça. “Eu simplesmente não entendo. Sabatore. Será que já ouvi esse nome antes?”

“Acho que não”, declarou Platão com confiança.

Liv olhou para cima. “Como você sabe?”

“Eu só sei”, disse ele de forma presunçosa.

“Você não está comigo o tempo todo”. Eu tenho uma vida longe de você, sabe?”

“Você tem?” ele desafiou.

Ela encolheu os ombros. “Sim, você está certo. Eu provavelmente não

tenho. Mesmo quando estou sozinha, tenho certeza que você está me espionando de alguma forma”.

“Você já trabalhou no latim que ele estava falando?” perguntou Platão.

Ela suspirou. “Você sabe que eu não o fiz, não até ao fim. Você está pronto para preencher o resto para mim, ou vai fingir que não tem idéia?”

“Como você gostaria que eu prosseguisse com este? Lhe dê dicas? Contar tudo? Agir como se eu não soubesse?”

Liv não podia deixar de rir. “Bem, eu sei que foi um encantamento, mas um pouco mais complexo do que aqueles aos quais estou acostumada”. Ela apontou para o livro “*Criaturas Misteriosas*”. “Não consigo encontrar nada parecido nesse livro, mas vou procurar na biblioteca também”.

“É um feitiço de banimento”, disse Platão com um bocejo. “É para aprisionar demônios no submundo de onde eles supostamente vieram”.

“Eu percebi essa parte do inferno quando ele mencionou *infernum*”, disse Liv. “Eu simplesmente não entendi a primeira parte. Chocantemente, meu latim está um pouco enferrujado depois de cinco anos de pouco uso enquanto trabalhava em uma oficina de reparos”.

“Sim, também não tenho certeza se recebi a mensagem completa”, relatou Platão.

“Bem, me diga o que você acha que ouviu”.

“Algo, algo, algo. Pessoas falando nas ruas. Barulho de garganta. Respiração baixa. Uma sirene à distância...”

“Eu quis dizer do que Stefan disse”, disse Liv, interrompendo a tentativa de mau humor de Platão.

“Oh, isso”, disse Platão. “Grosseiramente, acho que ele disse, *Demônio, liberte a alma daquele que você roubou, lhe permitindo finalmente descansar.*”

Liv levantou uma sobrancelha para o gato. “Oh, isso é ‘mais ou menos’ o que você ouviu? Parece bastante exato, e talvez um pouco ensaiado”.

Ele encolheu os ombros. “O que posso dizer? Eu conhecia um caçador de demônios. O verso meio que voltou à minha memória”.

Liv lhe deu um olhar conspiratório. “E este encantamento... é usado para matar o demônio?”

Platão balançou a cabeça. “Não, há várias maneiras de matar um demônio. A maneira como ele o fez foi uma delas, usando o fogo. Mas o encantamento é suposto prender o demônio, e mais importante, liberar a alma

que ele sugou”.

Um calafrio passou por cima dos braços da Liv. “Então os demônios são realmente pessoas?”

“Sim”, afirmou Platão. “Almas presas são o veículo que os demônios usam”.

Liv disse meio que ridicularizando. “Como alugar um carro”.

“Sim, mas não há seguro ou cheiro de carro novo”, brincou Platão.

“Isso é tão triste”, relatou ela. “Eu não tinha idéia de que os demônios eram tão terríveis”. Só o olhar daquela coisa era o suficiente para assombrar meus sonhos para sempre”.

“Para não mencionar o cheiro”, acrescentou Platão.

“Sim, suponho que a higiene demoníaca seja bastante horrível. E eu aposto que eles nunca usam fio dental”.

Platão se rebaixou à bancada de trabalho, fazendo a Liv olhar para cima imediatamente. Era o que ele sempre fazia pouco antes de alguém entrar na oficina, tentando manter a discrição.

Liv empurrou o despertador para o lado, pronta para saudar a pessoa que entrou pela porta, esperando um de seus clientes habituais.

A pessoa que cambaleou através da porta não era ninguém que ela esperasse.

Liv ficou nervosa, cada centímetro de seu corpo tenso e pronto para lutar, mas ela não sabia porquê.

O homem que entrou na loja não tinha um rosto familiar, mas definitivamente havia algo nele. Ela não conseguia se lembrar onde havia visto seu rosto longo ou seus olhos trêmulos, mas algo lhe dizia que ela já tinha visto, e não era bom. Platão tinha desaparecido, o que não a fazia se sentir melhor, ela se esticava para, trás para uma prateleira próxima de uma chave de fenda. Não era a Bellator, mas teria que servir.

O homem fingiu olhar sobre o conteúdo na prateleira da frente, seus olhos cortando para Liv a cada vários segundos. Quanto mais ela o estudava, menos certa ela estava de que realmente o conhecia. Talvez ela estivesse sendo paranóica. Havia toneladas de personagens mutáveis no WeHo. Isso fazia parte do encanto, ela pensava com um riso mental.

“Posso ajudar a encontrar algo?” perguntou Liv, notando que ele não tinha um aparelho em suas mãos e, portanto, provavelmente não precisava de nada reparado.

O homem balançou a cabeça grosseiramente, suas mãos pressionadas nos bolsos do jeans.

Ela poderia jurar que o conhecia, mas de onde? Sua cabeça era careca, e... suas orelhas. Eles cintilavam, como uma foto, ou na televisão.

Ela piscou os olhos, tentando perceber o que tinha acabado de ver.

“Os ventos de Santa Ana estão violentos lá fora?» perguntou Liv, tentando fazer conversa ou fazer qualquer coisa para revelar mais pistas.

O homem balançou a cabeça, não dizendo nada. Ele estava usando uma camiseta solta e calças de malha com tênis. Realmente não havia nada fora do comum nele. Segurando a chave de fenda nas costas, Liv tentou dar sentido ao que ela pensava ter visto. Teria sido um fruto da imaginação dela?

O latido vindo de trás fez com que tanto o homem quanto Liv se mexessem. Ela girou, se pondo momentaneamente de costas para o homem. John estava ali. Talvez isso fosse uma coisa boa. Depois, ela se livraria de toda essa ponderação e realmente faria algum trabalho. Isso estava a deixando louca.

Sentindo algo mexer atrás dela, Liv se virou para encontrar o homem mais perto do que antes, do outro lado da bancada de trabalho. Ela forçou um sorriso, segurando a chave de fenda. “De certeza que não posso ajudar a encontrar algo? O que o traz por cá hoje?”

Ele zombou, mostrando uma boca cheia de dentes amarelos. Instantaneamente ela tinha certeza de ter visto este homem antes, mas onde?

“Acho que você não tem o que estou procurando aqui”, disse o homem, sua voz trazendo consigo a familiaridade.

“O que você está procurando?” perguntou Liv, seus dedos apertando na chave de fenda.

“É velho”, respondeu o homem, com uma voz assombrosa.

Liv procurou o espaço ao redor do homem, tomando os obstáculos entre eles no caso de uma briga eclodir. Ela queria estar preparada para tudo.

“Velho? Como um toca-discos vintage?”, perguntou ela.

Ele balançou a cabeça e novamente suas orelhas tremeluziram, por um segundo parecendo muito mais pontiagudas do que pareciam antes.

Ele era um elfo! Ela o soube de imediato.

“É um dispositivo eletrônico?” questionou ela, ganhando tempo.

O homem balançou a cabeça novamente, pisando para o lado, com os olhos voltados para ela.

“Eu tenho seu café. Quer que eu o leve aí?” John ligou lá de trás.

“Não!” Liv respondeu imediatamente. “Quero dizer, não, obrigado. Voltarei em um minuto. Fique onde você está”.

O elfo deu mais um passo em sua direção.

“O que você quer?” Liv se atreveu a perguntar. Seu glamour estava desaparecendo, e com ele quaisquer pretensões.

“Você sabe”, ele cantou, com sua voz rouca.

Liv não sabia, mas achava que deveria saber.

“Eu não sou uma leitora de mentes. Porque você não me diz o que quer?”

O olhar louco nos olhos do homem era diferente de tudo o que Liv tinha visto. Ele parecia mais marcado de dentro para fora do que qualquer desabrigado que ela tivesse visto nas ruas. Em sua essência, o homem a assustou; não por causa do que ele poderia fazer com ela, mas por John e pela loja.

“Me dê isso», disse o homem, sua voz quase suplicando ao dar um passo adiante. «Tudo o que você tem que fazer é me dar e eles acabarão com meu sofrimento”.

Liv tropeçou de volta enquanto o homem levantava o braço. Reagindo instantaneamente, Liv se inclinou para o lado, jogando seu pé no peito dele e o atirando através de uma vitrine. O barulho de metal batendo no chão lhe agredia os ouvidos. O elfo tinha caído mais rápido do que ela esperava, mas ele também tinha voltado à posição mais rápido do que deveria.

“Que diabos é isso?” John gritou de trás.

“Nada!” Gritou Liv. “Fique aí atrás!” Ela levantou a mão, a dirigindo para o homem, mas era tarde demais; ela viu isso imediatamente. Ele soltou um jato de água e foi como se tivesse sido atingida por uma mangueira de bombeiro. A água a atingiu com tanta força através de suas roupas que queimou sua pele.

Ele a empurrou com força para a prateleira atrás dela, fazendo um barulho alto. Suas costas bateram na borda, a fazendo cair no chão.

“Liv!” John chamou.

Havia passos apressados enquanto o homem se aproximava dela. Esta era a chance de Liv o atacar quando ele recarregou, pronto para a agredir novamente. Ela rolou e aproveitou esta oportunidade para direcionar sua mão para a porta de trás, a trancando para que John não conseguisse passar.

O elfo a atacou novamente, desta vez se atirando a ela. Seus punhos

falharam o rosto dela enquanto Liv mergulhava sobre os aparelhos caídos, agarrando o homem pelas costas da camisa e o atirando para uma vitrine diferente. Ele caiu com força, parecendo ter perdido muita energia. Liv estava prestes a lançar outro ataque contra ele quando ele chorou como uma criança e embalou seu braço.

Isto lhe deu uma pausa. Ela não sabia como lidar com alguém que reagia com tanta emoção. Permitindo que ele subisse aos seus pés, Liv notou que uma ferida havia se aberto no braço do homem e estava derramando sangue. Tudo abrandou em sua mente enquanto ela espiava as veias negras como aranhas irradiando para longe da ferida, alcançando ao redor do braço do homem, rastejando pelo ombro acima, e depois de baixo da camisa até o pescoço.

“Você”, disse Liv em voz baixa, reconhecendo o elfo que ela cortou com a Turbinger.

Ele balançou a cabeça enquanto segurava seu braço, as veias agora cobriam seu rosto. “Isto não acabou”, advertiu ele, e se virou e correu da loja.

## Capítulo 25

**L**iv tremia tão violentamente de adrenalina e raiva que deixou o elfo fugir. Tinha acontecido tão rápido, e o choque que ele tinha voltado para a buscar - a espada – lhe deu uma pausa momentânea.

Em sua mente, ela o deveria ter impedido. O deter. O levar para a Casa dos Sete. Mas o que ela ia dizer? “Este é o elfo a quem roubei a espada do gigante quando invadi o Museu Nacional de História. Ah, e a propósito, fui eu. Surpresa!”

E havia John com quem se preocupar. Ele estava atualmente batendo na porta das traseiras que ela havia trancado para o proteger. Com um movimento de sua mão, as fechaduras desapareceram e a porta se soltou, John tropeçou nela imediatamente.

Com os olhos bem abertos, ele olhou para o caos, seus olhos encontraram Liv de imediato. “Você está bem? O que aconteceu?”

Ela acenou com a cabeça, tentando respirar fundo. “Eu estou bem. E eu sinto muito por isto”. Ela se moveu para a frente da loja, que foi destruída, prateleiras derrubadas e aparelhos e suas partes espalhadas pelo chão.

Ele nem quis saber do pedido de desculpas. “Não ligo para a loja”. Ele olhou para ela, sua sobrancelha se sulcando antes de tirar o casaco de couro e oferecer a ela. “Aqui, você está tremendo. Pegue isto”.

Foi então que Liv lembrou que estava encharcada com a água que o elfo lhe havia pulverizado. Ela recusou a oferta de John, usando um feitiço de secagem para evaporar a água. Isso não ajudou com a dor onde a água havia queimado a pele dela.

“Você quer me contar o que aconteceu aqui?” John perguntou, olhando para os destroços.

“Você acreditaria que Platão se assustou e fez esta grande confusão?” Liv disse, notando quando o lince se materializou no outro lado da bancada de trabalho e pulou para que John o pudesse ver também.

“E a água?” perguntou John, apontando para as poças no chão de cimento.

“Ah, sim, bem, ele derrubou o prato de água que eu acabara de lhe dar quando ele se assustou”, mentiu Liv. “Acho que ele viu sua própria sombra ou algo assim. Você sabe como ele pode ser sensível”.

“Liv”, disse John, cruzando seus braços.

“Certo, tudo bem. Não era Platão”, disse Liv, indo ao trabalho pegar os dispositivos quebrados. Ela teria usado sua magia, mas se sentiu enfraquecida pela batalha.

“Quem foi?” perguntou John, depois balançou a cabeça. “Não, não importa. Você não precisa me dizer”.

“John, acho que preciso me mudar para a Casa dos Sete mais cedo”, disse Liv, e não podia acreditar que as palavras haviam caído de sua boca.

Aparentemente, John também não podia, porque olhou para cima de repente, a vassoura e a pá nas mãos. “O quê?”

“Bem, quero dizer, eu estava planejando fazer isso no final do mês quando aquele horrível advogado o forçou a sair daqui”, começou Liv. “Entretanto, acho que preciso desistir e me mudar antes disso. Tipo, daqui a uma hora”.

John colocou a vassoura no chão e deu a Liv um olhar sério. “Você está em perigo?”

Ela acenou com a cabeça, depois mudou a direção de sua cabeça para a sacudir. “Eu estou sempre em perigo. Essa é a natureza do trabalho. Mas o mais importante, você está em perigo. E veja o que aquele idiota fez com a sua loja”!

John riu disso. “Já fiz coisas piores depois de uma noite de uísque. Pela minha saúde, não sei porque acho que posso consertar uma maldita coisa quando estou bêbado. Depois acabo tropeçando em uma corda e derrubando uma prateleira inteira de coisas”.

Liv não riu. “John, estou falando sério. Aquele elfo louco vai voltar. Ele quase o prometeu”.

“Bem, então vá para a Casa dos Sete para que esteja segura”, declarou John. “Você disse que eles tinham medidas de segurança”. Deus sabe que não a posso proteger muito bem. As fechaduras em seu apartamento são uma brincadeira, mas em minha defesa, você não me deixa colocar mais nada lá”.

Liv deixou de limpar e deu a John toda sua atenção, sentindo o peso da situação como um grande fardo em seu coração. “John, isto é sério. Se aquele elfo tivesse ido atrás de você? Bem, eu não gosto de pensar no que teria

acontecido”.

“Não...” John disse com voz aguda. “Não saia daqui e desista só porque você está preocupada comigo. Não temos tanto tempo antes...bem, antes que tudo acabe. Antes que eu me mude e a loja desapareça. Se você precisa desistir porque tem que se concentrar em seus deveres de guerreira ou precisa estar em um lugar mais seguro, então faça isso. Eu a apoiarei. Eu a ajudarei a fazer as malas. Eu estava planejando fazer as malas de qualquer maneira. Mas não faça nada porque você está preocupada comigo. Eu sei que você trancou aquela porta para eu não poder sair aqui e ajudar”.

Ele apontou para a porta traseira, seu braço tremendo.

“John, eu tinha de...”

Ele a cortou, balançando a cabeça. “Eu posso não ser um guerreiro com poderes mágicos, mas posso cuidar de mim mesmo, Liv. Já o faço há muito tempo, e não quero que você pense que tem que me proteger”.

Este era o mesmo argumento que ele havia lançado quando ela se ofereceu para lutar contra o advogado e quem mais o estava forçando a sair do prédio. Havia um orgulho em seus olhos que ela não havia questionado na época, e algo lhe dizia para não discutir agora. Ele parecia forte, e também perto de quebrar, como se tudo o que ela tinha que fazer era sair por aquela porta em nome de o proteger e tudo se resolveria. Não lhes restava muito tempo juntos e ela entendeu que ele não queria que esse tempo fosse ocupado com sua segurança e magia.

“John, sinto muito”, disse Liv, olhando para os destroços. “Eu vou limpar tudo isso”.

Ele acenou. “Não é culpa de um policial quando um criminoso invade uma casa, e não é culpa sua quando os bandidos vêm atrás de você. É uma parte do território. E Liv, prefiro muito mais ter você por perto e criminosos arrasando minha loja do que a alternativa”.

Ela não sabia o que dizer. Nada parecia adequado em sua mente. Felizmente, a porta se fechou quando alguém entrou, interrompendo o momento.

Liv girou, pronta para pular na frente de John e o defender. Ela amoleceu com alívio quando avistou Rory.

Ele ficou parado, seus olhos examinando a loja. “O que aconteceu?”

Liv olhava para John e Rory. Isto iria criar um novo nível de complexidade para todos. Parecia que estava prestes a ser a Hora da

Honestidade.

“O elfo voltou, procurando a Turbinger”, explicou Liv.

“Turbinger?” John perguntou enquanto Rory parecia processar.

“Sim, é um...”

“Livro”, Rory mentiu, cortando a Liv.

Liv sacudiu a cabeça. “Não, é uma espada”.

Rory atirou nela um olhar de raiva.

“Ele já está dentro disto”, argumentou Liv. “O mínimo que ele merece é a verdade. Ele já sabe que você é um gigante, por isso é melhor abrir o jogo”.

“Liv, não é seguro”, começou Rory, mantendo seu olhar longe de John.

“Não é seguro?” Liv questionou. “Um elfo veio à loja de John e tentou me explodir pela parede. A espada está fazendo coisas estranhas com ele. Acho que John merece nossa honestidade neste momento”.

“É melhor se você simplesmente ficar fora disto”, disse Rory, ainda não olhando para John.

“Eu já estou nisto”, declarou John. “Até ao fim, eu já estou nisto. E se vocês dois não gostarem, podem simplesmente... bem, comer os cagalhões do Pickles”.

O riso saltou da boca da Liv sem que ela esperasse por isso.

Rory também riu, a tensão quebrada pelo ridículo sentido de humor de John.

John deu um passo à frente, olhando para o gigante. “Eu posso ser um mortal e não entender o mundo mágico”. Ele coçou sua cabeça. “Admito que nem sempre me parece correto, como se eu não estivesse vendo isso claramente. Diabos, algumas das coisas que Liv me mostra eu esqueço mais tarde, como se eu não as tivesse visto de todo. Quem sabe porquê? No entanto, vou lhe dizer o que disse a ela, e isso é que não quero que as pessoas de quem gosto fujam para me proteger. Eu já estou envolvido, portanto, não me exclua agora”.

Rory pensou sobre isso por um momento e depois acenou com a cabeça lentamente. “Está bem, mas não queremos que nada de ruim aconteça com você”.

“Vocês dois são como um toca-discos quebrado”. John argumentou. “Claro, me dê uma chance de mexer nesse toca-discos e eu o poria como novo”.

Liv riu, mas Rory permaneceu estático, com seus olhos revistando os

escombros.

“Você diz que foi o mesmo elfo?” perguntou ele a Liv.

Ela acenou com a cabeça. “E prometeu voltar”.

Rory balançou a cabeça. “Ele não vai ter muito mais tempo. Você o cortou com a espada, certo?”

John olhou para frente e para trás entre os dois.

“Sim, e a ferida parecia estar infectada”, respondeu Liv.

“Não, não está infectada. Você não precisa apunhalar fatalmente alguém com a Turbinger a menos que queira que sua morte seja imediata”, explicou Rory. “Simplesmente cortar com a lâmina acabará levando à morte. É por isso que é a arma mais mortal da Terra, e portanto, minha proteção”.

“Mas eu tive a impressão de que o elfo pensou que se ele pegasse a espada ele ficaria bem”, disse Liv.

Rory descartou isso imediatamente. “Isso é um boato falso”. Não há cura para uma marca da Turbinger”.

“Então não teremos que nos preocupar com o elfo por muito mais tempo”, disse John, injetando alegria em suas palavras.

O rosto de Rory não mostrava a mesma esperança. “Temo que o elfo fique ainda mais louco antes de seu fim. Eles geralmente o fazem. O desespero se instalará”.

“Isso significa que ele estará de volta”, disse Liv, pensando. “E a espada...está segura?”

O suspiro que caiu da boca de Rory não a encheu de confiança. “Está suficientemente segura, mas depois disto, terei que aumentar as medidas de segurança. Eu sabia que alguém queria a espada, mas isto complica as coisas”.

“O que eu posso fazer?” perguntou Liv.

Rory a olhou daquela maneira que ele costumava, preocupado em derramar algumas lágrimas de seus olhos. “Você pode comer. Quanta magia você usou para lutar contra ele”?

“Não muita, mas acho que foi o suficiente para esgotar minhas reservas”, respondeu Liv.

John bateu palmas. “Isso resolve o problema. Vou levar vocês dois para comer pizza”.

Liv rolou seus olhos. “Precisamos limpar a loja e descobrir como vamos lidar com isso”.

John cavou em seu bolso, chocalhando as moedas. “Não vejo melhor maneira de fazer isso do que com uma pizza extra-grande”. Ele retirou uma mão cheia de moedas. “E que tal umas rodadas de pinball?”

Liv não podia deixar de rir. Ela podia estar colocando John em perigo, mas ele era absolutamente uma das melhores coisas para o moral dela. “Está bem, mas acho que vamos precisar de duas pizzas extra-grandes”. Ela se inclinou para a frente, balançando a boca como se estivesse tentando esconder o que dizia de Rory. “Se lembre, ele é um gigante”.

“Eu ouvi isso”, declarou Rory. “E eu vou querer uma salada”.

Liv lhe deu um olhar de lado. “O quê! Você está fazendo uma dieta keto e tendo cuidado com sua figura?”

Ele balançou a cabeça. “Eu sou intolerante à lactose”.

## Capítulo 26

**L**iv não podia acreditar, mas ela estava realmente ansiosa para receber um caso do Conselho. Como eles haviam ordenado, ela havia tirado alguns dias de folga após a conclusão bem sucedida do caso das Fadas. Tinha sido bom limpar seu apartamento e ter tempo livre com John e trabalhar em suas habilidades de luta com Akio, mas ela queria um caso, mesmo que fosse algo ridículo como procurar um centauro ou dizer aos gnomos que eles precisavam tomar banho a cada quinze dias. Ela pensou que como a Rainha Visa não a tinha matado, ela voltaria a pegar casos menores, o que não a importava muito.

O que ela mais queria, além de John ficar e sua loja não ser vendida a investidores burros, era tirar sua mente das coisas. Ele não ia permitir que ela ou Rory interferissem, embora eles lhe implorassem enquanto estavam comendo pizza. O gigante havia escolhido sua salada como uma debutante que tinha medo de comer na frente de um potencial pretendente, reclamando com Liv enquanto ela punha pizza recheada de gordura com duplo pepperoni na boca.

O que ele gostava ainda menos era da insistência dela em encontrar uma poção que o curasse de seus problemas de lactose. Aparentemente, os gigantes eram contra coisas como poções, preferindo seguir a abordagem totalmente natural com seu sistema digestivo.

Quando Liv entrou na Câmara da Árvore, ela se surpreendeu ao descobrir que era a única guerreira ali naquele dia. O tigre branco estava ao lado de seu lugar como se estivesse esperando por ela, seus olhos se voltaram para os conselheiros. Felizmente, o corvo negro estava ausente. Ou talvez ele estivesse perseguindo o pequeno dragão de Adler em algum lugar, os dois conspirando o domínio mundial por insistência dos irmãos Sinclair.

“Você está atrasada, Sra. Beaufont”, disse Adler, com os olhos baixos enquanto estudava algo na sua frente.

Ela não estava; Liv sabia disso. Mas qual era o objetivo de discutir com o velho azedo? Ela simplesmente pegaria seu caso e sairia dali. Quanto menos

discutisse, mais cedo ela podia estar aparando as unhas dos pés dos trolls ou qualquer outra coisa que eles quisessem que ela fizesse.

Liv tomou seu lugar e forçou um sorriso de “Eu sou uma jogadora de equipe”. Foi quando ela notou o olhar melancólico no rosto de Clark. Ele provavelmente era horrível no pôquer. Ele tinha que ser, com base nas expressões que não conseguia manter sob sigilo.

Ela inclinou sua cabeça para o lado, estudando seu irmão. Ele ainda estava louco por ela ter ido para o reino dos fae sem lhe dizer? Teria ele aprendido algo sobre as latas de magia? Ele estava zangado por ela ter seguido Stefan? As preocupações passaram pela cabeça dela enquanto tentava se concentrar.

Liv pigarreou enquanto os conselheiros olhavam nervosamente em volta, muitos deles concentrados em Adler, que parecia não se importar. Ele continuou a estudar a tela na sua frente, sem pressa.

Depois de um longo minuto, ele olhou de relance. “Certo, bem, temos um novo caso para você”.

“Legal”. Chute em mim”, disse Liv, tentando injetar entusiasmo em sua voz.

*O olhar desaprovador que agraciou a cara de Bianca valeu totalmente a pena dizer coisas idiotas, pensou Liv.* Ela endireitou e tornou seu rosto sério. “Quero dizer, muito bem. Aguardo pacientemente a tarefa”.

Adler se inclinou para baixo para olhar para ela. “Sra. Beaufont, você percebe que ser um guerreiro não é um jogo que se deva levar de ânimo leve, não é mesmo?”

Qual era a resposta certa aqui? Liv estava maravilhada. Alguma coisa sarcástica? Ou ela poderia pedir a Bianca para dar suas lições sobre como levar tudo muito a sério? No entanto, a expressão de Clark quebrou sua determinação. Ela simplesmente acenou com a cabeça. “Claro, não é um jogo. Eu levo meu papel a sério”.

“Ainda não testemunhei isso”, respondeu Adler com um olhar presunçoso.

“Olivia, o Conselho votou em um novo caso para você”, disse Bianca, seus olhos brilhando de alegria maligna.

“Mal posso esperar para ouvir sobre isso, B”, respondeu Liv.

O rosto de Bianca se contorceu de aborrecimento.

“Oh, você não gosta do meu pequeno apelido para você?” perguntou Liv,

zombando da seriedade em seu rosto. “Eu gosto muito. Entendeu? B para Bianca, e também porque você é uma verdadeira bes-”.

“Você está sendo designada para caçar demônios”, disse Clark apressadamente, interrompendo Liv.

Sua alegria se evaporou quando sua boca se abriu. “Espere, o quê?”

Adler olhou para Clark com um brilho sinistro. “Acredito que é meu papel anunciar os casos, Sr. Beaufont”.

“Na verdade, não creio que haja qualquer regra sobre o assunto”, declarou Haro. “O Conselho é sobre equilíbrio e igualdade”.

Adler soltou um suspiro frustrado. “Embora isso seja verdade, por uma questão de eficiência, sempre me fizeram fazer os anúncios”.

Liv mal ouvia. Ela mal podia acreditar no que Clark dizia. Ela estava sendo designada para ir atrás de demônios. A imagem do monstro vermelho de aparência diabólica nas ruas de Amesterdã foi gravada na memória de Liv. Os sons e cheiros que irradiavam da besta não eram algo que ela podia facilmente esquecer, e agora ela estava sendo ordenada para caçar e matar os monstros?

Clark estendeu uma mão. “Então, faça as honras, por favor. Eu não queria perturbar a eficiência”. Liv mal podia acreditar no tom rebelde ligado às suas palavras.

Adler arrancou o ombro como se estivesse tirando o gesto de Clark. “Sra. Beaufont, você está sendo designada...”

“Demônios?” perguntou ela, cortando a palavra, incapaz de acreditar nesta virada de acontecimentos.

Adler fez um som de frustração e acenou com a cabeça. “Sim, demônios. Se você me deixasse...”

“Embora eu aprecie a confiança do Conselho em minhas habilidades de combate, acho que preciso de mais treinamento antes de enfrentar animais tão perigosos”, disse Liv, percebendo que ela provavelmente só estava piorando as coisas para si mesma neste momento. *Oh bem, mais vale nadar até o fundo do poço, já que já estou a meio caminho*, pensou ela.

“Não é uma questão de confiança”, declarou Adler através dos dentes cerrados. “Tem mais a ver com a necessidade”.

*Ah, que bom.* Por um momento ela pensou que o Conselho estava começando a olhar para ela como uma guerreira capaz. “Eu não entendo. Pensei que o trabalho de Stefan era ir atrás de demônios”, argumentou Liv.

“Você vê Stefan aqui?” Adler perguntou.

Liv olhou em volta apenas para gozar. Ela realmente não conseguia evitar. “A menos que ele esteja se escondendo, eu acho que não”.

“O demonismo está se espalhando”, explicou Lorenzo, com as mãos húmidas, com os dedos tocando levemente os lábios. “É um problema crescente e recentemente se agravou”.

“Eu ainda acho que colocar um guerreiro mais experiente neste caso seria melhor”, argumentou Clark.

“E eu já lhe expliquei que todos eles estão ocupados”, disse Adler com um suspiro impaciente. “O surto na Flórida está especialmente ruim neste momento”.

“Embora gostássemos de lhe oferecer um caso que se adapte melhor às suas capacidades”, Hester começou baixinho, “há uma necessidade inegável de abordar os demônios naquela área dos Estados Unidos”.

“Capacidades?”. Liv questionou.

Em voz alta, Adler bateu com as mãos em cima da mesa na sua frente. “Alguns no Conselho pensam que uma de suas melhores qualidades são as negociações”.

Liv sorriu. “Mas você não concorda?”

Adler rolou seus olhos. “Acho que você teve a sorte de principiante”.

“Então porque me mandar atrás de demônios? Isso vai me ensinar uma lição”. Ela não pôde evitar. Liv tinha que o dizer. Era óbvio o que Adler estava tentando fazer. A rainha Visa não tinha assassinado Liv como ele esperava, assim como estava a enviando para combater demônios no pântano. Ele provavelmente já estava planejando o velório dela e havia escolhido a família que iria substituir os Beaufonts.

“Não lhe atribuí este caso”, disse Adler em voz baixa. “O Conselho votou sobre ele, e a maioria ganhou”.

Liv estudou Hester, Clark, e Raina. Suas reações disseram o suficiente para Liv. Eles tinham votado contra isso, mas os outros quatro queriam jogar Liv no poço do demônio e ver se desta vez ela sairia na frente. Então ela se lembrou de algo que tinha ouvido sobre Stefan. Adler também lhe havia atribuído casos de demônios no início, esperando se livrar dele, mas o guerreiro o havia surpreendido. Liv queria acreditar que estaria à altura deste desafio como com o da Rainha Visa, mas este de alguma forma parecia mais difícil porque não havia maneira de negociar com um demônio.

“Estou apenas confusa porque estou sendo designada para este caso agora”, começou Liv. “Antes os casos eram triviais, mas parece que este problema demoníaco já se arrasta há algum tempo”.

“Se você não quer o caso, tudo o que você tem que fazer é recusar”, declarou Adler.

“E então meu título será retirado, e serei rapidamente expulsa da Casa dos Sete”, disse Liv, olhando para o tigre branco.

“Oh, é bom para que você possa se lembrar das regras”, Adler voltou a disparar.

Ela mexeu o nariz, desfrutando mais do que deveria. “Depende”.

“Existem aproximadamente três demônios na parte inferior do estado da Flórida”, disse Adler em voz entediada, lendo de seu tablet. “Seu caso é os rastrear e abater. Cada um deles”.

“Eu recebo um livro de *Matar demônios para principiantes*”? perguntou Liv.

Clark bateu com a mão na testa, embaraço escrito em seu rosto.

“Sra. Beaufont!” disse Adler, alertando em seu tom.

Liv colocou as mãos em seus quadris. “O quê? A caça aos demônios é avançada. Posso não saber muito, mas sei o suficiente sobre isso. Não é algo que ensinam no primeiro ano de treinamento de guerreiros, estou certo?”

“Se você tivesse aceitado o treinamento da Casa, isto não seria um problema”, Bianca ousou dizer.

“Sério? Então me diga, B, como você mata um demônio”? Liv desafiou.

Ela corou, com a boca fechada. “Eu não sou uma guerreira e, portanto, não é meu trabalho saber tais coisas”.

Raina acenou com a cabeça. “É verdade que é mais complicado e inegavelmente perigoso. E embora alguns de nós possam ter expressado nossas dúvidas sobre a atribuição deste caso a você, o Conselho votou que você deveria ser atribuída a ele”.

“E agimos como um só”, Adler a lembrou.

Raina acenou com a cabeça. “Claro que sim. E tenho certeza de que você encontrará recursos para a ajudar”. Liv poderia jurar que que ela tinha piscado o olho para ela.

“Sra. Beaufont, o Conselho não tem o dia todo para esperar que você tome sua decisão sobre este caso”, disse Adler.

Liv olhou ao redor do chão da câmara, que estava vazio, exceto para ela e

para o tigre branco. Ela se impediu de apontar para ele que não havia outros guerreiros que precisassem da atenção do Conselho.

“Eu vou fazer isso”, disse Liv com confiança. “Claro, eu vou fazer isso. Eu simplesmente acho que dar a um novato guerreiro um caso tão perigoso pode levantar certos preconceitos”.

“Sra. Beaufont, você gostaria de falar mais claramente sobre o que você está insinuando?” Adler questionou.

Liv pensou por um momento. “Absolutamente. Logo após eu voltar de matar aqueles demônios”.

## Capítulo 27

**A**kio não interrompeu Liv, pois ela explicou o que havia acontecido com o Conselho na noite anterior. Ele simplesmente passou os olhos por Bellator, que estava descansando nas mãos dela, com as engrenagens girando em sua mente.

“Quando eu era menino, eu tinha um falcão”, começou Akio, seu tom pensativo.

“Quem não teve?” Liv brincou.

Seus olhos se iluminaram, aparentemente apreciando a piada. “A ave de rapina mantinha roedores e outras aves menores longe da propriedade de minha família. Um dia ele voou e não voltou, e em uma semana os ratos e outros animais tinham invadido nosso quintal”.

“Não tenho certeza se entendendo você”, disse Liv, embainhando a Bellator e decidindo esticar as pernas antes de começarem a lutar. “Como isso se relaciona com a tarefa do Conselho?”

“Na verdade, não sei porque o Conselho está lhe atribuindo casos tão difíceis”, explicou Akio. “Entretanto, se Haro votou em você para aceitar o caso, isso me diz que há um problema real com os demônios. Poderiam eles ter designado o caso para um guerreiro mais experiente? Sim, eu acho que sim, mas há poucos motivos para se preocupar com isso agora, já que o caso é seu e não há como voltar atrás”.

“É apenas difícil quando metade do Conselho parece me querer morta”, declarou Liv.

“Como eu disse antes, acredito que se Haro votou em você, ele deve acreditar que você é capaz da tarefa”.

“E Lorenzo?” Liv perguntou.

Akio balançou a cabeça. “Conheço a família Rosario há muito tempo, e não consigo dizer. Maria é muito fechada, e seu irmão é ilegível”.

“E Bianca e Adler?”

Um meio sorriso cruzou o rosto de Akio. “Acho que ambos sabemos que esses dois têm um desgosto por você”.

Liv riu do que ele disse de forma áspera. “Pelo menos eu sei que não estou lendo nada sobre isso”.

“Meu ponto sobre o falcão é que os ratos invadiram nossa propriedade porque o caçador tinha desaparecido e não estava mais patrulhando”, disse Akio. “Minha preocupação é com o problema demoníaco. Não há razão para que haja um afluxo, a menos que...”.

“O falcão desapareceu”, disse Liv, terminando sua frase. Ele estava se referindo a Stefan. Entretanto, ela o havia visto caçando demônios com seus próprios olhos. Bem, principalmente interrogando, mas ele o matou. Mesmo assim, Akio estava certo. Havia definitivamente algo suspeito aqui.

“Você está pronta para lutar?” perguntou Akio, assumindo sua posição no meio do estúdio de treinamento. Eles tinham se acostumado à rotina de treinamento, tendo praticado várias vezes por semana juntos. Liv gostava dele como professor. Ele era gentil, mas rigoroso. Atencioso, mas austero.

“Sim, mais do que nunca”, afirmou Liv. “Eu vou fingir que você é um demônio e meu trabalho é te matar”.

“Se lembre de seu treinamento”, insistiu ele. “E mais do que tudo, se lembre de seus professores. Isso é o que a guiará na batalha”.

Liv acenou com a cabeça, lembrando o que Akio havia dito sobre ter seus primeiros professores, sua mãe e seu pai, em seu coração enquanto lutava. Ela desenbainhou a Bellator e se manteve concentrada e pronta, se lembrando de que a espada era uma extensão dela.

Como antes, Akio veio a ela forte e rápido, sua espada batendo na dela e quase a arrancando de suas mãos. Ela girou para o lado, tentando manter seu equilíbrio antes de seu próximo ataque. Veio como uma rajada de vento, rápido e quase a emaranhando, enquanto ela tentava bloquear todos os ataques dele. Ela se sentiu perto de pedir um time out, precisando de uma pausa de sua incansável perseguição. No entanto, no fundo de sua mente, ela ouviu uma voz, que não ouvia há muito, muito tempo.

“Lutar com amor, não com vingança”, ouviu sua mãe dizer. Era uma frase que ela havia dito a Ian muitas vezes enquanto eles treinavam, Liv se viu lendo um livro de fantasia em um tapete de treinamento nas proximidades. Como ela havia esquecido esta memória? Ela sempre esteve presente no treinamento de Ian, já que ambos eram crianças de número ímpar e que um dia poderiam se tornar Guerreiros.

*Lute com amor*, pensou Liv, evitando outro dos ataques de Akio. Não era

nada disso que ela estava fazendo. Ela estava reagindo por medo. Autopreservação. Mas o que Akio tinha dito?

“Raramente podemos perseverar apenas pela autopreservação. Entretanto, quando nos lembramos daqueles que nos fizeram quem somos. Bem, nós nos tornamos imparáveis”.

Liv pensou em Akio como um demônio. Sua mão se apertou em torno de Bellator e ela girava, se esquivando de ataque após ataque. Quando ela se distanciou bem de Akio, sentiu seu coração expandir e seus braços se alongarem como se de repente ela tivesse crescido. Em um movimento rápido, ela bateu com a Bellator na espada de Akio, a atirando no tapete e o deixando sem armas.

Ele se curvou ligeiramente, um olhar de apreço em seus olhos. “Parece que você aprendeu uma lição importante”.

“Que se eu precisar de um corte de cabelo, devo ir até você...” brincou ela.

Ele balançou a cabeça. “O desejo de sobreviver é minúsculo em comparação com a necessidade de proteger. Só agora lutou comigo não para vencer, mas com urgência para defender. Leve isso para a batalha contra qualquer demônio, e você os matará”.

## Capítulo 28

**N**o momento em que Liv pisou na propriedade de Rory, seus pés foram varridos para o ar, suspensos por algo invisível, e ficou de cabeça para baixo, com a ponta de seus dedos a poucos centímetros do chão.

“Mas que diabo?” Liv rosou, tentando se puxar para cima para ver como tinha os pés presos. Ela tentou várias vezes, mas não foi capaz de se endireitar.

“Parece que você precisa fazer mais abdominais”, disse Platão, de fato, observando suas tentativas com leve interesse. Ele ficou ao lado dela, sem ser afetado por qualquer coisa que a tivesse colocado de cabeça para baixo.

“Sério, agora não é o momento de me lembrar que preciso trabalhar mais”, reclamou, enquanto o sangue corria para sua cabeça.

“Está bem, mais tarde, então”.

“Porque você não me ajuda e me diz o que me encurrala?” Liv exortou.

“Magia”, respondeu Platão sem rodeios.

Liv tentou ganhar impulso balançando. “Uau, você é uma grande ajuda”.

Os olhos de Platão seguiram Liv enquanto ela balançava para frente e para trás, tentando pegar seus pés. “Parece que você desencadeou algum tipo de feitiço de invasão de propriedade”.

“Maldito inferno!” Liv reclamou. “Rory poderia ter me contado sobre isso quando me convidou para vir cá».

“Ei, Liv”, a voz de Rory chamou casualmente por trás dela enquanto ele se afastava da casa. “Eu coloquei alas de proteção na propriedade, e se você as acionar, ficará presa”.

“Consegui! Obrigado!” Liv gritou, tentando dar a volta para ver o gigante. “Você pode me soltar?”

“Posso”, disse ele simplesmente.

“E vai?”, perguntou ela, irritada.

“Claro”.

Nada aconteceu.

“Acho que você foi negligente ao não especificar quando gostaria de ser liberada”, disse Platão.

“Sério, você quer que eu mate vocês dois?” Liv de queixo caído, olhando para o focinho do lince de cabeça para baixo. “Rory, você vai me soltar agora?”

“Sim, uma vez que você diga a palavra mágica”, respondeu ele.

“Guisado de gigante!” gritou ela.

Rory veio para a poder ver, balançando a cabeça e exprimindo um sorriso. “Isso são três palavras, e ouvi dizer que temos um sabor horrível. Cheios de nervo”.

“Oh, vejam quem finalmente tem algumas piadas”, contra-argumentou Liv. “Por favor, você pode me fazer descer, vovó? E obrigado pela lição de etiqueta. O que eu faria sem você?”

“Você permaneceria presa assim por muito, muito tempo”, declarou Rory, balançando sua mão em um círculo.

O aperto em torno dos pés de Liv se soltou e ela caiu de cabeça para a terra macia. Ao rolar, ela tirou os braços de cima e olhou para o gigante com ar carrancudo. “Você gostou muito disso”.

Ele estendeu a mão para ela. “Admito que sim. Você parece ainda mais engraçada quando fala de cabeça para baixo”.

Liv pegou a mão dele e permitiu que ele a ajudasse a se levantar. Ele quase a jogou pelo pátio quando a puxou para uma posição de pé.

“Então, o que há com as novas medidas de segurança?” perguntou Liv, enrolando o ombro, tendo o braço quase sido puxado para fora.

“O elfo tem tentado novamente entrar em minha propriedade”, explicou Rory.

“E você se cansou de apagar fogos continuamente?” perguntou Liv, notando as muitas marcas de queimaduras no gramado.

Ele acenou com a cabeça. “Isso era para ser apenas uma solução a curto prazo até que eu tivesse tempo para aumentar a segurança. Agora sei que este ladrão deve estar usando um feitiço que rastreia a espada”.

“Como você sabe disso com certeza”? perguntou Liv. “Talvez ele apenas saiba que você e eu estamos conectados, e por isso concluiu que você tem a espada? Quer dizer, você é um gigante e tudo”.

“Sim, essa é uma explicação razoável, mas se lembra quando eu lhe disse onde ficava minha casa?”

Liv pensou de volta. Isso pareceu há muito mais de uma eternidade, em vez de algumas semanas. “Você me deu um pedaço de papel. O endereço só apareceu quando eu parti para sua casa, e Platão disse que ninguém além de mim o podia ler”.

“É isso mesmo”, afirmou Rory. “E o endereço teria desaparecido depois. Veja, somente aqueles que eu convido podem mesmo ver minha casa. Caso contrário, este lote se parece com um ferro-velho desorganizado”.

“E Platão?” Liv apontava para o felino. “Ele pode ver sua casa, e não foi convidado. Ele apenas me seguiu até aqui”.

Rory baixou o queixo e olhou Platão com um ar atento. “Sim, assim como ele a pode seguir até a Casa dos Sete. Os mesmos princípios de magia não se aplicam aos lince. Por exemplo, ele não acionou os alarmes e, portanto, não ficou preso da mesma forma que você”.

“Sim, e porque é isso?” perguntou Liv, olhando para Platão.

O lince encolheu casualmente os ombros. “Digamos que é porque eu tenho os pés macios”.

“Você sabe como os lince são considerados criaturas não confiáveis, não sabe?” Rory perguntou a Liv, agindo como se Platão não estivesse presente. “Não há como se proteger contra a invasão deles”.

“Estou feliz por você ser meu amigo e não meu inimigo”, disse Liv ao gato com um piscar de olhos.

“Os lince não têm amigos”, rosnou Rory, caminhando na direção da casa.

Liv deu a Platão um olhar lateral. “Eu não acredito que isso seja verdade”.

“O que você acredita é tudo o que importa”, respondeu Platão.

“Com você e nossa amizade?”, perguntou ela.

“Com tudo”, respondeu ele.

Liv seguiu Rory até a casa, e quando ela cruzou o limiar, ela não se surpreendeu ao descobrir que Platão tinha desaparecido. Os gatinhos estavam brincando em uma caixa no meio do chão da sala.

“Diga, você não estaria mantendo esses gatinhos por perto porque você sabe que Platão não gosta deles e, portanto, não vai aparecer enquanto eles estiverem aqui, não é mesmo?” perguntou Liv, pegando Sansão e acariciando o gatinho laranja em seus braços.

Rory evitou o contato com os olhos, passeando em frente à lareira, onde a

Turbinger estava pendurada acima da lareira. “Eu não sei do que você está falando”.

“Acho que sim”, disse Liv ao gatinho, que tinha os olhos fechados e estava curtindo a massagem na barriga e não ouvia.

“As alas que eu tenho protegendo a espada não vão aguentar muito mais tempo”, disse Rory, pensando. “Eu preciso de algo mais forte”.

“O que posso fazer para ajudar?” perguntou Liv. Ela achou que ele não diria nada porque ela não se lembrava de alguma vez em que ele tivesse pedido ajuda.

Para surpresa dela, Rory se virou, uma expressão questionadora em seu rosto. “Você vai ficar de olho na espada hoje à noite? Preciso ir e fazer alguma coisa e não acho que a deusa deixe ao acaso. Este elfo é complicado e continua contornando minhas medidas de segurança”.

“Claro que sim”, respondeu Liv. “Aonde você vai?”

Rory balançou a cabeça, tirando os gatinhos da caixa um a um e os colocando de lado. “A lugar nenhum”.

“Por alguma razão, eu não acredito nele”, disse Liv ao gatinho que ronronava.

Quando a caixa estava vazia, ele apontou e encheu com o que Liv pensava serem suprimentos médicos. Ele dobrou a tampa por cima antes que ela pudesse ver melhor.

“Você vai ficar fora a noite toda?” Liv questionou.

Rory acenou com a cabeça.

“Você vai para a casa de sua namorada?” Liv provocou.

“Sim”, respondeu Rory imediatamente, fechando a caixa com fita adesiva.

“Ela também é uma gigante?”

Ele a ignorou.

“Vocês vão ver Netflix e descansar?” ela continuou.

“Há comida na geladeira”, disse Rory, apontando para a cozinha. “Não vá para o quintal”.

“O que há no quintal?”, perguntou ela.

“Coisas gigantes”, respondeu ele.

“Como tratores e bulldozers?”

Ele rolou os olhos.

Liv deu um tapa na perna, rindo de sua própria piada.

“Então foi por isso que você me pediu para vir”, perguntou ela. “Nós não vamos treinar?”

“Você já leu *Criaturas Misteriosas* por três vezes?” Rory questionou.

“Nem mesmo uma vez. Tenho estado ocupada, mas dou uma olhada por ele quando tenho tempo”.

Rory estava olhando em volta como se tentasse determinar se ele se lembraria de tudo. Ele dirigiu seu olhar para Liv. “Você não tem um caso que precisa trabalhar hoje à noite, tem?”

“Eu tenho, mas isso pode esperar”, respondeu ela. “Vou estudar sobre demônios esta noite, então estarei preparada para a carnificina de amanhã”.

Rory, que ainda olhava ao redor distraído, fez uma dupla leitura de suas palavras. “Demônios? Você foi designada para caçar demônios?”

“Sim e tenho certeza de que, como as fae, você acha que eu tenho que fazer isso”, disse Liv com um bocejo.

Rory sacudiu a cabeça de seus caracóis. “Absolutamente não. Eu tinha fé de que você descobriria como lidar com a Rainha Visa, mas ela pode ser razoável. Os demônios são as criaturas mais vilãs da Terra. Você não pode ir atrás deles”.

“Mas eu tenho que o fazer”, argumentou Liv. “Eu não tenho escolha”.

“Você sempre tem uma escolha. Você simplesmente não gostará das consequências se não o fizer”, declarou Rory.

“Sim, porque minha família será expulsa da Casa dos Sete”, declarou Liv.

“Eles vão continuar intimidando você”. Rory deu a ela um olhar frio, mostrando seu ressentimento. “Você já considerou que não vale a pena fazer parte da Casa dos Sete? É uma instituição cheia de burocracia que nunca verá as outras raças mágicas como iguais”.

Liv derrubou Sansão. “Você já considerou que, se eu desistir, há poucas chances de mudança? Sim, tenho que enfrentar coisas mortais e desafios ridículos, mas se eu sobreviver, posso descobrir o que a Casa está escondendo. Eu posso descobrir o que realmente aconteceu com meus pais e meus irmãos. Se eu desistir? Bem, então serei apenas uma garota em Los Angeles sem poderes e sem chance de descobrir a verdade”.

Rory considerou isso e acenou com a cabeça. “Essa foi a resposta certa, embora eu desejasse que você não tivesse que enfrentar demônios. Isso não me deixa nada à vontade”.

“Bem, algum conselho?” perguntou Liv.

Ele balançou a cabeça. “Encontre alguém para ir junto que corra mais devagar que você”.

“Ha-ha”, disse Liv, vendo como Rory levantou a caixa grande como se fosse uma pequena caixa de comida chinesa. “Há um quarto nas traseiras onde eu possa dormir? Algum pijama aconchegante que eu possa usar, já que você não me avisou sobre esta dormida com os gatinhos?”.

Ele a olhou de alto a baixo. “Não. O sofá é confortável, embora possa ter pulgas”.

Quando ele partiu para a porta, Liv chamou: “Obrigado. Você é um anfitrião incrível. Por favor, considere abrir um alojamento local”.

## Capítulo 29

**O**s olhos de Liv fechavam sozinhos antes mesmo de o sol se pôr até o fim. Ela piscou os olhos e tentando ficar acordada, o calor da lareira a fazia sentir como se estivesse em coma. Após horas de leitura, ela havia aprendido que as formas mais eficazes de matar um demônio eram o queimar vivo ou cortar sua cabeça. Nenhuma delas parecia muito fácil de fazer, pois também segundo o livro, os demônios eram incrivelmente fortes e ágeis e também resistentes ao fogo. Eles podiam literalmente caminhar através das chamas sem serem feridos, então eles tinham que ficar realmente presos no fogo para que ele lhes pusesse fim. E depois estava o encantamento, que foi listado em *Criaturas Misteriosas*:

*Metuendas Dcemonis violentias, dimittere unam animam de amicae tuae involasti, permittens eos tandem requiem. Ad infernum, a quo factum est tibi in sempiternum in ipse comburetis.*

O que significava:

Demônio, liberte a alma daquele que você roubou, lhe permitindo finalmente descansar. Volte para o inferno, do qual você veio, onde para sempre arderá.

Essa era a única maneira de soltar completamente o demônio da alma em que ele se agarrou. Liv também tinha aprendido como os demônios apareceram, espalhando um vírus mortal que tomou conta de criaturas mágicas. Eles já existiam desde o início dos tempos, mas a Bermuda dizia que seus números sempre permaneceram estáticos - o que suscitou a pergunta porque de repente houve uma incursão.

O estômago de Liv rosnavava, lembrando de que ela ainda era humana. Ela tirou o gatinho dorminhoco do colo, o deitando no sofá, e foi para a cozinha. Não que ela não estivesse curiosa sobre o que estava no quintal, que Rory não queria que ela visse, tanto quanto ela tinha certeza de que ele teria alas que lhe jogariam dardos venenosos se ela se atrevesse a dar uma olhada.

Ela jogou fora sua curiosidade e abriu a geladeira.

“Oh, meu Deus”, disse ela ao abrir. Liv não se lembrava de suas avós,

que haviam morrido antes de ela nascer, mas se ela tivesse passado algum tempo com elas, este teria sido o aspecto de suas geladeiras. Ela estaria transbordando de pratos bons e de tortas cobertas. Na geladeira de Rory, não havia falta de comida. Ela puxou um tabuleiro de lasanha e cortou um pedaço grande quando ouviu um estranho barulho de serra.

Pausando, Liv olhou em volta, observando os gatinhos correndo, tentando pegar nas caudas uns dos outros no chão da cozinha.

O barulho ficou mais alto. Liv sabia que Junebug era um mestre em entrar nas coisas, mas ela não conseguia entender o que ele estaria fazendo ao fazer aquele som.

“June?” ela chamou, olhando em torno dos outros gatinhos, com uma espátula em suas mãos para partir a lasanha.

O barulho da serra ficou mais rápido e mais intenso. Liv refez seus passos até a sala de estar, de onde vinha o barulho da serra. Quando ela deu a volta na esquina, o que ela viu demorou vários segundos para entender.

Um único braço estava suspenso no meio da sala, deambulando em volta como um cego tentando encontrar seu caminho.

Liv piscou os olhos, não entendendo o que estava vendo. Porque um braço estaria flutuando no meio do ar na sala de estar de Rory? Isso era algo que acontecia com frequência? Um visitante do reino do gigante? E então ela o viu.

A cicatriz! Corria ao longo do comprimento do braço pálido, veias de aranha pretas se espalhando para longe da ferida aberta.

Liv atirou sua mão para frente, a espátula liderando o caminho como a pior espada de todos os tempos. O utensílio não fez absolutamente nada ao elfo tentando invadir a casa de Rory.

Ela o tentou atacar com magia, mas ela se dissipou, não tendo o efeito habitual.

Ele puxou seu braço para trás um momento depois, porém, e Liv pensou que ela tinha feito algo para o afugentar. Então, a metade da frente de uma serra atingiu o pico do nada, indo e voltando enquanto o barulho continuava. Ele estava tentando ver seu caminho através das defesas de Rory de uma dimensão diferente ou de outro lugar ou algo assim. Ela nunca tinha visto magia como esta. A serra cortou mais fundo, fazendo um buraco maior.

Liv jogou a espátula no chão, quase atingindo um dos gatinhos. Ela direcionou toda sua atenção para a mão que alcançou um momento depois, a

tentando forçar a ir embora, mas sua magia teve pouco efeito. Ele deve ter feito algo ao espaço para enfraquecer a magia dela. Isso significava que ela tinha que o tirar antes que ele conseguisse passar.

Correndo para atravessar a sala de jantar, Liv deu um chute no braço que chegava pelo espaço, pensando que o atiraria de volta para onde ele vinha. No entanto, um choque irradiava através de seu pé, a atirando no chão. Ela saltou, mas os joelhos dela estavam fracos. Qualquer que fosse o encantamento que ele estivesse usando, impedia que a magia dela operasse com toda a força e o protegia.

Ambas as mãos estavam alcançando através da porta invisível. Liv olhou à sua volta, sem saber o que fazer. Rory tinha confiado nela para proteger a Turbinger, mas ela estava indefesa quando os dedos longos começaram a enrolar a porta invisível, tornando mais visível o corpo do elfo. Ela não tinha muito tempo. Uma vez que ele conseguisse passar, ela teria que lidar com ele, e sem magia e com suas estranhas defesas, ela se preocupava com a vitória dele desta vez.

Liv tomou uma decisão improvisada. Pegando uma mochila ao lado da porta, ela começou a recolher os gatinhos. Eles não pareciam se importar em ser encurralados na sacola. Na verdade, Junebug veio da cozinha e saltou para dentro da sacola como se fosse um jogo. Liv usou a última de suas reservas mágicas para pegar os três gatinhos restantes e os depositar na sacola, a selando de uma só vez. O que quer que o duende tivesse atirado nela tinha ido direto em sua magia, a limitando.

O ombro do elfo entrou pela porta, depois o pé. A perna dele. Ela não teve muito tempo.

Liv saltou na direção da lareira, pulando na cadeira de Rory e agarrando a espada. Era mais pesada do que ela se lembrava, a trazendo para o chão com um golpe, a lâmina cortando na madeira dura. Imediatamente ela se conectou com os estranhos sentimentos e memórias que fluíam através dela vindos da espada, assim como da primeira vez que ela a segurou. Ao bloqueando, ela a arrancou e considerou a usar para combater o elfo. No entanto, ela sentiu a eletricidade estática ao se aproximar do elfo, penetrando lentamente em seu caminho através da abertura.

Não, se ela se atrevesse a usar Turbinger no elfo, quaisquer que fossem os encantos que ele estivesse usando, a poderiam eletrocutar. Ao invés disso, ela correu para o saco que estava se contorcendo junto à porta e o jogou

cuidadosamente sobre seu ombro.

Quando ela abriu a porta, ela teve o cuidado de espreitar no pátio escuro para garantir que não houvesse ninguém esperando por ela lá. Ele parecia vazio. Liv voltou para trás brevemente para espiar o rosto do elfo que aparecia através da abertura, uma expressão vingativa que o adornava. Ele a avistou enquanto ela se dirigia para o pátio, Turbinger e os gatinhos em seus braços. Assim que ela estava a uma distância segura e podia usar completamente sua magia, ela abriu um portal para o único lugar que podia garantir a segurança.

## Capítulo 30

A Casa dos Sete estava calma quando Liv passou pela porta, com Turbinger nas mãos e os gatinhos se contorcendo na bolsa. Ela não sabia mais para onde ir. O elfo obviamente sabia da loja de John, o que fez dela o lugar errado para onde fugir. Além disso, ela não o podia colocar em perigo ao atrair o elfo louco para lá. Ela não tinha tido a chance de colocar nenhuma proteção em seu apartamento, o que também não fazia dele uma boa opção. Então, com pouco tempo para pensar, Liv decidiu fugir para o refúgio da Casa, onde ninguém além de um real podia entrar. Bem, além de Platão.

Ela parou na entrada, ouvindo para garantir que não tropeçava em ninguém. Com um rápido aceno de cabeça para a Turbinger, ela a disfarçou como uma espada de mágico, embora fosse uma tentativa pobre, pois tinha a linguagem dos gigantes ainda presentes ao redor do punho e na lâmina. Algo lhe disse que seria realmente difícil a esconder completamente.

No início, Liv considerou a possibilidade de se esgueirar até a residência de Sophia e Clark. Entretanto, se ela fosse apanhada, eles também estariam em apuros. Ela não queria arriscar isso. Clark estava fazendo progressos na investigação das latas de magia, e Liv não queria arruinar isso para eles. Portanto, ela colocou um rápido feitiço de disfarce sobre ela e os gatinhos, fazendo com que se misturassem ao seu redor enquanto ela acelerava até a biblioteca. Não havia lugar mais seguro no mundo, pensou ela, dando dois passos de cada vez.

Quando ela finalmente chegou aos sofás ao lado da parede de símbolos, Liv pousou a bolsa e a espada e verificou os gatinhos. Eles deviam ter gostado do passeio porque estavam todos aconchegados juntos, alguns deles miavam, mas muitos deles tinham adormecido rapidamente.

Liv soltou um suspiro de alívio. “Certo, não é a casa de Rory, mas vamos ficar aqui esta noite. Tentem agir corretamente”. Ela apontou para o gatinho com olhos azuis brilhantes, lhe dando um olhar de aviso. “Eu estou falando principalmente com você, Junebug”.

Ele bocejou alto, deitado ao lado de seus irmãos e irmãs, pronto para

dormir a noite. Exausta dos estranhos e repentinos acontecimentos, Liv se deitou no sofá, também bocejando. Ela enfiou a espada debaixo de um braço, a cobrindo com sua capa, e adormeceu de repente, caindo diretamente em sonhos.

\* \* \*

Uma tosse aguda despertou Liv, a fazendo abrir um olho. Quando ela era criança, se adormecesse na biblioteca da Casa dos Sete, ela acordaria em outro lugar. Era assim que a estranheza da biblioteca funcionava. Por essa razão, ela não se surpreendeu de estar aconchegada em um assento de janela, em uma fileira de livros e pinturas que não reconhecia ao seu redor. Na verdade, ela não reconhecia nada ao seu redor, exceto a figura que estava a uma curta distância. Ele estava desfocado até que seus olhos se ajustaram, mas ela reconheceu sua figura e seu rosto pálido.

“Bom dia, Liv Beaufont”, disse Stefan com um sorriso no rosto, seus braços dobrados e suas pernas cruzadas enquanto se encostava a uma estante.

Liv se impediu de reclamar e agir como se a posição em que ele a encontrou não fosse precária. Ela sabia, quando desmaiou na biblioteca, que havia uma chance de outros tropeçarem nela, mas tão exausta como ela estava, tinha valido a pena.

Ela estendeu as mãos sobre sua cabeça e bocejou. “Ei, o que foi?” ela perguntou, como se a mochila de gatinhos miando de um lado dela e a espada do outro não fossem motivo de preocupação.

“Bem, não tenho certeza por onde começar”, disse ele com um sorriso tímido.

Ela tentou cobrir a espada com sua capa de forma despreocupada. Seu disfarce havia desaparecido, e agora parecia apenas uma espada gigante que foi feita por um gigante e provavelmente de propriedade de um gigante.

Liv acariciou sua barriga. “Alguém está com fome?”

Stefan apontou para o saco de gatinhos. “Eu diria que sua ninhada está com fome”.

Liv corou. “Oh, estes não são meus”.

“De quem são eles?”

“Bem, estou de olho neles para um amigo”.

“Seu lince?” perguntou Stefan.

Liv sacudiu a cabeça, abrindo a mochila e verificando os gatinhos. Junebug tentou imediatamente pular para fora, mas ela o pegou. Ela olhou para Stefan. “Você tem alguma carne?”

Ele sorriu, retirando algo de suas vestes. “Por acaso tenho sempre a carne seca comigo”.

Ele lhe entregou uma bolsa e ela se aproximou, agarrando os pedaços de carne e os espalhando no saco para que os filhotes lutassem por eles. “E não, estes gatinhos não pertencem ao meu lince. Outro amigo. Realmente, é uma história enfadonha. Sério, chata”.

“Estou completamente fora, me perguntando porque você está dormindo na biblioteca com uma dúzia de gatinhos e uma espada de gigante ao seu lado”, disse ele.

“São apenas dez”, ela corrigiu.

“Como?”, perguntou ele.

“Há apenas dez gatinhos nesta bolsa”. Ela apontou.

Ele acenou com a cabeça como se aquilo fizesse sentido. “É claro. Você precisaria de um saco maior para mais de dez”.

“Obrigado pela comida”, disse Liv, grata por os gatinhos terem ficado felizes. Ela teria que os levar de volta para Rory em breve. Na verdade, ela tinha que encontrar Rory e explicar o que havia acontecido com ela antes que ele se preocupasse demais.

“Bem, embora eu queira saber porque você está tomando conta de dez gatinhos para alguém, vou direto ao ponto”, disse Stefan. “Soube do caso do demônio pela Raina e voltei assim que pude”.

Liv se soltou dos gatinhos. “Você o quê?”

“Liv, você não pode ir atrás de demônios por conta própria”, disse ele com uma voz urgente.

Ela quase rosnou para ele. “Porquê, porque eu vou falhar?”

Ele acenou com a cabeça.

“Mas você o fez”, argumentou ela.

Ele balançou a cabeça. “E eu também teria falhado. No entanto, eu tive ajuda. O Conselho não sabe disso. Bem, Raina sabe, mas ela não conta. De qualquer forma, eu tinha alguém para me ensinar a combater as feras, e você também terá”.

Liv o considerou por um momento. “Eles estão tentando me pôr fora?”

Ele acenou com a cabeça. “Muito provavelmente. Bem, não a maioria,

mas Adler, com certeza. Ele fez o mesmo comigo e levou os outros com ele. Ele não gosta de não conformistas, e ele atribui os casos de uma maneira que serve a sua agenda”.

Liv acenou com a cabeça, fechando a mochila com os gatinhos. Uma vez de pé, ela se esticou, tentando esconder a Turbinger, que estava deitada nas almofadas atrás dela.

“Então, que tal eu ir junto com você nesta missão à Flórida?” Stefan ofereceu.

Liv observou, consciente de que os gatinhos estavam tentando rastejar sobre suas botas mesmo quando estavam confinados no saco. “Você não tem seus próprios casos?”

“Tenho”, ele concordou. “Mas não vejo que mal causaria tirar uns dias de folga”.

“Isso levanta a questão: se você está fazendo seu trabalho como caçador de demônios, porque há um afluxo?”, perguntou ela.

Ele encolheu os ombros. “Tenho andado ocupado”.

Ela sabia que isso não era verdade. Ele estava caçando demônios, mas havia outra razão pela qual ele não estava trabalhando em seus casos, ou pelo menos porque ele não estava mantendo a população demoníaca sob controle.

“Bem, e se eu precisasse de ajuda?” perguntou Liv. “O que você quereria em troca?”

Ele lhe deu um sorriso de angústia. “A única coisa que eu quero em troca é descobrir exatamente o que você não quer me dizer”. Ele apontou para o saco de gatinhos contorcidos. “Quando matarmos os demônios, tudo o que você tem que fazer é me dizer a quem pertencem estas adoráveis criaturas”.

Os olhos de Liv escorregaram para a espada no sofá à vista de todos antes de se conectar com o olhar inabalável de Stefan Ludwig. Ela estendeu sua mão. “Temos um acordo”.

## Capítulo 31

**L**iv não tinha certeza se Rory estava mais aliviado por ter os gatinhos de volta ou a Turbinger. Ele se encontrou com ela em seu apartamento e os pegou enquanto ela agarrava sua espada. Se Stefan não a tivesse acordado na biblioteca, ela poderia não ter conseguido escapar antes que alguém a visse.

Ela ficou preocupada quando Rory declarou que ele estava voltando para sua casa, mas ele não podia ser dissuadido. Ele continuava dizendo: “Há algo em que estou trabalhando. É a única maneira de proteger a espada”.

Ele ficou muito menos nervoso quando ela confessou que Stefan a iria ajudar com o caso do demônio. Eles se separaram, cada um preocupado com o outro, mas sabendo que o perigo que enfrentavam era parte do trabalho.

Depois de pisar no portal, Liv esperou por Stefan. Ela teve que criar o portal já que ninguém podia saber que ele a tinha acompanhado até as terras úmidas da Flórida.

Stefan pisou, suas botas afundando na lama, um olhar atento em seu rosto.

“Então, como localizamos esses sugadores de almas?” Liv perguntou em voz baixa.

Ela viu um par de olhos reflexivos familiares à distância. Fez com que ela se sentisse melhor instantaneamente ao saber que Platão estava por perto, a observando.

Stefan farejava o ar, contemplando o pântano e as árvores pingando da umidade. “Eu sei como os encontrar”.

“Legal, mas como os posso encontrar?”, perguntou ela.

Ele começou a olhar para frente, olhando por cima do ombro para ela. “Você me segue”.

Liv rolou os olhos, se apressando para o acompanhar. “Isso não vai me ajudar quando eu precisar rastrear e matar demônios sozinha”.

Ele parou bruscamente, seu rosto cheio de apreensão. “Você não os deve matar sozinha. Enquanto o Conselho lhe designar casos de demônios, eu

estarei com vocês para ajudar”.

“Embora eu aprecie a sua ação, estou mais ou menos acostumada a trabalhar sozinha. E você aprendeu como os encontrar e matar com alguém, então eu gostaria que você me ensinasse”.

Os olhos de Stefan eram grandes e sinistros . “Caçar demônios não é algo que você deveria estar fazendo. Você é boa demais para isso. O Conselho vai ver isso e derrotará Adler e Bianca, e você vai passar a fazer algo que dignifique seus talentos”.

Liv não sabia o que dizer a isso. Era um elogio envolto em mistério. “Não deveria manter o equilíbrio entre o bem e o mal estar no topo da lista, até onde os casos dignos vão?”

“Sim, e é o meu trabalho”. Stefan continuava andando, constantemente escaneando os pântanos escuros.

*Então, isso era acerca do ego?* Liv admirada. Será que Stefan não queria que ela beliscasse seu território? Isto não fazia sentido.

Eles tinham caminhado uma distância boa, mantendo facilmente um ritmo constante, quando chegaram a uma clareira com uma pequena casa. Stefan girou em círculo, parecendo momentaneamente desorientado. “Para onde você foi?”

“Acho que você está se referindo ao demônio que está caçando enquanto eu coleciono flores silvestres”, brincou Liv.

Os olhos de Stefan se viraram para as mãos de Liv, que estavam soltas ao lado dela, como se esperasse a ver segurando um buquê de tulipas. Ele balançou a cabeça. “Os demônios sabem que estamos aqui, e estão brincando conosco”.

“Eu não recebi o convite, então não estou jogando o mesmo jogo”.

Liv se ajoelhou e agarrou um pouco de terra, a deixando correr através de seus dedos.

“O que você está fazendo?” perguntou Stefan.

“Estou rastreando os demônios”, ela mentiu.

“Como isso lhe ocorreu?”

Ela encolheu os ombros, de pé, deixando cair a terra da mão. “Eu não sei. Acho que vi fazer isso no cinema”.

Ele lhe deu um olhar lateral. “Você é muito estranha”.

“Você deveria me ver na lua cheia”.

“Você se transforma em lobisomem?”, perguntou ele, curiosidade escrita

em seu rosto.

“Oh, não. Eu fico com cortes”.

Liv percebeu que era uma piada horrível. Esse era o ponto principal. No entanto, Stefan poderia ao menos ter rolado os olhos em vez de os estreitar para ela, pura vingança enchendo seu rosto.

Em um movimento rápido, ele a empurrou para o lado e chicoteou sua espada, a balançando contra o demônio que havia se materializado atrás dela. Em um movimento limpo, ele lhe cortou a cabeça, borrifando sangue negro sobre as folhas e o solo.

O coração de Liv estava acelerado com a adrenalina. Ela girou, procurando na área pelos outros demônios, mas Stefan acenou dizendo que não.

“Eles não estão aqui agora”, declarou ele com confiança.

“Como você sabe?”

“Eu só sei”, disse ele, se aproximando da cabeça cortada do demônio e a empurrando com a espada, fazendo com que ela rolasse.

“Gosto de como quando faço perguntas, você me dá respostas tolas”, disse Liv, segurando sua respiração contra o odor. Este demônio cheirava pior do que o de Amsterdão. Talvez por estar na Flórida, onde quase ninguém tomava banho, ela pensou com uma risada mórbida.

“Oh, você gosta disso, não é mesmo? Vamos nos dar muito bem, então”.

“Ha-ha”, disse Liv, retirando o saco que ela havia trazido.

“Você é que gosta muito de segredos”, disse Stefan. “Eu só estou jogando seu jogo”. Os olhos dele se alargaram quando ela se aproximou dele, agachada para ver a cabeça nojenta. Os olhos negros do demônio ainda estavam abertos. “O que você está fazendo?”

Liv usou magia para ensacar a cabeça, amarrando bem o saco. “Estou levando uma lembrança. Nunca estive na Flórida, e preciso de algo para me lembrar”.

“A maioria das pessoas apenas leva um ímã para a geladeira”, disse Stefan, enojado.

“Onde estão os outros dois, perseguidor demoníaco?”

Stefan acenou na direção da cabana abandonada. “Eles estão esperando lá dentro, eu acredito”.

“Não que você vá responder a esta pergunta, mas como você sabe disso?”

“Puxe sua espada”, ordenou ele, com fúria nos olhos.

Liv deixou cair a cabeça do demônio no chão, e ela pousou com um baque. Ela fez o que lhe foi dito, se virando para enfrentar a cabana minúscula.

“Uau, onde você conseguiu isso?” perguntou Stefan, com os olhos bem abertos enquanto observava a Bellator.

“No mesmo lugar que você deixou todas as respostas às minhas perguntas”, disse Liv.

Ele acenou com a cabeça, com um leve sorriso nos olhos. “Bem jogado, Liv Beaufont. Mas por favor, note que esta não é a primeira vez que a vejo com uma espada forjada por gigantes”. Ele acrescentou: “Hoje”.

Liv com ignorância fingida, a respeito da espada, com temor. “Esta é uma espada feita por gigantes? Bem, não sei. Eu a comprei numa feira da ladra, a um cara chamado Leonard. Um cara baixinho. Definitivamente, não é um gigante”.

Ele rosnou um pouco, de frente para a cabine. “Bem, felizmente, se você se deparar com um dos demônios ali dentro, você tem uma vantagem extra. Normalmente, só há duas maneiras de matar um demônio”.

“Fogo e decapitação”, Liv forneceu.

Stefan acenou com a cabeça. “Sim, mas eu ouvi uma teoria de que as espadas de gigantes são mortais para os demônios».

Liv levantou a Bellator, de olho nela com apreço. “Vamos testar essa teoria”. Ela começou a avançar, mas Stefan a pegou pelo ombro, girando suas costas.

“Me deixe entrar primeiro”, sugeriu ele. “Você deve ir pelas traseiras para ficar de vigia, e os cortar se tentarem fugir”.

“Isso soa a um plano de merda onde você tem toda a diversão e eu fico fora de perigo”, disse Liv.

Ele acenou com a cabeça. “Eu concordo que é um plano brilhante. Obrigado. Noa encontraremos aqui depois que eu terminar com eles”.

“E se eu insistir para que entremos juntos?”

“Então vou insistir que me diga porque você estava se abraçando com aquela espada que foi roubada do Museu de História Natural”, ele contra-atacou.

“Sabe, acho que conferir a parte de trás da cabine parece ótimo”, disse ela com um leve riso.

Ele piscou o olho. “Pensei que você achasse”.

Liv observou como Stefan se movia silenciosamente para a frente da cabine, sua capa voando atrás dele. Ela se moveu furtivamente para a parte de trás, onde não encontrou nenhuma porta traseira. Ela não gostou que Stefan tivesse tomado conta deste caso, mas precisava da ajuda dele e não precisava que ele fizesse muitas perguntas. Era apenas um caso, e então ela poderia voltar a trabalhar sozinha. Além disso, ela esperava saber mais sobre ele, especificamente o que ele estava escondendo. Até então, no entanto, ele havia sido um cofre bem fechado.

Quando Liv deslizou ao lado da cabine, ela ouviu barulho de dentro. Esse era o problema de Stefan. Ela era a vigia. O apoio. Isso não ia adiantar, e toda sua atitude em torno de seu território de caça ao demônio era irritante. Depois disso, ela ia realinhar a estrutura do relacionamento deles, assegurando que ela estava no mesmo nível dele. Ela percebeu que, como uma guerreira novata, ela tinha muito a aprender e ele estava em condições de ensinar, como Akio estava fazendo com o combate. No entanto, Stefan ainda não havia compartilhado nenhuma informação.

Depois que Liv escorregou pela parte de trás da cabana, um forte estrondo a fez pular. Vinha vindo de dentro da cabana. Algo havia sido jogado contra a parede, a fazendo estremecer.

“Parece que alguém está se divertindo”, disse Liv, de forma enfadonha para si mesma.

Outro assalto bateu na parede, a fazendo pensar que iria se rachar.

Ela deu mais um passo, se afundando profundamente na lama. “Maldição! Inferno!”. Liv tentou puxar sua bota para fora, mas percebeu que estava afundando. *A sério, isto? Eu pensava que areia movediça era apenas um dispositivo de enredo para filmes.*

Ela estava prestes a usar sua magia para soltar a bota quando ouviu uma voz clara e alta em sua mente. *A de Platão. Cuidado!*

Liv olhou para cima como se algo tivesse saltado da pequena casa e caído em cima dela. O demônio a arrancou da lama, a impulsionando para a frente. Ela deixou cair sua espada na queda, mas se levantou o mais rápido que pôde. O demônio também estava curvado, rosnando para ela, suas mãos tocando o chão. A besta era de longe a coisa mais feia que ela já havia visto, com seus pequenos chifres salientes de suas maçãs do rosto e sobrancelhas. Seus olhos negros não pestanejavam, pois ele a via com um olhar feroz. Deu um passo agachado na direção dela, arrastando sua outra perna para trás.

Liv não olhou diretamente para sua espada, que estava a poucos metros de distância, se afundando lentamente na lama. Há algumas semanas, ela estaria morta nas mãos desta besta. No entanto, seu treinamento com Akio havia sido uma boa idéia. Agora era a hora de o deixar orgulhoso. E a seus pais. Ela se lembrava deles, mas mais do que tudo, ela se lembrava do treinamento que eles haviam incutido nela.

Lutar com amor, não com vingança. As palavras envolveram seu coração, fazendo com que Liv se sentisse mais forte e não parecendo que estava sozinha, uma soma das pessoas que mais importavam em sua vida.

O demônio atirou nela, babando. Ela se moveu mais rápido do que nunca, da maneira como Akio se movia como um fantasma, para lá e lá. Ela escorregou atrás do demônio, o fazendo girar. Ela já estava do outro lado dele, se movendo tão rápido que seus pés não afundavam nem mesmo na lama.

A besta gritou, tornando suas frustrações audíveis. Liv o confundiu novamente, zombando dele, aparecendo mais duas vezes às suas costas. Ela pegou a Bellator no momento em que ela estava prestes a desaparecer na lama. Balançando a espada, ela salpicou o demônio com lama. Ele gritou novamente, mostrando fileiras de dentes afiados, sua longa língua pontiaguda se esticando para fora de sua boca.

Com a Bellator nas mãos mais uma vez, ela notou imediatamente que não se movia tão rápido, tal como Akio havia advertido.

*“Ganhamos e perdemos quando seguramos uma arma. Elas nos tornam mortais, mas muitas vezes nos atrasam. Nunca se deve esquecer que empunhar uma arma nem sempre é a abordagem correta. Depende da batalha”.*

Ela sabia exatamente o que ele queria dizer agora, mas ela também sabia que a Bellator era a abordagem certa. Ela podia correr em círculos em torno deste demônio, mas isso só o desorientava. Os meios para o fim estavam em suas mãos.

A mergulho monstruoso para ela. Liv rodou, agarrando a Bellator, o cortando através do abdômen. Ele desmoronou de uma vez, se contorcendo de dor e agarrando seu estômago. O grito que saiu de sua boca era como os que ela ouvira em Amsterdão, lancinantes para os ouvidos.

Liv colocou a Bellator sobre sua cabeça, tentando lembrar o latim que libertaria a alma dentro dele.

*“Metuendas Dcemonis violentias, dimittere unam animam de amicae tuae involasti, permittens eos tandem requiem”*, ela entooou enquanto a besta tentava alcançar suas botas, suas garras encontrando apenas lama. Agarrando sua espada, ela cavou fundo para ter a coragem de fazer a próxima coisa aparentemente impossível. Ela nunca havia matado nada, mesmo algo tão maligno. Mesmo assim, não importava o que fosse, matar não era natural. Não deveria ser, e ela sabia disso. Deveria ter um enorme preço, para que nunca se tornasse fácil. Ela deu um fôlego. *“Ad infernum, a quo factum est tibi in sempiternum in ipse comburetis”*.

Com a força alimentada por uma paixão que ela não conhecia, a espada se moveu, cortando a cabeça do demônio de forma limpa. Liv se afastou do corpo, não acreditando no que ela tinha feito. Era um ato de que ela nunca havia pensado que se orgulharia, e ainda assim, ela estava orgulhosa. Ela havia libertado uma alma e livrado o mundo de uma entidade horrível.

O grito de outro demônio ecoou da cabana. As paredes tremeram. Alimentada pelo instinto, ela correu ao redor da lateral da habitação, parando uma vez que estava na entrada. Ela congelou, tendo um déjà vu. A cena diante dela parecia muito o que ela havia visto em Amsterdão. Stefan tinha prendido o demônio à parede com uma série de facas. O sangue negro estava pingando dos cortes, manchando a parede. No entanto, o demônio não parecia estar sofrendo como aquele que ela acabara de massacrar. Este demônio, mais feio que os demais, levantou a cabeça, seu corpo caindo para baixo pelo peso, mas ainda preso à parede.

Se os demônios podiam sorrir, era o que este fazia, seus dentes esverdeados serrando para frente e para trás e fazendo um som horrível.

“Como você se atreve a vir atrás de um dos seus?” O demônio assobiou as palavras, seu olhar flamejando para Liv, que estava de pé na entrada da porta.

Stefan olhou por cima do ombro para a Liv, engolindo com força antes de balançar para enfrentar novamente o monstro. “Saia daqui, Liv”, insistiu ele.

Ela não se moveu, apenas estudou a cena. Stefan tinha prendido o demônio. É verdade, ele não tinha a Bellator, que facilitou muito o trabalho dela, mas isto parecia ser pessoal. Como se ele quisesse punir este demônio.

“Oh, ela não sabe, não é mesmo?” cantou o demônio, sua voz não era de todo melódica.

“O delírio se instalou. Ele não sabe do que está falando”, disse Stefan por

cima do ombro para ela. “Saia daqui. Ainda sobrou outro”.

Ela balançou a cabeça, segurando a Bellator, que estava ensopada em sangue negro. Ele acenou com a cabeça, algo lhe pegando na garganta.

Stefan ergueu sua espada, a segurando no pescoço do demônio. No entanto, ele não aproveitou esta oportunidade para acabar com o monstro. Ao invés disso, ele hesitou como se não tivesse certeza de que o deveria matar.

“Sei que você é um homem neste momento, mas está destinado a se tornar um demônio como eu”, a besta cuspiu, parecendo brincar com Stefan.

“Não, eu não estou!” Stefan rugiu, batendo seu cotovelo no peito do demônio, que esguichava sangue de suas feridas para o rosto dele.

O demônio deu um grito que se transformou em uma risada sufocante. “Sim, eu posso sentir o cheiro em você. Você foi beijado, e logo você será como eu”.

Liv respirou de forma audível, lembrando o que ela havia lido sobre demonismo no livro da Bermuda Laurens. Ela também o chamou de beijo, mas comentou que era mais como uma mordida. Os demônios chamavam carinhosamente de beijo porque era o que os mantinha rondando a Terra.

“Quanto tempo você tem?” perguntou o demônio, farejando o ar como se cheirasse algo tentador. “Talvez não muito tempo. E então você será um de nós - aqueles que herdarão este planeta”.

“Não! Isso nunca vai acontecer! Nunca! Jamais!” Ele puxou da sua espada, cortando a cabeça do demônio de forma violenta. Ela pousou a seus pés, seus olhos negros olhando para ele e um sorriso em seu rosto.

Quando Stefan se virou para enfrentar Liv, seu rosto estava salpicado de sangue negro e vibrava com uma hostilidade que ela nunca havia testemunhado antes. Isso não a assustou. Naquele momento, ela sabia com absoluta certeza de que Stefan Ludwig estava em perigo de se tornar um demônio. Ele tinha sido mordido pela coisa que mais odiava e ela o ia ajudar a salvar.

## Capítulo 32

**M**e dê um duplo”, disse Stefan. Ele colocou um maço de dinheiro sobre a mesa de um bar em Venice onde eles tinha ido, um local que era escuro e não muito cheio de hipsters.

O garçom acenou com a cabeça, dando a Liv um olhar expectante.

“Vou tomar o mesmo”, respondeu ela, apontando para Stefan, que parecia ter acabado de lutar contra um bando de demônios, embora ele tivesse feito uma pausa para limpar o sangue do rosto. A hostilidade raivosa ainda estava transbordando em seus olhos como se algo escuro dentro dele estivesse implorando para escapar.

Liv esperou em silêncio até virem suas bebidas, pensando que provavelmente ambos precisavam delas para continuar a próxima parte inevitável da conversa. Quando o garçom voltou com dois whiskeys, deslizando os copos na frente deles, Liv e Stefan não estavam dizendo uma palavra, mas sim olhando desconfortavelmente.

Uma vez que o garçom os deixou, Liv tomou um gole de sua bebida, o uísque queimando sua garganta, mas instantaneamente a fazendo sentir melhor. Ela bebeu metade dele antes de o pousar e olhar diretamente para Stefan. Ele parecia ser um homem oco, simplesmente passando pelos movimentos.

“Você quer me contar sobre este negócio de mordida de demônio?”, perguntou ela.

Ele virou seus olhos azuis penetrantes para ela. “Oh, não. Os gatinhos primeiro. Esse foi o acordo. Eu te ajudo com os demônios, você me diz porque tem um saco cheio de gatinhos”.

Liv riu, terminando sua bebida e fazendo um gesto para o garçom. Ela ia precisar de mais bebidas para esta conversa. Não. Ela ia precisar de todas as bebidas.

“Traga a garrafa”, disse ela ao garçom quando ele estava quase na mesa deles. Ele acenou com a cabeça, voltando para o bar.

“Então, sou voluntária no abrigo de animais”, começou ela. “Você

acreditaria que durante meu turno...”

Stefan bateu seu copo com uma força bruta, lhe dando um olhar de “sem besteiras”.

“O negócio é o seguinte. Se você for sincera comigo, eu o serei com você. No momento em que você se abrir, eu também me abrirei. Mas você deve saber, Liv Beaufont, que eu não sou seu inimigo”.

Liv observou Stefan por um longo momento. A seriedade em seus olhos azuis era difícil de ignorar, mas como ela poderia confiar em alguém só porque lhe disseram que ela podia? Não era a confiança, algo que as pessoas ganhavam? Um de seus maiores problemas era que ela não sabia quem eram seus inimigos. O Conselho era um grande problema para ela, e o elfo louco definitivamente não era amigo dela. Mas quem estava por trás de tudo isso? Quem estava por trás da morte de seus pais e de seus irmãos?

Lentamente ela acenou com a cabeça, balançando o uísque restante em seu copo. “Os gatinhos pertencem a um amigo meu. Alguém invadiu sua casa na noite anterior antes de você me encontrar na biblioteca”.

“Para pegar a espada, eu percebi”, Stefan adivinhou enquanto o barman trazia a garrafa de uísque.

O instinto de Liv era de desviar, mas ela não poderia continuar fazendo isso se quisesse que Stefan cooperasse com ela. Sim, ela pensou que ele estava tramando alguma coisa, e parecia que ele estava tentando sobreviver a uma mordida de demônio.

“Sim”, ela finalmente respondeu, “entrei em pânico e levei a espada e os gatinhos para a Casa dos Sete”.

Stefan riu, reabastecendo seus copos. “Definitivamente, é preciso ter tomates para trazer aquela espada para dentro da Casa. Só posso imaginar o que teria acontecido se Adler tivesse pegado você, ou outra pessoa”.

“Eu teria jogado um gatinho neles e fugiria”, brincou Liv.

Stefan passou os dedos por cima do queixo barbudo. “Bombas de gatinho; não é uma má idéia”.

“Sim, eles são tão adoráveis que momentaneamente desarmam o inimigo, permitindo que eu escape”.

O sorriso caiu do rosto de Stefan. “A próxima pergunta é: porque você roubou a espada, e o que fez com ela?”

Liv sacudiu a cabeça. “Você disse que eu só tinha que lhe dizer porque eu tinha um saco de gatinhos. A espada não fazia parte do acordo”.

Stefan ergueu as mãos como se estivesse se rendendo. “Você está certa. Então, por favor, continue sobre os gatinhos. O que você fez com eles?”

*Uma abordagem inteligente*, pensou Liv. Ele estava se referindo principalmente à espada, provavelmente percebendo que os gatinhos e a arma andavam juntos. “Eu os devolvi a meu amigo”.

“E você acha que os pequenos felinos ainda estão em perigo?” Stefan rapidamente acrescentou: “De quem quer que tenha tentado invadir a casa antes?”

“Tenho certeza que sim”.

Ele acenou com a cabeça. “Então o que seu amigo planeja fazer com dez gatinhos, especialmente com os criminosos que representam tal perigo para eles”?

“Isso eu não sei”, respondeu Liv, sabendo muito bem que eles estavam realmente falando da Turbinger. “Suponho que precisarei continuar ajudando a os proteger, embora não tenha certeza do que isso envolverá”.

Stefan tomou uma bebida. “Você precisa de ajuda?”

Liv arqueou uma sobrancelha. “Na verdade, eu acho que você é quem precisa de ajuda. Há quanto tempo você está infectado?” Ela apontou para o braço direito dele.

“Como você sabe onde está a mordida?”, perguntou ele, parecendo impressionado.

“Você está bebendo usando sua mão esquerda, embora use sua direita para balançar sua espada”, explicou Liv. “Acho que em batalha isso não te incomoda, mas caso contrário, você se defende”.

“E eu que pensei que você mal me notou”, disse ele com um piscar de olhos.

Liv estalou seus dedos, uma expressão impaciente em seu rosto. “Acabou a história, Stefan. Tenho que ir para a cama cedo, visto que vou abrir a loja amanhã de manhã”.

Stefan rachou um sorriso. “Acho que você é o primeiro guerreiro na história da Casa dos Sete a ter um trabalho secundário”.

“Sim, mas você vai para a faculdade, certo?” perguntou Liv. “Você está se formando em evasão”.

“Duplamente, na verdade”, corrigiu Stefan. “Evasão e a arte da distração”. Ele serviu outra bebida para si mesmo, procurando se acalmar consideravelmente desde que eles tinham se sentado.

“Então este demônio que te mordeu. Seu nome é Sabatore, certo?” Liv lhe jogou uma rasteira. “Você está o tentando localizar, não está?”

O queixo de Stefan caiu. “Como você sabe seu nome?”

Liv tomou uma bebida. “Eu sou muito melhor em o seguir do que você em me seguir. Você nunca soube sequer que eu estava lá”.

Uma sombra escura caiu sobre seus olhos enquanto ele abaixava o queixo.

Liv com súbita seriedade. “Ei, é justo”.

Ele balançou a cabeça. “Não. Você me pediu para parar de a seguir e eu parei”.

“Bem, se eu for completamente honesta...”

“Como você deve ser”, ele interrompeu.

“Sim, como eu deveria ser”, continuou ela, “o Conselho está desconfiado de você. Clark relatou isso a mim. Disse que ele pensava que você estava escondendo algo. Como eu não confio em ninguém, tive que verificar as coisas por mim mesma. Eu o segui na noite em que você foi para Amsterdão”.

A constatação lhe despertou a atenção. «E você me viu questionando aquele demônio sobre onde Sabatore estava?»

Liv afirmou seu palpite. “Eu não sabia então que você havia sido mordido por um demônio. Não até esta noite, quando aquele demônio disse que você tinha sido beijado. Mas como ele saberia?”

Deixando sair um fôlego pesado, Stefan fechou os olhos por uns segundos. “O demônio podia cheirar em mim. Sentir em mim. Os demônios compartilham um laço em comum e ele sabia que eu não sou mais completamente humano”.

Liv ficou tensa, sentindo a gravidade da questão de repente. Já não havia mais como se esconder atrás das piadas. “Quanto tempo você tem?”

Stefan drenou seu copo. “É difícil dizer. Cada caso é diferente, e a maioria não está documentada”.

“Porque a pessoa que foi mordida não conta a ninguém e, portanto, ninguém sabe até que tenha desaparecido e se transformado em demônio...”, sugeriu ela.

Ele acenou com a cabeça. “Sim, algo assim”.

“Mas porque você está rastreando o Sabatore?”

“Porque essa é a única maneira de criar o antídoto”, explicou Stefan. “Eu

preciso do sangue dele”.

“Esta noite, quando você estava rastreando aqueles três demônios, como você estava fazendo isso?” perguntou Liv, acreditando já saber a resposta.

“Estamos conectados, como eu disse antes. Eu os posso sentir”.

Liv sentiu um calafrio traçando seu caminho pela espinha. “Então porque você não consegue encontrar o Sabatore?”

“Deve ser uma parte do sistema de conversão”, disse Stefan com um suspiro. “Acho que estou bloqueado por ele”.

“Caso contrário, todos os que fossem mordidos iriam procurar o demônio que o fez e conseguir o antídoto”, adivinhou Liv.

Stefan consentiu com um aceno de cabeça.

“Mas se você esteve na caça ao Sabatore enquanto procurava demônios, porque há um aumento em seu número? Eu o vi matar aquele na outra noite”.

Stefan passou as mãos pelo seu caótico cabelo preto, o fazendo parecer muito pior. “Eu negligenciei meu trabalho em minhas tentativas de encontrar o Sabatore. Sim, eu tenho ido atrás de alguns demônios, mas somente alguns específicos que eu acho que saberiam de seu paradeiro. Isso leva tempo. E está ficando mais difícil de os matar, também. Às vezes... Bem, às vezes, eu não o faço”.

“Esta noite você não parecia ter um problema”, disse Liv, tentando ser encorajadora. A melancolia que escorria do outro Guerreiro quase a sufocava.

“Você estava lá”, admitiu ele. “E isso depende. Eu matei o demônio em Amsterdão, mas no dia anterior, deixei alguns ir, incapaz de terminar o ato”.

“Porque parece que você está matando um dos seus?” Adivinhou ela.

Stefan empurrou sua bebida na direção dela com seu dedo indicador. “Sua bebida está ficando fria”.

Ela sorriu e engoliu o resto, lhes servindo outra rodada. “Hester sabe. Alguém mais sabe?”

Stefan levantou uma sobrancelha. “Foi por isso que na biblioteca você me perguntou se eu tinha sido mordido por alguma coisa, não foi?”

“Sim, ela deixou escapar para mim”, admitiu Liv.

Seu riso quebrou a tensão. “Eu ficava me perguntando como você sabia que eu tinha sido mordido. Isso definitivamente acrescentou ao seu mistério”. Ele se inclinou para frente, olhando para ela do outro lado da mesa. “Acho que você foi mordida na perna por algo. Quer falar sobre isso?”

“Malditos gatinhos”, disse ela imediatamente. “Os pequenos merdinhas

não conhecem sua própria força”.

Stefan riu novamente. “E para responder sua pergunta, Hester é a única que sabe, além de você agora. O Conselho não pode saber. Ninguém pode. Se soubessem, bem, eu seria...”

Liv baixou o queixo, lhe direcionando um olhar intenso. “Eu sei que você acha que vou inferir o resto dessa frase, mas é incrivelmente importante que você a termine. Não podemos ter nenhum equívoco sobre este assunto”.

“Liv, o protocolo dita que quando um mágico é mordido, ele é ‘descartado’”.

Havia aquela palavra que o Conselho adorava usar: descartar. Era uma maneira educada de dizer “matar”.

“Eu não entendo como eles poderiam fazer isso quando você obviamente não se transformou”, argumentou Liv, calor queimava em seu peito. “Você tem tempo, não tem? Para encontrar o Sabatore e criar o antídoto?”

“Talvez. Quer dizer, sim. Espero que sim”. Stefan não parecia nada seguro de si mesmo. “Mas não vou negar o lógico. Os impulsos de demônio estão ficando mais fortes. Sou capaz de os controlar, mas não tenho certeza de quanto mais tempo isso vai durar. E, como eu disse, não há como saber quando vou me transformar. Pode ser rápido ou gradual”.

O homem sentado do outro lado da mesa de Liv não se parecia com os demônios que eles haviam matado na Flórida. Suas bochechas eram cheias de cor e havia paixão irradiando de seus olhos. Entretanto, se o veneno do demônio circulava em seu sangue, era apenas uma questão de tempo até que ele se transformasse em uma besta cheia de más intenções e maldade.

“Então você precisa de ajuda para encontrar o Sabatore”, declarou Liv.

Veemente, Stefan balançou a cabeça. “Não, preciso que não se meta nisso”.

“Tarde demais”, argumentou ela. “Eu já estou dentro”.

“Liv, a razão pela qual eu fui com você esta noite é que você não pertence à luta contra demônios. Não é um trabalho agradável, e os riscos são altos. Pensei que se eu te ajudasse neste caso, você poderia voltar ao Conselho e eles te dariam algo diferente; algo mais de acordo com seus talentos”.

“Embora aprecie o sentimentalismo, estou um pouco cansada de todos me dizerem o que deveria estar fazendo”.

“Eu não quis dizer dessa forma”, ele interveio.

“Você fez, mas vamos ultrapassar isso. Você precisa de ajuda”, contra-

argumentou Liv. “E eu tenho a Bellator, o que facilita meu trabalho combatendo demônios”.

“Bellator?” Stefan rolou a palavra em sua boca, algo cintilando para a superfície. “A espada que você comprou do cara na feira da ladra...”

“Leonard”, Liv forneceu.

“Certo, Leonard na feira da ladra vendeu para você uma espada chamada Bellator, que significa ‘guerreiro’ em latim”, disse Stefan.

“Sim. Totalmente estranho e incrivelmente aleatório, não é?”

Ele acenou com a cabeça. “Inquietante, realmente. Você terá que me levar a esse mercado onde você encontra tais tesouros”.

“Está fechado até a primavera”.

Stefan estalou seus dedos. “Maldita seja a minha sorte”.

“Falando de sua sorte”, começou Liv, “concordei em o ajudar a encontrar o Sabatore”.

A expressão leve caiu de seu rosto. “Não. Eu não quero sua ajuda”.

“Stefan, isto realmente não é sobre você”, disse Liv, se inclinando a para frente. “Me diga, quem o substitui se você se tornar um demônio?”

Ele não esperava a pergunta. “Bem, ninguém. Não há outros Ludwigs elegíveis na fila para assumir o papel de Guerreiro”.

Liv acenou com a cabeça, tendo percebido. “Isso significa que Raina seria expulsa do Conselho. Tenho certeza que Adler fará com que ela seja substituída por alguém mais como Bianca e Lorenzo, que votam da maneira que ele quer. Portanto, como você pode ver, isto realmente não se trata tanto de salvar sua pele, mas de manter Raina, sua adorável irmã, em sua posição atual”.

Seus olhos dançavam com um sorriso oculto. “Bem, quando você coloca dessa forma... a resposta ainda é não”.

Liv conhecia as regras de reciprocidade. Era assim que funcionavam as relações. Tudo o que ela tinha que fazer era jogar exatamente isso para conseguir o que queria: seu consentimento. Porque, honestamente, ela ia caçar Sabatore quer Stefan concordasse ou não com isso. Ela ainda não tinha certeza, mas depois do dia deles juntos, ela sentiu que ele era uma boa pessoa. Mágicos como ele não mereciam se tornar demônios, pregando sobre os fracos e inocentes. Isso partiria sua alma já manchada em pedaços. Essa foi a razão pela qual ela tomou a decisão improvisada.

“Fui mordida por uma lophos”, disse ela com pressa.

O que quer que Stefan estivesse esperando que Liv dissesse a seguir, não era isso. Ele piscou os olhos para ela de surpresa. “Como diabos você encontrou uma dessas? Acho que são incrivelmente raras”.

“Elas são”, afirmou ela, então contou a ele pedaços da história da lata.

Quando ela concluiu, ele bateu com os dedos nos lábios, uma expressão especulativa em seus olhos azuis. “Está bem, você pode me ajudar”.

“Espera, o quê?” perguntou Liv. “É só isso? Você não está curioso, ou tem perguntas ou idéias ou qualquer coisa?”

“Oh, eu tenho tudo isso. Bem, na verdade, nenhuma idéia”, disse Stefan. “No entanto, acho que você tem algo que tem estado investigando. Tenho suspeitado desde que fomos convidados para a Casa dos Sete, mas nunca encontrei nada assim. Vou aceitar sua ajuda na busca do Sabatore, mas em troca, eu quero ajudar você”.

Liv o considerou por um momento. “Eu não estou pedindo sua ajuda”.

Ele sorriu. “E eu não pedi a sua”.

“Bem jogado”, disse ela.

“Sinceramente, não sei que ajuda posso dar”, declarou ele. “Eu sou mais guerreiro do que você.”

A ofensa ficou estampada no rosto de Liv. “Eu posso ser nova, mas...”

Ele ergueu a mão, a interrompendo. “Liv, guerreiros são soldados enviados para fazer a vontade do Conselho. Mas isso não é você. Você age por conta própria e descobre as coisas por si mesmo. Você é mais um detetive do que uma força bruta, o que eu apostaria em dizer que a torna mais perigosa do que o mais forte de nós”.

Liv relaxou, suavizando seu rosto. “Bem. Melhorou. Se salvou”.

“Agora, visto que estamos construindo todas essas pontes, você não vai me dizer porque roubou aquela espada do Museu de História Natural?” perguntou Stefan.

Liv terminou sua bebida e sorriu. “Claro. Tenho um gosto especial por antiguidades”.

## Capítulo 33

**E**ra óbvio desde o momento em que Liv pisou a Porta da Reflexão que a maioria do Conselho ficou surpreso de a ver. Se alguém estava curioso sobre o que ela trazia, o escondeu bem. Ela tomou seu lugar ao lado de Stefan, cuidando para manter seus olhos focados na frente.

Como de costume, Adler fez uma pausa na palestra que estava dando para observar Liv com leve desprezo. “Sra. Beaufont, porque você está aqui? O caso demoníaco”.

“Está feito”, disse ela simplesmente, interrompendo Adler. Era a coisa deles. Um joguinho bonito que eles jogavam.

Adler deixou sair um suspiro audível. “Sra. Beaufont, os guerreiros levam semanas para encontrar demônios, talvez até mais tempo no seu caso, já que você é inexperiente. Você não pode esperar que o Conselho acredite que você caçou três demônios sozinha em alguns dias, não é mesmo?”

“Chamem sorte de principiante”. Liv atirou o saco de cabeças de demônio para o meio do chão da câmara. Elas rolaram para fora, com seus olhos negros olhando para o Conselho. Bianca se encolheu para trás, assim como o tigre branco. Adler e Haro se inclinaram sobre o púlpito, olhando para as cabeças enquanto o corvo se abaixava, bicando um dos demônios no olho.

“Sra. Beaufont, você está zombando destas reuniões?” Adler perguntou.

“Acredito que você duvidava que Liv tivesse de fato completado o caso”, disse Clark, com tom de orgulho. “Ela está apenas fornecendo provas”. Ele olhou para Hester e depois Raina. “Isso nos parece perfeitamente razoável, não parece? Considerando que ela completou o caso em tempo recorde, e havia ceticismo de nossa parte sem tal prova”.

Hester concordou com um aceno de cabeça. “Acho que não há como duvidar da Guerreira Beaufont agora”.

“Como?” Adler disse com um rosnado, seus olhos se estreitaram sobre Liv.

Ela balançou para frente e para trás nos calcanhares. “Eu lhes cortei a

cabeça”.

Isto parecia fazer com que ele fumasse mais. “Não, como você localizou três demônios no meio do sul da Flórida tão rápido?”

“Bem, embora tudo na Flórida cheire muito mal, os demônios são os piores, então eu segui meu nariz”, disse Liv. “E eu encontrei alguns feitiços de rastreamento que aceleraram o tempo. Oh, e eles estavam realmente famintos, então comprei um rebanho de cabras de um pastor para usar como isco”.

“Cabras?” Bianca questionou.

“Sim”, respondeu Liv. “São animais de fazenda. Alguns têm chifres. Estes não tinham, porque eram cabritos bebês. Não se preocupe, nenhum foi ferido na matança dos demônios».

“Eu sei o que são cabras, Olivia, eu estava simplesmente questionando porque você as usaria neste caso”, disse Bianca, com expressão severa.

“Porque meu nome é Liv”, ela disse secamente, tão cansada de a corrigir neste caso.

“Foi uma boa idéia”, disse Hester imediatamente. “Embora não seja de conhecimento comum, as cabras são boas iscas para demônios famintos”.

Liv não tinha conhecimento disso até que Stefan o tivesse compartilhado com ela enquanto eles planejavam como tudo isso iria acontecer. Ele havia dito a ela que a maioria do Conselho não acreditaria que ela havia chacinado os três demônios sozinha tão rapidamente, então eles construíram um cenário que ninguém poderia duvidar.

“Bem, parece que você, Sr. Ludwig, poderia seguir o exemplo da Sra. Beaufont”, disse Alder, se inclinando para trás enquanto ele agarrava o corvo bicando a cabeça do demônio. “Talvez se você estivesse fazendo seu trabalho melhor, o aumento da população demoníaca não estivesse acontecendo”.

Stefan acenou com a cabeça. “Sim, senhor. Vou me esforçar mais para controlar isso”.

“Faça isso”, disse Adler, através de sua tablet. “Acho que você está pronta para um novo caso, Sra. Beaufont. Tivemos algo hoje que lhe agradaria, e embora o Conselho não tenha votado, estou certo de que todos concordarão que é perfeito para você e...”

“Eu quero continuar caçando demônios”, interrompeu Liv.

Todos os conselheiros olharam para Liv, surpresa evidente em seus olhares. Clark era o que se inclinava mais para a frente. Ele parecia que

estava prestes a tombar sobre o banco.

“É que eu sou boa nisso e há uma necessidade”, declarou Liv. “E talvez se Stefan e eu os enfrentarmos juntos...”

“Garanto que isso não é necessário”, disse Stefan, injetando ego em sua voz.

“Eu só queria dizer que há muito que um caçador de demônios novato poderia aprender com você”, disse Liv.

Enquanto o Conselho considerava aquilo, Hester deu a Liv um olhar discriminatório que dizia: “Você sabe o que está fazendo? Ela sabia que Liv estava fazendo parceria com um mágico que poderia se tornar um demônio a qualquer momento, a colocando em risco fatal, mas a conselheira também sabia que se Sabatore não fosse capturado, Stefan estaria perdido para sempre.

Stefan se virou e deu a Liv um olhar de desprezo. “Você só vai me atrasar”.

“Stefan”, Raina repreendeu do banco.

Adler estendeu sua mão, parecendo gostar disso. “Na verdade, depois do que aprendemos hoje, parece que você, o Guerreiro Ludwig, seria o único a atrasar. Quantos demônios você já matou este mês? Dois?”

“Dois e meio”, corrigiu Stefan.

Adler levantou uma sobrancelha perspicaz. “Como há uma metade?”

“Eu feri gravemente um”, explicou Stefan. “Acho que será fácil rastrear e terminar com ele”.

“Bem, ótimo”, disse Adler, parecendo satisfeito. “Eu acho que a ajuda da Sra. Beaufont será o que você precisa aqui. Talvez tirar você da sua rotina”.

Stefan olhou de relance para Liv, fazendo um excelente trabalho de parecer que ele odiava sua própria existência. “Eu trabalho sozinho”.

“Você trabalha com quem nós lhe designamos”, declarou Adler.

Ele provavelmente pensou que estaria se livrando de dois incômodos ao mesmo tempo, sem nem mesmo perceber que estava sendo manipulado.

“Eu também não te quero particularmente na minha área”, disse Liv ao Guerreiro.

“Muito bem, então caçaremos demônios separadamente”, disse Stefan com um suspiro cansado, seus braços atrás das costas e seu queixo levantado.

“Vocês o farão juntos”, disse Adler.

Liv grunhiu de desaprovação.

Stefan baixou os olhos.

Adler lançou seus olhos para a esquerda e para a direita no banco, verificando a concordância. “Todos a favor?”

Todos os conselheiros consentiram, sendo Hester a menos entusiasmada.

Liv dificilmente poderia acreditar que eles tivessem manipulado tão bem o Conselho. Talvez ela e Stefan Ludwig fizessem um bom time afinal de contas.

## Capítulo 34

**B**em, isso diz tudo”, disse Rory, tirando as espinhas de um salmão enquanto os gatinhos miavam a seus pés. “Você perdeu a cabeça”.

“O que você quer dizer?” perguntou Liv, verificando a sala de jantar quando ouviu um barulho. Era apenas Junebug rastejando para uma xícara de chá na mesa da sala de jantar. Espalhada pela superfície, estava uma toalha de mesa com estampas florais. Em cima dela havia uma bandeja de prata polida que continha um bule, natas, açúcar e uma bandeja de biscoitos. “Porque parece que você está prestes a receber a rainha para o chá da tarde?”

“O quê?” Rory disse da cozinha. “Ah, isso? Eu sempre tenho isso aí fora. É decoração”.

Liv levantou a tampa do bule, o vapor subindo dele. “E você sempre tem chá acabado de fazer, também. Isso é impressionante”.

“Não é nada”, disse Rory. “Eu só gosto de tomar um chá às vezes”.

Liv observou que havia dois lugares na mesa e balançou a cabeça. “Os gatinhos estão se juntando a você? Se sim, você precisa colocar algumas xícaras de chá extras”.

Rory balançou a cabeça para ela quando ela voltou a entrar na cozinha. “Os gatinhos estão comendo salmão. Eles não bebem chá”.

“Certo”, disse Liv, lhe tirando a palavra. “Obrigada pelo esclarecimento. E você percebe que as lojas vendem estas latas de comida? Os gatos adoram, e é mais fácil do que desossar peixe”.

Rory fez uma careta. “Você não dá essas coisas para Platão, dá?”

“Ele gosta”, argumentou ela.

“Ele simplesmente não conhece nada melhor”.

Liv rolou seus olhos. “Platão está por aqui há muito mais tempo do que eu, e ele sabe do que gosta. Se ele quiser algo diferente, suspeito que ele mesmo me dirá ou irá buscar”.

Ele balançou a cabeça para ela, usando seu ombro para empurrar o cabelo para fora dos olhos. “Você ainda sabe muito pouco sobre lince”.

“É difícil aprender muito com o livro sobre ele”, disse Liv. “No início não

foi tão ruim, porque cada vez que eu o abria, de alguma forma estava naquele capítulo que tratava dos lince. No entanto, agora quando abro o livro, é sempre um capítulo diferente, e não consigo encontrar o capítulo sobre lince”.

“Isso porque o livro tenta lhe dizer o que você mais precisa saber”, explicou Rory. “No início você não precisava saber tanto, mas com suas responsabilidades e desafios crescentes, sua base de conhecimentos precisa se expandir”.

“Então o que eu não sei sobre lince?” perguntou Liv, pensando nos pântanos da Flórida e acreditando firmemente que se não fosse o estranho aviso de Platão, o demônio a poderia ter morto.

“Você é seu humano”, disse Rory, deslizando as espinhas para o lixo e arranjando o peixe em um prato decorativo. “Um lince só se prende a um humano de cada vez. O alcance de seu mundo se torna dele, portanto, mesmo que ele possa ir comer os melhores alimentos em Paris ou em qualquer lugar, se isso estiver muito longe de você, ele não vai arriscar. Ele se confinará à sua vizinhança e comerá o lixo que você lhe dá de comer porque isso faz parte do seu mundo”.

“Para alguém que parece detestar Platão, você acabou de dizer muitas coisas ao contrário”, declarou Liv.

“Eu nunca disse que não havia algumas qualidades redentoras para os lince”, raciocinou Rory. “Só que você deve se perguntar porque ele se apegou a você. Em sua essência, os lince se servem a si próprios. Eles escondem a verdade e guardam segredos”.

Liv não poderia argumentar com nada disso. Estas haviam sido suas preocupações com Platão, mas ela não ia se livrar dele, não importava o que acontecesse. Por qualquer razão, seu instinto lhe dizia para confiar nele da mesma forma que ela confiou em John quando eles se conheceram, e agora em Rory. E talvez até mesmo em Stefan. Se todos fossem tão puros e perfeitos como a pequena Sophia, então escolher confiar neles não seria tão difícil, mas conforme as pessoas cresciam, as coisas não eram tão pretas e brancas. Liv esperava que ela e Sophia sempre tivessem um relacionamento em que a confiança fosse cega e o vínculo inabalável. Era a parte mais fácil de sua vida. Ela nunca duvidou de sua lealdade para com a menina, nem para com Clark, na verdade. *Familia Est Sempiternum.*

“De volta ao assunto em questão”, disse Rory, colocando o prato de peixe

no chão, os gatinhos tropeçando sobre si mesmos para chegar até ele. Eles se alinharam ao redor do prato, devorando a comida. “Não se pode trabalhar com alguém que tenha sido mordido por um demônio. Na verdade, o Conselho deveria saber sobre isso. Stefan é um perigo para si mesmo, assim como para os outros”.

Liv sacudiu a cabeça. “Eu não o vou denunciar e ele está consciente dos perigos. Eu também estou, e ele precisa da minha ajuda”.

“Liv, eu entendo que você quer ser a heroína aqui...”

“Eu não”, disse Liv. “Eu ficaria feliz trabalhando na oficina pelo resto da minha vida, mas isso não é mais uma opção para mim. John está seguindo em frente, e minha família precisa de mim. E, por falar nisso, Stefan precisa de mim. Se você fosse mordido por um demônio, eu não pararia até que eu tivesse rastreado aquela besta e ajudado você a criar o antídoto. Isso não é agir como um herói, isso é ser um amigo”.

Rory lavou suas mãos, as secando em uma toalha de cozinha. “Sim, mas Stefan não é seu amigo”.

“Não, não é, mas não tem mais ninguém em quem possa confiar. E não é assim que nós, os solitários desfavorecidos do mundo, fazemos amigos ao acaso? Nós caímos na necessidade, e alguém nos ajuda? Foi assim que você e eu viemos a ser o que quer que sejamos”. Liv se moveu entre eles.

“Você é uma pedra no meu sapato”, disse Rory.

“Sim, eu também gosto mais dessa denominação do que de amigo”, disse Liv com um piscar de olhos. “Mas meu ponto permanece. Se eu não tivesse desbloqueado minha magia e estivesse prestes a destruir a WeHo com ela, não teria pedido sua ajuda, e não estaríamos aqui agora”.

Rory olhou de relance para o chão da cozinha e ficou com raiva. “E não haveria lama por todo o meu chão. Você foi criada em um celeiro?”

“Uma casa mágica escondida, na verdade”, disse Liv, passando os dedos para a esquerda e fazendo a sujeira desaparecer. “Desculpe, a lama dos pântanos é horrível para sair das ranhuras das minhas botas”. Ela apontou para suas botas, as retirando e colocando do lado de fora da porta da frente. “E depois há o John. Eu nunca o teria conhecido se não estivesse perdida e sozinha e procurando por trabalho. Ele me acolheu e me deu um emprego, e agora... Bem, ele é o melhor”.

O rosto de Rory amoleceu. “Sim, John é um bom homem. Sinto muito o ver partir”.

Liv achou difícil de engolir. “Meu ponto é que temos que confiar um no outro, e Stefan precisa de mim. Não tenho certeza se o posso ajudar a encontrar o Sabatore, mas tenho que tentar. Acho que você faria a mesma coisa na minha posição”.

Rory encolheu seus ombros, olhando para o relógio de cuco na parede. “Chegou a hora de você ir”.

“O quê?” perguntou Liv, surpresa com sua brusquidão. “Mas eu acabei de chegar, e era suposto discutirmos acerca do elfo. Será que ele levou alguma coisa? Revistou sua casa? Que alas você colocou para garantir que ele não volte para cá?”

“É por isso que você tem que ir”, declarou Rory. “Tenho alguém chegando que pode ajudar no que estou trabalhando”.

Liv mergulhou a cabeça na sala de jantar para ver o serviço de chá. “Oh, isto é... Você vai ter uma amiga cá em casa?»

Rory não pareceu nada satisfeito com ela. Ele estava olhando para a porta dos fundos, sua janela estava bem fechada. “Estou trabalhando em algo e preciso que você saia”.

“Oh, aquela coisa no quintal que você não queria que eu visse?” perguntou Liv. “A propósito, eu não dei uma espiada. Estou bem assim”.

“Eu sei que você não o fez”, disse Rory. “Você ainda tem todos os seus dedos”.

Liv segurou suas mãos no peito de forma protetora. “Droga, você é um gigante distorcido e estranho”.

“Sou muito mais simpático do que a maioria”, lhe assegurou ele.

“Ótimo, vou sair do seu afro encaracolado”, disse Liv enquanto a campainha da porta tocava. Foi um barulho baixo, que se prolongou por um tempo. Ela balançou e perguntou a Rory. “Você quer que eu faça um portal para sair fora daqui?”

Ele balançou a cabeça. “Você não pode”. Ele olhou para a porta de trás e depois para a frente, aparentemente tentando decidir o que fazer com ela. Se resignando, ele caminhou em direção à porta da frente. “Muito bem, me siga, mas não diga nada estúpido. Na verdade, não diga absolutamente nada”.

Liv acenou com a cabeça, fingindo calar a boca. “Im-mana-preden-I-cat-halk”.

“Não faça isso”, advertiu Rory.

Quando Rory abriu a porta, outro gigante estava no alpendre, usando um

vestido cheio de verdes e azuis. Na cabeça da mulher estava um grande chapéu adornado com flores e pássaros falsos. Ela se inclinava sob o arco da porta, pisando e abraçando Rory.

“Bem, olhe para você”, disse a mulher, sua voz era muito mais estridente do que Liv esperava, dado seu tamanho. “Você está tão bonito quanto estava da última vez que o vi, meu querido menino”.

“Querido menino”, Liv murmurou para si mesma.

A mulher olhou para Liv, libertando Rory. “E quem temos aqui? Uma espécie de amiga? Foi por isso que você me chamou?” A mulher olhou para Rory e Liv, antecipação em seu rosto. “Você decidiu assentar? Não com uma mágica. Oh, por favor, não”.

O rosto de Rory desabrochou em um tom de vermelho horrível. “Oh, não. Liv? Não.” Ele balançou a cabeça. “Não. Não. Não foi por isso que te convidei. Não foi por isso. Liv não é ninguém”.

“Me sinto lisonjeada”, disse Liv, secamente.

A mulher a estudou. “Bem, ela é um pouco frágil, eu concordo. E suas características não são nada bonitas, mas tenho certeza de que há outras qualidades redentoras para ela”.

“Eu posso te ouvir”, disse Liv em voz alta.

A mulher que compartilhava o nariz grande e os olhos verdes de Rory o acotovelou de lado. “Pelo lado positivo, ela tem uma excelente audição. Isso é sempre bom. Nunca devemos tomar estas coisas como garantidas. Seu pai perdeu sua audição trabalhando nas minas com os gnomos. Eu juro, eu gritava seu nome até ficar com a cara azul e ele não me ouvia”. Ela colocou seu mindinho no queixo, considerando esta noção como se algo novo lhe tivesse ocorrido. “Pensando bem, ele sempre voltava para casa quando o jantar estava pronto, então talvez fosse perda auditiva seletiva”.

Liv soprou suas bochechas, se sentindo excepcionalmente desconfortável. “Bem, é melhor eu ir andando. Desculpe interromper a sua festa de chá.”

A mulher acenou com uma mão com luva para Liv. Ela parecia apta para um culto dominical na igreja. “Não seja ridícula. Por favor, se junte a nós”.

“Ela não pode”, disse Rory imediatamente.

“Oh, Rory, pare de ser assim e apresente sua amiga à sua mamãe”. A mulher estendeu sua grande mão para Liv. “Eu sou a mãe de Rory. Você pode me chamar de...”

“Bermuda”, Liv interrompeu.

A mulher corou. “Vejo que já ouviu falar de mim, e eu ia dizer ‘Sra. Laurens’. Ainda nos conhecemos mal para nos tratarmos pelo primeiro nome, você não diria?”

Liv apertou a mão da mulher, sentindo que ela estava...bem, apertando as mãos a um gigante. “Sim, é claro. Minhas desculpas, Sra. Laurens. Estou simplesmente surpresa por a conhecer. Rory não me disse que você ia passar por aqui”.

“Passar por...” Bermuda perguntou a Rory. “Você pediu que eu largasse tudo para vir aqui. Disse que era extremamente importante. Usei minha pedra de transporte para chegar aqui, o que estará causando tremores em toda a cidade, suspeito”.

“Sim, obrigado, mamãe”, disse Rory. “É importante, e temos muito trabalho a fazer. Vou explicar tudo”.

Bermuda bateu as palmas, um sorriso lhe saltou para o rosto. “Bem, parece que todos aqueles anos de escola etiqueta lhe serviram bem. Você preparou o chá para mim”.

“Escola de etiqueta”? Liv perguntou nas costas das Bermudas enquanto admirava a mesa da sala de jantar.

Rory sacudiu a cabeça para ela, a desencorajando de falar mais.

“Bem, não vamos deixar que fique frio”, disse Bermuda. “Por favor, se sentem crianças, e então vocês podem me contar tudo o que tem acontecido. Rory, e sobre sua nova amiga. Desculpe, não peguei seu nome”.

“Liv”, ela respondeu. “Liv Beaufont”.

Bermuda levantou uma sobrancelha enquanto Rory cobria seu rosto com as mãos. “E o que temos aqui. Meu filho fez amizade não só com um mágico, mas com um real”.

“Eu sou uma guerreira, na verdade”, disse Liv, o que fez Rory gemer novamente.

Bermuda acenou com os seus cabelos encaracolados. “Uma guerreira. Que encantador, Rory. Espere até sua família ouvir sobre isso”. O tom da voz dela fez parecer que não seria uma notícia bem-vinda.

“Bem, já é tarde”, disse Liv, olhando para seu pulso embora ela não estivesse usando um relógio. “É melhor eu ir andando. Eu tenho gnomos para matar e demônios para prender. Quero dizer, demônios para matar e... não importa”.

“Não seja boba”, disse Bermuda, puxando uma cadeira. “Tenho certeza

de que se meu filho está tolerando sua companhia, é por uma boa razão. Ou...”. Ela olhou para Rory de repente, a dor cobrindo seu rosto. “Você não pegou aquele vírus maligno que você teve quando era um bebê e que afeta seu funcionamento cognitivo novamente, não é mesmo?”

Liv levou a mão até ao ouvido. “O quê? Oh, acho que estou ouvindo meu gato me chamar. É melhor eu ir”.

Bermuda riu. “Todos sabem que os gatos não podem chamar você. Agora, um lince? Eles poderiam te chamar de uma boa distância, mas somente alguém mentalmente instável manteria um lince por perto”.

Liv acenou com a cabeça, meio contente com a corrente de pânico que atravessava o rosto de Rory. “Certo, e quem faria isso?”

“Nenhum amigo do meu filho”, disse Bermuda com uma risada, tirando suas luvas. “Agora, se sente. Eu quero saber tudo sobre você. Tenho certeza de que você não é tão desprezível e egoísta quanto minhas noções me levam a acreditar”.

Liv parou, sem saber o que dizer por um momento. “Eu ficaria, mas tenho treino de boliche”.

Rory fechou os olhos com firmeza.

Bermuda fez uma pausa no meio de sua busca por um biscoito. “Treino de boliche? Você quer dizer aquele esporte com as bolas e os sapatos escorregadios”?

“Isso mesmo”, disse Liv, olhando para seus pés descalços. “E eu estou atrasada. Embora eu adorasse ficar e ver Rory parecendo ter dez anos, é melhor eu ir embora. Foi um prazer conhecer você, Sra. Laurens”.

“Bem, não tenho certeza se exageraria tanto no nossa primeira encontro, mas tudo bem. Prazer não é a palavra que eu usaria», disse ela, acenando para Liv com um sorriso agradável. Então a gigante viu algo sobre o ombro de Liv e seu sorriso se desvaneceu. Ela apontou. Olhou de volta para Rory. Deu uma dupla olhada na lareira. “Rory, isso é...”

Ele engoliu. Assentiu. “Sim. Foi por isso que lhe pedi para vir aqui”.

Bermuda quase empurrou Liv, passando por ela e até a lareira, onde a Turbinger estava pendurada por cima da lareira. Com uma agilidade que Liv não teria adivinhado que possuía, ela pegou a espada e a balançou levemente, apreciando a arma em suas mãos. Quando ela olhou para Rory, seus olhos estavam repletos de lágrimas. “Meu querido filho, como você conseguiu isso?”

Rory soltou um fôlego, seu peito subindo e descendo muito rápido. Ele apontou para Liv. “A baixinha. Ela recuperou a espada para mim. Para nós”.

Os olhos de Bermuda se alargaram em choque e depois se estreitaram em estranha apreciação. “Você recuperou a espada de meu pai, foi?”

“Bem, eu estava... conheci um brownie... e sim, era eu”.

Bermuda agiu como se ela não tivesse ouvido Liv gaguejando enquanto balançava a espada novamente; não muito, mas o suficiente para testar o equilíbrio. “Já faz muito tempo. Não pensei que seguraria esta espada de novo em minha vida. Eu nem mesmo pensei que meu filho a seguraria um dia. Já faz muito, muito tempo”. Segurando a espada quieta, Bermuda fez uma pequena vénia a Liv. “Eu aprecio os perigos que você enfrentou para nos devolver isto. Não sei a extensão de sua relação com meu filho, mas estou mais esperançosa do que antes de que ele não esteja desperdiçando seu tempo com aristocratas inúteis”.

“Obrigada!?” Liv disse, extraíndo a palavra, a incerteza se fundiu na palavra.

“Você é muito bem-vinda”. Com um suspiro profundo, a Bermuda devolveu a espada ao seu lugar acima da lareira e bateu palmas, voltando para trás para eles. “Bem, temos muito a discutir e celebrar. Vamos nos sentar para o chá?”

O olhar no rosto de Rory gritou não.

Liv tossiu. “Eu adoraria, mas como eu disse, tenho que ir para o treino do boliche. Aqueles pinos não vão cair sozinhos”.

O aborrecimento ficou pesadamente marcado no rosto de Rory quando ela recuou em direção à porta da frente.

“Bem, se você tem”, disse Bermuda, não parecendo triste em a ver partir. “Mas mais uma vez, obrigada por devolver aquilo que pertence aos gigantes. Agradeço o gesto, mesmo que tenha sido provavelmente o vosso próprio gesto que a roubou dos gigantes em primeiro lugar”.

“Certo. Eu meio que não sei o que dizer ao preconceito gritante, por isso vou apenas dizer adeus aos dois”, disse Liv, percebendo que seus sapatos estavam arrumados do lado de fora da porta.

“Sim, sim, adeus para você”, disse Bermudas, passando para a mesa, sem se preocupar em se despedir de Liv. “Por favor, diga olá aos mágicos traiçoeiros com quem você compartilha a Casa dos Sete. Eles não se lembrarão de mim ou dos meus, mas pensamos neles com frequência, visto

que estamos confinados às suas regras”.

“Eu dou o recado”, disse Liv com um sorriso forçado, acenando para Rory enquanto ela atravessava a porta para o alpendre.

Ela se livrou da estranheza dessa interação quando pegou uma bota endurecida pela lama da Flórida. Liv estava prestes a colocar em seu pé quando observou uma faísca no canto de seu olho.

Do lado do alpendre, um incêndio parecia irromper. Liv se preocupou com o fato de que o sistema de segurança havia sido ativado novamente, embora ela se lembrasse imediatamente que Rory o havia atualizado. Seus olhos se ajustaram à luz do crepúsculo e ela notou um contorno retangular como o de uma porta gravada na luz do fogo. Ela parou, tentando entender o que estava vendo, quando a porta forjada se abriu e o elfo desvairado passou por ela.

Liv fez a única coisa em que podia pensar naquele momento e jogou sua bota na cabeça dele, lhe acertando na cara. Ele caiu para trás, momentaneamente confuso com a agressão, mas quando a sacudiu, olhou Liv de relance, medo e frustração em seus olhos. Ele se levantou e correu na direção oposta à da casa. Liv não hesitou, correndo sem sapatos atrás dele para as ruas.

## Capítulo 35

Opavimento sob os pés de Liv era duro e punitivo. Ela mal percebeu enquanto corria atrás do elfo, que se movia em ziguezague à sua frente como se estivesse constantemente mudando de idéia sobre qual direção ele deveria tomar.

Ele ousou ir em direção a um quintal coberto de vegetação, então, depois de verificar por cima do ombro, se desviou para o outro lado da rua e desceu por uma viela lateral. Um bando de crianças brincando na calçada observava, com diversão, o elfo a passar por eles, Liv o seguia e ganhava terreno.

Ela só foi capaz de recuperar porque ele não estava tomando um caminho direto, mas também parecia estar mancando. Além disso, seus braços balançavam estranhamente. Algo não estava bem com o elfo. Liv imaginava que tinha a ver com o veneno da Turbinger. Estava o deixando louco, e muito mais, ela podia dizer. Correndo em ritmo uniforme, ela estava certa de que o alcançaria até o final do beco apertado.

Uma pilha de vidro quebrado foi espalhada sobre o pavimento. Ela notou quase tarde demais e deu um salto, não o limpando completamente. Pedacos de vidro afundaram em seus pés, mas Liv não abrandou, sabendo que não podia permitir que o elfo escapasse mais uma vez. Ele era a chave para quem estava por trás tentando chegar a Turbinger. Ela já havia percebido que ele não era o culpado. O elfo trabalhava para alguém. Ele havia dito o mesmo no Museu Nacional de História.

Ela lembrou seu desespero enquanto lutavam pela espada: “Eles me matarão se eu voltar sem ela”, o elfo tinha gritado, chorando. Ele havia estendido a mão. “Mais vale me matar”.

Mas quem quer que fosse que chefiava o elfo, não o tinha assassinado. Porquê?

Liv se esforçava mais para tentar ganhar terreno no elfo, mas o vidro em seus pés a tornava mais lenta. Então, a esperança se espalhou em seu peito. O elfo tinha parado, e ele lançou um olhar nervoso para ela sobre seu ombro antes de se virar para a enfrentar. Ela pensou que ele estava prestes a se

render, seu rosto oco e seus olhos cheios de escuridão.

Entretanto, para desapontamento e surpresa dela, ele abriu um portal e passou mais rápido do que ela pensava que ele poderia em seu estado. Liv avançou, sentindo o vidro afundar com cada passo. Ela estendeu sua mão, mandando um feixe de luz e tentando impedir que o portal fechasse antes de chegar lá.

O portal se fechava sobre si mesmo, se encolhendo em direção ao centro.

*Não, não, não*, Liv pensou, não desistindo, como um médico que faz compressões cardíacas, não querendo aceitar que o paciente na mesa da sala de cirurgia tinha morrido. Ela não podia perder o elfo novamente. Ele estaria de volta, e sua invasão causaria ainda mais perigo. Ela estava cansada de fugir do elfo. Cansada de proteger a Turbinger dele. Isto acabava agora.

Quando o portal estava quase fechado, ele explodiu em luzes azuis e verdes, cintilando tão brilhantemente que Liv foi forçada a parar e proteger seus olhos. Ele brilhava cegamente antes de desbotar levemente, pairando acima do solo, inabalável.

Liv deixou sair um sopro de alívio, se apressando novamente apesar da dor em seus pés. Não se deixando levar pelo que estava do outro lado do portal do elfo, Liv penetrou no desconhecido.

\* \* \*

Para sua surpresa, Liv reconheceu a rua para onde o portal a cuspiu. O centro de LA. Eles não estavam longe de onde tinham estado no bairro de Rory.

Ela pisou na calçada enquanto os mortais passavam, sempre apressados. Para eles, ela pareceria como se estivesse naquele lugar o tempo todo. A magia do portal fez com que a entrada em áreas altamente movimentadas não fosse vista como suspeita. Os mortais nunca os viam pelo que eram e não percebiam quaisquer peculiaridades.

Em frente na calçada movimentada, Liv avistou o elfo. Ele tinha abrandado, começando a caminhar, balançando como se estivesse bêbado. Ele não havia notado que Liv deslizara pelo portal. Nem sequer havia considerado isso como uma opção. Rory havia declarado que era um truque que poucos conheciam. Aparentemente havia um equívoco comum de que os portais só podiam ser fechados ou emperrados pela pessoa que os tinha feito. Era essa concepção errônea que Liv havia capitalizado.

Empurrando os mortais na calçada, o elfo parecia ficar mais irritado à medida que avançava, gritando com uma mulher velha e chutando o carrinho de compras de um sem-teto. A multidão que se movia em sua direção se afastava dele, dando espaço suficiente para passar por ele sem sofrer com sua ira.

O elfo parou em um prédio que se elevava acima do resto e levantou o queixo, olhando para o arranha-céu. Mesmo de longe, ela conseguia perceber que ele estava murmurando para si mesmo, como se esperasse que alguém o atacasse por trás.

Liv deslizou para uma entrada de uma farmácia, tentando se esconder caso o elfo olhasse para trás.

“Onde estão seus sapatos?” lhe perguntou um vagabundo. Ele estava sentado contra o prédio, contando as esmolas em um boné de beisebol gasto.

Essa pergunta trouxe a dor à superfície de sua mente. Levantando os pés, ela examinou os muitos cortes. Mesmo que o mortal estivesse olhando diretamente para ela, ela apontou para seus pés descalços, puxando o vidro para fora, o que lhe trouxe alívio imediato. Não havia nada que ela pudesse fazer em relação aos cortes naquele momento, mas ela podia evitar a infecção. Ela invocou suas botas do quintal de Rory, e elas apareceram e se amarraram ao redor de seus pés segundos depois.

O mortal pestanejou de repente e acenou com a cabeça. “Oh, eu não as tinha visto”.

Liv sorriu para ele, espreitando a esquina enquanto o elfo entrava no prédio, olhando para frente e para trás, como ele fazia.

Ela estava prestes a correr atrás dele quando uma voz em sua cabeça a parou. *A espada. A invoca*, disse Platão de algum lugar dentro de sua cabeça.

Liv parou, fechando brevemente os olhos. Ela não havia tentado invocar nada tão difícil como sua espada antes. Roupas e sapatos era aparentemente fácil, especialmente porque ela os tinha usado antes. No entanto, as armas eram supostamente muito mais difíceis. Por essa razão, Liv ficou surpresa quando abriu os olhos para encontrar Bellator em suas mãos. Ela nem tinha percebido que estava lá até que olhou para ela. Só então ela sentiu o peso da espada.

“É um belo guarda-chuva”, disse o sem-teto, olhando fixamente para a espada. *Então é assim que ele vê Bellator*, ela percebeu. “Acho que não deve chover, mas pelo menos você estará preparada se chover”.

Liv acenou com a cabeça, com a espada na cintura. Talvez tenha sido a conexão entre ela e Bellator que tornou mais fácil a invocação. Ela percebeu que havia usado mais energia para recuperar suas botas do que a espada.

O vagabundo começou a cantarolar uma música estranha enquanto Liv deslizava pela esquina, se apressando em direção à entrada do arranha-céu onde o elfo tinha desaparecido. Ela entrou pela porta giratória e se abaixou atrás de um grupo de senhoras idosas.

O duende estava discutindo com um segurança, que parecia não estar disposto a o deixar entrar no elevador.

“Ele está esperando para me ver!” gritou o elfo, com as mãos balançando loucamente sobre sua cabeça.

“Eu tenho que o ir ver. Preciso de sua ajuda”.

O guarda balançou a cabeça. “Ele afirmou especificamente que você não deveria subir ao seu escritório”.

“Mas eu preciso falar com ele”, reclamou o elfo.

*Quem era este homem com quem o elfo precisava falar?* Liv estava curiosa, andando agachada atrás das senhoras idosas enquanto conversavam e se dirigiam na direção do elevador.

“Se você não sair agora, será escoltado para fora do prédio e proibido de entrar para sempre”, disse o guarda, para o elfo.

Ele ergueu o punho, os lábios separados e seus dentes amarelos apertados em escárnio. Embora Liv esperasse que ele discutisse, ele recuou, segurando suas mãos. “Muito bem. Eu não quero nenhum problema. Eu vou embora”.

O guarda acenou com a cabeça enquanto o elfo se retirava.

No entanto, Liv apanhou o gesto e o mau cintilar nos olhos do elfo enquanto ele levantava a mão, borrifando água a partir dela, dirigida às mulheres idosas que se aproximavam do elevador. Elas cobriram a cabeça, gritando.

“Um cano deve ter rebentado novamente no primeiro andar”, disse o guarda com urgência, alcançando as mulheres antes que elas caíssem.

Liv escorregou para longe deles no caos do momento, acompanhando o elfo, que corria pelo saguão até a porta do outro lado das escadas. No caos da súbita aparição da água, o guarda nem percebeu que o elfo tinha escapado, ocupado demais tentando ajudar as mulheres a se protegerem.

Liv esperou até o elfo desaparecer na escadaria e depois o seguiu. Ela tirou a Bellator de seu quadril antes de voltar para trás e espreitar pela porta.

Visto que ela não ouviu os pés de corrida nas escadas, ela sabia que algo estava mal. Uma mão passou, agarrando seu pulso e a puxando para dentro da escadaria.

Liv se viu cara a cara com o elfo desvairado. Naquele momento, ela percebeu que todo o rosto dele estava coberto de veias negras em forma de aranha. Seus olhos estavam vermelhos e o sangue estava pingando de uma de suas narinas.

Atirando seu peso diretamente contra ele, Liv o atirou contra a parede, trazendo Bellator à sua garganta. Facilmente ela reteve seus braços, percebendo que ele tinha pouca força.

Ele ficou quieto, seu mau hálito bateu diretamente na cara dela. “Se você apenas me desse a espada, tudo isso estaria acabado”.

Liv colocou a lâmina contra sua garganta, sacudindo a cabeça. “Não há maneira de acabar com seu sofrimento. A espada não pode te ajudar”.

Os olhos do elfo ficaram grandes e trágicos. “O quê? Não! Me disseram que se eu pegasse a espada, ela me consertaria”.

Liv sacudiu a cabeça. “Eles mentiram para você. Me diga para quem você trabalha e eu farei o que puder, mas sem promessas”.

Ele tentou abanar a cabeça, mas isso fez com que sua garganta se esfregasse contra a lâmina afiada. Ele parou. “Não consigo. Eles me obrigaram a jurar segredo”.

“O que quer que eles estejam fazendo com você, meu castigo será muito pior”, ameaçou Liv.

O elfo parecia irredutível. “Você não entende. Não posso lhe dizer. Me mate se precisar, por favor, me mate. Mas eu não posso dizer para quem trabalho”.

*Ele estava encantado para não contar, Liv percebeu.*

O elfo empurrou para frente, sua garganta pressionando a lâmina. Ele estava tentando a levar a acabar com as coisas. Lhe cortar a garganta.

Liv deu um passo atrás, abanando a cabeça para ele. “Você não pode me dizer, mas pode me levar até lá.” Ela apontou as escadas acima com a Bellator. “Vá!”

Os olhos do elfo se viraram para a porta nas suas costas, com a derrota no rosto. Ele não era forte o suficiente para lutar contra ela, e ambos sabiam disso. Não havia como ele sair dessa.

Apertando os dentes, ele balançou e começou a subir as escadas. Liv

permitiu que ele chegasse até o próximo andar antes de o seguir. O elfo cheirava a carne em decomposição e a podre, uma combinação que lhe fazia o estômago roncar desconfortavelmente. Se possível, era pior que os demônios, porque o cheiro a fazia perceber como ele estava doente. O elfo estava morrendo da marca da Turbinger. Cada passo lhe parecia custar muito, fazendo grande esforço.

Enquanto eles continuavam a caminhada por outro lance de escada, Liv se viu com pena dele. Ele era apenas um peão usado para proteger a Turbinger, mas as pessoas não eram dispensáveis para ela. E pior do que esses pensamentos era o de que ela o havia marcado com a espada. Embora ela não tivesse a intenção de, enquanto lutava com Turbinger e tentava direcionar mal a espada gigante, ela havia cortado o elfo - um golpe fatal que era pior que a morte. Rory disse que uma ferida de Turbinger trazia loucura e dor, que inevitavelmente terminava em morte, mas somente após grande sofrimento.

“Você deveria me matar”, disse o elfo depois de um longo momento de silêncio, quase como se ele tivesse lido seus pensamentos simpáticos.

“Receio que tenha mesmo que o fazer”, disse Liv morbidamente, escutando seus passos.

“Então, termine o trabalho”, insistiu ele, com consternamento na voz. “Se não há como me salvar usando a espada, então termine isto”.

Liv sacudiu a cabeça. “Eu não consigo fazer isso”.

Ela sabia muito bem que conseguia. Ela poderia colocar a Bellator no pescoço do demônio, terminando com sua vida. Ela não se via como uma assassina, mas começava a acreditar que era uma matadora. Havia alguma diferença? Ela gostava de pensar que havia.

Liv não tinha percebido o quão alto eles haviam subido até que o elfo se dobrou de exaustão, suas mãos sobre os joelhos e seu hálito ofegante. Ela parou perto dele para lhe dar espaço. Eles estavam no décimo segundo andar.

“Vamos pegar o elevador daqui”, sugeriu Liv, apontando a porta.

Liv embainhou sua espada quando o elfo abriu a porta, empurrando como se o peso da porta da escadaria fosse demasiado para ele. Ela a agarrou antes que ele fosse esmagado, a segurando aberta.

O piso em que eles saíram estava vazio. Parecia estar em construção, algumas das áreas estavam cobertas de plástico branco. Latas de tinta e outros materiais estavam armazenados no canto, à frente. Por cima, fios expostos

brotavam da iluminação incrustrada.

O elfo parou abruptamente diante dela, dando apenas tempo para parar antes de se deparar com ele. Ela ficou chocada ao encontrar lágrimas correndo pelas bochechas dele enquanto ele se virava e a via com um olhar trágico.

“Não posso ir lá acima”, disse ele, sua voz tremendo de medo.

“Você não vê que ele fez isso com você?” argumentou Liv. Quem quer que ele fosse.

O elfo abriu sua boca, a saliva se estendendo entre seus lábios. “Não importa. Tenho que acabar com isso agora. Eu só persisti porque ele disse que a espada me consertaria, mas se o que você diz é verdade, estou condenado”. Ele tremia quando esticou as mãos para cima. Ele deu um passo e pulou no ar, se agarrando a um fio elétrico.

Liv estava prestes a reagir quando ouviu algo pingando. Ela pensou que o elfo tinha feito xixi até perceber que havia água correndo de sua outra mão, apontada para seus pés. Ele deitou água para o chão, cobrindo seus sapatos.

Por um momento Liv não conseguiu entender o que estava acontecendo, então ele se moveu mais rápido do que ela o tinha visto fazer o dia todo. Ele agarrou os fios, arrancando suas extremidades e as agarrando firmemente, fazendo as pontas se tocarem.

O elfo irrompeu em faíscas, a eletricidade rasgando seu corpo. Seus olhos incharam de forma não natural e o vapor subiu de sua cabeça. Ele vibrou violentamente quando a eletrocussão acabou com ele. Liv protegeu seu rosto, se afastando do elfo, não querendo assistir ao que certamente seriam seus momentos finais.

O cheiro de carne queimada lhe agredia o nariz enquanto as luzes do teto diminuía. Então o elfo caiu para trás amassado, a água que ele havia criado fumegando ao seu redor.

Ele estava morto.

## Capítulo 36

**A**ntes de as autoridades serem chamadas, Liv voltou para a escadaria, dando três passos de cada vez.

O elfo tinha desaparecido e com ele a única chance que ela tinha de determinar quem estava por trás do roubo da espada. Ela não podia ignorar a dor monótona que irrompeu em sua barriga por causa da derrota óbvia. Ver a fritada do elfo tinha sido horrível. Tinha sido uma das cenas mais chocantes que ela tinha visto, e mesmo que ela ainda não a tivesse processado, ela sabia que ficaria com ela por muito tempo. No entanto, o elfo tinha desaparecido agora. Ele tinha decidido acabar com as coisas nos seus termos, e ela não podia realmente o culpar. Alguém havia mentido para ele. Lhe disse que se ele pegasse a espada, seu sofrimento acabaria. Que devastador saber que tinha sido uma mentira e que não havia esperança.

O desespero era contagiante, envolvendo o coração de Liv. Enquanto essa pessoa estivesse por aí, Rory e Turbinger estavam em perigo. Como ela tinha chegado tão longe, para perder esta pista?

Quando Liv chegou ao andar inferior, ela ficou surpresa ao descobrir que o saguão não estava em tumulto. Aparentemente, ninguém havia descoberto que uma morte havia acontecido no décimo segundo andar. No entanto, descobririam, e ela não tinha certeza de que deveria estar por perto.

Ela parou no meio do lobby, olhando para os elevadores com pessoas entrando e saindo deles. Ela sabia que em algum lugar em um desses cinquenta andares estava a pessoa por trás da trama para roubar a espada. No entanto, ela não tinha idéia de como o encontrar.

Por um instante, ela considerou tomar o elevador para cada andar e investigar. No entanto, isso poderia levar muito tempo, e tempo não era algo que ela tivesse em abundância. Ela havia prometido a Stefan que eles começariam a procurar Sabatore logo e ela precisava voltar para a loja e verificar o John. A decepção e o desgosto fizeram sua cabeça cair. Ela tinha que ultrapassar essa.

Os porteiros a contornaram, limpando a água que ela ainda nem havia

percebido que havia pisado. Eles não pareciam se importar com ela, mas Liv saiu do seu caminho, tentando encontrar um terreno seco. Quando ela estava em frente aos elevadores, algo no diretório do prédio chamou sua atenção. No início, ela não tinha certeza do motivo. Ela não conseguia reconhecer os nomes, mas eles tocaram algo em sua mente.

Escritório de advocacia Usher e Usher

Era listado como tendo escritórios no último andar.

*Onde eu já ouvi isso antes?* Liv pensou. Então, uma memória recente passou por sua consciência, trazendo consigo sentimentos desconfortáveis.

“Meu nome é Wayne Grimson. Trabalho para o escritório de advocacia Usher e Usher. Você deve ter ouvido falar de nós”, disse o homem que tinha dado a notícia a John sobre o destino de sua oficina de reparos.

Os olhos de Liv se concentraram no cartaz com as palavras Usher e Usher Law Firm no diretório. Poderia ser apenas uma coincidência que este fosse o escritório de advocacia por trás da loja de John? Ela não achava que fosse. Ela pisou no elevador e carregou no botão para o último andar.

## Capítulo 37

O escritório de advocacia estava fervilhando com secretárias se movimentando entre cubículos quando Liv saiu do elevador. Ela não havia percebido que estava vestida de maneira tão diferente deles até que recebeu três olhares estranhos. Se ela tivesse pensado nisso, ela teria se trocado, colocando uma saia e blazer como os demais. No entanto, ela pensou que aparecer em sua capa preta com sua espada embainhada poderia ser melhor. Criava mais impacto.

“Posso ajudar?” perguntou a mulher atrás da recepção.

Liv estava prestes a responder quando reconheceu a parte de trás da cabeça de um homem. Era o Sr. Grimson, indo para um escritório na retaguarda.

“Não precisa”, disse Liv, se escapulindo.

“Senhorita, a menos que você tenha um compromisso, você...”

“Eu tenho um compromisso”, disse Liv, ligando suas palavras a um encantamento mágico.

A secretária foi facilmente submetida a uma lavagem cerebral, abanando a cabeça e dizendo. “Muito bem. Claro que sim”.

Liv manteve a cabeça levantada enquanto passava pelos outros escritórios, ganhando muitos olhares curiosos. Quando chegou ao maior, na parte de trás, ela parou na entrada. O escritório do Sr. Grimson era muito parecido com ele, abafado e sem qualquer personalidade.

“Michelle, basta colocar os arquivos em cima da mesa”, disse ele, sentado atrás de sua mesa e concentrado em um relatório na sua frente.

Liv deslizou para o escritório, tirando a Bellator da bainha. Ela empurrou a espada para o topo da mesa do advogado, perfurando o relatório que ele estava lendo. Ele não saltou para trás como ela esperava, mas sim olhou calmamente para ela, piscando os olhos.

Ela soube então que ele estava por trás de tudo isso. Ele tinha que estar. Qualquer outra pessoa teria se assustado no momento em que ele estava sob ameaça de uma espada.

“Oh, é você”, disse ele, sem entusiasmo em sua voz.

O queixo dela tremeu, fazendo com que a porta nas costas dela se fechasse e trancasse. “Sim, e eu sei que você está atrás do elfo que tentado roubar a Turbinger”.

O Sr. Grimson levantou uma sobrancelha, sem parecer nada intimidado. “Sra. Beaufont, o meu cliente simplesmente quer que lhe devolvam o que é seu por direito”.

Liv agarrou o punho da Bellator e a arrancou da mesa, mantendo a ponta direcionada para a cara inabalável do Sr. Grimson. “Quem é seu cliente?”

O advogado sorriu. “A intimidação não vai funcionar em mim. Estou proibido de falar, não importa que forma de tortura você use”. Ele riu friamente. “Vou até fingir que gosto. Não tenho bem certeza se posso fazer isso, mas sei que não posso falar”.

Assim como o elfo, este homem encantado encantado para não falar e divulgar informações.

“Porque você está forçando John a sair de sua loja?” perguntou Liv, ainda apontando a espada para o advogado rígido.

Ele encolheu os ombros. “Meu cliente acredita que se você não está disposto a desistir do que lhe pertence, você deve sofrer”.

*Droga*, pensou Liv, um sentimento esmagador que a agredia por dentro. Tudo isso foi culpa dela. Ela colocara John em uma posição horrível. Como ela temia, seus inimigos tinham se tornado dele, descarregando sua raiva nela sobre ele.

“Você vai desistir deste caso contra John e o deixar em paz”, disse ela, injetando em sua voz a mesma persuasão que usou na recepcionista.

Wayne Grimson simplesmente sorriu. “A lavagem cerebral não vai funcionar em mim. Meu cliente garantiu isso”.

*Maldição, maldição, maldição*, pensou Liv, agarrando com mais força a Bellator.

“O que, exatamente, seu cliente quer?” Liv quase gritou.

“Creio que é bastante claro”, respondeu ele. “Ele quer a espada”.

“E?” perguntou Liv, esperando mais.

Ele levantou uma sobrancelha. “É tudo, e já chega”.

Alguém estava tentando abrir a porta em suas costas. O Sr. Grimson manteve seu foco em Liv, não se distraíndo.

“Em troca da espada, meu cliente está disposto a retirar a ação contra o

Sr. Carraway, permitindo que ele mantenha sua loja”, continuou o Sr. Grimson.

“O quê?” perguntou Liv, descrendo disso. “Seu cliente é louco”.

Os olhos dele se dirigiram até a ponta da espada, que ainda estava apontada à suamaçã de Adão. “Meu cliente sabe o que a loja e o Sr. Carraway significam para você. Estes são os termos do acordo. Se você não me der a espada, o caso seguirá adiante, e não há nada que o Sr. Carraway ou você possa fazer”.

“Eu posso te massacrar”, ameaçou Liv.

Ele acenou com a cabeça. “Você pode, mas meu cliente simplesmente contratará outro advogado para o caso, e tenho certeza de que isso o deixará irritado. Quem sabe então o que vai acontecer com o Sr. Carraway? Provavelmente, algo pior do que a aposentadoria forçada”.

O pior pesadelo de Liv estava se tornando realidade. A visão da Porta de Reflexão de John deitado indefeso em uma cama de hospital por causa dela estava em sua cabeça.

Baixando sua espada, Liv observou o advogado de olhos cerrados.

“Se você me trazer a espada, você tem minha palavra de que o caso será descartado”. O Sr. Grimson disse.

“De que serve a sua palavra?” perguntou amargamente Liv.

Ele piscou os olhos para ela, parecendo mais um robô do que um homem. “Estou vinculado por um juramento. Se eu disser que o farei, isso vai acontecer”.

“E seu cliente?” Liv perguntou. “Será que eles nos deixará em paz?”

O Sr. Grimson lhe deu um olhar frio. “É difícil dizer. Eu acho que tudo depende do que você fizer, e o quanto você continua bisbilhotando onde você não é bem-vinda”.

## Capítulo 38

**R**ory irrompeu pela sala de estar, com as mãos no cabelo. “Claro que foi uma ameaça”.

“Mas eu não entendo”, disse Liv, andando no seu ritmo. “Eu roubei a espada para você...”

“E lamento que isso tenha metido você e John nesta confusão”, interrompeu Rory.

Ela o sacudiu. “Não, é que quem está por trás disto, pensa que estou bisbilhotando. Eles sabem sobre as outras coisas na Casa dos Sete que estive pesquisando? O anel? A linguagem dos fundadores? A mensagem que Reese nos deixou?”

Rory balançou a cabeça, com o cuidado de pisar cautelosamente sobre os gatinhos enquanto eles corriam sob os pés. “Talvez”. É difícil saber neste momento, mas você tem que parar”.

Liv parou, o olhando como se ele tivesse acabado de comer um dos gatinhos. “Diabos, não. Eu não vou recuar”.

“Liv, quem está por trás disso é perigoso e poderoso”, declarou Rory. “Não vejo há décadas os encantos que o elfo usava para tentar entrar em minha casa. Não são feitiços fáceis, e suspeito que o elfo não os usou por conta própria, mas sim que lhos deram”.

“Isso é ainda maior razão para que eu continue procurando”, disse Liv. “Quem está por trás disto é poderoso e quem sabe o que está tentando esconder ou controlar?”

“Você não deve se envolver nisto, Liv”, disse Rory, avisando. “É maior do que você”.

Ela concordou com um aceno de cabeça. “Sim, e pode ter sido o que matou meus pais. Pode ter sido o que matou Ian e Reese. Eles sabiam que algo estava acontecendo, e nos deixaram pistas. Eu não posso ignorar isso”.

Rory parou abruptamente, espreitando no quarto dos fundos. “Devemos nos acalmar. A mamãe está dormindo”.

“Oh, eu pensava que havia gnomos serrando madeira no quintal”, brincou

Liv, envergando um olhar sério em seu rosto. “É isso que você tem escondido lá atrás? Você tem um campo de trabalho de gnomos? Se sim, tenho a obrigação de te prender”.

Rory a dispensou com um abanão de cabeça. “Bem, não posso fazer você parar o que está fazendo”.

“Já não era sem tempo”, disse Liv com um piscar de olhos.

“Entretanto, eu meti John nesta confusão, e o vou tirar dela”. Rory passou pela lareira e removeu a Turbinger de seu suporte.

“O quê? Não!” Liv percebeu que tinha dito isso muito alto assim que Rory lançou um olhar punitivo sobre seu ombro para ela.

“Rory, você não pode lhes dar a Turbinger. Sua família esteve separada dessa espada por muito tempo”, declarou Liv. “E eu vou continuar enfiando meu nariz no que eu achar melhor. É melhor que John saia desta confusão. Eles o vão usar apenas como uma forma de chegar até mim”.

“Isso é verdade”, declarou Rory, segurando a espada para cima e a avaliando. “É por isso que temos que garantir que ele esteja protegido. Uma vez que eles abandonem o acordo, temos que reunir nossas forças e trabalhar para proteger a loja. Talvez você faça lavagem cerebral a um membro da diretoria da cidade. Posso contratar alguém para seguir o John e garantir que ele esteja seguro o tempo todo. Depois montamos defesas ao redor da loja e de seu prédio de apartamentos para manter seres mágicos, que não nós, longe”.

“Você está se ouvindo a si mesmo?” Liv perguntou, sem ter certeza de que poderia até acreditar no que ele estava dizendo.

Ele acenou com a cabeça. “Você, como eu suspeitava, não vai recuar. Isso significa que isto não vai parar. Quem estiver por trás disto continuará a retaliar se suspeitar que você está bisbilhotando ou pisando em seu território”.

“Eu nem sei qual é o território deles”, reclamou Liv.

“Eu percebo isso”, declarou Rory. “Eu lhe pedi para pegar a espada, mas isso de alguma forma levantou bandeiras vermelhas, e eu não sei porquê”.

Liv cruzou seus braços sobre o peito. “Bem, isso não importa. Eu não vou permitir que você lhes dê a espada”.

“Você não quer que John fique com a loja?” Rory perguntou.

Liv olhou para ele com desprezo. “Claro que sim”.

“Você quer que John se mude para o México?”

Liv estava prestes a responder, mas se deteve, insegura da resposta. “Eu quero que John esteja seguro”.

Rory baixou o queixo e a considerou com uma expressão sincera. “Eu lhe asseguro que a melhor maneira de fazer isso é o manter perto de nós. Se ele estiver distante, não o podemos proteger”.

“Mas Rory, esta é a espada de seu avô. Sua mãe, que já me odeia, vai me cortar em pedaços se você desistir da Turbinger”.

Um sorriso acendeu os olhos de Rory. “Você não tem se perguntado no que eu tenho trabalhado no quintal?”

Liv falsificou um bocejo. “Nem por sombras”.

Ele rolou os olhos, segurando a espada. “Pegue-a”.

Liv lhe deu uma expressão cautelosa.

“Você se lembra de como foi nas últimas vezes que segurou a Turbinger, certo?”

Ela acenou com a cabeça.

“Então tome”, ele encorajou.

Liv fez o que lhe foi dito, esperando sentir as estranhas emoções e memórias que fluíam através dela quando segurava a antiga espada. Seus dedos envolviam o punho da lâmina, o metal frio e pesado em suas mãos. Não havia nada. Ela sentiu uma pontada de energia como antes, mas não o fluxo de séculos de sabedoria e batalha. Sentia estranhamente a espada como uma arma normal.

Liv olhou para cima com surpresa. “O que você fez com ela?”

Os olhos de Rory dançavam de alegria. “Eu fiz uma réplica”. Ele estalou seus dedos, e em suas mãos apareceu outra espada que se parecia exatamente com a que ela segurava. “Esta é a verdadeira Turbinger”.

“É nisso que você tem trabalhado nas traseiras?” perguntou Liv, baixando a réplica, cansada por suas batalhas e não querendo se esforçar apoiando a espada pesada.

Rory acenou com a cabeça. “Sim. Imaginei que quem quer que estivesse atrás da espada não iria desistir até a ter, então fiz a réplica, o que deveria enganar qualquer um, exceto um gigante. Nos últimos cem anos, você é o único mágico a segurar a espada e, portanto, o único a saber porque esta é falsa. Caso contrário, deve enganar qualquer outro mágico ou criatura mágica”.

“Mas a verdadeira espada... o que você fará com ela?” perguntou Liv.

A leveza no rosto de Rory desapareceu. “Receio que aqui não esteja segura. Eles têm um feitiço de rastreamento que a vai encontrar se ela ficar por perto. Foi por isso que pedi à minha mãe para me visitar.

Ela vai levar a Turbinger de volta com ela”.

“Estará segura com ela?”

“Sim, porque ela vive do outro lado do mundo em uma remota aldeia de gigantes onde não são permitidos magia e feitiços de fora”, explicou Rory. “Eles não serão capazes de encontrar facilmente a Turbinger lá. Mas o mais importante, se eles tiverem a réplica, eles nem sequer pensarão em procurar”.

Liv passou os olhos sobre a verdadeiro Turbinger e depois sobre a réplica, surpreendida por parecerem idênticas. “Não posso acreditar que você foi capaz de fazer isto”.

Rory soltou uma risada forçada. “Não foi fácil. Além disso, esta não tem nenhuma das qualidades mágicas que meu avô colocou na Turbinger”.

“Certo, então damos a espada ao advogado burro, e eles deixam John manter sua loja”, disse Liv, seu coração começando a se expandir com esperança.

Rory acenou com a cabeça. “E nós trabalhamos juntos para rapidamente colocar em prática as medidas de que falei para proteger John, só por precaução”.

Liv sorriu, de repente muito grata porque John ia ficar e que a loja ficaria bem. Ela não tinha percebido quanto tempo havia passado desde a última vez que havia respirado fundo. Desde que, naquele dia, o Sr. Wayne Grimson havia entrado na loja.

“Há mais uma coisa”, disse Rory.

“Sim?” Liv respondeu.

“Não tive a oportunidade de recuperar as memórias enterradas na Turbinger”, começou ele. “Acho que elas podem ser parte do mistério que você está tentando desvendar”.

“Eu também”, concordou Liv.

“Tenho estado ocupado criando a réplica”, declarou Rory. “Mas se você me der mais um dia, tentarei as desenterrar. Então você pode levar a réplica ao advogado e mamãe sairá com a Turbinger”.

Liv acenou com a cabeça. “Soa como um bom plano”.

Rory admirava a espada em suas mãos com uma apreciação silenciosa. “Ótimo, porque o momento tem que ser perfeito”.

## Capítulo 39

Amúsica dos Beatles era transmitida em uma velha jukebox que Liv tinha consertado exatamente para aquela ocasião. Shane, o cliente habitual que era dono da loja de penhores na rua, a tinha vendido a ela por um preço elevado. Ela não se importava. Ela pagaria três vezes mais para conseguir algo que ela já sabia há muito tempo que John queria.

Shane não estava presente na festa naquela noite. Como ela e John haviam concordado, ele era o único mortal na loja naquela noite. Era mais seguro assim. Além disso, estava chegando alguém que Liv queria garantir que era uma segurança extra. Nenhum mortal. Nada de forasteiros. Somente aqueles em quem ela achava que podia confiar. O número de pessoas naquela lista estava crescendo, e isso assustou Liv. Quem era ela quando tinha tantas pessoas ao seu redor nas quais confiava e com quem se importava? O pensamento a fez sentir vulnerável, e ela percebeu o aspecto brutal da confiança e o porquê de ter sido tão difícil para ela. A confiança igualava o amor e vice-versa.

“Ela é uma beleza”, disse John, batendo sua mão no topo da jukebox e sorrindo amplamente para ela. “Não acredito que você conseguiu isto para a loja”.

“Eu o consegui para você, John”, ela corrigiu.

“Bem, você não precisava”, raciocinou ele. “Primeiro você salvou a loja, e agora isto”.

“Eu não salvei a loja”, disse ela, olhando em volta. “Rory fez isso. Eu fui apenas a intermediária”. Naquela tarde, ela havia levado a réplica da Turbinger para a firma de advocacia Usher e Usher, a escondendo dos olhos curiosos até a entregar ao Sr. Grimson em seu escritório. A partir daquele momento, a loja de John estava livre de perigo.

“Você parece estar esperando por alguém”, comentou John enquanto ela escaneou a loja novamente.

“Estou ansioso para que Rory chegue aqui para que possamos lhe agradecer juntos”, mentiu Liv.

A porta se abriu, e um rosto familiar entrou. John apontou. “Parece que aquele menino bonito está de volta para o ver”.

Liv sacudiu a cabeça. “Eu o chamo de cara de cocô, e o convidei porque preciso lhe perguntar algo. Espero que não haja problema”.

John sorriu e se aproximou de seu cão, Pickles. “Por mim tudo bem. Eu vou derreter o queijo para os nachos. Você quer jalapenos?”

“O que você acha?”, perguntou ela com um sorriso.

“Vou fazer a dobrar, como sempre”. John trotou para a mesa de lanches, que estava empilhada com Cheetos e pizza e quesadillas. Realmente, todas as coisas envolvendo queijo.

“Como está indo o amor da minha vida?” Perguntou Rudolf, ao lado de Liv.

“Não tenho ido à loja de animais ultimamente para perguntar às cobaias”, respondeu Liv. “Eu o informo quando o fizer”.

“Oh, você despreza meu coração com suas constantes rejeições”. Ele se agarrou ao peito, com ar cabisbaixo.

“Você fez algum progresso?” Liv lhe perguntou enquanto Platão saltava na bancada de trabalho mais próxima e pestanejava para eles.

“Fiz”, respondeu Rudolf.

“Sério? Isso é ótimo!” Liv disse com entusiasmo.

“Sim, eu também acho que sim. Obrigado pelo entusiasmo”. Rudolf se virou, mostrando sua túnica burgundy, tapando suas asas glamorosas.

“Para onde estou olhando? E por que você está fazendo meus olhos sangrarem?”

“É a minha mais nova túnica. Bonita, não é? Você perguntou sobre meu progresso, e acabei de receber isto de volta do alfaiate”.

Liv escarneceu. “Não, eu estava me referindo ao anel. Você foi capaz de desvendar a memória ligada a isso?”

Ele perguntou. “Então você não gosta da túnica?”

“Acho que ficaria melhor com seu sangue nela”, ela ameaçou.

Ele se encolheu, agarrando sua túnica de forma protetora. “Eu tenho trabalhado nisso. Não deve demorar muito mais, mas nada ainda”.

“Muito mais tempo?”, questionou ela.

“Mais ou menos uma semana”, respondeu ele.

A porta chiava novamente, e a pessoa que Liv desejava ver entrava ao lado de Clark. “Certo, então mantenha sua palavra, cara de idiota”.

“Para onde você está indo?” Rudolf perguntou, parecendo desapontado.

“Longe”, ela respondeu por cima do ombro.

“Mas o que vou fazer?” perguntou Rudolf.

“Brinque com o gato”, respondeu Liv. “Ele adora piadas secas e quando você fala com ele como se fosse um bebê”.

“Oh, então eu sou seu homem, pequeno lince”, disse Rudolf, voltando sua atenção para Platão. “Knockity-Knock”.

Platão pareceu insatisfeito quando Liv se agachou na frente de Sophia. “Você veio”, exclamou ela.

A pequena mágica envolveu seus braços em torno dos ombros de Liv, abraçando com força. “É claro. Eu não a decepcionaria. Clark não queria arriscar, mas eu lhe disse que ele estava sendo maldoso e ele se soltou”.

Liv olhou para Clark com apreço. “Obrigado. Eu sei que você correu um risco a trazendo aqui”.

Ele encolheu os ombros, olhando ao redor desconfortavelmente. “Está tudo bem. Eu sabia o quanto isso significava para você”.

Ela acenou com a cabeça, apontando para a mesa. “Vá pegar o molho de queijo antes que Rory chegue aqui. Não vai sobrar nada depois disso”.

Clark não parecia satisfeito por estar em uma festa com um gigante, e sua decepção cresceu quando viu Rudolf conversando com Platão ao lado da jukebox. “Você convidou aquele fae?”

“Sim. Ele agora é uma espécie de aliado”, disse Liv.

“Aliado?” Clark questionou.

“Bem, talvez um amigo, mas se você lhe disser que eu disse isso, vou negar veementemente”, disse Liv com um piscar de olhos.

“Muito bem. Você faz amigos muito estranhos, querida Liv”, disse Clark, caminhando em direção à mesa das bebidas.

Liv voltou sua atenção para a menina, que estava usando um vestido xadrez amarelo e branco e com uma expressão simpática perguntou. “Você ouviu a notícia?”

Sophia acenou com a cabeça. “Sei que você não vai mais se mudar para a Casa dos Sete”.

Liv engoliu. “E você está bem com isso?”

A menina apertou a mão de sua irmã com mais força do que Liv sabia que possuía. “Eu quero que você seja feliz. Isso é o que a família quer. Se viver onde você está e trabalhar aqui a faz feliz, então eu sou feliz”. Ela olhou ao

redor da loja, seus olhos brilhando de excitação. “E este lugar parece completamente mágico”.

Liv a puxou para perto e beijou sua cabeça. “Obrigado, Soph. E é totalmente. Apenas uma marca de magia diferente da que você está acostumada”.

A garota deu risadinhas, liberando verdadeira felicidade no coração de Liv. Lhe caindo lágrimas de alegria, Liv ficou de pé, puxando sua irmãzinha para longe.

“Há alguém que você tem que conhecer”. Liv não parou até que ela estivesse atrás de John. Ela tossiu para chamar a atenção dele. Ele colocou uma taça de queijo cremoso em uma bancada de trabalho. Quando ele se virou para elas, estava sorrindo. E se ampliava quando ele as via diante de si.

Pondo uma concha em um prato ao lado da taça, John se ajoelhou, oferecendo uma mão para Sophia. “Bem, você deve ser a famosa irmãzinha de quem tanto ouvi falar. Eu sou John”.

Sophia corou, dando a John a mão e curtindo um pouco a reverência. “Não sou nada famosa. Não saio da Casa dos Sete desde bebê”.

John riu, olhando para Liv. “Ela tem seu senso de humor. Aposto que ela também é muito inteligente”.

Liv sacudiu a cabeça. “Oh, ela é muito mais esperta que eu”.

John piscou o olho para ela. “Eu acho que vocês duas são uma dupla dinâmica, destinada a dominar o mundo».

Sophia olhou para Liv com um sorriso que só poderia ser descrito como sendo cheio de felicidade. “Aquela música - eu gosto dela. Como se chama?”

John riu. “São os Beatles. Você nunca ouviu falar deles?”

Sophia balançou a cabeça, depois apontou para a fila de câmeras antigas que John tinha na prateleira. “E o que é isso?”

“São câmeras. Eu as coleciono. Você quer testar uma?»

Sophia balançou a cabeça. “Eu não sei como”.

John acenou para a frente. “Eu posso lhe mostrar. Elas são muito divertidas. Estou trabalhando para consertar uma agora mesmo. Você pode ajudar”.

Sophia olhou para Liv para obter permissão, e a encorajou com um aceno de cabeça. A pequena mágica pegou a mão que John ofereceu e os dois foram para uma prateleira distante para explorar as antigas câmeras.

“Você sabe, John não seria feliz no México”, disse Rory, aparecendo de

repente ao lado de Liv.

Ela se virou, escondendo sua surpresa. “Porque é que, para um gigante, você se move como um rato?”

Ele olhou em volta, não respondendo à pergunta dela.

“E estou certa de que John teria encontrado alguma felicidade com as ondas batendo ao lado de seu bangalô e saboreando uma cerveja na praia todos os dias”, Liv contra-argumentou.

Rory afastou seu olhar de Rudolf, que parecia estar explicando a Platão a complexidade das piadas secas. “Não importa a paisagem, John não teria sido feliz lá”.

“Bem, ele adora seus eletrônicos, então suponho que com o tempo ele teria aberto outra loja”, disse Liv. “Então ele ficaria feliz”.

Rory olhou para ela. “Liv, ele te ama. Você o faz feliz”.

Liv não sabia o que dizer a isso, então, em vez disso, ela assistiu como seu mortal favorito explicava à sua irmã mágica como funcionavam as câmeras. O rosto de Sophia desabrochou de surpresa quando o filme apareceu.

“A entrega correu bem?” perguntou Rory.

Liv acenou com a cabeça. “E a sua mãe? Ela levou seu preconceito de volta para as ilhas remotas?”

Ele acenou com a cabeça. “Não vou pedir desculpas pelo que ela disse”.

“Está tudo bem”, disse Liv.

“Mas é assim que a maioria dos gigantes se sente”, continuou ele. “Agora você sabe”.

Liv observou Clark a olhar para um Cheeto como se ele fosse uma peça estranha da tecnologia nuclear. “Você é um dos poucos gigantes que vivem em sociedade, não é mesmo?”

Ele acenou com a cabeça. “Eu sou um dos únicos”.

“Isso deve fazer do namoro uma dificuldade”, relatou ela.

“Faz a vida em geral diferente”, confidenciou Rory. “Entretanto, não concordo que devemos viver separadamente, mas também não sou bom em viver ao lado dos outros. Portanto, definitivamente não tenho as coisas resolvidas”.

Liv olhou ao redor da sala para o mortal, mágicos, fae, lince e gigante e sorriu, seu coração cheio pela primeira vez em muito tempo. “Não acho que muitos de nós sejam bons em viver juntos, mas estamos tentando, e isso é o

que conta”.

“Quando descobri que você era uma guerreira da Casa dos Sete, tive minhas dúvidas”, disse Rory.

“E agora?” perguntou Liv.

“Eu ainda tenho, mas apesar de tudo, acho que você pode ser o que aquela instituição precisa”, disse Rory.

Liv ficou sem palavras de novo. A visita de Rory recebeu de sua mãe parecia ter humanizado o gigante de alguma forma. “Você gostaria de conhecer minha irmãzinha?”

Rory acenou com a cabeça e depois balançou a cabeça. “Sim, mas primeiro tenho algo para lhe dizer”.

Liv pausou. Deu um fôlego. “Continua”.

“É sobre a Turbinger”, relatou ele.

“Você descobriu as memórias que estava guardando?” perguntou Liv.

Ele passou as mãos pelo cabelo. “Acho que ainda não entendi totalmente, para ser honesto. Vi tantas coisas, e ainda estou as tentando recompôr”.

“Pelo menos você o fez antes que a espada fosse retirada”, disse Liv, esperançosamente. “Talvez, a seu tempo, faça sentido”.

Ele acenou com a cabeça. “Acho que é aí que você entra”.

Liv olhou para ele rapidamente. “Sério?”

“Bem, antes de eu lhe dizer para recuar e não perseguir pistas”, começou Rory. “Eu estava preocupado com você e John e com quem estava por trás do elfo. Entretanto, agora percebo que precisamos de respostas mais do que nunca. Algo foi encoberto, que nenhum de nós pode explicar. Há uma história que foi apagada, e embora eu só possa ver pedaços dela, acho que a descobrir totalmente mudará tudo”.

Liv endureceu. “Rory, o que você viu?”

Ele lhe deu toda sua atenção e falou em um sussurro. “Liv, há muito tempo, houve uma guerra entre mágicos e mortais. Não terminou bem, e de tudo o que pude ver, não posso dizer quem ganhou”.

Liv inspirou. “O quê? Eu nunca ouvi falar de tal coisa. Como é que não sabemos disso? Parece monumental”.

Rory concordou. “Acho que foi, e acredito que tudo foi reescrito para que nos esquecêssemos do passado”.

Liv olhou ao redor da sala, um arrepio correndo pela espinha. “Então será nossa missão desvendar tudo. O que quer que tenha sido perdido, será

encontrado”. Ela olhou para Rory, lhe dando uma expressão significativa. “O que quer que tenha sido quebrado será consertado”.

Ele quase sorriu para ela. “Então talvez possamos todos viver como um novamente”.

## *FINIS*

A história continua com *A Filha Triunfante*, disponível em breve na Amazon e Kindle Unlimited.

—

**O que você achou do livro? Escreva uma crítica ou nos classifique com estrelas na Amazon. Para isso, basta ir até ao final deste livro e seu Kindle lhe pedirá uma avaliação.**

**Como uma editora indie que aplica a maior parte de sua receita na tradução de novas séries, nós na LMBPN International não temos a capacidade de lançar grandes campanhas publicitárias. Portanto, críticas construtivas e classificações de estrelas na Amazon são muito valiosas para nós, porque você pode aumentar massivamente a visibilidade deste livro para novos leitores que ainda não conhecem nossas séries de livros. Você nos ajuda a lançar mais séries novas em paralelo na tradução para o português.**

**No final deste livro, encontrará uma lista de todos os nossos títulos. Talvez haja outra série para você. Também encontrará o endereço de nossa newsletter e nossa página no Facebook e grupo de fãs - assim nunca mais vai perder um novo livro em português da LMBPN International.**

## **Notas do Autor de Sarah (01.03.2019)**

Obrigado a você, leitor, pela leitura dos livros e pelo apoio à série. Ainda estou tão emocionada por todos vocês terem se ligado à Liv, Rory, Sophia e à gangue. Recebi uma enorme efusão de atenção por parte de Rudolf. Você pode acreditar que este fae nem sequer fazia parte do elenco regular? Ele apenas apareceu na página um dia, insultando Liv e fazendo piadas incríveis. Desde então, tenho sido relutante em o deixar ir.

Estive em Las Vegas em férias entre os livros dois e três. Foi aí que tive a idéia do Reino Fae. Eu estava olhando para Las Vegas strip e pensei, e se os fae fossem donos de tudo isso? Então a idéia começou a se desvendar enquanto eu tomava uma bebida no Chandelier do Cosmopolitan. Aquele bar é totalmente caprichoso e o cenário perfeito para as fadas sensuais. Eu sabia que queria modernizar as fadas desta série, as tornando arrojadas e não carregando flores ou usando kilts. Vegas parecia ser o lugar perfeito para estas criaturas enganosas. Entretanto, o que eu só percebi depois de começar o livro três foi que haveria uma tonelada de camadas para estas fae aparentemente superficiais.

Como alguns de vocês já leram em outros livros, eu frequentemente recruta Lydia, minha filha, para nomear personagens. Um dia, estávamos sentadas em nosso restaurante indiano favorito, discutindo o próximo livro. Muitas vezes fazemos isso neste lugar e então Lydia desenha cenas do livro no papel cobrindo a bela toalha de mesa. Enquanto ela desenhava, eu lhe perguntei como se deveria chamar a rainha das fae. Ela me disse rainha Visa e que teria um urso de estimação chamado Bruiser. Tenho que admitir que me esqueci de Bruiser quando escrevi sobre a rainha Visa, mas há tempo para o incluir em livros posteriores. Foi uma boa idéia para a rainha ter um urso de estimação e Bruiser, um pequeno urso preto, é o animal de pelúcia favorito de Lydia. Ele tem um alter ego que chamamos de “Urso Próprio”. Pela manhã ele pula ao redor da cama e diz: “Sou meu ursinho de pelúcia. Você não é meu dono! Não me diga o que devo fazer”.

Se eu me perguntar porque minha filha se rebelou mais tarde, por favor, me lembre do alter ego deste urso que eu absolutamente criei. De qualquer forma, Bruiser aparecerá em outro livro, tenho certeza.

Mas Lydia conseguiu seu desejo de nomear a Rainha Visa. Ela já tinha

praticamente metade do nome do elenco neste ponto. Curiosamente, Michael estava lendo o esboço do livro e viu o nome Queen Visa e fez uma nota que dizia: “King Mastercard? Príncipe American Express? Lol. (Desculpe, foi tão fácil...)”.

Ok, foi fácil e ele está certo. Eu merecia isso. Permitted que uma criança de sete anos nomeasse um personagem e ela não tem idéia do que é um Visa, mas provavelmente o ouviu em algum lugar. Entretanto, quando ela deu o nome a essa rainha que era dona do Visa de Vegas, eu fiquei tipo, você é um maldito gênio.

Minha pergunta a Michael é: o que você está fazendo ao viver no reino fae? E o que você tem feito com Bruiser? E você e a Rainha Visa estão tentando tomar conta do mundo?

Oh! E onde estão meus nachos para churrasco? Eu terminei outro livro!

## **Notas do Autor de Michael (03.03.2019)**

OBRIGADO por não apenas ler esta história, mas também estas Notas do Autor.

(Acho que tem sido bom em abrir sempre com “obrigado”. Caso contrário, preciso editar as outras Notas do Autor!)

RANDOM (às vezes) THOUGHTS?

Você já esperou por algo maravilhoso, e isso foi muito mais precioso porque você foi capaz de fazer parte dele para outra pessoa?

Essa é a minha vida neste momento.

O sucesso das histórias de Liv tem sido uma surpresa maravilhosa, e ver a reação de Sarah ao sucesso tem sido particularmente satisfatório. Já tive mais de uma oportunidade de conversar com ela no Slack ou ao telefone quando ela admite que ainda sente vontade de se beliscar.

<Se belisca Sarah, tenho certeza que você vai me culpar de alguma forma pelas marcas pretas e azuis, e eu vou assumir que os Fae em Las Vegas fizeram isso com você. Você NÃO tem idéia de como o Cosmopolitan é um antro de desigualdade. Aposto que você nem se lembra de estar dormindo, não é mesmo? Sim, você foi até a penthouse Fae...>

Brincadeira à parte, (na verdade, não realmente) gostaria de transmitir como seu apoio a esta série fez com que o início de 2019 fizesse com que os olhos de Sarah brilhassem, seus lábios sorrissem, e um risinho fácil cruzasse seus lábios.

Espere, desculpe... ela estava olhando para um hipster e fazendo um comentário.

Erro meu.

Ok, brincando à parte, sua leitura destas histórias fez de 2019 um momento especial em minha vida, pois vejo um colaborador maravilhoso ter sucesso com estes personagens muito além do que esperávamos.

Obrigado.

AO REDOR DO MUNDO EM 80 DIAS

Um dos aspectos interessantes (pelo menos para mim) da minha vida é a capacidade de trabalhar de qualquer lugar e a qualquer momento. No futuro, espero reler minhas próprias Notas do Autor e lembrar minha vida como uma entrada no diário.

Aeroporto DFW, em um avião...

Aqueles que se juntaram a mim para a viagem para fora da cidade estão quase terminando o embarque, e será hora de descer a pista e decolar em direção à feira Samarkand.

Ou como gostamos de a chamar, Las Vegas.

Moro em Las Vegas, a apenas alguns passos do Cosmopolitan mencionado por Sarah em suas notas. Ela está certa, se houvesse um local para as Fae na Strip, uma das cortes provavelmente estaria bem ali na Cosmopolitan.

Fato interessante sobre o Cosmo- não pertence a nenhum outro clube de jogadores. Quando você vai ao Cosmopolitan e recebe a carta de um jogador, o grande "C" é o único casino que você pode jogar usando essa carta.

Assim como eu suspeitaria que alguns fae não partilhavam para operar.

No carro (somente no andar do meio) eles têm uma bebida que tem um rebento de uma planta no topo. É suposto mastigar a gema e depois beber o licor. Quando você faz isso, a planta (que é horrivelmente desagradável na minha opinião) vai entorpecer a sua boca, língua, (e se você tentar cuspir, como se fosse sua verdadeira) seus lábios.

Quem prepararia uma bebida tão desagradável?

Fae, eu lhe digo. Aposto que eles riem dos mundanos que entram naquele lugar o tempo todo.

Como eu.

### PREÇOS DOS FÃS

\$0,99 aos sábados (novo material LMBPN) e \$0,99 às quartas-feiras (ambos livros LMBPN e amigos dos livros LMBPN.) Obtenha coisas ótimas de nós e de outros a preços tentadores.

Vá em frente. Aposto que você não consegue ler apenas um.

Cadastre-se aqui: <http://lmbpn.com/email/>.

### COMO COMERCIALIZAR OS LIVROS QUE VOCÊ AMA

Revise-os para que outros tenham seus pensamentos e diga aos amigos e aos cães de seus inimigos (porque quem quer falar com os inimigos?)... Basta dizer ;-)

Ad Aeternitatem,

Michael Anderle

## **Agradecimentos de Sarah Noffke**

Minha parte favorita de escrever qualquer livro é criar a página de agradecimentos. Isso me faz lembrar que escrever um livro não é uma tarefa individual. Eu poderia sentar sozinho e escrever, mas o produto final é resultado do apoio e incentivo de uma tribo de pessoas.

Obrigado aos leitores que compram os livros, os lêem, os revisam e os recomendam. VOCÊ é quem nos mantém escrevendo. Estou sempre inspirado pelas mensagens que recebo dos leitores. Obrigado por apoiar os livros e por oferecer tanta riqueza à minha vida.

Obrigado à minha família LBMPN por todo o apoio. Steve, Michael, Lynne, Moonchild, Jennifer e tantos outros que ajudam a defender a publicação do livro e muito mais.

Agradecemos aos leitores beta que ofereceram tantos insights valiosos desde o início. Obrigado a John, Chrisa, Kelly, Martin e Larry.

Obrigado à equipe JIT por todo o feedback fantástico. Uma nova série é sempre empolgante e emocionante. Michael e eu pensamos que tínhamos uma grande idéia para um novo mundo, mas realmente não sabemos até termos um feedback objetivo. O que eu faria sem todos vocês, leitores incríveis?

Obrigado aos meus amigos e familiares. Escrever é uma profissão estranha. Trabalho horas estranhas, falo comigo mesmo, tenho uma dieta estranha, fico ansioso com os prazos. Mas as pessoas maravilhosas da minha vida continuam a mostrar seu encorajamento e sua consideração, não importa o que aconteça. Nunca se perde em mim porque sei que não estaria fazendo o que amo sem todos vocês, pessoas maravilhosas, me aplaudindo.

E como em todos os meus livros, o agradecimento final vai para a minha musa, Lydia. Escrevi meu primeiro livro para que eu pudesse deixar minha filha orgulhosa, e nunca parou. Eu escrevo cada livro para você, meu amor.

## **Deseja saber mais?**

Assine nossa newsletter e você estará sempre atualizado com novos livros que são publicados:

<https://lmbpn.com/br/newsletter/>

Inscreva-se em nosso grupo do Facebook:

<https://www.facebook.com/lmbpnemportugues>

Através do boletim, enviamos emails esporádicos quando há novos lançamentos, as páginas do Facebook são para lançamentos e informações “de bastidores” sobre como escrever as próximas histórias. Conversar sobre as histórias é muito encorajado.

Como não podemos garantir que tudo o que escrevemos no Facebook por nossa equipe portuguesa chegará a sua linha do tempo, preciso da lista de e-mails para notificar todos os fãs quando novos livros forem publicados.

Espero que gostem de nossa série de livros, estou sempre feliz em receber críticas construtivas, pois isso garante maior visibilidade de nossos livros e é a melhor publicidade para editoras independentes como a nossa!

Michael Anderle, CEO da LMPBN Publishing